



Pesquisadores Guarani no Processo de Transmissão de Saberes e Preservação do Patrimônio Cultural Guarani (Santa Catarina e Paraná)



Convênio nº 789101/2013



Sumário

APRESENTAÇÃO.....	3
O Projeto e seu Contexto	3
AS NOSSAS REFERÊNCIAS.....	3
O PROJETO EM SANTA CATARINA E PARANÁ	3
A EQUIPE	5
Algumas reflexões sobre a pesquisa	7
A METODOLOGIA GUARANI	7
O TEMA: DA MOBILIDADE AO GUATA PORÃ	12
Algumas reflexões sobre a Cultura	16
LEITURAS ANTROPOLÓGICAS.....	16
ENTRE A CULTURA E O <i>MBYAREKO</i>	18
<i>Guata Porã</i> como bem-cultural.....	22
GUATA PORÃ COMO CELEBRAÇÃO	23
GUATA PORÃ COMO FORMA DE EXPRESSÃO	24
GUATA PORÃ COMO OFÍCIO E MODO DE FAZER.....	25
GUATA PORÃ E AS EDIFICAÇÕES	25
Referências bibliográficas de apoio	27
ANEXOS	28
RELATÓRIO 1º CURSO DE PESQUISADORES GUARANI.....	29
RELATÓRIO 2º CURSO DE PESQUISADORES GUARANI.....	64
RELATÓRIO 3º CURSO DE PESQUISADORES GUARANI.....	92
COMPRIMENTO FORMAL DO TAMÕI VERA MIRIM DE SAPUKAI (ANGRA DOS REIS/RJ)	130
MAPA TEMÁTICO DO FUTURO LIVRO.	133
RELATÓRIO 4º CURSO DE PESQUISADORES GUARANI.....	135
RELATÓRIO DO ÚLTIMO ENCONTRO DO PROJETO DE FORMAÇÃO DE JOVENS PESQUISADORES GUARANI	163
PRIMEIRA ETAPA DE ACOMPANHAMENTO: ENTREVISTAS.....	167
SEGUNDA ETAPA DE ACOMPANHAMENTOS: TRADUÇÕES	211

APRESENTAÇÃO

O Projeto e seu Contexto

AS NOSSAS REFERÊNCIAS

O projeto Pesquisadores Guarani no Processo de Transmissão de Saberes e Preservação do Patrimônio Cultural Guarani se insere no âmbito do Programa de Valorização do Mundo Cultural Guarani, promovido pelo IPHAN desde 2012. É a terceira experiência de parceria com o Centro de Trabalho Indigenista – CTI, que realizou inicialmente a fase preliminar do Inventário Nacional de Referências Culturais Guarani (INRC), entre os anos 2009 e 2011, em parceria com a Comissão Guarani Yvyrupa (CGY), e apoio Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID).

Entre os anos de 2012 e 2013, um primeiro projeto para execução do INRC na fase de inventário foi realizado envolvendo várias comunidades do estado de São Paulo. Em tal projeto se escolheu trabalhar o *Xondaro* enquanto Referência Cultural do povo Guarani. Como produtos, foram realizados um livro, *Xondaro Mbaraete - A Força do Xondaro*, um filme de mesmo nome e uma ficha de Celebrações do INRC. A partir de extenso debate com as lideranças e comunidades guarani durante a fase preliminar do INRC chegou-se a um formato de realização do inventário que privilegiasse a formação de pesquisadores guarani, de modo a valorizar o processo de pesquisa, para além da elaboração das fichas de cadastro de bens. A partir dessa experiência exitosa, seguiu-se formato semelhante nesse novo projeto, realizado agora em Santa Catarina e Paraná.

O PROJETO EM SANTA CATARINA E PARANÁ

O presente projeto, realizado nos estados de Santa Catarina e Paraná, no contexto da parceria IPHAN/CTI, é uma continuidade do projeto realizado em São Paulo. Os seus objetivos e metodologia, com algumas pequenas variações, foram os mesmos. No entanto, o tema da pesquisa mudou.

Para dar início ao projeto, em Santa Catarina e Litoral do Paraná, organizamos uma reunião para a qual convocamos as lideranças das aldeias da região através de uma primeira conversa com quem era na época o responsável pela associação Nhemongueta, que reúne a maioria das lideranças da região. Tal reunião aconteceu em agosto de 2014, na aldeia Marangatu (Imaruin/SC), contando também com a presença de alguns representantes do IPHAN e do CTI. Nela foi explicado o contexto do projeto, foram escolhidos os jovens pesquisadores que iam participar no projeto e foi definido, após uma longa discussão entre os membros das várias comunidades ali presentes, o tema da pesquisa: a *Mobilidade Guarani*. Este tema, segundo nos explicaram, englobaria vários dos assuntos que tinham sido colocados na pauta da reunião: as sementes tradicionais, as relações entre as famílias, as plantas medicinais, a *opy* (casa de reza ou casa de rituais), etc.

Como apontado acima, assim como no caso do projeto que teve lugar em São Paulo, o nosso trabalho foi focado na formação de jovens pesquisadores. Fizemos quatro cursos de formação, cada um acontecendo em uma aldeia diferente, nos quais pudemos elaborar várias reflexões sobre os processos de uma pesquisa guarani. Os relatórios de cada um destes cursos são apresentados abaixo, e neles registramos os conteúdos de nossas conversas e reflexões. Em comum acordo de toda a equipe, decidimos fazer uma viagem ao Rio de Janeiro, para conversar com os mais velhos das aldeias Parati Mirim (Parati), Brakui (Angra dos Reis) e Araponga (Parati). O intuito desta viagem foi, também, participar no Nhemongarai, o ritual de “batismo” das sementes de milho e das crianças que acontece sempre em janeiro na aldeia Araponga. Por fim, dividimos a equipe em quatro grupos e cada um deles realizou uma viagem, cobrindo, no total, as regiões da Argentina, Paraguai, Rio Grande do Sul, Paraná.

É importante notar que, desde o começo de nosso trabalho, procuramos sempre fazer a abertura do curso na *opy* de cada aldeia por onde passamos. Estes foram sempre momentos muito importantes, nos quais tínhamos a possibilidade de explicar à comunidade que nos recebia o intuito de nossa pesquisa e os motivos de nossa caminhada. A cada aldeia nova que visitávamos, os pesquisadores iam se mostrando mais preparados para explicar o que estavam fazendo. Por sua vez, estes eram momentos em que as pessoas das comunidades podiam aconselhar os jovens pesquisadores sobre os modos adequados de se realizar esse trabalho. Neste sentido,

estes são momentos importantes na formação dos jovens enquanto pesquisadores Guarani.

A EQUIPE

A nossa equipe sofreu algumas variações ao longo do nosso percurso. No primeiro encontro, que aconteceu em Imaruin, foram escolhidos os seguintes jovens pesquisadores: Adriano de Oliveira (aldeia Morro da Palha); Nilton da Silva (aldeia Amaral); Die Arai Martins Timóteo (aldeia M'biguaçu); Aladio Bolantim Mariano (aldeia Morro dos Cavalos); Lucas Oliveira da Silva (aldeia Maciambu); Elsom da Silva (aldeia Pirai); Gabriel Martins Pires (aldeia Pirai); Edinho da Silva (aldeia Morro Alto); Osmar de Castro (aldeia Araçai) e Norberto Martines (aldeia Marangatu). Por sua vez, no primeiro curso de formação, que teve lugar na aldeia Morro dos Cavalos, Osmar trouxe um outro candidato a pesquisador, vindo do Paraná, Claudio Karai. Decidimos abrir uma vaga para ele, pois o litoral do Paraná tinha pouca representação na equipe. No meio do caminho, Osmar de Castro e Die Arai Martins acabaram saindo do projeto. No lugar do primeiro, abrimos uma vaga para Laercio da Silva, cacique da aldeia Araçai, e no lugar de Die Arai entrou Silmar Ostroski, que também mora na aldeia M'biguaçu e que estava nos acompanhando, em caráter voluntário, desde o começo. Por sua vez, no encontro que teve lugar em Morro Alto, e que foi o terceiro curso de formação, a equipe decidiu abrir uma vaga para Ilson Euzebio, quem colaborou com a gente desde então.

Como coordenador guarani do projeto, foi escolhido, na primeira reunião, José Benites (cacique da aldeia Amaral). Por sua vez, dois outros Guarani – Ronaldo Costa (cacique da aldeia Pirai) e Elizete Antunes (aldeia Maciambu) – mostraram interesse em participar no projeto, e acabaram tendo uma participação fundamental na tarefa de “acompanhamento” dos jovens pesquisadores, ocupando o lugar de antropólogos, o que supôs uma variação com respeito ao projeto anterior.

Por sua vez, um dos *tamoi* (avô, pessoa mais velha) da aldeia de Imaruin, Augusto da Silva, mostrou desde a primeira reunião um grande entusiasmo, de modo que consideramos que seria importante poder contar com o seu apoio ao longo do projeto. Ele se disponibilizou a nos acompanhar nas nossas caminhadas desde então, e a

sua participação foi fundamental em diversos aspectos. Também Timóteo Oliveira, um *tamoi* da aldeia Morro da Palha que nos acompanhou em nossa viagem ao Rio de Janeiro e nos ajudou muito na chegada às comunidades, explicando o motivo de nossa visita e de nossa pesquisa, veio a formar parte da equipe e, a partir do terceiro encontro esteve presente em todos os momentos da mesma.

A equipe não indígena também sofreu alguma variação ao longo do processo. No primeiro curso de formação, Joana Cabral, que tinha sido a coordenadora pedagógica do projeto em São Paulo, organizou as atividades e a maior parte de nosso cronograma. No entanto, devido a uma viagem de pesquisa pós doutoral no exterior, ela não teve ocasião de nos acompanhar mais. Em seu lugar, Ana Maria Ramo assumiu a coordenação pedagógica do projeto até a finalização do mesmo. A parte da formação em audiovisual foi assumida por Vinicius Toro.

É importante notar, como elemento diacrítico de todo o processo da pesquisa, o caráter múltiplo da equipe. A própria natureza desta equipe, formada por Guarani e por não-indígenas, por jovens e velhos, por lideranças em formação e lideranças atuantes, por pessoas escolarizadas e em processo de escolarização, promoveu a necessidade de um diálogo e negociação constantes, constituindo um processo de aprendizagem sobre os modos diferentes de se entender o conhecimento, as habilidades pedidas para adquiri-lo, as características necessárias para passa-lo, a escuta requerida para acessá-lo e compreendê-lo, assim como sobre os limites do entendimento quando são duas as línguas envolvidas, e várias outras nuances implicadas nas relações pessoais.

Algumas reflexões sobre a pesquisa

A METODOLOGIA GUARANI

Desde o primeiro curso de formação, e em continuidade com a proposta de trabalho do projeto realizado em São Paulo, foi colocada como pauta de nossas discussões a temática das diferenças entre os modos de conhecimento Guarani e “científico” (nos moldes do que seria considerado uma pesquisa acadêmica). Apesar das discussões surgidas a partir da colocação deste assunto terem sido registradas nos relatórios que são apresentados logo adiante, consideramos importante amarrar algumas considerações sobre o percurso destas reflexões ao longo de todo o processo da pesquisa, de modo a podermos diagnosticar as dificuldades implicadas em qualquer projeto dirigido ao registro da Cultura Guarani.

No primeiro curso de formação, realizado na aldeia Morro dos Cavalos (Palhoça/SC), pudemos contar com a participação de vários alunos do curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Mata Atlântica, da UFSC. A participação deles na discussão trazida por Joana Cabral, sobre as diversidades nos modos de relação com o conhecimento, assim como de suas conceptualizações possíveis, foi de grande valor. O tema a partir do qual se iniciam estas discussões, apareceu ancorado na proposta de Joana de diferenciar, dentro do trabalho a ser realizado pelos pesquisadores, os momentos e modos diferentes da relação com o conhecimento dos mais velhos, com as falas e discursos sobre o *mbya reko*, o sistema ou cultura guarani. Estas diferenças responderiam a dois objetivos que iriam permear toda a pesquisa: compreender a experiência e as elaborações e reflexões dos *tamoi* e *jaryi kuery* (avôs e avós, respectivamente) e explicar parte disto aos brancos, na tentativa de criar argumentos que possam apoiar as atuais lutas pela terra e pelas condições de vida dos Guarani. Ao longo da nossa caminhada/pesquisa fomos percebendo as imbricações profundas e complexas implicadas neste duplo objetivo.

Para poder começar a intuir estas imbricações, nada melhor do que a fala do coordenador Guarani do projeto, José Benites, a respeito do que ele disse ser “a estratégia de Nhanderu (Divindade principal do panteão guarani)” na proteção e salvaguarda do *mbya reko*. José, aqui, estava explicando algo que o *tamoi* Augusto tinha

dito, em Guarani, aos pesquisadores. Segundo a sabedoria dos mais velhos, há que se ter um delicado cuidado, pois no momento em que todo o seu conhecimento seja colocado no papel, o *mbya reko*, a cultura guarani, vai acabar. No entanto, se até agora, depois de vários séculos de contato, esse sistema de vida, esse desenho de socialidade, ainda persiste, é porque Nhanderu tem uma estratégia, a qual consiste em que quando os antropólogos vão colocar no papel aquilo que escutam contar aos mais velhos, as palavras fogem, e eles só conseguem escrever uma pequena parte de tudo aquilo que puderam ouvir. Os *jurua*, os brancos, não só não devem saber de tudo, como não possuem a capacidade para isto, pois as suas ferramentas de conhecimento, a sua escrita, não alcançarão, jamais, a sua tarefa.

Esta impossibilidade dos métodos de conhecimento dos *jurua* para inscrever os conhecimentos dos Guarani, segundo a concepção deste povo, é apresentada aqui como a consequência de uma estratégia habilmente elaborada, e nos permite vislumbrar um dos primeiros “mal entendidos” atrelados às propostas de salvaguarda cultural elaboradas pelos *jurua*, enraizadas em um movimento de registro escrito e audiovisual (em que pese as diferenças em relação a esses dois tipos de registro). A estratégia guarani, essa estratégia divina, consiste justamente em impedir que os *jurua* consigamos fazer o nosso trabalho, diz ele, de certa forma. A salvaguarda de Nhanderu é a driblagem da salvaguarda nos termos proposto pelas políticas públicas geradas nos órgãos estatais. De um modo geral, aqueles que trabalham com os Guarani notamos que estas contradições acompanham, inevitavelmente, todos os âmbitos em que políticas públicas são implementadas em comunidades guarani. Se, no entanto, estas políticas públicas atendem, na maioria dos casos na atualidade, as demandas das próprias comunidades, é imprescindível que possamos fazer uma avaliação crítica das mesmas.

Neste sentido, temos que considerar que tanto o livro, como o filme e até o Relatório que se apresentavam como parte dos objetivos do projeto, foram desde o começo do projeto considerados ferramentas fundamentais para o fortalecimento da cultura guarani. Assim, o nosso primeiro curso de formação, que teve lugar na aldeia Morro dos Cavalos coincidiu, a partir da demanda das lideranças, com a presença na aldeia de alguns jovens que participavam em um projeto de inclusão digital. Eunice, cacique da aldeia, falou em vários momentos da importância dos jovens adquirirem domínio no uso destas tecnologias para gerar informação a respeito de si mesmos e das

comunidades que esclareçam o pensamento dos brancos sobre os Guarani. Marcos, também aluno da Licenciatura Intercultural Indígena, falou do trabalho dos professores no processo de colocar o conhecimento guarani na escrita; a argumentação é a de que, para o branco, para ser verdadeiro, tem que estar colocado na escrita. Ao mesmo tempo, o livro tem uma difusão, uma mobilidade, por assim dizer, dificilmente conseguida de outros modos. Assim, em palavras do *tamoi* Timoteo de Oliveira:

Porque agora saiu alguns livros em alguns estados. Os Guarani começaram com isso há poucos anos ainda. Saiu livro, de pouquinho em pouquinho. Livro dos índios, de outros índios, foram feitos já há vários anos; saíram muitos livros. Mas o nosso livro não saiu quase. Por isso que o povo não sabe, nem o presidente, nem a Secretaria do Estado como é que nós estamos. Porque nunca saíram livros. Para os brancos saberem como é a cultura Guarani, tem que sair nos livros, senão os brancos não vão saber. Nem nossos vizinhos sabem como é que nós estamos. Como que nós estamos conseguindo, ninguém está sabendo. Nós estamos aqui há oito anos, e só Edgar sabe um pouquinho. A maioria daqui por perto não sabe. O Município aqui de Tijucas não conhece, e nem Mbiguaçu conhece. Não sabem como estamos. Por isso é muito difícil conhecer a cultura Guarani, saber como está. Eles pensam que nós não sabemos nada, pensam que somos como bichos, que não sabemos nada, como crianças. Nem querem conversar..., nada. Por isso que agora é muito importante fazer livro, contar como estamos, o que precisamos, como era antigamente. Tudo para esclarecer um pouquinho, para conhecer a cultura do Guarani mesmo. É muito legal fazer isso. É para nós mesmo; vai valer muito. Agora que estão se fazendo essas coisas, porque várias pessoas já nos conhecem mais.

Aparece aqui uma ideia que perpassa, ao mesmo tempo, domínios políticos e epistemológicos da ação: a da legitimidade em sua interligação com o estatuto de verdade. Tal ideia, por sua vez, caracteriza o modelo da ciência desde a sua constituição, como Joana tentou mostrar aos pesquisadores no primeiro curso. Apesar das críticas possíveis à ciência em suas comparações com o corpus de conhecimentos dos Guarani – os quais alocam nos mais velhos como as “bibliotecas vivas”, nas palavras de Marcos – a escrita aparece como meio privilegiado da legitimidade política no contexto das relações com o Estado e com os brancos de um modo geral. É assim que o nosso projeto de Formação de Jovens pesquisadores é recebido como uma possibilidade de formação de novas lideranças.

No entanto, há um problema que aparece, pelo que parece ser uma transposição de um objetivo no outro, quando alguns Guarani começam a falar da importância do registro (no papel e no filme) como uma ferramenta para assegurar a continuidade dos conhecimentos dos mais velhos, os ditos conhecimentos tradicionais. Isto porque é característico a esses conhecimentos a oralidade, como meio privilegiado não só de transmissão, como de permanência e continuação na memória. O que se vê, aqui, é uma certa disjunção entre teoria e prática que parece ser um fenômeno atual. Assim, Eunice dizia aos jovens pesquisadores que é importante eles considerarem que tudo aquilo sobre o que os *tamoi* estavam falando e iriam falar vem de sua própria experiência. “Eles”, dizia Eunice, “aprenderam o *nhandereko* (nosso modo de vida) na prática”. Esta questão, sobre a qual temos a oportunidade de nos debruçar neste momento, é de fundamental importância na hora de se pensarem os projetos de valorização da cultura indígena, o que parece estar claro nas próprias diretrizes do IPHAN no INRC (2000). No entanto, o peso dado aos produtos finais acaba determinando o processo desde o seu início, a favor de se dirigirem os esforços para a produção do livro, do filme e o preenchimento das Fichas. Foi isto o que, em certo modo, acabou acontecendo com este projeto e é por este motivo que as presentes considerações são mais do que necessárias.

Para esclarecer um pouco melhor este ponto, vou trazer aqui o relato (presente no relatório do primeiro curso) de Marcos sobre o seu próprio trabalho como pesquisador.

Marcos conta que na primeira conversa com o *xeramoĩ* (meu avô, ou ancião), ele não falou nada, ficou quieto. No outro dia foi lá de novo, e aconteceu a mesma coisa. No terceiro momento quando foi, o *xeramoĩ* lhe disse: “Então pega o *petygua* (cachimbo) e fuma”. Ele pegou o *petygua* e fumou. Então, conta Marcos, começou a vir aquela emoção de querer saber mesmo da dança, e ele falou pro *xeramoĩ*. No momento Marcos sentia aquela emoção de falar, de chorar e aí o *xeramoĩ* disse: “eu vou te ajudar sim, mas eu quero que você chame todas as crianças da sua escola, e eu quero que vocês dancem”. Então, Marcos fez um projeto, um planejamento de aula, e reuniram todos os professores e toda a turma da escola, e outras pessoas da aldeia. Foi nesse momento, em vez de chegar lá e perguntar sozinho, que teve que envolver muitas crianças da aldeia para poder realizar a pesquisa. Ao mesmo tempo em que estava dando esse conhecimento para ele, o *xeramoĩ* estava dando para mais crianças da aldeia. Marcos diz que tanto ele como outras pessoas começaram a conhecer. Iam dentro da casa de reza, e era uma alegria, um prazer de estar convivendo naquele momento. Aquele legado de conhecimento serviu para toda a comunidade. Marcos conseguiu aprender e ao mesmo

tempo revitalizar mais. Então, aos pesquisadores que vem, ele aconselha que pensem bem de que jeito vão pesquisar. Se é para eles, ou se eles vão envolver toda a comunidade, as crianças. Segundo ele, aqueles que são pesquisadores não estão pesquisando só para si mesmos.

A presença das comunidades, dos familiares, no pensamento de cada pesquisador, era constante no momento em que eram solicitados a falar sobre o que os motivava nas suas pesquisas. No entanto, evidentemente que as atividades relacionadas à formação na pesquisa, à gravação das entrevistas, à tradução e transcrição para o livro restringiam o tempo para que eles tomassem a iniciativa para organizar momentos como o que o Marcos relata em suas próprias comunidades. Esta é uma questão importante a ser sopesada em processos de salvaguarda, para que o processo de realização de inventário não concorra com o tempo necessário à própria vivência cotidiana da cultura.

Neste último sentido, pensando os jovens do grupo não só como pesquisadores, mas como pesquisadores guarani, foram fundamentais os momentos em que, em cada aldeia, nos reuníamos com a comunidade dentro da *opy*, para falar do nosso trabalho, e tínhamos a oportunidade de ouvir os conselhos dos mais velhos.

Em muitas destas ocasiões, assim como no contexto das entrevistas, ouvimos os mais velhos lamentarem a falta de interesse dos mais jovens sobre aquelas histórias que estavam contando. A maioria deles manifestou muita alegria por poder ter a atenção dos jovens, indo lhes perguntar sobre esses assuntos; no entanto, eles também reconheciam que era somente o contexto da pesquisa que estava motivando esses jovens, e isso não era o ideal. Praticamente todos eles diziam que se os jovens não os procurarem eles não vão falar desses assuntos, pois são questões muito fortes, ligadas tanto à sua história e às dificuldades pelas que passaram, como à espiritualidade. O caráter daquilo que eles têm para contar determina o modo em que deve ser contado, e este é um aspecto fundamental a ser considerado e respeitado na hora de pensar este tipo de pesquisas. O momento do dia, o ânimo da pessoa que pergunta, o estado da pessoa que vai contar, e vários outros eventos determinam as possibilidades da conversa. Como dizia o *tamoi* Augusto, tem dias que tudo parece estar escuro, que a pessoa não tem vontade de falar, enquanto que outros dias, tudo se esclarece, e as palavras brotam; a pessoa sente, então, vontade de contar.

O lugar do sentimento como um dos elementos fundamentais do conhecimento e da fala guarani foi enfatizado por Eunice. Foi também apontada, em várias ocasiões, a existência de uma “metodologia guarani” de pesquisa, atrelada, fundamentalmente, ao ânimo. Quando as pessoas vão conversar com os mais velhos que tem conhecimento (a maioria dos entrevistados neste projeto eram lideranças espirituais), eles sabem qual é o sentimento da pessoa, por que ela está ali, se quer realmente saber ou não. Ao mesmo tempo, é necessário que a pessoa que quer perguntar saiba como iniciar a conversa, evitando na medida do possível as perguntas diretas. É importante combinar antes o dia da conversa com o *tamoi* e a *jaryi*, pois falar desses assuntos que envolvem a espiritualidade requer uma preparação especial, uma concentração e um ânimo adequados. O sentimento e o ânimo de que estamos falando, remete ao estado de espírito, no sentido mais literal possível da expressão e, portanto, é necessário contar com a anuência dos seres divinos para poder falar de certas coisas.

O TEMA: DA MOBILIDADE AO GUATA PORÃ

O tema da nossa pesquisa era, em um princípio, a Mobilidade Guarani, em seu aspecto mais geral. No entanto, no primeiro curso de formação, os jovens elaboraram uma série de perguntas (aparecem no Relatório do curso, em anexo). Dentre elas, as primeiras faziam referência às caminhadas sagradas dos antigos e aos motivos pelos quais os Guarani se encontram hoje em dia nestas regiões. Ao serem formuladas estas questões, os mais velhos começaram a falar do *Guata Porã*, que é a *bela caminhada* sobre a qual se debruçam o livro e o filme, ambos com o mesmo nome. Este é um dos assuntos, por assim dizer, mais sagrados da história dos Guarani. Como fica claro no livro, estas belas caminhadas dos antigos estavam enraizadas em uma proposta de vida e no respeito a certas regras que definiam o comportamento a ser incorporado pelas pessoas. Tais “regras”, que podem ser traduzidas na palavra “*teko*” incluem questões que perpassam toda a vida e o sistema Guarani – o *Mbyareko* ou *Nhandereko*, “nosso *teko*” – pelo que o tema da nossa pesquisa, nas falas dos mais velhos, incluiu todos aqueles outros temas que tinham sido colocados na reunião em Imaruin, como previu o coordenador guarani, José Benites: a plantação, a alimentação, o cuidado com as crianças, as relações entre as pessoas, a caça, etc.

Ao falar destes assuntos, os mais velhos diziam ter que se esforçar muito, pois era triste para eles confirmar, na própria fala, a impossibilidade na atualidade de seguir esse sistema de vida, devido, fundamentalmente, à falta de território e dos materiais que são o sustentáculo para todas as atividades sobre as que versavam esses conhecimentos. A chegada do *jurua* e o atual uso por parte dos jovens de boa parte de seus objetos, assim como a mudança radical na alimentação, tornavam a *bela caminhada*, o *Guata Porã* dos antigos, inviável na atualidade. Assim, aquele hiato entre a prática e a teoria, que parecia caracterizar a situação dos pesquisadores, era um efeito da proximidade dos brancos, da usurpação dos territórios, da falta de compreensão, assim como do desinteresse por parte dos jovens na atualidade. E, no entanto, esta inviabilidade e/ou dificuldade extrema, não se apresentava como definitiva, uma vez que o ânimo de cada pessoa é o que realmente conta para alcançar o fortalecimento necessário para iniciar a caminhada, tanto antes, como agora.

A nossa pesquisa, então, introduziu como metodologia a própria caminhada; não aquela *bela caminhada* dos antigos, mas a caminhada como busca dos rastros por eles deixados, através dos conselhos dos *tamoi*, na tentativa de achar as direções para melhorar as condições de vida no aqui e agora. Assim, perguntar sobre o *Guata Porã*, caminhar para encontrar os *tamoi* pelas aldeias, conhecer a situação das comunidades, ver as paisagens urbanas, industriais e comerciais de todo tipo criadas pelo sistema do *jurua*, foram questões requeridas pela própria pesquisa, definindo-se como a metodologia necessária. Tal metodologia - que acompanha a acima chamada "metodologia guarani" -, responde a uma característica do corpus de conhecimento guarani, descrito por vários dos pesquisadores e acompanhantes como formando um "quebra-cabeças". Cada um dos *tamoi* e das *jaryi*, possui uma peça deste quebra-cabeça e, mesmo quando se superpõem, nas sutis variações entre elas é que se pode encontrar parte do fundamento da *filosofia* guarani. O importante é manter atualizado o cromatismo que caracteriza o conjunto das histórias relatadas pelos mais velhos. Na fala de cada um, vão ser ressaltados certos dos temas que se apresentam em mutua relação, de acordo, justamente, com o ânimo daquele que fala no momento da conversa. Assim, cada um deles vai contar aquilo que considera que é pertinente, naquele momento, para aqueles que estão expondo as suas questões. Desta forma, toda fala, nestes contextos, é também uma prática de aconselhamento, pois o conhecimento é valorado na medida em que é eficaz para que cada um possa levar a própria vida do melhor jeito possível. Dado

que as relações possibilitadas pelo projeto, pela pesquisa, foram sempre intergeracionais, os mais velhos contando aos jovens, o aconselhamento veio a constituir outro dos componentes da “metodologia guarani”. As seguintes palavras do *tamoí* Aristides (dirigidas ao Ronaldo) expressam bem o que está sendo colocado acima:

Eu já estou velho, você também já está velho, mas mesmo assim você está na aula para aprender como é que tem que ser. Nhanderu está ensinando qual é o caminho certo. Tem regra, e tem prova para passar. Como na escola, tem prova, e cada uma é mais difícil do que a outra. Estou contando tudo isso para juntar com as palavras de outras palavras, juntar e ver qual é mais certo para o pessoal conhecer. É muito importante levar isto e juntar com outra pessoa. Escrever e levar para comparar. Vocês estão certos fazendo esse trabalho. Eu reconheço que está certo, é certo. Quem está guiando vocês para chegar bem aqui? Tem muitos perigos, mas vocês chegaram bem. Vocês estão sempre acompanhados por Nhanderu; ele sempre vai cuidando de todo mundo. Quando você quer fazer alguma coisa, você pode ir no lugar errado, não dar certo. Cada um tem que pensar, como vai ser. Cada um de nós tem que pensar para saber. Qual caminho que é melhor, qual é bom, de que jeito eu vou. Vai fazer correndo, ou vai pensar antes? Por que eu estou com pressa? Qual motivo? Será que é bom para mim isso que está acontecendo, ou não. Se acontecer isso, se você for quando não era para ir, só vai chegar no caminho errado. Criança, plantação, *opy*, como é que tem que ser? Como tem que ser o *xondaro*. Cada ponto, cada coisa, tem que ser assim, tem o jeito certo de ser. Tudo é importante, nada é mais importante.

Esta fala do *tamoí* Aristides expressa bem os vários domínios implicados em qualquer relação de conhecimento para os Guarani. Ao afirmar que o professor é *Nhanderu*, todo mundo, a despeito das idades, é definido como sendo um aluno permanente. Desta forma, os limites da pesquisa são postos por motivos que, em um princípio, e para um olhar de *jurua*, não seriam relevantes para o trabalho. No entanto, no âmbito do conhecimento guarani, as relevâncias são definidas por critérios que se afastam notadamente dos critérios de objetividade necessários à prática científica. A verdade que nos preocupa, a nós *jurua*, com seu caráter universalizante, é uma questão menor, uma vez que as diferenças e peculiaridades de cada pessoa, de cada idade, de cada momento da vida, de cada contexto, fazem variar as importâncias. Há sim, por outro lado, uma preocupação pela eficácia, direcionada, no entanto, ao bem-viver, e não à produção, ao status, ao desenvolvimento, à ganância, e a todos esses outros objetivos

que fundamentam, em boa medida, as nossas objetividades. Isto que constitui, também, um olhar para o mundo, é signo da profunda e radical diferença entre o nosso sistema, a nossa cultura, e o deles, o *mbyareko*.

Algumas reflexões sobre a Cultura

LEITURAS ANTROPOLÓGICAS

Para compreender as possibilidades de utilização das diretrizes postuladas no Manual do Inventário Nacional de Referências Culturais para o caso dos Guarani-Mbya, propomos agora um breve comentário de alguns dos aspectos da fundamentação teórica do INRC à luz de considerações teóricas sobre a Cultura elaboradas por certas correntes da antropologia contemporânea nas últimas três décadas. Tais considerações, por sua vez, são aqui compreendidas e ilustradas a partir de experiências e conversas concretas que tiveram lugar durante todo o processo da pesquisa e que foram, de um modo geral, apresentadas acima.

A proposta da construção de instrumentos adequados à pesquisa e valorização do que se convencionou em chamar “Bens Culturais” é, como postulado no Manual, um problema complexo de importantes implicações políticas. A questão é que os processos que, neste contexto, levam à valorização do que se pode considerar um bem cultural Guarani - como o Guata Porã -, e que incluem o registro escrito e áudio-visual, a realização de entrevistas e, principalmente, a formação de jovens pesquisadores, tem como um dos aspectos das possíveis contrapartidas a variação na relação que esses jovens têm com esses conhecimentos e saberes acessíveis a partir das conversas com os mais velhos. Esta foi uma questão sobre a qual nos debruçamos durante vários dos cursos de formação, pois a relação dos jovens com as histórias que os mais velhos estavam contando faziam parte da quase totalidade das falas destes últimos. No entanto, surgia inevitavelmente um paradoxo, uma vez que os métodos de pesquisa que os jovens estavam adquirindo no processo da formação supunham uma relação específica com a “cultura” – a pesquisa – que é, em alguns dos seus aspectos, contrária aos modos em que os conhecimentos, as práticas e os saberes, são enunciados e circulam no contexto do *Mbyareko*, ou sistema de vida Guarani.

As possibilidades de tradução do termo *teko*, que compõe o conceito que nos interessa aqui - o *mbyareko* -, tem sido amplamente discutidas pela etnografia dedicada aos Guarani. Algumas destas traduções possíveis são: “sistema”, “jeito”, “costume” e “regra”, sendo o *Mbyareko* – ou *Nhandereko*, “nosso” *teko* como dizem os Guarani

quando conversam entre eles -, normalmente traduzido pelos próprios Guarani como “nossa cultura”. No entanto, e este é o aspecto problemático aqui, a tradução não pode ser direta. Este é, ao nosso ver, um problema político uma vez que as ações de “salvuarda”, por assim dizer, que nós, não-indígenas, conseguimos imaginar e programar, e os passos que definimos para a sua consecução – “identificação”, “documentação”, “preservação” -, supõe, em um certo nível, o compartilhamento de um universo de significações que, no mínimo, postula a existência de algo como a “cultura” para todos os povos. Ao lhe outorgar um caráter universal, a “cultura” é colocada como a própria possibilidade de comunicação entre universos de significação variados: se qualquer povo tem cultura, então é culturalmente que podemos nos entender, por assim dizer. A pressuposição do caráter universal da cultura tem como contrapartida a sua universalização. No entanto, a “cultura” é um conceito que pertence a um universo de significações particular e específico, e que possui uma historiografia, uns efeitos próprios e uns processos determinados antes de sua aplicação ao que, para nos entendermos, vamos chamar de outros contextos culturais, com suas historiografias, efeitos e processos específicos.

Este foi o tema da reflexão de Roy Wagner, um antropólogo norteamericano, em sua obra intitulada *A invenção da Cultura*, publicada em 1975 (com reedição levemente modificada em 1981). Tal obra tem tido um efeito considerável nas produções teóricas da antropologia brasileira, sendo hoje de leitura obrigatória na maioria dos cursos de pós-graduação em antropologia do país. A partir da ideia da existência de, pelo menos, dois “estilos de criatividade” ou “estilos de entendimento”, diferentes e opostos, Wagner questiona o caráter universal dos critérios utilizados pelo pensamento ocidental ao falar da cultura: “O uso antropológico de ‘cultura’”, diz Wagner, “[...] equivale a uma extensão abstrata da noção de domesticação e refinamento humanos do indivíduo para o coletivo (2010 [1981], p. 53-54). Assim, o sentido “marcado” do conceito de cultura – a Cultura - está atrelado à sua historiografia etimológica de um modo geral, e ao projeto iluminista da Europa do século XVIII, existindo uma transposição não evidenciada destes sentidos quando se pretende fazer referência à “cultura” em um sentido “não-marcado”, ou seja, generalizável. A questão é que o nosso conceito de cultura é subsidiário de certos postulados ou, em palavras de Wagner, “mitos” que “costumam ser obcecados com o desenvolvimento do homem como uma história de evolução das técnicas produtivas (2010 [1981], p. 58). No entanto, estes postulados não

são aplicáveis aos povos indígenas, nem, no contexto da teoria de Wagner, aos camponeses e às classes baixas norte-americanas. A crítica de Wagner ao uso por parte dos antropólogos do conceito de “cultura” como se somente possuísse um sentido “não-marcado” radica na impossibilidade, assim, de realizar os seus objetivos no que tange à mediação (política) entre povos com enunciados conceituais e/ou existenciais tão diferentes. Diz Wagner:

Assim, as culturas tribais encarnam uma inversão de nossa tendência a focalizar centralmente as técnicas produtivas, e a relegar a vida familiar a um papel subsidiário (e subsidiado). E essa inversão não é trivial: ela penetra ambos os estilos de criatividade em todos os seus aspectos. Na medida em que produzimos “coisas”, nossa preocupação é com a preservação de coisas, produtos, e com as técnicas de sua produção. Nossa Cultura é uma soma dessas coisas: conservamos as ideias, as citações, os memoriais, as criações, e deixamos as pessoas irem. Nossos sótãos, porões, baús, álbuns e museus estão repletos desse tipo de cultura (2010 [1981], p. 60).

As críticas de Wagner ao “mascaramento” por parte da antropologia de seus próprios postulados, tem tido vários desdobramentos. Em uma linha paralela, com certas similaridades, está também o importante ensaio de Manuela Carneiro da Cunha, *“Cultura” e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais*, de leitura obrigatória, hoje em dia, para todos aqueles que trabalhem com projetos dirigidos às culturas indígenas no país. Nele a autora expõe as diferenças entre a cultura, enquanto conceito ocidental, com uma historiografia própria e um escopo de aplicações possíveis que tem a ver com o “refinamento”, nos termos colocados por Wagner, e a “cultura” (com aspas) que inclui tanto as apropriações deste termo por parte dos povos indígenas em processos de reflexividade, quanto em suas relações com as políticas públicas.

ENTRE A CULTURA E O MBYAREKO

Voltando ao caso que nos ocupa aqui, que é o da reflexão sobre os efeitos de alguns dos postulados teóricos do INCR no trabalho com os Guarani, gostaríamos de

notar um exemplo que nos serve para pensar as questões colocadas por estas teorias antropológicas. Quando no Manual do INCR lemos que “Falar em referências culturais nesse caso significa, pois, dirigir o olhar para representações que configuram uma ‘identidade’ da região para seus habitantes e que remetem à paisagem, às edificações e objetos, aos ‘fazeres’ e ‘saberes’, às crenças, hábitos, etc.” (Londres, 2000 p. 14), é possível perceber a importância de criar um argumento que seja válido para os diversos contextos de ação do próprio IPHAN, com suas peculiaridades e idiossincrasias. No entanto, a ideia da cultura como representação, ou a ideia de que processos específicos de atribuição de identidades sejam tributários de “crenças”, contrasta profundamente com a visão de mundo dos *tamoi* e das *jaryi* com os que tivemos o privilégio de conversar ao longo de nosso percurso. Esta “visão de mundo”, depositária das raízes conceituais da maior parte desses “saberes” e “fazeres” que podem ser inventariados, prescinde da ideia de representação, o que supõe um leque de possibilidades relacionais com o entorno, as paisagens e os objetos, que contrasta radicalmente com a realidade tal como postulada pela objetividade científica.

Uma dupla questão se impõe neste momento: quais são os limites da tradução do *Mbyareko* como “cultura” para o controle dos efeitos implicados nos equívocos por ela propiciados e quando e como isto se torna um problema político? Se no Manual do INRC nos deparamos com a diferenciação entre o “solo virgem” e “solo ‘cultivado’” como critério para o reconhecimento de que uma cultura pode estar inscrita em um território, é claro que entendemos que o argumento procura flexibilizar outros critérios de definição do que durante muito tempo se considerou como produções culturais que mereciam ser preservadas, no contexto de uma discussão sobre os modos de atribuição de valor. Neste mesmo sentido, sabemos que a ideia da universalização da “cultura” nasceu, no próprio seio da antropologia, no intuito de reconhecer direitos, em um contexto colonial, a numerosas populações e de favorecer o respeito à diversidade. Compreendemos que esta é também a proposta do IPHAN para o trabalho com a chamada “cultura imaterial”. No entanto, o que se desprende das falas dos *tamoi* e das *jaryi* é que todo solo é cultivado, uma vez que tudo neste mundo tem um “dono”, ou seja, “alguém que cuida”: sejam plantas, animais, cabeceiras dos rios, pedras, frutas e até algumas afecções. A pluralidade de seres que povoam o mundo e que não são vistos, mas que devem ser respeitados para o bem-viver de todos, está na base de todas e cada uma das considerações sobre as “celebrações”, “modos de expressão”, “saberes e

fazerem” e/ou “lugares” do que convencionalmente chamamos de Cultura Guarani. Assim, quando no Manual lemos que “Trata-se de levar em conta um ambiente que não se constitui apenas de natureza – vegetação, relevo, rios e lagos, fauna e flora, etc.- e de um conjunto de construções, mas sobretudo de um processo cultural”, chegamos em um impasse, uma vez que, de acordo com o que pudemos entender até o momento, estes fenômenos “naturais” são, para os Guarani, tão “culturais” como as suas casas, suas falas, suas danças, etc. Em palavras de Timoteo:

Eu fortaleço muito a palavra de todas as etnias, a reza deles, a cultura deles, até a cultura dos brancos. Tudo isso, não é pra contar errado. Como todos os bichinhos também, todo mundo tem: galinha tem, de outro tipo, o pensamento dela; a língua dela é outra. Elas também falam, igual que nós, mas nós não entendemos. O pato fala outra língua, dele, e entre eles se entendem também. Mas as galinhas não entendem a língua do pato, e assim vai. Peru também é outra língua, e eles falam também entre eles, tudo. Cachorro também tem outra língua, e falam entre eles falam bem para se entender como é a cultura deles, como é que eles vão caminhando, o que eles vão fazendo; isso Nhanderu fala para cada um entender. Eles todos falam, igual que nós, só que nós não estamos entendendo a língua deles. É assim, então, cultura de cada um é pra respeitar; nós respeitamos a todos, e os bichinhos nós poderíamos respeitar também (Timoteo Oliveira, Karai Tataendy, aldeia Itanhaen, SC).

A dupla questão explorada no parágrafo anterior se desdobra em outras: é possível a comunicação entre um órgão do governo, como o IPHAN, e os “donos” dos rios, das árvores, das frutas, as pedras, etc.?; o que acontece quando um “universo de significações” supõe a negação de outro? Muitas são as barganhas possíveis nesse “mercado geral do poder” que, em palavras de Guattari, é aquilo que a cultura-valor das elites capitalísticas vem expressar (Guattari, 1986, p. 10).

Temos insistido no caráter político dos paradoxos aqui manifestados. O próprio texto de introdução ao Manual (Londres, 2000), explica a fundamentação política que originou o projeto do INCR e o que aqui estamos discutindo somente visa completar e continuar a desenvolver a proposta ali apresentada. Isto porque consideramos que o trabalho com as populações Guarani não somente serviu (ou pode servir) para lhes dar voz “legal” (idem, p.15) o que já é muito importante, mas também para “realimentar”, e até, em alguns casos, modificar, as políticas de patrimônio (idem, p.17), de modo a aproximá-las aos seus objetivos de salvaguarda, preservação e valorização. Assim, se

“orientar um trabalho de preservação a partir da noção de ‘referência cultural’ [...] significa buscar formas de se aproximar do ponto-de-vista dos sujeitos diretamente envolvidos com a dinâmica da produção, circulação e consumo dos bens culturais” (idem, p.19), é fundamental estar aberto a uma transformação do conceito de cultura que possa, por exemplo, prescindir das ideias de “produção” e/ou “consumo”. Esta é uma reflexão que já foi feita no campo da antropologia brasileira. Eduardo Viveiros de Castro assim o explica, para o caso da antropologia (que pode ser transportado para uma discussão mais ampla do encontro entre discursos diferentes):

O que se passa quando o discurso do nativo funciona, dentro do discurso do antropólogo, de modo a produzir reciprocamente um efeito de conhecimento sobre esse discurso? Quando a forma intrínseca à matéria do primeiro modifica a matéria implícita na forma do segundo? Tradutor, traidor, diz-se; mas o que acontece se o tradutor decidir trair sua própria língua? O que sucede se, insatisfeitos com a mera igualdade passiva, ou de fato, entre os sujeitos desses discursos, reivindicarmos uma igualdade ativa, ou de direito, entre os discursos eles mesmos? (Viveiros de Castro, 2002, p. 115).

Diz também este autor que a “arte da antropologia é a de determinar os problemas postos por cada cultura, não a de achar soluções para os problemas postos pela nossa” (Viveiros de Castro, 2002, p. 116-117). Esta não é uma tarefa simples ou auto-evidente, mas é uma tarefa que cabe tanto aos antropólogos como a todos aqueles cujo trabalho parta do pressuposto de que podemos colaborar para a solução de alguns destes problemas os quais se reduzem, no fundo, àqueles impostos pelo contato com tudo aquilo que a nossa cultura, entendida como sistema de produção, supõe. Chegamos, então, à questão territorial que é a questão central para compreendermos por quê os brancos somos um problema, não sei se da cultura Guarani, mas certamente para ela.

***Guata Porã* como bem-cultural**

O nosso intuito ao apresentar algumas reflexões sobre os paradoxos promovidos pelo uso do conceito de cultura em projetos como o que desenvolvemos junto aos Guarani é o de colaborar para um enriquecimento das possibilidades políticas que o Inventário Nacional de Referências Culturais comporta. A seguir, apresentamos uma tentativa de caracterizar o *Guata Porã*, o “belo caminhar” dos Guarani, enquanto plausível de ser inventariado. Assim, apesar de, como colocado acima, sermos conscientes dos limites de um processo deste tipo, consideramos que este é também um campo de ação política e social que não deve ser negligenciado. O desafio que nos propomos e que enfrentamos é o de usar as categorias que o Estado e suas instituições, como é o IPHAN, oferecem, sendo recortadas, ampliadas, invertidas, etc, pelas categorias dos povos com o que trabalhamos. Em resumo, quais as transformações que deve sofrer o conceito de cultura para poder expressar alguns dos sentidos do conceito *mbyareko*? O que nosso trabalho de pesquisa trouxe à tona é a imbricação profunda entre “cultura” e “território”, de forma que a “cultura” aparece como uma forma de territorialização – a própria caminhada é uma forma de territorialização – enquanto o território aparece como o efeito de um modo de viver, de passar, de habitar que podemos dizer que é a “cultura”.

Por todas as reflexões colocadas até agora, podemos dizer que inventariar o *Guata Porã* é um paradoxo em si mesmo. Em anexo a este Relatório, apresentamos uma Ficha do INCR que identifica o *Guata Porã* na categoria de LUGARES. No entanto, a escolha desta categoria não foi nada simples, uma vez que o *Guata Porã* poderia ter sido incluído, também, em cada uma das outras categorias. A decisão da equipe foi a de escolher inventariar o *Guata Porã* na sua dimensão de Lugares para o preenchimento da Ficha, e aproveitar o contexto do Relatório para falar dos aspectos do *Guata Porã* que teriam sido melhor alocados nas outras categorias.

Durante toda a nossa pesquisa, ouvimos os nossos interlocutores, em diversas ocasiões, dizer que, em Guarani, uma palavra significa muitas coisas. Isto porque cada palavra vem acompanhada por outras então, quando a pessoa escuta uma palavra, ela imediatamente, sabe quais as outras palavras que estão acompanhando-a, mesmo quando não pronunciadas. Assim, para se chegar à uma compreensão da expressão

Guata Porã é fundamental ir passando por várias outras palavras – *tekoa*, *karai*, *Nhanderu*, *yvy marã e’y*, *yy rembé*, *opy*, *nhe’ë*, etc. Isto fica bem claro no livro resultante desse projeto. O *Guata Porã*, a bela caminhada guarani, é um deslocamento que inclui em si mesmo as paradas, a formação das aldeias e a vida nestas aldeias: o plantio, a *opy*, o parentesco, a mata, os xondaro...

Tudo aquilo que tem relação com o modo de ocupação guarani do território, com a economia das relações entre humanos e não humanos e com a orientação das lideranças religiosas e dos mais velhos, pode ser compreendido como uma dimensão do *Guata Porã*. Decidimos considerar o *Guata Porã* como Lugar por entendermos que é nos lugares em que se situam atualmente as aldeias Guarani – assim como nos espaços entre elas - onde se inscreve a memória das caminhadas realizadas pelos Nhanderu Mirim. Esta memória se materializa nas sementes e tubérculos que os Guarani continuam plantando, nas ervas com as que fazem os seus remédios, nos cantos que se elevam de noite e na possibilidade de compreender e conhecer através dos sonhos. Tais materializações, dentre outras, são manifestações da continuidade da relação entre os Guarani que hoje habitam a Yvyrupa e aqueles antepassados que outrora se transformaram em divindades. A travessia dos Nhanderu Mirim permanece inscrita nos espaços, hoje a duras penas transitados pelos netos de seus netos, lembrando a possibilidade do devir deus do homem e da mulher guarani. O espaço onde se inscreve a memória de sua caminhada é manifestação da continuidade de um propósito, que é o próprio *Guata Porã*.

A seguir, vamos fazer alguns breves comentários sobre as outras dimensões do *Guata Porã* que não aparecerão na Ficha de Lugares.

GUATA PORÃ COMO CELEBRAÇÃO

As *celebrações* permeiam toda a vida social guarani, principalmente quando olhamos para trás no tempo. O *Guata Porã*, como mostrado no livro de mesmo nome, é um movimento cuja origem é divina. “Ninguém caminhava à toa”, explicaram em várias ocasiões os *tamoi* e as *jaryi*. Quando um *karai* (pessoa de muito conhecimento, liderança espiritual e religiosa) se decidia a fazer a caminhada em direção a *yvy marã e’y*, era porque o próprio *Nhanderu* assim tinha determinado para ele. O *karai* sabia

disto porque eles são capazes de ouvir as palavras de Nhanderu, as *ayvu porã*, trazidas pelos *nhe'ẽ* e/ou pelos *tembiguai*, que são os auxiliares de Nhanderu. Para que estas palavras - que não só indicam a hora para se pôr a caminho, mas orientam a cada passo a direção a seguir e os tempos e lugares para se deter e esperar - possam chegar até o *karai*, é necessário que ele se concentre verdadeiramente, sendo esta concentração conseguida por meio de cantos, danças, uso do *petyngua*(cachimbo) e falas rituais, o que aqui pode ser considerado como uma forma de celebração.

Por sua vez, ao *Guata Porã* é necessária uma alimentação adequada, dotando aos Guarani de corpos leves para o movimento, para a travessia. O milho, *avaxi*, é, neste caso, o alimento mais importante pois é o milho que ancora os *nhe'ẽ* na terra. O *Nhemongarai*, que é o ritual de consagração das sementes de milho e de nomeação das crianças, e de alguns adultos que o necessitem, pode ser considerado como uma Celebração dos Guarani.

Seria até possível afirmar que o *Guata Porã* é uma grande celebração, um modo de tornar a vida uma celebração permanente, em seus mínimos detalhes. Tudo devia ser cuidado: a alimentação, a distribuição de papeis, o cuidado com as relações pessoais, a música, os sonhos. O *Guata Porã* supõe a travessia entre duas terras ontologicamente diferentes – a *yvy rupa* e a *yvy marã e'y* –, para a qual é necessária uma transformação corporal. É somente através de uma celebração de cada pequeno ato cotidiano que aqueles que fazem a travessia, os *Nhanderu Mirim*, podem transformar os seus corpos.

GUATA PORÃ COMO FORMA DE EXPRESSÃO

O *Guata Porã* também pode ser pensado como uma forma expressão. Em primeiro lugar, pois nesta caminhada as palavras, expostas nos longos discursos de aconselhamento dos mais velhos enquanto formas ritualizadas de expressão, são centrais. Mas também e sobretudo, pode-se pensar o *Guata Porã* como múltiplas formas de expressão não verbal. Os cantos-reza que se elevam durante a noite dentro da *opy* e que, como colocado acima, são fundamentais tanto para iniciar como para manter a caminhada. As formas corretas de inscrição no espaço das aldeias que se formam durante a caminhada são também maneiras de modulação do comportamento dos Nhanderu Mirim, e portanto, formas de comunicação com ele. O cuidado com os pátios

das casas, com os caminhos, com os espaços de roça, tudo isso pode ser considerado uma forma de expressão não verbal diante das divindades que observam seus parentes guarani e se compadecem quando vêem que compartilham os mesmos comportamentos e práticas corporais.

GUATA PORÃ COMO OFÍCIO E MODO DE FAZER

O *Guata Porã*, o belo caminhar, é um movimento que podia ser realizado por uma única pessoa, por uma família, ou por uma comunidade inteira. Em qualquer caso, era sempre um *karai* ou uma *kunha karai* que iniciava a caminhada, após ter recebido a orientação de *Nhanderu*. Em certo sentido, o fato de se propor verdadeiramente a caminhada já supunha que tal pessoa era um *karai* ou uma *kunha karai*.

O *karai* e a *kunha karai* podem ser chamados, aqui, especialistas cosmológicos. São pessoas que conseguem ouvir as palavras de *Nhanderu* e de seus *tembiguai* e, por isto, podem orientar a sua comunidade, podem realizar curas e podem iniciar as caminhadas. Para ser um *karai* ou uma *kunha karai* é necessário aprender a se concentrar, cuidar a alimentação, cantar, fumar, curar, aconselhar. São várias as dimensões do fazer que devem ser especificamente cuidadas por aqueles que desejam se tornar *karai* e *kunha karai*. A concentração, o saber ouvir, são, no caso do *Guata Porã*, capacidades essenciais para saber, como dito acima, por onde seguir e para poder orientar a comunidade. Neste mesmo sentido, o *Guata Porã*, a bela caminhada, pode ser dita um modo especial de fazer, um modo de caminhar que inclui as necessárias paradas, um modo de territorializar, de ocupar o território, de constituir um espaço na e pela própria caminhada, espaço este que permanece sempre em aberto e ilimitável, uma vez que se trata de encontrar os pontos em que a travessia entre mundos se torna possível.

GUATA PORÃ E AS EDIFICAÇÕES

As edificações fundamentalmente relacionadas ao *Guata Porã* são as *Tava*, as antigas missões Jesuíticas que foram, em seu momento, inventariadas pelo IPHAN, sendo reconhecidas pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade. Segundo os mais velhos relataram em nossa pesquisa, as *Tava* foram feitas a pedido dos *Nhanderu Mirim*,

aqueles que alcançaram *yvy mara e'y*, e foram deixadas como ponto de orientação para aqueles que desejassem seguir os seus passos.

Existem outros sinais – marcas em pedras, pinturas rupestres, etc., - espalhados pelo amplo território que foi percorrido por aqueles que, na antiguidade, fizeram a caminhada. Do ponto de vista dos Guaraní, estes sinais servem para indicar o caminho e como registro da passagem dos *Nhanderu Mirim*.

A *opy*, casa de reza ou casa de rituais, também é uma edificação intrinsecamente ligada ao *Guata Porã*, uma vez que é necessário cantar, dançar e fumar o *petynguaem* seu interior para alcançar a concentração necessária à caminhada, dentre outras coisas.

Por fim, cabe dizer que o *Guata Porã*, o belo caminhar, tendo como referência a busca por *yvy marã e'y*, aquela outra terra onde nada perece, é também um modo de viver a vida, um caminho pessoal de busca das melhores condições possíveis de vida, também nesta terra. Eis por isto que, como mostra o livro que lhes brindamos, os mais velhos quiseram contar aquilo que consideraram que os jovens pesquisadores precisavam saber para levar bem a sua própria vida.

Referências bibliográficas de apoio

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. “Cultura” e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. Em: *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac&Naify, 2009.

GUATTARI, Felix. Cultura: um conceito reacionário? Em: Félix Guattari e Suely Rolnik. *Micropolítica. Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Vozes, p.p. 15-24, 1986

LONDRES, Cecília. Referências Culturais: Base Para Novas Políticas de Patrimônio. Em: *Inventário Nacional de Referências Culturais*. Brasília:IPHAN, 2000

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. *Mana*, Rio de Janeiro, v.8(1), p. 113-148, 2002.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac&Naify, 2010 [1981].

ANEXOS

RELATÓRIO 1º CURSO DE PESQUISADORES GUARANI

Aldeia Morro dos Cavalos

Outubro de 2015

1) Apresentação

- Responsáveis: Joana Cabral de Oliveira (CTI), Ana Maria Ramo y Affonso (CTI), Vinicius Del Toro (CTI), Jose Benites (Coordenador – Aldeia Amaral, SC).

- Local e período de realização: Aldeia Morro dos Cavalos (Palhoça/SC). De 20 a 24 de outubro de 2014.

- Nome e aldeia dos participantes:

1. Adriano de Oliveira (Morro da Palha).
2. Nilton da Silva (Amaral).
3. Die Arai Martins Timóteo (M'biguaçu).
4. Aladio Bolantim Mariano (Morro dos Cavalos).
5. Lucas Oliveira da Silva (Maciambu).
6. Elsom da Silva (Pirai).
7. Gabriel Martins Pires (Pirai).
8. Edinho da Silva (Morro Alto).
9. Osmar de Castro (Araçai).
10. Claudio Verissimo (Araçai).
11. Norberto Martines (Marangatu).

Além da equipe de pesquisadores acima citados, participaram das discussões Eunice Antunes (cacique da aldeia Morro dos Cavalos), Marcos Moreira e Elizete Antunes, sendo os três estudantes do curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UFSC. Acompanhou todas as atividades o *tamoï* Augusto da Silva da aldeia Marangatu (Imarui/SC). Estiveram presentes, em alguns momentos, jovens pesquisadores de várias aldeias que fazem parte do projeto “Inclusão Digital”.

2) Objetivos do curso

1. Propor aos pesquisadores uma reflexão sobre as diferenças implicadas em vários regimes de conhecimento distintos a partir de uma seleção de textos e vídeos.

2. Situar os jovens pesquisadores no contexto do trabalho de pesquisa, problematizando a conveniência e pertinência de adotar as técnicas de investigação do modelo acadêmico e científico de pesquisa para a abordagem dos conhecimentos e práticas culturais dos Guarani.

3. Promover a presença dos mais velhos, *tamoĩ* e *jaryi*, durante a formação, assim como daqueles que estão cursando a Licenciatura Intercultural Indígena da UFSC e que contam já com uma importante experiência no contexto da tradução intercultural.

4. Estabelecer um roteiro de atividades e uma pauta para o desenvolvimento da pesquisa.

3) Procedimentos e metodologia

Seleção de textos e elaboração de materiais que delimitem o contexto da discussão. Aulas expositivas. Mostra de filmes que exploram a temática da pesquisa, por uma parte, e da mobilidade guarani, por outra. Debates com a participação da equipe de formadores, a equipe de pesquisadores e os estudantes do curso de Licenciatura Intercultural Indígena sobre as traduções possíveis entre diversos modos de conhecimento. Explicações do *tamoĩ* Augusto da Silva, em guarani, sobre os vários assuntos discutidos. Participação dos pesquisadores em reuniões com alguns *tamoĩ* e *jaryida* região.

4) Resumo das atividades desenvolvidas

Dia	Tema desenvolvido
20/10	Chegada. Apresentação. Explicação do projeto
21/10	Modos de conhecimento. Comparação entre o

	modelo científico e as estratégias guarani.
22/10	As diversas linguagens do conhecimento. Definição das questões relevantes ao projeto de pesquisa. Elaboração de um roteiro de pesquisa.
23/10	Definição do roteiro da pesquisa. Reunião para conversa entre jovens e lideranças. Nhemongarai.
24/10	Despedida e volta às aldeias.

5) Descrição das atividades desenvolvidas

Dia 20/10/14

Chegada dos participantes ao longo da manhã. De tarde, após o almoço, iniciamos as atividades com uma conversa entre os distintos membros da equipe, apresentando o projeto, as expectativas e a história de cada um. A cacique da aldeia que nos recebia, Eunice Antunes, abriu a reunião de trabalho dando as boas vindas a todos.

José, coordenador guarani do projeto, fez uma fala em guarani apresentando o trabalho e explicando sua função no projeto. Logo após, pediu para que os pesquisadores se apresentassem e falassem de suas expectativas sobre a pesquisa, de sua formação, seu trabalho, sua aldeia, etc. Um a um, todos se apresentaram em língua guarani.

A equipe *jurua* (Joana, Vinicius e Ana) se apresentou logo depois, explicando suas respectivas funções no projeto. Todos eles enfatizaram a importância da troca e da construção conjunta desta experiência. Por último, o *xeramoĩ* Karai Tataendy fez uma fala em guarani.

Após as apresentações, Joana explica o que é o IPHAN, como trabalha e em que consiste, a grandes rasgos, o seu projeto de valorização das culturas tradicionais. Ela fala sobre o projeto “Inventário Nacional de Referências Culturais do povo Guarani Mbyá”, contextualizando a relação entre o IPHAN e os Guaranis a partir de um primeiro

Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) realizado por pesquisadores não-indígenas nas aldeias do Rio Grande do Sul e possibilidade de a patrimonialização das *Tava* (ruínas guarani/antigas reduções, Missões de São Miguel) gerada nesse processo. Joana explica que nesta época o IPHAN, com intenção de expandir o trabalho, em uma conversa como CTI (Centro de Trabalho Indigenista) e alguns guarani, conclui que seria mais interessante se os pesquisadores fossem os próprios guarani. Foi então que o CTI entrou em contato com Joana, dada a sua experiência na formação de pesquisadores indígenas junto aos Waiãpi.

Foi formado, então, um grupo com jovens de cinco aldeias de São Paulo, pensando em responder às demandas do IPHAN, mas também com o objetivo interno de promover a escuta dos mais velhos por parte dos jovens. O tema escolhido para a pesquisa, no contexto de São Paulo, foi o *Xondaro*. Joana conta aos pesquisadores do atual projeto que alguns jovens daquele projeto nunca tinham dançado *xondaro* ou o conheciam pouco. Pedro Vicente, um conhecido *xondaro ruvixa* (aquele que possui o conhecimento necessário para ensinar aos mais jovens a aprender esta dança/luta), acompanhava o grupo, incentivando a prática do *xondaro* constantemente. No começo, Joana lembra que os jovens tinham vergonha, mas que foram se apropriando do *xondaro*, aos poucos, durante o projeto. Sendo assim, mais do que o produto final, o melhor do projeto foi o processo de cada um.

A partir do caso da pesquisa em São Paulo, Joana explica que o projeto (a pesquisa) que a equipe se propõe realizar, tem dois caminhos: por um lado está aquilo que os pesquisadores querem aprender e, por outro, aquilo que querem mostrar para fora. Tal projeto, por sua vez, tem importância política na medida em que potencializa e auxilia os jovens na criação de seus discursos. O trabalho é dos pesquisadores, então são eles que vão dar o tom. As oficinas serão os momentos em que os *jurua* (não indígenas) vão trazer sua experiência e falar das suas estratégias de trabalho; mas haverá ao longo de todo o projeto outros momentos nos quais os pesquisadores vão se relacionar com o conhecimento e as histórias sobre as quais querem pesquisar, da maneira guarani, conversando com *xeramoï* (avôs, mais velhos, conhecedores), aprendendo com eles os modos corretos de perguntar e de ouvir. As oficinas não vão ensinar nada sobre o *mbyareko* (costume guarani), pois são unicamente ferramentas para poder se comunicar com o mundo dos brancos.

Eunicetoma a palavra. Conta que este projeto foi apresentado durante a reunião da Comissão Guarani Yvy Rupa. Ela diz que gostou muito do projeto por estar dirigido aos jovens, e afirmou que a maior preocupação da comunidade é com *onhandereko* (frequentemente traduzido como “nossa cultura”). Disse que percebem que a tecnologia entrou na aldeia e que os jovens se apropriaram dela, principalmente por meio das redes sociais. A preocupação que ela tem, conta, é se o jovem está usando a tecnologia para enfraquecer ou para fortalecer a cultura. Ela acha importante a pesquisa, pois é um instrumento de fortalecimento guarani. “Não tem como impedir a tecnologia”, afirma e nota que nas redes sociais não há diferença entre Guarani e Juruá. Lembra a todos os presentes que eles, na sua comunidade, estão enfrentando questões judiciais sobre a terra e que a sociedade envolvente diz que não existiam ou existem Guarani no Sul do Brasil. Ela pede para os jovens se darem conta de que tudo aquilo sobre o que o *xeramoĩ* fala, foi vivido por ele de fato, que ele “aprendeu o *nhandereko* na prática”, e pergunta se hoje, as crianças vão ter a oportunidade de aprender isso. O que o *xeramoĩ* fala sobre a vida dele, os jovens vão só contar isso como uma história? De que forma vai cada um deles usar a tecnologia para mostrar que a guarani é uma cultura diferente da cultura do branco?

José, o coordenador, faz também uma fala em guarani. Ele diz, em português, que os jovens são os futuros líderes de suas comunidades. Assim como Eunice, ele nota que a tecnologia está muito presente hoje nas aldeias. Conta que em 2000 ninguém tinha celular, e que ele foi o primeiro de sua aldeia a ter um. Os jovens aprendem rápido a usar a tecnologia. Ele explica que este Projeto é para se defender do branco e defender a aldeia, e que tem esperança de que o Projeto seja usado nesse sentido.

Um pesquisador fala em guarani. Ele fala sobre a importância de fazer um trabalho no sentido de aprender lidar com os conhecimentos dos brancos.

Ana fala que o *Nhandereko*, o *mbyareko*, pode dar conta da luta. Esclarece que ela está ali para passar um pouco das ferramentas dos brancos para poderem se defender e que isso é necessário hoje porque os brancos chegaram perto demais das aldeias.

José fala que além de fazer o projeto atendendo as demandas do IPHAN, também deseja que se faça esse fortalecimento da cultura, essa formação de lideranças e que o Guarani faz assim, usando uma oportunidade para poder fazer outras coisas que lhe interessem, mas que não vão fugir do foco.

Vinicius pergunta se houve conversa desde o primeiro encontro sobre o projeto ou sobre o tema escolhido. José traduz para os outros. Alguns pesquisadores falam em guarani e o *xeramoĩ* também. Depois ele fala em português sobre a importância do conhecimento das ervas medicinais.

José traduz a fala dos pesquisadores. Diz que ainda não sabem bem do Projeto, que ficou meio no ar, inclusive para eles que são lideranças e estudantes universitários. O pesquisador Elson disse que conversou com o Cacique de sua aldeia e que ele se interessou principalmente em fazer um projeto sobre a medicina tradicional. Outro pesquisador conta que conversou com seu pai, mas que ainda não aprofundou e que no decorrer do trabalho vai se desenvolver o tema.

Joana apresenta o planejamento feito para a semana do curso.

Eunice pede a palavra e fala sobre o projeto de Inclusão Digital que vai poder se somar ao projeto do IPHAN. Explica que haverá uma formação técnica, em audiovisual. Diz que quinta e sexta haverá a programação da aldeia, que acontecerá a troca de sementes. Na sexta vai ter *Nhemongarai* de sementes. Quinta formarão dois grupos: as mulheres vão conversar com algumas *jaryi* (anciãs) sobre o *kunhareko* (costume, jeito das mulheres) e os homens vão conversar sobre problemáticas de hoje, como o uso da tecnologia e sobre a bebida nas aldeias. Quinta eles querem concentrar todo mundo – os pesquisadores do IPHAN, os jovens do projeto de Inclusão Digital e os mais velhos, assim como algumas lideranças. Já na sexta cada grupo poderá trabalhar no seu projeto de manhã e a tarde se preparar para o *Nhemongarai*.

Joana diz que o importante mesmo é aproveitar estas oportunidades de reunir pessoas para fazer várias atividades. O grupo diz que está de acordo com a programação.

Passam a palavra para os pesquisadores que chegaram do Paraná. Um deles explica que alguns jovens que tinham se proposto em um primeiro momento, não quiseram participar por motivos pessoais, mas que veio outro participante em seu lugar. Conversamos sobre a possibilidade de incluir esse novo membro na equipe, e Ana esclarece que essa é uma decisão deles, das comunidades e das suas respectivas lideranças. José fala que o jovem que veio pode participar, uma vez que se disponibilizou. Diz também que podem tentar entrar em contato com um jovem de outra aldeia de Santa Catarina que não pôde ir no primeiro encontro mas que manifestou

interesse. Ana diz que precisam passar a situação para o IPHAN, já que se trata de um projeto que inclui os estados de Santa Catarina e Paraná (aldeias do litoral). Joana dá a ideia de fazer o próximo encontro no Paraná, como forma de articular mais com as aldeias da região.

Eunice diz que vai haver abertura do encontro na Opy após o fim da presente reunião. Fala sobre os espaços em que acontecerão as diversas atividades.

Outros dois pesquisadores, que chegaram atrasados, se apresentam em guarani, um do Morro dos Cavalos e outro do Paraná. José conversa com o jovem do Paraná em guarani.

Seguem todos para a opy para fazer a abertura com cantos e falas.

Dia 21/10/14

Joana apresenta a programação do dia. A ideia é pensar o que é a pesquisa, notando que a pesquisa pode ser uma forma de se apropriar de um diálogo com os não indígenas.

Joana pergunta aos membros da equipe se alguém já fez pesquisa. Gennis diz que trabalhou com pesquisa na universidade (ela faz licenciatura em Trabalho Social).

Joana pergunta se eles acham que é possível fazer uma pesquisa de um jeito guarani e José explica a questão de Joana em guarani. Aladio diz que não fez pesquisa, mas que dá pra ter uma ideia do que é. Joana lhe pergunta se ele acha que é uma coisa que vem dos Jurua. Ela explica que a gente pode entender a pesquisa como um modo de conhecimento, e que ela está ligada ao conhecimento científico. Esclarece que é importante ver que esse conhecimento é uma das formas de conhecimento possíveis. Ele tem uma história, pois a ciência não existiu sempre entre os *jurua*. O conhecimento científico tem uma história e regras para poder ser produzido.

Joana pergunta qual é a ideia que eles têm do conhecimento científico, mas ninguém responde. Ela esclarece que faz muitas perguntas quando fala, mas que não é preciso forçar nada. Ela propõe a leitura de um texto, simples, sobre essa questão. Explica que foi feito para os Waiaipi, que não dominam tanto o português como os Guarani. José propõe que cada um leia o texto individualmente, e depois todos comentam.

Leitura do texto: **Ciência** (em anexo).

Aladio lê a primeira parte do texto e, depois, conversamos sobre as principais ideias expostas nele para caracterizar o conhecimento científico. Joana explica que o conhecimento científico divide os conhecimentos em áreas e que cada área tem os seus especialistas. Dá um exemplo de antropólogos, ou de gente que trabalha com imagem. O conhecimento científico separa. Cada vez a gente se torna mais especialista. Uma marca importante do conhecimento científico é a super-especialização.

Joana pergunta se tem um lugar certo para aprender o conhecimento científico, e Nilton responde que para aprender, é a escola que é o lugar do conhecimento científico. Joana acrescenta que dentro da universidade é o lugar onde esse conhecimento vai ser produzido. É lá que ele se desenvolve, caminha.

Continuamos comentando o texto, e Joana foca no assunto de que o conhecimento científico tem uma história. Uma coisa que marca esse tipo de conhecimento é a forma e o jeito de produzi-lo. Duas coisas são muito importantes para o surgimento da ciência moderna: a observação e a experimentação. Joana explica que provavelmente o caso mais importante do conhecimento científico, foi a possibilidade de repetir um fenômeno para mostrar que esse fenômeno existia e, como exemplo, explica um experimento de Galileu. A questão crucial é, aqui, a objetividade, pois não é só uma pessoa que está experimentando. Não pode ter opinião. Tem que se falar daquilo que está no mundo, e não de opiniões pessoais. A importância de Galileu foi a de demonstrar estas coisas. Nilton enfatiza a importância da possibilidade de repetir tudo o que há. Joana continua falando sobre a publicação da pesquisa, na qual é importante mostrar a metodologia, pois outra pessoa pode querer repetir, para ver se aquilo que o primeiro falou se cumpre se se seguirem os mesmos passos. Ela então coloca a seguinte questão: O que significa falar que o conhecimento científico é universal?

Nilton responde que isso quer dizer que se pesquisam muitas coisas diferentes, e Gabriel acrescenta que a pesquisa científica serve em qualquer lugar do mundo. Então Joana conta que “Uni” é de um, é o principal conhecimento. Deste modo, se dizendo universal, o conhecimento científico pretende servir para qualquer lugar e ser o principal conhecimento. Ela pergunta aos pesquisadores o que acham disso.

Gabriel está de acordo, mas Eunice diz que não concorda, porque cada povo, cada religião tem um conhecimento científico. A universidade transforma o conhecimento de

todas essas pessoas em algo como se fosse da universidade. Por exemplo, na universidade tem varias etnias falando sobre agricultura, mas o discurso generalizado diz “os povos indígenas de Santa Catarina tem esse conhecimento”.

Jose explica que quando diz que não concorda, é porque depende muito de cada área de conhecimento. Tem alguns que podem ser universais. Mas os trabalhos de antropólogos e arqueólogos se afirmam e não querem ser questionados. Conta que na universidade eles questionaram a ideia da aculturação. Os professores disseram que não poderia ser questionada porque esse é um argumento que já está escrito e publicado, então, isso vale como ciência. É a respeito disso que ele não concorda, dessa ideia de que a maioria das vezes o que vale mais é o que está escrito. Então ele coloca o exemplo das várias denominações e sub-divisões usadas pelos antropólogos para classificar aos Guarani (Mbya, Xiripá, Nhandeva, etc).

Joana diz que também não concorda. Ela argumenta que o que é importante perceber é que é um discurso político, fazendo os outros conhecimentos aparecerem como menores. Aceitar essa proposta da ciência universal é dizer que é o único modo de conhecimento que funciona. É uma maneira de controle político. Por isso que trouxemos essa proposta, para podermos começar a pensar em como se apropriar disso e transformar isso em um instrumento de luta para os Guarani. O mesmo acontece com as tecnologias, e com se perguntar como os jovens guarani podem transformar e usar isso. E com a pesquisa também.

José diz que quando se fala que é universal, a universidade já foi feita com uma ideia. Explica que quando os indígenas entram na faculdade, ela já se diz Curso Superior. No entanto, para o Guarani não existe superior. As pessoas que estudam não são melhores do que os outros, não são superiores. Eles estão adquirindo mais conhecimento dos *Jurua*, mas não dos Guarani. Eles compartilham, repassam para os jovens, mas não são melhores que eles, e nem eles melhores que aqueles que estudam. Os estudantes universitários estão ali, e falam mais, porque estão mais acostumados a falar, enquanto que os jovens têm vergonha. Então, isso que estamos fazendo, esclarece José, é pra incentivar mais a fala dos jovens. Todo mundo aprende e levam esse conhecimento para a vida toda.

Ana fala um pouco sobre o lugar da pergunta na pesquisa científica, sobre o modo em que ela já implica o caminho a se seguir e os modos possíveis de abordar o conhecimento e de escolher os caminhos para o pensamento.

Marcos (aluno da Licenciatura Intercultural Indígena) fala em guarani e diz que ninguém acredita nos guarani porque eles não têm papel. Depois, o *xeramoĩ* Augusto fala sobre esses assuntos em guarani.

Eunice fala sobre o que, no seu entender, é científico e o que é conhecimento. Ela explica que os Guarani têm isso mais ligado ao sentimento, e coloca o exemplo do *mbaraka mirim*. Diz que se ela for pesquisar sobre *Yvyju mirim* (a terra imperecível onde moram algumas divindades), ela não pode tirar fotos. Se pergunta, então, como dizer que existe esse lugar para o povo Jurua, para que eles aceitem como verdade. “Isso é uma coisa que nós temos dentro do sentimento nosso”, explica. Uma vez que a ciência não tem o conhecimento de Nhanderu, não está interessada nisso, como comprovar para a ciência que existe isso? O *jurua*, argumenta, considera isso como um mito e uma lenda, é uma história que é contada e acredita quem quiser. Mas os Guarani podem colocar isso no papel escrito, pois todo guarani sabe que caminho vai seguir para falar disso, dentro do coração, dentro do sentimento como vai colocar no papel. Ela conta que quando fez a pesquisa teve muita dificuldade, porque não sabia mesmo como colocar no papel. Ela entendia, mas não conseguia colocar no papel, porque era só escrita. Foi então que um senhor guarani lhe deu a ideia de fazer um desenho sobre como eles, os jovens, entendem a espiritualidade. Na escola, ela e seus alunos fizeram desenhos de como cada um imaginava *Yvyju mirim*. No final, quase todo mundo tinha feito igual. Tem dois conhecimentos, um da cabeça, que se pode comprovar, e outro do sentimento: “como você vai colocar isso no papel?”, pergunta Eunice.

Eunice continua: o bom da universidade é que desafia você, a ser um Leonardo da Vinci. Temos duas formas de mostrar esse conhecimento, como mostrar na prática e como passar esse sentimento para o papel. Eu entendo quando a ciência diz que é uma verdade, porque nós guarani também temos a nossa ciência. Para o povo guarani tem a ciência que explica como surgiu o mundo, como o criou Nhanderu e quem foram seus auxiliares. O que falta é colocar no papel.

Eunice continua a sua fala dizendo que os Guarani têm a dificuldade de fazer as pesquisas na universidade, mas que todos eles, todos os que estão no encontro, têm essa capacidade, que cada um dos pesquisadores que estão aí tem esse conhecimento. E se eles forem pesquisar os mais velhos, vão aprender mais ainda sobre como colocar no papel. “A nossa vantagem é que temos esse conhecimento, essas ferramentas para saber como vamos colocar no papel”.

Joana diz que como a ciência tem essa história e essa forma de produzir esse conhecimento, quando a gente fala em “ciência” para se referir a outros modos de conhecimento, a gente pode os enfraquecer. É por isso que ela prefere falar que os Waiapi têm seu conhecimento, e deixar o termo ciência para falar dos *Jurua*. Argumenta que é necessário ter cuidado com as palavras que a gente usa, para poder transmitir a própria ideia de uma forma forte. “Talvez a luta seja mostrar para o Jurua que existem outras formas de conhecimento, e que não precisam passar pela ciência, ser aceitas por ela”. Ela conta que viajava com uma família Waiapi, e que sempre leva as suas coisas, seus remédios. Um dia um jovem ficou com muita febre. Ela tinha dipirona, e pediram que lhe desse. Depois de uma hora foi medir a febre dele, e estava igual. Ficou preocupada com isso e não quis dar mais, porque não tem esse conhecimento sobre a medicina. A noite um pajé foi lá com o *mbaraka* e fez *peju*(soprou tabaco). O menino melhorou. Depois lhe explicaram que o menino tinha tirado mel e lavou a mão do mel na água. O espírito da água tinha cheirado e visto ele, e tinha levado a sua alma pro fundo da água. Foi então que ela entendeu que o seu conhecimento científico não valia ali. Então, alguns jovens pesquisadores disseram que aquilo era uma forma de mostrar que o conhecimento waiapi também funciona.

Joana explica que cada sistema de conhecimento, cada forma de conhecimento tem seu jeito de provar e de mostrar que aquela forma também é verdade. Nem tudo precisa entrar dentro da ciência para ter valor. Esse jeito de conhecer também tem a sua prova e a sua verdade. Ela diz que ficou contente, porque só de falar no conhecimento científico os Guarani do grupo falaram muito dessa forma de conhecer dos Guarani, desse conhecimento que está no peito.

Continuamos com a leitura de outro texto: Leitura do texto: **Todos os Waiapi têm a mesma origem?** (em anexo)

Joana pergunta aos pesquisadores qual seria a principal diferença entre o conhecimento científico e o conhecimento Waiapi. Como ninguém responde, ela explica que o conhecimento científico quer um conhecimento homogêneo enquanto que o conhecimento Waiapi valoriza que cada um tem o seu conhecimento. Baseados nestas diferenças, eles trocam entre si os diferentes conhecimentos, valorizando justamente a diferença.

José, então, fala dos diferentes sotaques dentro de cada grupo. Diz que eles, Guarani, achavam que só entre eles existia essa questão, e que achou muito interessante ver que outros povos também lidam com a mesma questão.

Joana chama a atenção para o fato de que o texto foi escrito pelos pesquisadores wajãpi que estavam incomodados porque os brancos não viam as diferenças. Como os *jurua* acham que só tem um conhecimento, não conseguem ver essas diferenças, e por isso é importante que os pesquisadores indígenas falem dessas questões.

Marcos conta que, enquanto professores, eles fazem esse trabalho de forma que possam colocar o seu conhecimento na escrita. O texto traz um exemplo de que realmente está na hora de colocar o seu conhecimento. Ele argumenta que entre os *jurua*, para ser verdadeiro, tem que apresentar na forma da escrita. Entre eles, Guarani, se forem sentar e contar a história, vão acreditar, porque para eles o que vale é a palavra. Mas para os não índios o que vale é a escrita. É por isso que diz estar colocando essa questão aos pesquisadores, estar falando da importância, hoje em dia, de ter no papel o conhecimento dos mais velhos, a sabedoria deles, ao que se acrescenta o fato de serem poucos os velhinhos que ainda estão vivos. Os mais velhos são a verdadeira biblioteca viva dos Guarani, explica. O exemplo que traz esse texto (dos Wajãpi), é que colocaram a história deles. Qualquer um vai ler e vai saber. Como surgiu o mundo para eles, como é a vida dentro da aldeia. É diferente de outra sociedade, que faz que todo mundo acredite no mesmo conhecimento, tendo a mesma ideologia daquele conhecimento científico. Ele afirma que está só colocando um pouco como vê a relação entre o estudo científico e o conhecimento guarani. É importante colocar a sua história na escrita, hoje. Tudo o que temos aqui agora (no curso) é uma ferramenta para poder estar fortalecendo a cultura, o conhecimento e a oportunidade de pensar nas formas em que tem que ser usadas as tecnologias. Para esse tipo de coisas, para essas pesquisas e esse registro e valorização do conhecimento dos mais velhos, segundo Marcos, é que eles têm que usar a tecnologia.

Jose diz que o projeto vai incentivar os próprios pesquisadores, que os próprios Guarani vão pesquisar. E ai vai chegar mais próximo do conhecimento guarani enquanto registrado. É fato que hoje em dia tem muitos trabalhos feitos. Sendo só os velhos os que passam o conhecimento, que têm o conhecimento e podem passa-lo, há que se avaliar os modos em que os *jurua* estão passando esses conhecimentos, pois muitas vezes os velhos ficam cansados de estar sempre conversando com os *jurua*,

tendo que explicar muitas coisas. Os pesquisadores chegam e fazem muitas perguntas, e os velhinhos ficam cansados. Então, respondem do jeito que pensaram na hora, só pra se livrar do *jurua*. Aí o *jurua* coloca no papel e acha que isso já vale. Ele ilustra este problema contando que ouviu um pesquisador *jurua* ler um texto sobre a pintura corporal. O pesquisador foi falando e chegou no momento em que falou que tal pintura também serve para se proteger do revólver de um *jurua*, impedindo que dispare. Então, Jose diz que pensou que o Guarani deve ter falado isso só pra se livrar do *jurua*. Ele explica que foi isso que o *xeramoĩ* Augusto falou quando disse que a cultura tem a sua estratégia, por isso que resistiu, mas a partir do momento em que os *jurua* souberem tudo, a cultura vai acabar. Os Guarani tem a estratégia, e o próprio Nhanderu não deixa o *jurua* reproduzir o seu conhecimento no papel.

Joana comenta a importância da fala de Jose, e reafirma que não é para todo mundo que o papel é importante. Ela conta que os mais velhos sempre falavam para os Wajãpi jovens que eles não estavam aprendendo de verdade, que escrever sobre as festas não é saber fazê-las. Dado que é impossível colocar todo o conhecimento de um povo no papel, a questão é o que os Guarani vão colocar no papel, como pesquisadores, para fortalecer a sua luta. O pesquisador é o que fica andando no meio dos vários modos de conhecer, e tem que fazer a escolha.

Marcos diz que os velhinhos são os verdadeiros *google*. Ele fala sobre a sua própria experiência como pesquisador da Licenciatura Intercultural Indígena, sobre como fez a sua pesquisa. Na época, a sua primeira pesquisa foi sobre danças tradicionais guarani. Marcos conta que na primeira conversa com o *xeramoĩ*, ele não falou nada, ficou quieto. No outro dia foi lá de novo, e aconteceu a mesma coisa. No terceiro momento quando foi, o *xeramoĩ* lhe disse: “Então pega o *petygua*(cachimbo) e fuma”. Ele pegou o *petygae* fumou. Então, conta Marcos, começou a vir aquela emoção de querer saber mesmo da dança, e ele falou pro *xeramoĩ*. No momento Marcos sentia aquela emoção de falar, de chorar e aí o *xeramoĩ* disse: “eu vou te ajudar sim, mas eu quero que você chame todas as crianças da sua escola, e eu quero que vocês dancem”. Então, Marcos fez um projeto, um planejamento de aula, e reuniram todos os professores e toda a turma da escola, e outras pessoas da aldeia. Foi nesse momento, em vez de chegar lá e perguntar sozinho, que teve que envolver muitas crianças da aldeia para poder realizar a pesquisa. Ao mesmo tempo em que estava dando esse conhecimento para ele, o *xeramoĩ* estava dando para mais crianças da aldeia. Marcos diz

que tanto ele como outras pessoas começaram a conhecer. Iam dentro da casa de reza, e era uma alegria, um prazer de estar convivendo naquele momento. Aquele legado de conhecimento serviu para toda a comunidade. Marcos conseguiu aprender e a o mesmo tempo revitalizar mais. Então, aos pesquisadores que vem, ele aconselha que pensem bem de que jeito vão pesquisar. Se é para eles, ou se eles vão envolver toda a comunidade, as crianças. Segundo ele, aqueles que são pesquisadores não estão pesquisando só para si mesmos. A comunidade precisa dessas pessoas para fazer a frente, levar a nova geração para aprender esse conhecimento. Hoje ele tem essa pesquisa escrita, os desenhos, a filmagem. Todo mundo na comunidade acabou conhecendo. Isso, diz Marcos, é para os pesquisadores pensarem de que forma poderão ajudar ao mesmo tempo as suas comunidades.

Leitura do texto: **O sonho das origens**, de Davi Kopenawa (em anexo).

Após leitura (individual e coletiva), Ana pergunta quais foram as partes que eles gostaram, sendo destacadas as seguintes: a imagem dos espíritos xapiripë; a frase “o pensamento dos brancos é cheio de esquecimento”. Ana aponta que os *xeramoï* sempre falam da importância de lembrar dos *nhanderukuery* e da dificuldade dos brancos em lidar com um conhecimento que eles não possuem e por isso não podem lembrar ou ver – o lembrar aparecendo como um modo de conhecer.

Outra parte do texto destacada pelos jovens pesquisadores é que “os xapiripë sempre brotam de novo”. Ana lembra de uma situação em que um *xeramoï* lhe mostrou uma madeira da casa de reza que estava brotando, chamando a sua atenção para a capacidade de rebrotar da natureza.

Eunice fala um pouco sobre a dificuldade de explicar essas concepções aos brancos e lembra de uma situação que havia vivenciado: na licenciatura um professor pediu para que os alunos traduzissem um trecho do livro “*Ayvu rapyta*”, o qual contém uma série de falas em uma linguagem sagrada, usada na *opy*; ela e os demais professores guarani explicaram que não era possível traduzir essas palavras, pois só era possível entendê-las aqueles que as sentiam, assim não podiam explicá-las. Essas falas remetem a uma espiritualidade que não pode ser posta no papel e mesmo sem o registro dessas palavras elas brotam continuamente dentro das pessoas.

Outro ponto do texto ressaltado foi “os animais de hoje eram gente”, um dos pesquisadores achou bonito esse trecho, pois o fez pensar na importância de respeitar os animais e outros seres. Esse mote fez o xeramõi Augusto fazer uma fala em guarani.

José chamou a atenção para outro trecho do texto: “tem nomes de animais, mas são seres invisíveis que nunca morrem”. Comparou essa fala com o fato dos Guarani pensarem que as pedras, por exemplo, tem alma, tem vida, enquanto que para os Jurua a pedra é morta. Os Jurua não entendem, não tem essa capacidade de ver tal qual os Yanomami e os Guarani, e completa: “Eu vi no noticiário que em São Paulo está acabando a água, e dizem que é economizar, será que economizar resolve? Os brancos não pensam no que fazem, eles derrubaram as matas, agora só economizar não vai adiantar se continuam derrubando”.

Gennis disse que achou interessante o fato de que as crianças yanomami não vem os espíritos, mas os conhecem por meio das palavras do xamã e ficam com vontade de vê-los. Ana chamou atenção para a importância do uso do yankuã (rapé de uma árvore) na capacidade de ver e conhecer esses espíritos, que o aprendizado é demorado e exige envolvimento e interesse. Gennis comenta que é como na opy, onde eles se comunicam com os nhanderukuery por meio das danças e dos cantos. Por fim o xeramõi Augusto fez mais uma fala.

Propomos assistir um filme: **O Arpão e o Anzol**

Joana pergunta aos pesquisadores o que acharam do filme. Norberto diz que achou interessante que a pescaria é diferente da que eles conhecem. Joana pergunta o que esse filme tem a ver com a nossa discussão? E Nilton diz que o filme mostra que eles, os pescadores, também têm a cultura deles.

Joana diz que é um conhecimento que passa muito pelo corpo, pois a técnica de jogar os anzóis é muito perigosa. Gennis, então, chama a atenção para o fato de ser um conhecimento passado de pai para filho, e Joana complementa dizendo que as crianças, desde pequenas, devem acompanhar. Por sua vez, os pescadores têm que desenvolver uma mão grossa para segurar a linha, é por isso que diz que é um conhecimento que passa pelo corpo, e que não adianta prescindir disso.

Lucas acrescenta que há uma relação de respeito com o peixe e Joana complementa dizendo que é o peixe que se entrega. Por isto, é também um conhecimento que exige uma integração muito grande com aquele lugar. O que o filme

mostra, explica Joana, é que outras formas de conhecimento também têm muita especialização, exigindo um desenvolvimento e um interesse muito grande desses pescadores.

Gennis observa que o modo de viver deles é muito interessante, mas diz que não se acostumaria a viver assim, encima do mar. No entanto, eles não vivem tristes, porque já se acostumaram a viver ali. Joana comenta então a fala de Gennis dizendo que quando a gente olha de fora, a gente acha que deve ser difícil viver assim, mas as pessoas conseguiram um modo de viver bem ali. Existem muitas formas de viver e as pessoas desenvolvem um conhecimento que permite viver bem em cada lugar. Gennis fala do caso dos jovens do Xingu, que ela conheceu na faculdade, e que se adaptam à cidade, e depois quando voltam para a aldeia já não conseguem se acostumar mais.

Joana propõe uma atividade em grupo, uma reflexão sobre o que pode ser feito pela pesquisa, e sobre como transitar entre dois tipos diferentes de conhecimento, seus modos de aprender por meio da pesquisa. Como caminhar entre dois mundos e o que se pode construir de novo para dar conta disso. Pede que tentem descrever as coisas importantes para aprender dentro do conhecimento guarani, explicando como equal é a forma certa de aprender.

Eles apresentaram os seguintes pontos:

Grupo 1:

A melhor forma de aprender a fazer pesquisa, primeiramente é conversar com os sábios das aldeias; más para fazer isso, teriam que fazer perguntas dentro da opy, pois esse espaço é o lugar mais adequado para fazer com que os xeramoï falem. Assim, podemos conseguir saber um pouco da história da mobilidade guarani, porquê essa é a forma mais fácil de fazer pesquisa, do jeito guarani.

Perguntar sobre a mobilidade guarani, como que os mais velhos vêem isso, o que eles acham sobre isso, como e por que acontece isso, se isso é o nhandereko mesmo ou não, qual é objetivo de fazer caminhada, ou seja, para que e para onde.

Transitar dentro dos conhecimentos dos não índios e, também, pesquisar os trabalhos feitos pelos antropólogos sobre os Guaranis, para poder comparar e aprender a fazer pesquisas. Isso vai ajudar muito os trabalhos que agente está pretendendo fazer.

Grupo 2:

Se aprende através de três formas: oralidade (sentar na *opy*, conversar com os mais velhos, ouvir os aconselhamentos); prática (acompanhar os mais velhos e fazer junto com eles armadilha, remédio, cesto etc.); imitação (quando a criança ouve ou vê alguém fazendo algo, ela tenta imitar. Por exemplo: se a criança vê alguém tocando violão, ela vai ter vontade de tocar e vai tentar imitar).

Grupo 3:

Existem várias formas de aprender. A experiência, que é passada de geração a geração. Observação e a convivência entre pais e filhos, netos e avós, por exemplo a filha aprende a fazer *ajaka*(cestaria) olhando, observando a mãe. O costume, a tradição. A oralidade e a prática, ouvindo e fazendo se aprende. Também pela escrita e tecnologia, usando esses instrumentos para mostrar aos não-índios a nossa cultura.

Após as apresentações foram feitos alguns comentários gerais.

Eunice disse que o mais importante é o conhecimento falado pelos *xeramoĩ*, que falam para toda a comunidade. É o interesse em aprender que faz com que os jovens vão atrás dos mais velhos para aprender na prática. É importante praticar um conhecimento.

Elieser complementa dizendo que com os textos que lemos, e o que os grupos apresentaram, ele percebeu que os outros índios são parecidos com os Guarani em sua maneira de aprender e ver. Os Guarani não têm a necessidade de dar sentido a tudo que acontece, eles só precisam respeitar os outros e a natureza. Os Guarani aprendem com a natureza, não é só com os velhos. Elieser disse que tem pensado muito como a tecnologia pode auxiliar no fortalecimento de sua cultura e de sua língua. É importante levar esse trabalho a sério, não adianta só dizer que vai registrar a fala dos mais velhos, é preciso aprender de verdade.

Joana encerra o dia frisando a importância de se estar atento a essas múltiplas formas de conhecer, para conseguir respeitá-las e transitar entre elas, compondo novos caminhos nesse processo de pesquisa.

22/10/14

Vinicius abordou questões relativas a linguagens e as formas de expressão dos saberes, e como é importante pensar sobre essa questão para ver o que vai ser colocado em cada tipo de linguagem, apontando o caráter autoral do trabalho do pesquisador.

Cada forma de linguagem possui suas limitações. Vinicius lembrou da fala da Eunice no dia anterior que apontava a dificuldade de escrever sobre *yvy ju* (terra sem mal), mas que ela e seus alunos conseguiram se expressar quando fizeram desenhos. Há certos conteúdos que fluem mais fácil em certas linguagens: certas coisas são melhor expressas por escrito, outras por imagens.

Vinicius apresenta algumas poesias (heikie) e mostra como a linguagem escrita pode ter diferentes formas e pode ser poderosa para criar imagens mentais:

Outono

As folhas caem

De sono

No espelho d'agua

Oculto sua face, tímida

A lua nublada

Vinicius conduz uma conversa sobre os dois poemas, e aponta como seria difícil exprimir a sonolência da folha ou a timidez da lua apenas com imagem.

Poesia

Gastei uma hora pensando um verso que a pena não quer escrever

No entanto ele está cá dentro, inquieto, vivo

Ele está cá dentro e não quer sair

Mas a poesia desse momento inunda minha vida inteira

Após breve conversa sobre esse poema, destaca-se a dificuldade de expressar ideias e sentimentos, que muitas vezes são claros a pessoa, mas difíceis de serem colocados para fora de maneira inteligível.

Também há certas ideias e sentimentos que são melhor expressos via imagem, Vinicius então apresenta o filme “Baraka” como exemplo de como apenas imagens podem transmitir mensagens de forma forte.

Foram assistidos alguns trechos do filme, e durante as pausas foram feitas pequenas discussões sobre o que eles entediam-sentiam. Os principais comentários foram: é possível imaginar muitas coisas sobre as imagens do macaco e das montanhas (a imagem aberta a muitas interpretações); mesmo não sabendo de onde são as imagens, é possível perceber como diferentes povos se conectam com uma espiritualidade; como diferentes culturas se expressam; o poder da imagem para fornecer muitas informações condensadas e detalhes; rima visual (a conexão entre imagens diferentes por meio de formas semelhantes); a alteração da velocidade para transmitir a sensação de aceleração da vida, stress, robotização das pessoas; as pessoas na cidade ficam presas, há muita gente; paralelismo entre imagens distintas como um recurso para criar sentido por meio da comparação.

Vinicius apresentou o próximo filme que seria passado – “Desterro”. Esse filme juntava a discussão sobre pesquisa do dia anterior com a questão das formas de expressão. O filme mostrava a pesquisa de um guarani, Ariel Ortega, sobre a questão da mobilidade e das terras indígenas.

Após filme xeramoã Augusto se motivou a falar e fez uma longa fala em guarani sobre o tema do filme.

Vinicius puxou uma conversa sobre o filme e os jovens pesquisadores comentaram que gostaram muito por ser um olhar de dentro da cultura guarani, eles estavam acostumados a ver os filmes dos brancos e era muito bom ver um filme/pesquisa feito por um guarani. Chama-se a atenção para o fato do filme começar com algumas perguntas: “Será que os brancos ao verem essa placa [“Aldeia Guarani”] sabem que nós sempre estivemos por aqui?” // “Porque nós quase não temos terra, se antes nós andávamos por quase todo esse território antes dos brancos chegarem?”. Abordamos como as perguntas (questões), norteiam e motivam uma pesquisa, a

realização de um documentário, sendo algo necessário para começar, ainda que elas se modifiquem ao longo do processo.

Ana comenta: Ainda que os Guarani saibam a resposta para as perguntas feitas por Ariel, elas ainda estão em aberto. É preciso responder para os brancos, para que o Estado entenda e respeite os Guarani. Os pesquisadores terão o desafio de usar os instrumentos do *jurua* (papel, filme, a tecnologia em geral) para elaborar um contra argumento que ajude na luta pelas terras e pelo respeito ao *nhandereko*.

Marcos (professor guarani de Morro dos Cavalos) comenta: A pesquisa pode auxiliar o povo guarani a enfrentar as questões políticas, pois quando feita pelos próprios guarani ela é engajada na luta de seu povo e cheia de sentimento, nós não vamos fazer pesquisa só por fazer. É muito importante também registrarem vídeo a fala dos mais velhos para que elas fiquem guardadas.

José fala: O tema da mobilidade é muito importante para a luta de Morro dos Cavalos e outras aldeias da região. Também poderíamos usar as pesquisas arqueológicas que mostram que havia Guarani por essas terras há mais de 1500 anos.

Após o almoço o xeramõi Augusto pediu para falar mais, e fez uma longa fala em guarani que foi filmada e gravada.

Tendo em vista que alguns dos jovens haviam manifestado interesse em abordar outros assuntos em suas pesquisas, José puxou uma conversa sobre como seria o trabalho e a estratégia de pesquisa. A solução apontada por José e os pesquisadores, é que eles se concentrariam em fazer uma pesquisa sobre mobilidade (*guata porã*) de forma coletiva, mas que cada um podia aproveitar esse contexto para ir atrás de seus interesses e aprofundar outros assuntos que poderiam também ligar-se ao tema central da mobilidade.

José falou um pouco de sua experiência desde jovem como liderança, e de como aprendeu a conversar e explicar aos brancos a cultura guarani, algo que se assemelha muito ao trabalho que os pesquisadores deverão fazer, e da ideia que esses jovens se envolvam com a função de liderança.

Ana pontou que seria importante também conversar com essas jovens lideranças, que elas poderiam ser incorporadas à pesquisa, aproveitando a experiência desses chefes.

Joana então aborda os elementos estruturais que podem compor uma pesquisa, comentando cada item elabora o seguinte esquema conjuntamente com os demais presentes:

O que Compõe uma Pesquisa?

- 1- Ter Questões que vão guiar o processo de pesquisa, uma questão que motiva fazer uma pesquisa.
- 2- Roteiro (plano de como fazer a pesquisa): com quem vai conversar, o que vai perguntar, como vai registrar etc.
- 3- Entrevistas (Conversas): preparar a conversa (combinar, explicar o que é a pesquisa/projeto) e estar atento para o jeito certo de conversar e deixar a o entrevistado a vontade.
- 4- Descrição: observar e escrever em detalhe uma situação. Criar imagens com palavras.
- 5- Registro (formas de guardar informação): anotações, fotografia, desenho, vídeo, escrita, guardar na memória, gravação de áudio...
- 6- Transcrição: passar para a escrita à palavra falada.
- 7- Organizar o material registrado: como se combinam as informações de diferentes pessoas
- 8- Seleção do material registrado: o que vai falar para fora e para dentro.
- 9- Tradução: traduzir um conceito (ideia) de um pensamento (cultura) para outra.
- 10- Análise, síntese (explicação): comparar as diferentes visões e saberes dos mais velhos, o pesquisador explica como e o que ele entende de tudo que ele aprendeu ao longo da pesquisa. Parte autoral que depende do pesquisador.

Esses pontos foram discutidos cuidadosamente, sendo destacado a importância de saber como conversar com os mais velhos, de como se comportar (ter calma, não fazer muitas perguntas, ter *petyngua*, ir várias vezes conversar com a mesma pessoa, explicar antes o trabalho/projeto, pedir para gravar, anotar...), algo que Marcos chamou de “metodologia guarani”.

Na discussão desses pontos também foram buscados exemplos no livro “Xondaro Mbaraete – A força do Xondaro”, feito no contexto do projeto de formação de

pesquisadores guarani no estado de São Paulo. Ao conversarmos sobre a tarefa de tradução, entendida como um processo de elaborar explicações sobre conceitos guarani e não como uma transposição apenas linguística, Joana retomou um exemplo de como os pesquisadores de São Paulo fizeram com o termo *nhe'ë* (mantiveram em guarani e fizeram uma nota explicando esse importante conceito). Lemos também o texto escrito por Kerexu (p.51), no qual ela descreve como uma nova pergunta surge ao final da pesquisa e motiva ela a ir atrás de um novo entendimento, levando ela a elaborar uma desconstrução da ideia de aculturação pela lógica e concepções guarani. Não por acaso ao lerem o texto os jovens disseram ter gostado muito do último parágrafo, no qual ela rebate a ideia de muitos *jurua* de que os guarani teriam perdido sua cultura.

Por fim, Joana chama a atenção a partir do texto de Kerexu, que nem sempre as questões que um pesquisador tem podem ser feitas as pessoas, pois muitas vezes essas questões não fazem sentido para quem as ouve. Algumas questões são apenas para o pesquisador carregar com si, para motivá-lo e não para serem feitas a outros em entrevistas. Joana propõe que a equipe guarani converse entre si e estabeleça algumas dessas questões norteadoras dessa pesquisa sobre mobilidade. Eles produzem o seguinte:

Mobilidade guarani:

Mbya kuery nhemboguata marae'y:

Questões: Nhande yvy rupa. Mamo gui mbya kuery ou?Mba'eretu mbya kuery uguata?Mamorupi uguata mavy jogueru?Marakaty uguata mavyjogueraa?Mava'e e'iarupi uguata?Mba'e oexa iporã va'e a'egui ivai va'e uguataa rupi?

Seu Augusto: os guarani faziam suas caminhadas junto com os xeramõi, que indicavam para onde ir, não caminhavam a toa, eles eram guiados por Nhanderu kuery. Isso seria o *guata porã*, que seria o tema, mas ainda é preciso pensar como traduzir.

24/10/14

Nos reunimos para conversar sobre as perguntas e questões escolhidas para iniciar a pesquisa. José aconselha aos pesquisadores que fiquem atentos aos temas que surgem a partir das perguntas, de modo a poder elaborar outras perguntas a partir das primeiras. Cada uma das perguntas, contém muitas outras!

Joana pede aos pesquisadores para falarem sobre como começar a pesquisa, e orienta que pensem nas pessoas com as quais podem conversar, sugerindo que escolham, em um primeiro momento, pessoas com as quais têm maior proximidade e intimidade.

No primeiro momento, Joana sugere que comecem o trabalho mesmo sem ter os gravadores, que simplesmente se disponibilizem a escutar, do jeito guarani, ou seja, prestando atenção, ouvindo com calma. Aconselha que não escrevam no momento em que a pessoa está falando, para evitar dar a impressão de que não se está prestando atenção. Uma pesquisa não é mais que uma conversa, e cada um dos pesquisadores ali presentes sabe muito bem como conversar com seus *tamoĩ*, com os mais velhos. No entanto, o momento posterior, quando a pessoa chega em casa e senta para escrever sobre aquilo que ouviu, é também um momento muito importante e que requer uma boa concentração.

A seguir, Joana explica como vai ser feito o acompanhamento: trata-se de uma oportunidade para conversar sobre as dificuldades e de uma orientação. Aponta, então, que é importante preparar as pessoas para o momento em que vai se fazer o registro, em que vai se gravar e/ou filmar a conversa.

Vinicius acrescenta que é necessário ainda ter mais um cuidado, pois quando a pessoa está com o equipamento, ela costuma prestar mais atenção ao equipamento, ao registro propriamente dito, do que à conversa. Reforça, mais uma vez, que o mais importante do projeto é que eles aprendam e possam passar para frente.

Então, Jose fala sobre o cuidado que se deve ter na conversa com os mais velhos e afirma que muitas vezes a conversa informal é bem mais produtiva que aquela da pesquisa formal, com registro. É muito importante, reafirma, que os pesquisadores saibam como chegar nos mais velhos.

Xeramoĩ Augusto, então, explica como se deve falar com os mais velhos. Diz que não é qualquer dia e a qualquer hora que eles vão querer falar. Os pesquisadores devem procurá-los em suas casas, e pedir. Para ele, o melhor momento é de tardezinha, ou então, de manhã cedo. O jovem deve pegar uma cuia de *ka'a* (erva-mate), um *petygua* (cachimbo) e oferecer ao *tamoĩ*. Ele explica que é muito importante mesmo prestar atenção, pois deste modo eles não vão “perder” aquilo que ouviram; é por isto que não é bom ficar escrevendo.

Joana retoma e sintetiza a conversa, dizendo que entre este encontro e o acompanhamento, é bom que eles façam a pesquisa do jeito que eles já sabem, do jeito em que eles conversam e escutam normalmente. Vinicius, então, reafirma a importância de escrever, a posteriori, sobre aquilo que entenderam das conversas e Joana complementa falando sobre o tempo próprio do projeto e da pesquisa. Nas conversas as pessoas falam muitas coisas, e há todo um trabalho posterior de organização daquilo que se ouviu de acordo com as perguntas e questões que se possuem.

Seguidamente, Ana fala sobre o modo em que será realizado o acompanhamento e sobre a importância dos trabalhos de transcrição e tradução das falas registradas, acrescentando que haverá todo um trabalho de troca entre eles, e que durante os encontros poderão compartilhar e comparar os materiais. São estes materiais que, no final do projeto, servirão para a composição de um livro.

A conversa se concentra no cronograma de atividades e na escolha de data e local para o próximo encontro de formação. A proposta é que realizemos este encontro em uma aldeia do Paraná, de modo a conhecer melhor a região. Mais uma vez, Joana lembra que este será um momento importante de troca e que é imprescindível que tenham material para trocar entre si. Na sequência, pede aos pesquisadores que lhes digam se tudo ficou claro e lhes pergunta se estão se sentindo capazes de expor e explicar o projeto aos seus parentes. Gennis questiona a respeito do material para a pesquisa. Explicamos que estamos pensando comprar um computador pequeno a cada pesquisador, e um gravador para cada uma das quatro regiões onde se desenvolverá o trabalho. Gennis sugere que compremos também alguns pen-drives.

Como forma de encerramento, Joana pediu a palavra para falar sobre o trabalho dos antropólogos, uma vez que tal assunto tinha vindo a tona em várias ocasiões ao longo do curso. O trabalho que estamos propondo a eles como pesquisadores da própria cultura e o trabalho de pesquisa etnográfica, a pesar de poderem usar recursos similares em alguns momentos, não coincidem e nem se sobrepõem e, por tanto, um não pode substituir ao outro. Ana, por sua vez, fala sobre os diversos territórios em que modos de conhecimento diferentes, como o dos Guarani e dos antropólogos jurua, caminham: a palavra escrita, registrada, marcada, e a palavra falada, que diz respeito antes ao som, à escuta, ao sentir.

Por sua vez, Jose fala da importância de saber como aprender. Ele conta que Nhanderu tem uma estratégia, para trabalhar com os antropólogos (e com os não

indígenas em geral), que consiste em fazer com que, na hora da escrita, as palavras fujam. Ele então reafirma a importância, em qualquer caso, deste tipo de pesquisa que visam a inclusão dos xeramoï, o respeito aos modos de saber dos guarani, ao seu jeito de aprender, e aproveita para fazer uma análise de outras áreas, como a da educação e da saúde, onde não há tanto espaço para as diferenças e especificidades dos Guarani e, relação com a sociedade nacional.

Dia 23/10/14

De manhã houve duas reuniões articuladas pelas lideranças da aldeia de Morro dos Cavalos. A primeira foi uma reunião só entre homens, na Opy, sobre alcoolismo, falada inteiramente em guarani. A outra, só entre mulheres, numa sala da escola, sobre cuidados das mulheres.

Adriana Moreira, convidada para puxar a conversa das mulheres, começou a reunião pedindo que cada mulher se apresentasse, e disse que era importante falar para poder ouvir a sua própria voz de mulheres. Falou da importância da voz de uma mulher numa conversa, pois, em suas palavras: “se a gente não falar, a gente não é ouvido”. Disse também, que se não dividir, não vai conseguir passar o que tem de bom. Ela apresentou sua pesquisa no curso de Licenciatura Indígena a respeito da saúde na gravidez e no parto, abordando várias questões sobre o modo em que se faz o tratamento, sobre os cuidados necessários e sobre os tipos de regras que a mulher deve seguir. Contou que Dona Rosa (avó de seu marido) e Helena (parteira), ambas presentes na reunião, a ajudam em sua pesquisa. Ela então propôs concentrar a conversa nos cuidados que as meninas e mulheres devem ter em relação à sua própria vida.

No mais, entremeadas pelos apontamentos de Adriana, foram as *jaryi* de Imarui, Conquista e Pirai as que falaram, sempre em guarani.

Ambas as conversas foram momentos muito importantes para os jovens que estavam participando do encontro, tanto os pesquisadores do Projeto do IPHAN, como os jovens do projeto “Inclusão Digital”. Em ambos os grupos foram colocadas questões relativas aos problemas atuais que estão acontecendo nas aldeias da região e à influência do modo de vida dos brancos, de sua tecnologia, sua comida, suas bebidas, no modo de

vida dos guarani e, fundamentalmente, no descaso dos jovens pelas falas dos mais velhos.

Foi importante ter articulado estas conversas ao trabalho realizado com os pesquisadores do Projeto do IPHAN, uma vez que corrobora a intenção de considerar a sua formação não só como pesquisadores da própria cultura, mas como agentes políticos capazes de pensar estratégias para melhorar a vida em suas comunidades, para enfrentar os problemas, auxiliar as lideranças e para propiciar entre os jovens o respeito e a confiança perante o conhecimento dos mais velhos.

De tarde, os grupos de homens e mulheres se reuniram na Opy. As lideranças da Aldeia Morro dos Cavalos, e de outras aldeias da região ali presentes, falaram aos jovens sobre os diversos problemas decorrentes do alcoolismo nas suas comunidades, nas suas casas, com as suas famílias. Depois, propuseram que se formassem grupos (três de homens e três de mulheres) e que juntos pensassem respostas para as seguintes questões:

1. Que tipos de problemas o alcoolismo traz para a aldeia?
2. Como podemos evitar o alcoolismo na aldeia?
3. Como vocês jovens pensam em ajudar as lideranças e *xeramoĩ kuery* a evitar o alcoolismo em sua comunidade?

Cada um dos grupos discutiu estas questões e escreveram algumas possíveis respostas em uns cartazes. Dentre os principais problemas sinalizados estavam as doenças, os acidentes e as mortes, as brigas entre parentes, o mal-estar da comunidade, o descaso com as crianças, e também as consequências de caráter espiritual, devido ao afastamento dos *nhe'ë* (almas). Para evitar o alcoolismo, se propôs que se proibisse a venda de álcool nas aldeias, que se promovesse a participação em festas “tradicionalis”, em lugar de somente em festas em que se bebe álcool e que se fortalecesse o trabalho dos líderes espirituais e se considerassem os conselhos dos mais velhos. No caso mais específico das atitudes dos mais jovens, se falou muito em que estes deveriam ajudar mais os seus pais e mães nos trabalhos cotidianos e deixar de usar tanto as redes sociais, e que eles poderiam falar com os outros jovens e mobilizá-los para refletir sobre o assunto.

No final da reunião, várias pessoas discursaram em guarani. Marcos, morador de Morro dos Cavalos, propôs a criação de uma comissão para o combate ao alcoolismo,

que ele mesmo encabeçaria. Decidiram que era necessário escolher dois jovens e duas jovens para apoiar Marcos nesta tarefa, e escolheram estas pessoas.

Todo mundo ficou contente e animado com a possibilidade de sair dali com algumas propostas concretas para o combate ao alcoolismo em suas comunidades. Foi esta a proposta de Eunice no começo da reunião.

Por volta das seis horas da tarde, as pessoas voltaram a se reunir na Opy para o Nhemongarai. As mulheres e meninas distribuíram as sementes de milho tradicional (*avaxi ete*) em pedaços de folhas de bananeira que colocaram no *amba*. A *jaryi* da aldeia Marangatu (Imaruĩ) se levantou para fazer um canto. Depois, as pessoas saíram para poder jantar.

Após a janta, fomos nos juntando de novo no interior da Opy. Um a um, os homens se levantaram com os *petygua* (caximbos) e, em círculos, foram defumando as sementes, acompanhados pelos cantos das mulheres e das crianças. Depois, foram as mulheres as que circularam com os seus *petygua*. Os cantos continuaram soando pela noite afora. As crianças e os jovens enchiam a Opy e acompanhavam com suas vozes o *karai* (Pajé) na tentativa de fortalecer a todos os presentes e muitos dos ausentes. Assim, o dia se completou, entre as conversas e os cantos, nessa formação continuada, nessa transmissão de conhecimentos cujo lócus privilegiado é a reunião das pessoas, a troca entre as idades, a visita entre as aldeias.

Muitos dos pesquisadores, no dia seguinte, manifestaram ter sido o dia anterior o melhor do curso.

Ciência

A ciência é uma das formas que os *jurua* têm de conhecer e explicar o mundo. A ciência é um conhecimento que é ensinado na escola e na universidade.

O conhecimento científico é produzido através de pesquisas e depois transmitido através de aulas, textos escritos e eventualmente de vídeos.

Para aprender a produzir este tipo de conhecimento, os estudantes também devem fazer suas próprias pesquisas ou ajudar pesquisadores mais velhos a organizar as informações de suas pesquisas. Mas não são todos os estudantes que aprendem a fazer pesquisas científicas, só aqueles que vão à universidade para se formarem como cientistas.

Algumas das áreas que fazem parte do conhecimento científico são: a biologia; a linguística; a matemática; a história, a geografia, a antropologia, etc.

O conhecimento científico é construído através de pesquisas feitas por pessoas especialistas (que estudam só um assunto), que trabalham nas universidades, em centros de pesquisa ou em museus. Por exemplo: existem pesquisadores que só estudam a língua portuguesa, existem pesquisadores que só estudam tipos de mandioca, pesquisadores que só estudam uma língua indígena, pesquisadores que só estudam sapos, pesquisadores que estudam só uma doença etc.

Assim, o conhecimento científico é construído por especialistas que trabalham e estudam para produzir novos conhecimentos, para avaliar conhecimentos anteriores que foram feitos por outros pesquisadores, ou para estudar assuntos que ainda não foram pesquisados.

Mas o conhecimento científico é só um dos jeitos de conhecer. Existem muitas outras formas de construir e transmitir conhecimentos.

Desenvolvimento do Conhecimento Científico

Para contar a história do conhecimento científico podemos ir muito longe no tempo e até voltar para o começo da história dos não-índios. Existem muitas opiniões sobre como e quando surgiu o pensamento científico, por isso conto aqui duas passagens importantes para pensar como ele se desenvolveu.

No final dos anos de 1400 e começo de 1500 vivia na Itália Leonardo da Vinci. Leonardo foi muito importante para diversas áreas da ciência, ele era ao mesmo tempo pintor, escultor, arquiteto, engenheiro, músico, biólogo e anatomista. Nessa época ainda não havia a especialização e cada pessoa tinha conhecimentos sobre muitos assuntos.

Leonardo acreditava que a ciência só poderia se desenvolver através da **observação** e **experimentação**, dois procedimentos fundamentais para o conhecimento científico. Foi assim que ele fez seus famosos estudos sobre o corpo humano, ele abria os corpos de pessoas mortas para poder ver como eram por dentro e depois desenhava o que via. Esses estudos do corpo humano foram muito importantes para o desenvolvimento da medicina, pois para fazer uma cirurgia ou engessar um osso quebrado é preciso saber como é o corpo da pessoa.



Estudos sobre feto de Leonardo.

Leonardo também inventava algumas máquinas para tentar ajudar nos trabalhos. Ele pensava como ela poderia ser depois desenhava e tentava construir para ver se dava

certo. Essa tentativa de realizar na prática suas ideias é o que chamamos de experimentação.

Outra pessoa fundamental para o conhecimento científico foi Galileo Galilei. Galileo também viveu na Itália, mas depois de Leonardo, nos anos de 1600. Nessa época o conhecimento já era um pouco especializado e Galileu se dedicou aos estudos na área da física e da matemática.

Galileu estudava os movimentos dos objetos: como e porque as coisas caem; o movimento pendular; o movimento das estrelas e do sol etc. Algo muito importante que Galileu fez foi estabelecer um jeito de estudar e pesquisar: ele também observava as coisas, mas foi ele que começou a tentar reproduzir (fazer de novo, repetir) aquilo que estava observando. Por exemplo, para poder mostrar aos outros que o peso dos objetos era importante quando eles caíam ou rolavam, ele montou um “plano inclinado”: pegou uma tábua de madeira inclinou e colocou duas bolas com pesos diferentes (uma de metal outra de madeira) e mostrou a todos que elas rolavam com velocidades diferentes, a de metal chegava antes que a de madeira.

Esse procedimento é muito importante para o conhecimento científico, pois nesse sistema de conhecimento é importante provar aquilo que se fala. Provar é conseguir repetir o que foi observado, é mostrar aos outros que aquilo de que se está falando não foi tirado só das ideias que se tem, mas é algo que todos podem observar.

Galileu também ficou famoso por inventar o telescópio. Com o telescópio ele conseguiu observar o céu de um modo diferente e começou a descrever as estrelas e a desenvolver novas ideias sobre o mundo e o céu. Suas ideias eram muito diferentes daquelas que os outros não-índios acreditavam e por isso naquela época ele foi preso e seus livros foram proibidos.

Muitas outras pessoas foram importantes para o desenvolvimento do conhecimento científico, assim como Leonardo e Galileu. Mas esses dois italianos se destacaram não só pelo conteúdo de seus estudos, mas principalmente pela forma como faziam esses estudos: observando, descrevendo, experimentando, demonstrando e provando suas ideias.

A Busca por Um Conhecimento

O objetivo da ciência é produzir um conhecimento sobre o mundo que seja universal, que valha para todos os lugares, pessoas e condições. Não é por acaso que o centro mais importante de produção e ensino de conhecimento se chama “universidade”, nessa instituição se pretende construir um conhecimento único sobre o mundo.

Por isso, a possibilidade de repetir um fenômeno, do modo como Galileu fez com o plano inclinado, é um dos procedimentos centrais na produção da ciência. Ao reproduzir um fenômeno em diferentes momentos e lugares pode-se observá-lo muitas vezes, diferentes pessoas podem testá-lo e descrevê-lo e assim os cientistas pensam ser possível atingir um saber universal.

Assim, os cientistas criam regras e protocolos para realizar suas experiências, que devem ser seguidos com rigor, para poderem ser repetidas na China, no Brasil, na Alemanha e em qualquer lugar do mundo e dessa maneira chegar a uma explicação só sobre o fenômeno quer estudar.

Textos baseados em: “A invenção das Ciências Modernas” de Isabelle Stengers.

Sonhos das origens

Davi Kopenawa Yanomami

Os espíritos xapiripë dançam para os xamãs desde o primeiro tempo e assim continuam até hoje. Eles parecem seres humanos mas são tão minúsculos quanto partículas de poeira cintilantes. Para poder vê-los deve-se inalar o pó da árvore yãkõanahi muitas e muitas vezes. Leva tanto tempo quanto para os brancos aprender o desenho de suas palavras. O pó do yãkõanahi é a comida dos espíritos. Quem não o "bebe" assim fica com olhos de fantasma e não vê nada.

Os xapiripë dançam juntos sobre grandes espelhos que descem do céu. Nunca são cinzentos como os humanos. São sempre magníficos: o corpo pintado de urucum e percorrido de desenhos pretos, suas cabeças cobertas de plumas brancas de urubu rei, suas braçadeiras de miçangas repletas de plumas de papagaios, de kujubim e de arara vermelha, a cintura envolta de rabos de tucanos.

Milhares deles chegam para dançar juntos, agitando folhas de palmeiras novas, soltando gritos de alegria e cantando sem parar. Seus caminhos parecem fios de aranhas brilhando como a luz do luar e seus ornamentos de plumas mexem lentamente ao ritmo de seus passos. Da alegria de ver quanto são bonitos!

Os espíritos são tão numerosos porque eles são as imagens dos animais da floresta. Todos na floresta têm uma imagem utupë: quem anda no chão, quem anda nas árvores, quem tem asas, quem mora na água. São estas imagens que os xamãs chamam e fazem descer para virar espíritos xapiripë. Estas imagens são o verdadeiro centro, o verdadeiro interior dos seres da floresta. As pessoas comuns não pode vê-los, só os xamãs. Mas não são imagens dos animais que conhecemos agora. São imagens dos pais destes animais, são imagens dos nossos antepassados.

No primeiro tempo, quando a floresta estava ainda jovem, nossos antepassados eram humanos com nomes de animais e acabaram virando caça. São eles que flechamos e comemos hoje. Mas suas imagens não desapareceram e são elas que agora dançam para nós como espíritos xapiripë. Estes antepassados são verdadeiros antigos. Viraram caça há muito tempo mas seus fantasmas permanecem aqui. Têm nomes de animais mas são seres invisíveis que nunca morrem. A epidemia dos brancos pode tentar queimá-los e devorá-los, nunca desaparecerão. Seus espelhos brotam sempre de novo.

Os brancos desenham suas palavras porque seu pensamento é cheio de esquecimento. Nós guardamos as palavras dos nossos antepassados dentro de nós há muito tempo e continuamos passando-as para os nossos filhos. As crianças, que não sabem nada dos espíritos, escutam os cantos do xamã e depois querem ver os espíritos por sua vez. É assim que, apesar de muito antigas, as palavras dos xapiripë sempre voltam a ser novas. São elas que aumentam nossos pensamentos. São elas que nos fazem ver e conhecer as coisas de longe, as coisas dos antigos. É o nosso estudo, o que nos ensina a sonhar. Deste modo, quem não bebe o sopro dos espíritos tem o pensamento curto e enfumaçado; quem não é olhado pelos xapiripë não sonha, só dorme como um machado no chão.

Maloca Watoriki, setembro/ 1998 - depoimento de Davi Kopenawa recolhido e traduzido por Bruce Albert.

Todos os Wajãpi têm a Mesma Origem?

Wajãpi não é tudo igual!

Todos os Wajãpi não têm sua origem no mesmo grupo. E cada grupo é diferente dos outros grupos. Cada grupo é um *wanã*. *Wanã kō* são os diferentes grupos. Desde antigamente, existiram grupos diferentes que moravam em diferentes regiões. Na origem, os grupos vieram todos separados e depois acharam seu lugar para morar, em regiões que ocupam até hoje. Cada *wanã* conhece muito bem sua região e seus caminhos.

Wanã não é a mesma coisa que aldeia (*taa*). *Wanã* é a origem das pessoas de um mesmo grupo, que não moram todas na mesma aldeia. A gente pode casar com uma pessoa de outro grupo, mas a gente sempre sabe de que grupo a gente é. Quando alguém morre cedo e deixa filho pequeno, as pessoas vão ensinar para ele: “seu pai era de outro grupo, de outro *wanã*”. Quando a gente tem filho com uma pessoa de outro grupo, esse grupo vai sempre dizer que a gente é de outro *wanã*.

Cada grupo wajãpi tem seus conhecimentos

Cada *wanã* tem seu jeito de falar, tem sotaque diferente. A gente reconhece até hoje esses sotaques. Por exemplo, *Kamopiwã kō* fala bem rápido. Outros grupos que vivem na TI Wajãpi também falam de jeitos diferentes. Há também outras diferenças: em alguns grupos as pessoas são mais altas, em outros são mais baixinhas.

Cada *wanã* tem suas histórias e suas festas, que transmite do jeito de seus antepassados. Tem jeito diferente de contar histórias para a família e jeitos diferentes de ensinar, de fazer artesanato, etc.

Trocas de Festas

Nós Wajãpi não temos só uma festa. Nós fazemos várias festas. Cada *wanã* tem seus conhecimentos de festa e por isso sempre tem troca de festa com caxiri.

Existem 57 tipos de festa. Não fazemos todas as festas num mesmo ano. Fazemos festas quando as mulheres podem oferecer caxiri para quem sabe bem fazer um tipo de festa.

Não podemos fazer festa sem a participação das mulheres. Não fazemos festa sem beber. As mulheres fazem primeiro a preparação do caxiri. Mas, antes de terminar de preparar o caxiri, o dono do caxiri conversa com quem sabe bem fazer a festa e convida.

Tem festa à noite, como a festa do milho, a festa da borboleta, as festas de pássaro. Também tem festas de dia, como a festa dos peixes que nós chamamos *pakuwasu*. Os chefes fazem festa para ensinar os jovens. Nós temos vários tipos de instrumento que usamos em vários tipos de festas. Cada instrumento tem música e canto.

Texto feito pelos Pesquisadores Wajãpi. In: “Jane reko mokasia. Fortalecendo a Organização Social Wajãpi”.

In: Pesquisadores wajãpi, *Jane reko mokasia*, Iepé.

RELATÓRIO 2º CURSO DE PESQUISADORES GUARANI

Aldeia Araçai

Dezembro de 2014

1) Apresentação

- Responsáveis: Ana Maria Ramo y Affonso (CTI), Vinicius Del Toro (CTI) Ronaldo Costa (em substituição do coordenador guarani).

- Local e período de realização: Aldeia Araçai (Piraquara/PR). De 16 a 20 de dezembro de 2014.

- Nome e aldeia dos participantes:

1. Adriano de Oliveira (Morro da Palha).
2. Die Arai Martins Timóteo (M'biguaçu).
3. Aladio Bolantim Mariano (Morro dos Cavalos).
4. Lucas Oliveira da Silva (Maciambu).
5. Elsom da Silva (Pirai).
6. Gabriel Martins Pires (Pirai).
7. Edinho da Silva (Morro Alto).
8. Claudio Verissimo (Araçai).
9. Norberto Martines (Marangatu).
10. Ronaldo (Sambaqui)

Acompanhou todas as atividades o *tamoï* Augusto da Silva da aldeia Marangatu (Imarui/SC). Estiveram presentes, em alguns momentos, as pessoas da comunidade, principalmente o cacique, Laercio da Silva.

2) Objetivos do curso

1. Expor e explicar a abordagem metodológica e conceitual do IPHAN segundo expressa no Inventário Nacional de Referências Culturais. Como complemento necessário a este objetivo, propomos analisar o conceito de cultura, a partir de uma

leitura antropológica, de modo a adquirir um maior controle sobre os equívocos que uma tradução simplificada entre “cultura” e “mbyareko” pode produzir. Ambos objetivos respondem a um aspecto específico de nossa abordagem, a qual considera que o trabalho dos jovens pesquisadores tem uma incidência política em suas comunidades, pelo lugar que ocupam enquanto tradutores.

2. Introduzir os pesquisadores nas técnicas e linguagens próprias do audiovisual, como ferramenta para a pesquisa. Notar que as possibilidades estéticas e outros vários recursos do audiovisual, permitem modificar e modelar as mensagens que se pretendem veicular.

3. Promover a troca de conhecimentos entre os diversos membros do grupo, e criar um ambiente de trabalho em que se valorizem as decisões conjuntas e a participação de todos.

4. Elaborar, com a colaboração de toda a equipe, uma estratégia para a continuação da pesquisa, a partir da discussão em torno tanto do método a seguir como dos temas privilegiados a serem abordados. Estas decisões serão tomadas em base às experiências que tiveram lugar durante o acompanhamento.

5. Promover a presença dos mais velhos, *tamoĩ* e *jaryi*, durante a formação, assim como de outros membros e lideranças das comunidades.

3) Procedimentos e metodologia

Seleção de textos e elaboração de materiais que delimitem o contexto da discussão. Aulas expositivas. Mostra de filmes que exploram a temática da pesquisa, por uma parte, e da mobilidade guarani, por outra. Debates com a participação da equipe de formadores e a equipe de pesquisadores, sobre as traduções possíveis entre diversos modos de conhecimento. Explicações do *tamoĩ* Augusto da Silva, em guarani, sobre os vários assuntos discutidos. Apontamentos por parte de Ronaldo Costa sobre o modo em que os jovens pesquisadores devem conduzir o seu trabalho.

4) Resumo das atividades desenvolvidas

Dia	Tema desenvolvido
------------	--------------------------

16/12	Chegada. Distribuição do material informático. Apresentação para a comunidade e explicação do projeto.
17/12	O INRC e a abordagem do IPHAN. Exposição dos trabalhos realizados durante a etapa de acompanhamento.
18/12	Análise conceitual e histórica do termo “cultura”. Discussão sobre as diferenças entre “cultura” e “mbyareko”. Conversa e entrevista com o <i>tamoi</i> da Aldeia Araçai, Marcolino. Exibição, para a comunidade, do filme Tava.
19/12	Elaboração do mapa dos principais temas de nossa pesquisa. Experimentação de vários modos de expressão, tradução e explicação.
20/12	Distribuição das tarefas de tradução e transcrição do material coletado. Planejamento de atividades e viagens.

5) Descrição das atividades desenvolvidas



16/12/14 - terça-feira

O formador em audiovisual Vinicius e o pesquisador Ronaldo (aldeia Sambaqui) chegam na aldeia de Araçaí as 11:00. Conversam com o cacique Laércio e com o pesquisador de Araçaí Cláudio Karaí e depois se dedicam à preparação de material audiovisual para o encontro.

Em torno das 15 horas, chegam a formadora em antropologia Ana, o Xeramõi Augusto, a liderança Ronaldo (que vem substituir o coordenador guarani) e os demais pesquisadores vindos de Santa Catarina: Gabriel e Elson (Piraí), Aladio (Morro dos Cavalos), Lucas (Maciambú), Adriano (Morro da palha), Edinho (Morro Alto) e Norberto (Imaruí). A pesquisadora Gennis (Mbiguaçu) combinou de vir a noite de carro. O pesquisador Nilton (Amaral), não foi encontrado no local combinado, ao qual a van chegou com bastante atraso.

Uma vez todos na aldeia, esperamos a saída do almoço para aqueles chegados de Santa Catarina. Depois de almoçar, procedemos ao repartido dos computadores, um pequeno lap-top para cada pesquisador. Vinicius se dispõe a explicar aos pesquisadores algumas noções básicas para o uso dos computadores, principalmente dos programas Word e Excell. Enquanto isso, Ana vai gravando em cada computador uma pasta com os textos que serão utilizados durante a semana de formação.

Uma vez finalizada esta apresentação, nos dirigimos à Opy onde terá lugar a abertura do curso, consistindo a mesma em uma apresentação de todos os participantes para a comunidade que nos acolhe, e em uma série de falas das principais lideranças da mesma. As falas e apresentações são todas feitas em guarani, a exceção de uma parte da fala de Ana, na qual explica em português o contexto do projeto e o curso como motivo de nossa presença na aldeia.

17/12/14 - quarta-feira

Manhã

Nos reunimos, de manhã na Opy para começar o trabalho do dia. Ana começa falando sobre o projeto, explicando a pauta de trabalho nessa parte da manhã. Diz se tratar de um projeto do IPHAN e o que precisamos entender o que isso significa. Antes de

começar, pergunta se o Xeramõi ou Ronaldo querem falar. Xeramõi Augusto fala rapidamente em guarani. Logo após fala também, brevemente e em guarani, o xeramõi Marcolino. Por último, a liderança Ronaldo fala exortando os jovens pesquisadores para se concentrarem e prestarem muita atenção, assim como sugerindo que façam perguntas para que possam entender bem os conteúdos a ser trabalhados.

Ana começa a formação a partir da leitura de alguns trechos selecionados do texto “Inventário Nacional de Referência Culturais” do IPHAN. Faz a projeção do texto e vai comentando os trechos selecionados. Começa destrinchando os sentidos da palavra “inventário” e “referências”. Observa que a palavra inventário se liga a um sentido de algo que se faz quando uma pessoa morre, uma listagem de todos os seus bens, para que possam ser repartidos entre os seus descendentes.

Explica brevemente o sentido de referências culturais. Depois, fala sobre a problemática do termo “bem cultural” em um trabalho como este, pois não é uma ideia necessariamente existente no pensamento guarani. Continua com a leitura do texto, explicando que antes do INRC o IPHAN não contava com ferramentas para considerar, de fato, a diversidade cultural. Explica, por cima, a diferença entre cultura material e imaterial. Então, o xeramõi Augusto pede a palavra e faz fala em guarani.

Quando o xeramõi termina, Ana retoma o texto. Diz que o projeto do IPHAN com os Guarani teve início a partir de um trabalho para o tombamento das TAVA (ruínas de São Miguel das Missões); nesse caso, se tratava de algo material, de uma edificação, o que facilitava o trabalho. Então, explica brevemente em que consiste o tombamento. Xeramõi Augusto explica o que é a Tava e depois Ana continua com a leitura do texto.

Em seguida, Ronaldo faz uma longa intervenção em guarani. Quando finaliza, Ana retoma o texto. Explica sobre o registro, sobre a necessidade do branco de registrar, sobre as necessidades dentro do projeto de entregar algo registrado, livro e vídeo. No entanto, devemos nos perguntar se isso é também importante para os Guarani e para a equipe ali presente. Ronaldo e Xeramõi Augusto fazem intervenções para fazerem explicações em guarani. Se começa uma discussão entre os Guarani. Falam sobre o tema do registro em relação ao nhandereko. O pesquisador Norberto e um membro da aldeia de Araçaí também falam sobre o tema. Os pesquisadores Lucas, Elson e Cláudio falam brevemente. Ronaldo e Augusto seguem sempre conduzindo a discussão.



Ana retoma o texto. Fala sobre a valorização das referências culturais a partir da determinação da importância dada pelos próprios sujeitos que fazem a cultura, que a vivem e incorporam. Explica sobre a relativização dos critérios do saber e sobre a questão de valorização a partir do poder, pois quem tem poder diz o que é importante. Ana discute a ideia do IPHAN de que as coisas não valem em si, mas só a partir da importância dada pelos sujeitos. Ex: uma nascente não é sagrada em si, mas só pela crença que os guaranis tem daquele lugar; o caráter sagrado de cada determinado lugar só existe na cabeça, no pensamento, de cada povo. Esta também é uma questão política: é dada valorização para a cultura do índio, mas essa cultura não precisa estar ligada a terra, a determinados lugares. Para o branco cultura e terra são coisas separadas, mas para os guaranis é uma questão só. Isto vem de encontro com uma problemática própria da antropologia, que vem discutindo, nas últimas três décadas, a questão de uma diferença radical entre os povos indígenas e os não indígenas, pois para os primeiros a diferença entre natureza e cultura não existe da mesma forma que para os segundos.

Ronaldo fala em guarani para explicar o assunto. Outros pesquisadores o fazem também, depois dele. Em português, Elson diz que não entende a divisão do branco da cultura e da natureza, e pede à Ana que explique melhor. Ana diz que o novo discurso sobre cultura já valoriza a cultura dos indígenas, o que não se fazia antigamente, mas que há um efeito colateral, pois se valoriza a cultura, mas tendo como referência a ideia

de cultura dos não indígenas a qual pode ser entendida desvinculada da terra, no plano da linguagem da representação. Mas a terra é o que está sendo disputado hoje em dia, pois o seu valor econômico tem aumentado muito nos últimos cinquenta anos. A divisão natureza/cultura, explica Ana, está muito presente no pensamento dos brancos, é a divisão que determina o pensamento dos brancos, a mesma pode ser, também, traduzida como divisão corpo/espírito ou corpo/mente. Então, ela pergunta aos pesquisadores: “como pode preservar a cultura sem a terra?”

O Xeramõi fala um pouco em português. Fala sobre como as coisas mudaram nos últimos 50 anos. Antes, a terra não era disputada, e eles entravam na terra para cultivar sem problemas. Mas a partir do ano 62 as coisas começaram a mudar, e começaram a aparecer muitos dos problemas que há hoje em dia na questão da terra.

Ana fala sobre esse projeto não ser uma brincadeira, que é pequeno mas pode ser importante. Ronaldo fala em guarani. Diz que os Guarani são vistos como selvagem, como se não tivessem conhecimento. O Xeramõi e o pesquisador Gabriel também falam. Começa, então, uma longa discussão em guarani entre todos.

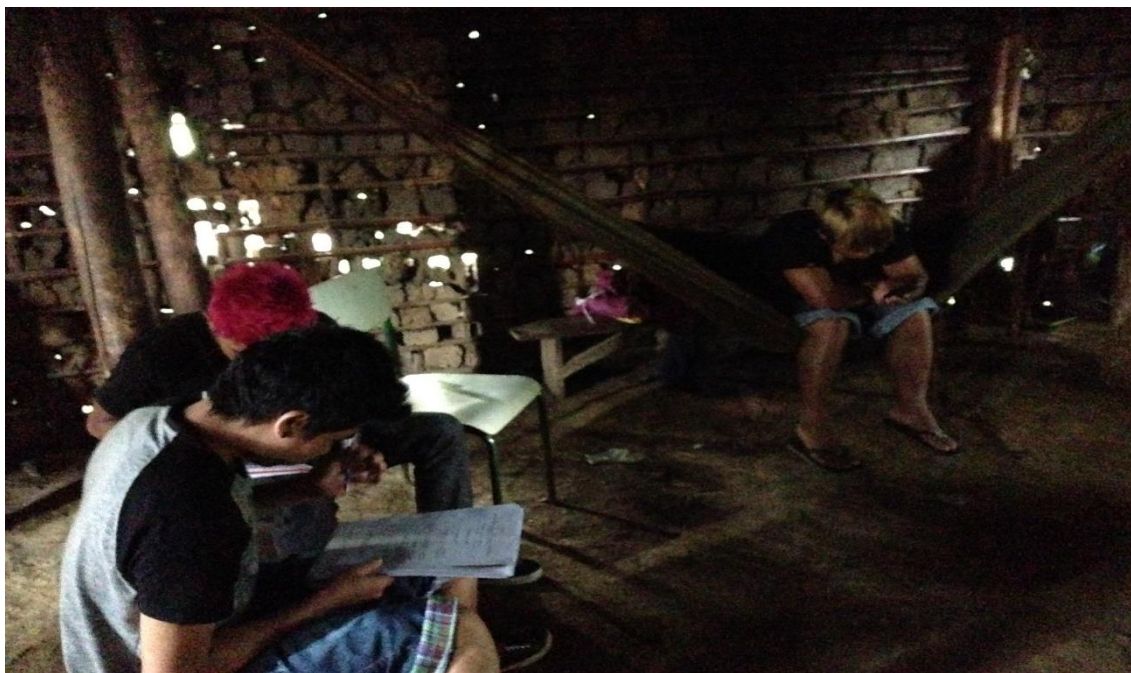
Ana retoma o texto. Explica que o IPHAN promove a continuidade da cultura mas são os guaranis, e os pesquisadores especificamente, que vão dizer como que vai se dar essa continuidade, o que que deve ser continuidade. Então, seguindo o texto, explica brevemente que há, no pensamento do branco, uma divisão realidade X linguagem, e que este conceito de divisão é parecido com a polarização entre natureza e cultura. Existe o mundo e existe o pensamento sobre o mundo. Neste contexto se entende que a Ciência quer chegar na verdade das coisas, enquanto que as culturas inventam coisas sobre o mundo.

Então Ana discute a noção de referência cultural. A antropologia é a ciência que pensa as referências culturais. Ana lembra de uma fala de Eunice no primeiro curso de formação. Ela dizia que quando o jovem vai falar com xeramõi eles vão pesquisar o mbyareko que os xeramõi viveram, mas que os jovens não estão vivendo. O jovem se aproxima então ao pesquisador jurua, pois pesquisa uma “cultura” que não é mais a dele. Mas não é a dele, na medida em que não há condições, na atualidade, para viver aquilo que os tamoi viveram. Tais condições são aquelas que dizem respeito à terra. É esta a questão que tem aparecido nas falas destes mesmos tamoi, nas entrevistas realizadas até o momento. Xeramõi Augusto pede a palavra.

Depois, Ana retoma a leitura. Fala sobre a relação, postulada no texto, entre solo virgem (natureza) e solo habitado (cultura). Desta perspectiva, as referências culturais são sempre frutos da ação ou da interpretação humanas. No entanto, será que os Guarani também consideram a existência de solos virgens, de espaços plenamente naturais (absolutamente carentes de intencionalidades, linguagens, desejos)? O que temos encontrado na fala dos mais velhos é que a “natureza” e os seus sentidos possíveis incluem muitos outros seres, que aparecem como sujeitos de direito, além dos humanos. Ana continua com a leitura do texto. Chama a atenção para o fato de que da perspectiva do IPHAN o trabalho não consiste apenas em um registro, que qualquer um poderia fazer, mas em uma interpretação da cultura, que só pode ser feita por aqueles que a vivem e que são por ela vividos. Por isso no projeto são os próprios guaranis os que estão falando sobre a cultura guarani. Outra questão importante que aparece no texto, e que está na base de toda a reorientação das metodologias e dos objetivos do IPHAN nas últimas décadas, é que conhecer é o primeiro passo para proteger. Este é um tema também presente nas falas dos mais velhos, que dizem que é necessário mostrar a cultura para conseguir o respeito que se quer. Esta é uma questão que diz também respeito à problemática do poder e da apropriação de outras culturas pelos mais poderosos.

Por outro lado, nos encontramos frente a um desafio, pois como criar condições para proteger algo que não tem corpo visível, que não dá pra ver. É por isso que é fundamental pensar em criar modelos de proteção próprios dos Guaranis, e que sejam os próprios Guarani que o façam. É neste sentido, também, que o trabalho de preservação é um trabalho político, e que o pesquisador é uma liderança, pois ele abre caminhos para as comunidades. Por exemplo, nós do grupo vamos nos deparar com uma dificuldade de compreensão e comunicação ao final do projeto, na hora de preencher as fichas de registro, pois as mesmas estão divididas em quatro categorias, e vai ser difícil conseguir adaptar o nosso tema, a mobilidade guarani, em uma delas. No entanto, é ao enfrentar este desafio que teremos a oportunidade de pensar estratégias de tradução que facilitem o trabalho para aqueles que virão depois de nós e que continuarão essa caminhada que consiste em que o Guarani consigam traduzir parte de seu saber sobre o mundo, de sua perspectiva, para que os brancos possam aumentar um pouco o seu entendimento e, assim, respeitar a sua diferença. Assim, ao explicar as divisões de saberes pelo IPHAN, Ana chama a atenção para a dificuldade de classificação do Mbyareko nestes termos, o

que já aconteceu, por exemplo, no projeto anterior, realizado em São Paulo, de pesquisa do xondaro.



Sobre a continuidade do trabalho, não é só pesquisar, fazer o vídeo e o livro, mas fazer uma proposta para continuar, abrir caminhos para garantir as políticas públicas de apoio aos Guarani, assim como transformar a metodologia e modificar a perspectiva a respeito do próprio conceito de cultura com que os órgãos responsáveis pelas mesmas (pelas políticas públicas) trabalham. Ana, então, faz críticas ao método de pesquisa ao mesmo tempo oferecido e pedido pelo IPHAN no texto, pois diz ser necessário um método direto, simples e completo (exaustivo). A crítica reside nas próprias queixas dos *tamoi* e das *jaryi* guarani quando os jovens pesquisadores chegam com suas perguntas diretas. Existe um modo adequado de conversa, um ambiente propício à palavra, à expressão dos saberes, à troca de conhecimentos. Por outro lado, o próprio IPHAN não dá condições para a exaustividade que pede, pois um projeto pensado para durar um ano não tem condições de alcançar tal exaustividade. Nas falas dos *tamoi* e das *jaryi*, os temas vão se desdobrando uns em outros, e como os próprios pesquisadores explicam quando afirmam que a cultura guarani inclui tudo, e que não é possível separar, é necessário contemplar os vários aspectos presentes nas falas destes idosos. Por sua vez, cada um deles vai oferecer uma parte, que vai se completando pelas falas dos outros, pois não se trata de um conhecimento objetivo e/ou preocupado com a veracidade de todas as várias versões, mas com o respeito mútuo entre os seus expoentes. O conhecimento pode ter a aparência de estar fragmentado entre os vários xeramois, mas

na verdade ele está distribuído pois, como dizem os guarani: “cada um tem o seu conhecimento”.

Para finalizar, Ana volta mais uma vez ao tema do pesquisador guarani, e ao seu vínculo com as próprias comunidades o que os torna, em certo sentido, lideranças. Assim, esta função está em consonância com a preocupação do IPHAN quanto à responsabilidade social e à prestação de contas em termos de relatório do trabalho e mostra de seus resultados, para as comunidades. Por sua vez, é necessário ter claro que a escolha do tema é uma escolha política, pois a própria pesquisa vai tornar esse tema, em certos sentidos, mais presente nas conversas dentro das comunidades. Por sua vez, o tema escolhido será fortalecido pelo menos no que diz respeito ao próprio IPHAN, facilitando assim outras ações deste órgão junto aos Guarani no que a este tema se refere.

Como fechamento, Ana explica melhor o termo inventário e diz que considera que não é possível inventariar o Mbyareko, a cultura guarani, pois não dá para isolar os seus elementos e numerá-los. Neste sentido, o mapa que aparece no final do documento, e que expressa o modo em que o IPHAN se relaciona com o conceito de cultura, não nos serve em nosso trabalho. É necessário, por tanto, que criemos juntos outro. A proposta que Ana faz aos pesquisadores é que procuremos tal mapa nas falas dos *tamoi* e das *jaryi*.

Tarde

Apresentação de dois filmes sobre o trabalho do IPHAN: **Iauarete** e **Mbaraká**.

Assistimos ao filme Iauarete. Nele vemos como missionários chegam ao Alto Rio Negro, há uns 50 ou 60 anos atrás, impondo um regime de agressão sistemática aos povos da região, destruindo e desvalorizando tudo aquilo que eles consideravam sagrado, valioso, bonito, importante, etc. Vinicius pergunta sobre as impressões que tiveram com o filme. O pessoal manifesta ter gostado do filme, mas ninguém quer fazer comentários. Ana chama a atenção para o trabalho do IPHAN na época, quando eles se deparam com os efeitos da agressão cultural por parte dos Jesuítas. Já Vinicius chama a atenção para os efeitos da igreja, e para a dificuldade de integrar aquilo que é entendido como cultura, na vivência cotidiana das aldeias.

Assistimos, ao filme, Mbaraká. Trata-se de um filme que retrata, a partir das falas dos Kaiova, a situação que este povo vive atualmente na região de Mato Grosso do Sul. É

um filme muito forte, no qual vemos um povo aferrado às suas rezas e cantos, às suas danças, palavras e instrumentos, na certeza de que esse é o meio fundamental para o seu fortalecimento no meio à pressão absurda que sofrem por parte dos fazendeiros do entorno, a qual é devida, principalmente, à falta de responsabilidade do governo federal para resolver a questão territorial na região, reconhecendo os territórios indígenas.

Vinicius pede aos pesquisadores para falarem das diferenças que perceberam entre os dois filmes. Claudio fala sobre o fato dos Tukano terem baixado a cabeça perante os padres, como eles mesmos dizem no filme, enquanto que os Guarani não fizeram isso. O xeramoí fala com eles em Guarani, também. Ao terminar, Norberto chama a atenção para a ausência de José, fica difícil a tradução. O xeramoí lhes diz que eles têm que tentar, pois para isso estão aqui.

Vinicius pergunta sobre os filmes, sobre as línguas prioritárias usadas em ambos. Claudio diz que vai tentar explicar. No primeiro vídeo viu algumas partes em que chegou um padre na aldeia, e ele quase dominou os povos Tukano. Eles quase perderam a cultura deles, como os mais velhos estavam falando. Agora, eles vão tentar recuperar aquilo que perderam. Na verdade não perderam, explica Claudio; vamos supor que deixaram de lado. Então eles vão tentar erguer de novo a cultura deles. O padre queria que eles fizessem aquilo que ele faz. Eles se abaixaram, e aí que aconteceu. Eles quase perderam a cultura deles.

Vinicius pergunta quem é que passa as informações. Tem um narrador, e tem alguns pequenos depoimentos de alguns indígenas. A maior parte quem fala é um narrador, parece que ele fala pelo IPHAN, e a gente não o vê. E no segundo, a gente não escuta quem é que fala. Isso é algo para prestar atenção. No primeiro, o sentimento que fica no final, é que tudo está indo bem, com alegria. E no segundo?

Norberto diz que no segundo o sentimento é de tristeza, mas que continuam tentando. Vinicius explica que os dois projetos foram feitos diferentes. No primeiro, quem fez o vídeo foi alguém de dentro do IPHAN. É um vídeo institucional e, por isto, ele quer mostrar que tudo deu certo, que o IPHAN fez o projeto e por fim está tudo bem. Essa é, resumindo, a mensagem.

O segundo foi feito diferente, por um edital. Vinicius explica o que é um edital, diz que não é o IPHAN que fez, então eles tinham mais liberdade. Eles estavam fazendo uma mediação, entre os Kaiova e o IPHAN, então a gente não escuta nenhum branco falando. Isso mostra que dependendo quem faz, como se faz, os filmes vão passar

mensagens diferentes. A mensagem do segundo é a de que as coisas ainda não estão bem, e que a luta continua.

Vinicius explica que quando a gente fizer os vídeos e o livro, temos que pensar nisso: como vamos dizer, quem vai dizer, pra quem dizer, etc.. A língua é importante, como vocês mesmos disseram. Se a gente vê um vídeo dos Guarani falado em português, o que isso quer dizer? Parece que não se está valorizando tanto. Vinicius faz outra pergunta, remetendo à discussão da manhã sobre a diferença entre cultura e natureza. Pergunta como viram isso no filme. Elson diz que no segundo não tem essa divisão. Falaram que existe só um costume entre os Guarani, e que ali já encaixa tudo. Então é assim que a gente pensa.



Norberto volta a falar, em guarani, sobre as quatro categorias do IPHAN. Diz que eles têm que fazer desse jeito, mas como é que eles vão fazer. O xeramoí diz que eles têm que escrever em português. Mas ele não sabe como. Ele diz que a primeira coisa é a mata, a natureza, que é isso que eles querem. Hoje em dia não tem mais os materiais que

precisam para fazer as coisas. Ele fala de como era a aldeia antigamente, a aldeia onde ele vivia. Eles têm a Opy. Então, ele fala sobre o Nhemongarai. Os pesquisadores fazem um esforço pra traduzir a explicação que o xeramoí faz. Falam sobre a importância da terra, para poder dar continuidade ao que está se considerando como cultura, ao que eles vão trabalhar como sendo referências culturais.

Ana faz, então, a proposta de começarem a passar o que ouviram dos Xeramõi nos acompanhamentos. Abre o texto que foi transcrito pelo Adriano e lhe pede que fale sobre o seu trabalho e o que aprendeu com o tamoi Timoteo e o tamoi Alcindo nas entrevistas. Adriano começa a falar em guarani sobre a pesquisa que fez. Faz uma explicação sobre a fala de Timoteo.

Depois passamos ao grupo das aldeias Morro dos Cavalos, Maciambu e Imaruí. Escutamos a entrevista feita com a jaryi Maria. Ana pede pra eles falarem sobre a experiência com a tradução. Lucas pergunta sobre como traduzir a palavra *nhe'e*. Laercio diz que o mais próximo seria “espírito”, mas aí espírito não é o mesmo. Eles discutem sobre essa e outras palavras. Aladio conversa sobre a questão das três aldeias, de que antigamente existiam três aldeias. Essa história estava presente na fala do xeramoí Alcindo, e Lucas perguntou sobre isso à jaryi Maria. Aladio conta o que ambos os dois falaram sobre o assunto. Depois, conta sobre a conversa que tivemos com o xeramoí Alcindo, de Mbiguaçu. Lucas também fala um pouco sobre a mobilidade Guarani.

Seguidamente, Elson apresenta o trabalho que fizeram em Piraí, junto com Edinho, de Morro Alto. Ele diz que cada xeramoí tem um conhecimento diferente. Conta que primeiro entrevistaram a jaryi Marta, da aldeia Piraí, e depois o xeramoí Aristides, da aldeia Tarumã Mirim. Gabriel também fala um pouco. Os meninos pedem pra ouvirmos uma parte da fala do xeramoí. Depois, Ronaldo faz uma longa fala, aconselhando sobre o modo de fazer o trabalho, de abordar os xeramoí.

Então, Claudio fala sobre o trabalho que eles realizaram e apresenta uma entrevista filmada com o xeramoí Jose (Karai Mirim) da aldeia Pinhal (Paraná). Os pesquisadores foram até a aldeia Palmas com Vinicius, por motivo de um encontro de xeramoí. Lá eles entrevistaram o xeramoí. Assistimos a entrevista e, logo após, fechamos as atividades do dia.

18/12/14 - quinta-feira

Manhã

Ana começa a formação na Opy com a proposta de trabalhar sobre o conceito de cultura. Para isso, utiliza uma seleção de alguns parágrafos do livro “A invenção da Cultura” de Roy Wagner, por se tratar de uma análise crítica deste conceito no seio da prática antropológica. Esta proposta, está em continuidade com a atividade realizada no dia anterior, em que a leitura do Inventário de Referências Culturais contextualizou a perspectiva do IPHAN na atualidade como embasada pelo trabalho da antropologia. Ana começa realizando uma breve explicação a respeito de algumas das principais correntes da antropologia, explicitando a antiga divisão entre antropologia cultural e social. Seguidamente, fala sobre a palavra “conceito” e sobre as diferenças entre conceitos de jurua e de Mbya. Para isso, coloca o exemplo da diferença entre o conceito “pensamento” e o conceito “py’a reko” que, como conta, foi-lhe apresentado como tradução do primeiro.

À medida que Ana vai lendo alguns trechos do livro de Roy Wagner, vai explicando e desenvolvendo alguns dos temas colocados pelo autor, aparecendo em primeiro lugar a caracterização da pesquisa antropológica enquanto uma “experiência” do antropólogo em campo. O tema mais específico que tanto o autor como Ana colocam, é o da relação entre a experiência do antropólogo e o resultado de seu trabalho enquanto um “produto”. Logo depois, e no contexto desta relação, Ana fala sobre a criatividade como elemento fundamental do trabalho do antropólogo, problematizando, assim, o tema da objetividade na antropologia. A partir da crítica de Wagner sobre a compreensão da criatividade de outros povos (e, por tanto, de sua cultura) como uma “imagem espelhada” da criatividade dos brancos e, por ende, dos antropólogos, Ana lança a questão de como desenvolver um método de pesquisa guarani, como inventá-lo; um método que, por sua vez, consiga responder, pelo menos em parte, às expectativas dos jovens pesquisadores guarani.

A partir da interpretação de Wagner da relação intrínseca entre o conceito de cultura com que trabalha a antropologia e aquele caracterizado pelo autor como “teatro de ópera”, Ana propõe uma breve incursão pela história do conceito de cultura a partir da história da ópera e, principalmente, do pequeno círculo de humanistas que, no século XVI, por assim dizer, inventam a ópera. A caracterização destes humanistas, leva aos conceitos de razão e de racionalidade, assim como de refinamento, conceitos enfatizados como estratégia de oposição ao status quo da Idade Media, determinado

pelas relações da Igreja com o conhecimento. Nesta mesma linha, dos humanistas se chega aos Iluministas onde se encontra a origem da ciência e da política, nos termos de Estados-nações vinculados a uma ética específica, tal como as conhecemos hoje. A cultura - conceito que, segundo Wagner, é uma extensão da ideia do cultivo do solo e do aperfeiçoamento e domesticação de certas espécies de cultivos – aparece, neste breve histórico, atrelada também a uma elite aristocrática específica.

A partir desta relação entre cultura e classe social, por assim dizer, Ana propõe a leitura de alguns trechos de um artigo de Felix Guattari, nos quais o autor expõe a relação entre o que ele chama de “cultura-valor”, e que coincide com a cultura “teatro de ópera” de Wagner, e a cultura capitalística de “vocação universal”. Então, a partir de dito texto, Ana explica a relação entre esta cultura capitalística e os meios de comunicação de massa que a tornam uma cultura de “vocação universal”. Tão universal, diz Ana, que está atingindo até esses jovens guarani que compõe o grupo de pesquisa neste projeto. A partir, então, de uma discussão sobre a cultura atual e sobre os meios de comunicação, chegamos ao problema da ligação entre a cultura e certos valores de quem produz os conteúdos e as demandas do mercado. Cultura, política e interesses econômicos aparecem, nesta apresentação, a partir de suas profundas conexões.

A pesar de não ter finalizado a leitura do texto preparado, Ana decide fazer uma pausa para deixar que os pesquisadores falem e apontem as diferenças entre a cultura dos jurua, nos termos colocados e de acordo com sua historiografia, e o Mbyareko, que é o conceito normalmente traduzido como “cultura”. Como os jovens pesquisadores se mostram um pouco tímidos e reticentes a começar a conversa, convidamos o xeramoí Augusto a falar do assunto. Ele então se levanta e faz uma longa fala em guarani, atentamente seguida pelos pesquisadores, que se aproximam para gravar, filmar e tirar fotos. Depois, a conversa continua com a participação dos jovens e, apesar de ser em guarani e, por tanto, de não a termos compreendido, notamos que é um assunto muito importante para eles.

No final desta conversa, Vinicius propõe aos pesquisadores que apontem os principais assuntos considerados na mesma, em português. Os pesquisadores dizem ser difícil, mas alguns deles tentam. Aladio aponta para a relação entre a cultura e a riqueza, no pensamento dos jurua, como a principal diferença em relação a eles. Ao que parece, todos eles ficaram mais impactados com o último conceito de cultura abordado, o da cultura capitalística. Eles dizem que a cultura dos Guarani é diferente, que não é assim,

mas que os jurua nunca vão entender. Então Ana coloca que esse pensamento de que “jurua não vai entender”, não é um bom pensamento, pois não ajuda no trabalho que eles estão fazendo neste projeto que é, justamente, o de falar aos jurua destas diferenças. O xeramoí Augusto, então, confirma a colocação de Ana, e diz que os jurua podem entender sim, que é só saber fazer uma boa tradução, e que os meninos têm que se esforçar pra isto. Não todos os jurua vão acreditar, mas eles podem entender sim. Então, Ana coloca a importância de saber que não todos os jurua são da mesma forma, que há muitas diferenças entre nós, e que eles sabem muito bem como identificar os seus parceiros para poder trabalhar juntos. Por fim Gennis, que atualmente estuda pedagogia e que estudou durante um tempo ciências sociais, diz que ela teve que explicar muitas coisas aos seus professores e que teve que aprender a, de certa forma, impor o seu pensamento, pois era o mesmo o que faziam com ela.

Tarde

Na parte da tarde, o xeramoí Augusto propõe uma conversa com o tamoi Marcolino, da aldeia Araçai, onde estamos realizando o curso. Vinicius pensa que pode ser interessante que caminhemos pela aldeia enquanto conversamos com ele, e assim ele pode ir contando a sua história junto com a história da aldeia. Caminhamos, enquanto os jovens pesquisadores fazem perguntas ao



tamoi. Por fim, chegamos na represa, e os pesquisadores começam a perguntar ao tamoi a respeito dos temas da pesquisa: a caminhada, a opy, as diversas “nações” guarani, os caminhos de antigamente, etc. A entrevista dura aproximadamente duas horas.

Voltamos à opy, e Claudio aproveita para falar de uma viagem que fez, recentemente, junto com Osmar, o outro pesquisador de Araçai, e Vinicius, a aldeia Palmas (Paraná´) para participar de um encontro de tamoi que estava acontecendo na mesma. Ele nos mostra uma pequena gravação, feita no interior da opy, e conversa durante um tempo sobre a mesma. Logo após a fala de Claudio, assistimos ao filme Tava, realizado por Ariel Ortega, Patricia ... e Vincent Carelli. Trata-se de um vídeo que é realizado a partir de uma parceria entre a produtora cultural “Video nas Aldeias” e o IPHAN. O tema do filme são as Tava, as construções das reduções jesuíticas, e a caminhada dos Guarani.

19/12/14 - sexta-feira

Manhã

Na parte da manhã, Vinicius propõe aos pesquisadores que façam um levantamento dos principais temas e assuntos presentes nas falas que eles tem ouvido até o momento, no contexto da presente pesquisa. Vinicius explica a técnica do brainstorm, e pede aos pesquisadores que escolham um conjunto de palavras que expressem os assuntos mais importantes em relação ao tema que nos ocupa.

Os pesquisadores começam uma conversa, em guarani, sobre o que estão ouvindo, aprendendo e pensando a partir das conversas com os tamoi e as jaryi, assim como daquilo que ouviram falar aos seus respectivos parentes mais velhos. Foi bom ver como eles estão tendo cada vez mais vontade de falar, e como está se criando um clima no grupo muito propício à pesquisa, pelo fato deles quererem compartilhar os seus conhecimentos. No entanto, uma vez que a conversa parece ter acabado, Ana lhes propõe que voltem à proposta inicial de Vinicius, que era escolher uma série de palavras que sejam importantes, passagens obrigatórias, na hora de tratar ou falar do tema da caminhada. Foi feita a seguinte relação de palavras:

- Guata porã
- Nhe’e
- Irundy ambá
- Kyringue rery
- Nhande amba
- Mby’a guaxu
- Opy
- Yvy mare’ ey

- Tava
- Nhemba'e apo
- Mobo apy tekoa
- Mymbe'i
- Tembupi mekoaxy
- Ayu reko
- Irundy régua mbya
- Tape porã
- Teju rua
- Xamambato'i
- Tembe kua
- Maietyi'i
- Nhemmongara'í
- Mb'e py rekoaxy
- Tekoa araça'í inhenpyrun ague
- Nhande yvy rupa
- Tery régua
- Kaguay
- Mbya arandu

Proposta de Vinicius: Escolher uma palavra e escrever um pequeno texto sobre ela, fazer um desenho e tirar uma foto que lhes sirvam de expressão. Depois de ter composto um grupo de palavras e conceitos pelos quais queremos passar em nossa caminhada, em nossa pesquisa, o xeramoí Augusto faz uma breve fala em português explicando porque o Guarani não é jurua e porque o jurua não é Guarani. Após esta fala, os pesquisadores foram fazer aquilo que Vinicius tinha proposto.

Tarde

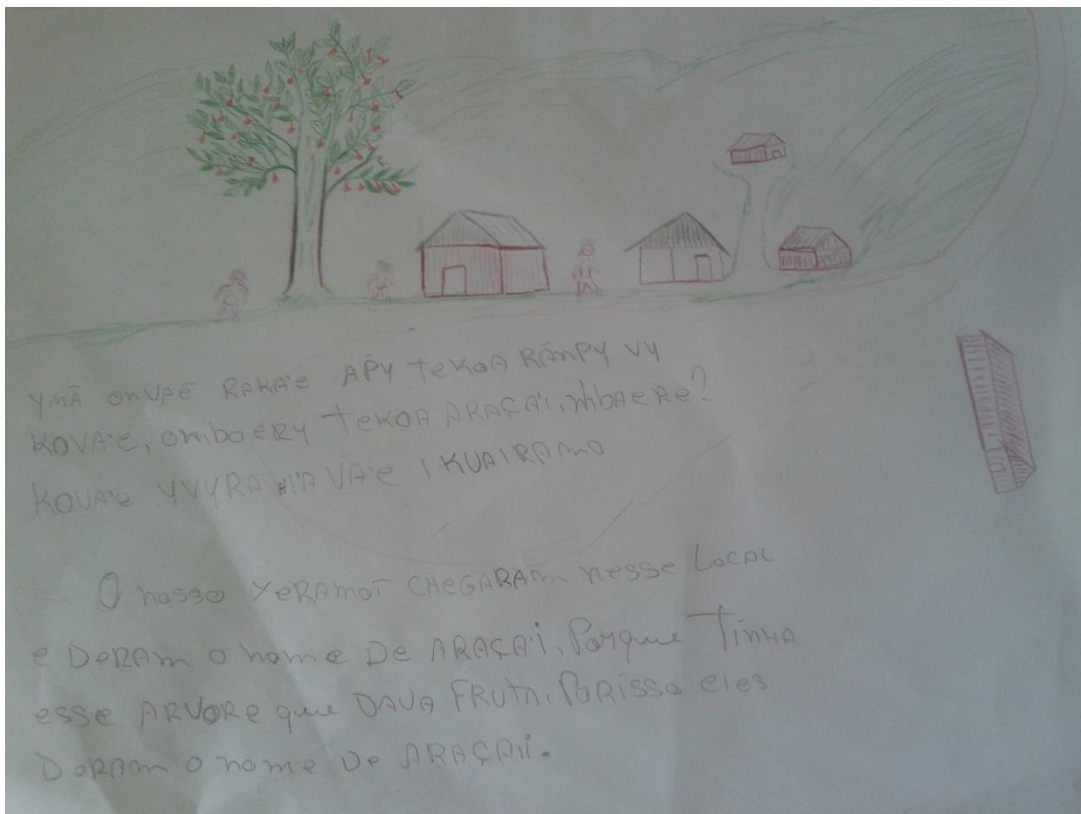
Na parte da tarde, contamos com a presença de Gesline, que vem representando o IPHAN. Ela comenta o contexto das ações de salvaguarda, participando as mesmas de

um processo, importante na atualidade, de produção coletiva, em que todo mundo está trabalhando. O IPHAN seria aqui um intermediário. Ela frisa a importância das pessoas que são detentoras dos saberes e fazeres. O IPHAN é responsável pelo processo que envolve o registro. Por sua vez, a UNESCO, órgão no qual trabalha a Gesline, é o responsável pela inscrição desse processo de registro, a partir de uma demanda da população. Assim, um plano de ação de salvaguarda se apresenta como um dos desdobramentos possíveis do nosso trabalho.

A seguir, Gennis faz uma apresentação do seu trabalho sobre a palavra Nhandereko, abordada por meio de uma série de fotografias do cotidiano da aldeia na qual mora. Gesline faz um comentário sobre as fotografias apresentadas por Gennis. Diz que quando as pessoas estão sentadas no chão, é melhor tirar a fotografia de baixo para cima de modo a fazer com que as pessoas apareçam melhor, mais valorizadas, menos achatadas. Vinicius comenta que gostou do fato de Gennis ter colocado uma foto das crianças ao ar livre, e outra das pessoas dentro da opy, mostrando dois ambientes diferentes. Gennis comenta que tem que ser assim, porque o Nhandereko inclui tudo.

Vinicius propõe um exercício para os pesquisadores. Eles devem escolher uma das palavras da lista que criaram, e fazer um desenho e uma fotografia que representem, de alguma forma, a palavra escolhida. Depois, os pesquisadores apresentam o seu trabalho.

Norberto fala brevemente sobre a palavra Yvy Rupa e Claudio sobre o nome da aldeia, Araçai. Vinicius chama a atenção para a diferença entre o desenho e a fotografia apresentadas por Claudio. Claudio diz que a diferença é que no desenho aparece a casa, pessoas e as frutinhas. Na foto só aparece a árvore. Vinicius comenta que na foto o que aparece é o real, mas quando a gente desenha, consegue fazer uma coisa de sua ideia. A realidade é uma árvore que está perto da casa, e que não tem frutinhas, mas a ideia de Claudio, para poder falar de Araçai, é a árvore com as frutas, e perto das pessoas que as comem, na aldeia. A foto é um registro e o desenho é algo que pode ser mais idealizado, ligado à ideia. Essa é a diferença entre a foto e o desenho. Então, esse exercício é para poder se expressar, pois uma palavra pode ter vários sentidos. Araçai é uma árvore e também uma aldeia.

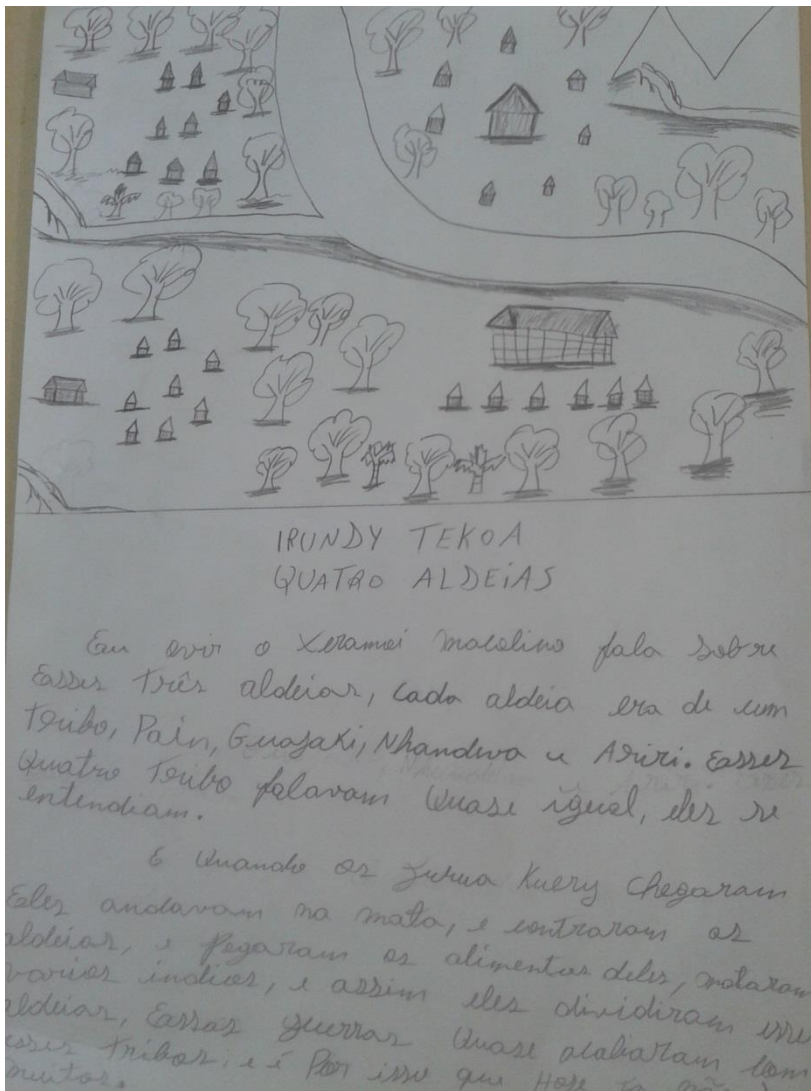


Gabriel escolheu a palavra Tembekua régua (o furo do lábio). Vinicius pergunta com que idade ele fez. Diz que com doce anos; os outros pesquisadores também dizem ter feito mais ou menos nessa idade. Vinicius pergunta qual a diferença entre o desenho e a foto. No desenho tem três furos, e na foto (do próprio Elson) só tem um. Claudio

responde que quem tem três furos são os Yanomami. Vinicius pergunta em que contexto o xeramoí falou sobre isso. Elson diz que, no dia anterior, fez essa pergunta porque tem gente que diz que não é próprio dos Guarani. Já o xeramoí Marcolino disse que é dos Guarani sim. Vinicius, então, comenta que uma coisa interessante das caminhadas é que passando pelas aldeias, vai se vendo as diferenças entre elas, o que se faz, o que já se deixou de fazer em cada uma.

Aladio escolheu a palavra Mboapy tekoa (três aldeias). Ele desenhou três aldeias. Vinicius lhe pergunta qual é a diferença que ele quis mostrar entre elas, no desenho. Aladio diz que pra mostrar que eram três mesmo. Já o Lucas escolheu falar de Irundi Tekoa (quatro aldeias). Vinicius comenta a questão das diversas versões que podem existir sobre um mesmo assunto. Ele lembra do filme Tava, onde isso aparece de uma forma bem clara. Depois ele comenta a diferença entre o desenho e a foto. Vinicius se refere à metáfora, pois na foto aparecem quatro casas, fazendo referência às quatro aldeias. Isso seria um uso metafórico da linguagem.



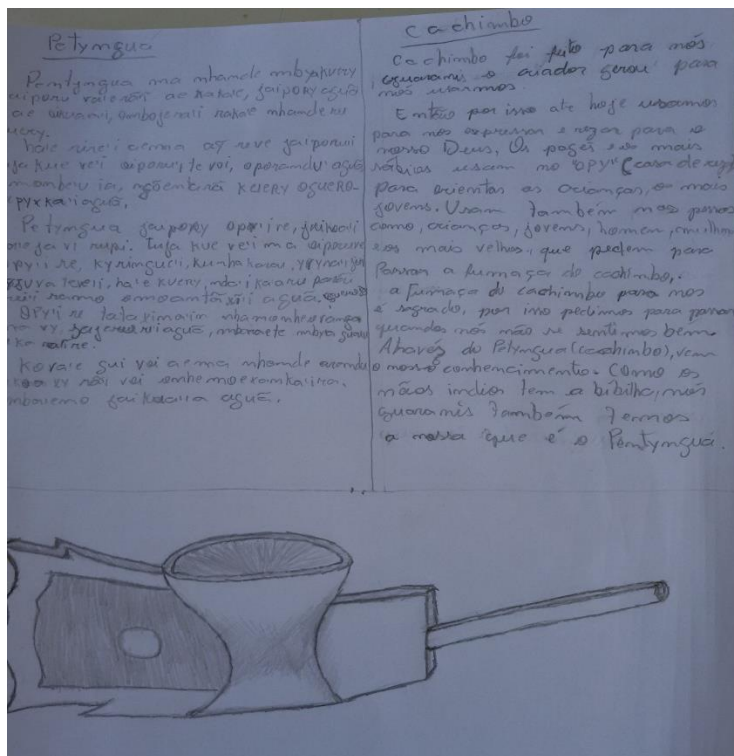


Gabriel, por sua vez, escolheu falar de Oguata porã, “eles caminham bem”. Todo mundo fala do desenho, e dizem que expressa muito bem, que já diz tudo.



Depois, Adriano fala do Pentyngua. Conversamos sobre o pentyngua. Adriano fala que o petyngua é para os Guarani o que a Biblia é para os brancos. Gennis lembra que foi isso mesmo o que disse o xeramoí Alcindo.





Edinho fala da palavra Mbaepu tekoaxy, que é o tambor. Edinho apresenta um texto bastante longo, em Guarani, e a tradução, junto com algumas fotos. Vinicius diz que, tanto no caso da foto de Edinho como de Adriano, é também interessante mostrar os objetos sendo usados pelas pessoas, pois isso lhes dá como uma dimensão a mais.

Ronaldo fala aos meninos, em Guarani, a respeito do modo em que têm que pensar em fazer o trabalho. Ele fala sobre a sua aldeia, e sobre os problemas que sofre por causa dos brancos. Lucas comenta que a diferença entre o trabalho do Ronaldo e aqueles que eles fizeram, é que o Ronaldo falou da situação da aldeia dele na atualidade. Vinicius comenta também este ponto.

Uma vez finalizadas as apresentações, Vinicius propõe uma atividade, consistente em sortear os temas entre os pesquisadores, e cada um deles tem que falar sobre esse tema, enquanto um de seus colegas filma a sua fala. Eles vão falar em português e, assim, começar a treinar esse processo da tradução que consideram tão difícil.



20/12/14

Manhã

Vinicius e Ana dizem que esse último momento é para combinarmos as definições para a continuidade do trabalho. Ana passa um texto de Daniel Munduruku sobre memória ancestral e escrita (anexo). A equipe conversa sobre o texto. Ronaldo faz fala em guarani sobre o texto. Depois, é passado o áudio da fala de xeramõi Timóteo de Morro da Palha sobre os conceitos de “Tape porã” e “Tenondé porã”. Então, a equipe discute a importância desses conceitos, qual seria o mais importante para o trabalho. O xamõi augusto faz fala em guarani para os pesquisadores. Norberto faz fala em guarani.

Vinicius fala sobre a organização das viagens. Ele explica que vai estar mais disponível em março, e que seria nessa época que ele poderia fazer o acompanhamento. Explica que um dos temas do filme, pode ser a deles caminhando. Explica que é importante ouvir as histórias das pessoas, para falar da mobilidade guarani a partir das experiências das pessoas. Ele coloca como exemplos o filme Tava e Desterro, que foram vistos nos dois cursos feitos até agora. Conversamos sobre as várias opções possíveis. Vinicius propõe que os pesquisadores façam viagens para visitar os parentes que moram mais longe. Ronaldo questiona esta ideia, falando da importância deste trabalho para todos os

Guarani e não só para algumas famílias. Ele diz que é importante contemplar as quatro nações guarani. Ronaldo faz uma longa fala em Guarani.

Textos 2º Curso

Literatura indígena e o tenuous fio entre escrita e oralidade

Por Daniel Munduruku.

A escrita é uma conquista recente para a maioria dos 230 povos indígenas que habitam nosso país desde tempos imemoriais. Detentores que são de um conhecimento ancestral aprendido pelos sons das palavras dos avôs e avós antigos estes povos sempre priorizaram a fala, a palavra, a oralidade como instrumento de transmissão da tradição obrigando as novas gerações a exercitarem a memória, guardiã das histórias vividas e criadas.

A memória é, pois, ao mesmo tempo passado e presente que se encontram para atualizar os repertórios e encontrar novos sentidos que se perpetuam em novos rituais que abrigarão elementos novos num circular movimento repetido à exaustão ao longo de sua história. Assim estes povos traziam consigo a memória ancestral. Essa harmônica tranquilidade foi, no entanto, alcançada pelo braço forte dos invasores: caçadores de riquezas e de almas. Passaram por cima da memória e foram escrevendo no corpo dos vencidos uma história de dor e sofrimento. Muitos dos atingidos pela gana destruidora tiveram que ocultar-se sob outras identidades para serem confundidos com os desvalidos da sorte e assim poderem sobreviver. Estes se tornaram sem-terras, sem-teto, sem-história, sem-humanidade. Estes tiveram que aceitar a dura realidade dos sem-memória, gente das cidades que precisa guardar nos livros seu medo do esquecimento. Por outro lado – e graças ao sacrifício dos primeiros – outro grupo pode manter sua memória tradicional e continuar sua vida com mais segurança e garantia. Estes povos foram contatados um pouco mais tarde quando os invasores chegaram à Amazônia e tentaram conquistá-la como já haviam feito em outras regiões. Tiveram menos sorte, mas também ali fizeram relativo estrago nas culturas locais e as tornaram dependentes dos vícios trazidos de outras terras. Foram enfraquecidos pela bebida, entorpecidos pela divindade cristã e envergonhados em sua dignidade e humanidade.

Estes povos – uns e outros – estão vivos. Suas memórias ancestrais ainda estão fortes, mas ainda têm de enfrentar uma realidade mais dura que de seus antepassados. Uma realidade que precisa ser entendida e enfrentada. Isso não se faz mais com um enfrentamento bélico, mas através do domínio da tecnologia que a cidade possui. Ela é tão fundamental para a sobrevivência física quanto para a manutenção da memória ancestral. Claro está que se estes povos fizeram apenas a “tradução” da sociedade ocidental para seu repertório mítico, correrão o risco de ceder “ao canto da sereia” e abandonar a vida que tão gloriosamente lutaram para manter. É preciso interpretar.

É preciso conhecer. É preciso se tornar conhecido. É preciso escrever – mesmo com tintas do sangue – a história que foi tantas vezes negada.

A escrita é uma técnica. É preciso dominar esta técnica com perfeição para poder utiliza-la a favor da gente indígena. Técnica não é negação do que se é. Ao contrário, é afirmação de competência. É demonstração de capacidade de transformar a memória em identidade, pois ela reafirma o Ser na medida em que precisa adentrar no universo mítico para dar-se a conhecer ao outro. O papel da literatura indígena é, portanto, ser portadora da boa notícia do (re)encontro. Ela não destrói a memória na medida em que a reforça e acrescenta ao repertório tradicional outros acontecimentos e fatos que atualizam o pensar ancestral.

Há um fio muito tênue entre oralidade e escrita, disso não se duvida. Alguns querem transformar este fio numa ruptura. Prefiro pensar numa complementação. Não se pode achar que a memória não se atualiza. É preciso notar que ela – a memória – está buscando dominar novas tecnologias para se manter viva. A escrita é uma dessas técnicas, mas há também o vídeo, o museu, os festivais, as apresentações culturais, a internet com suas variantes, o rádio e a TV. Ninguém duvida que cada uma delas é importante, mas poucos são capazes de perceber que é também uma forma contemporânea de a cultura ancestral se mostrar viva e fundamental para os dias atuais. Pensar a Literatura Indígena é pensar no movimento que a memória faz para apreender as possibilidades de mover-se num tempo que a nega e que nega os povos que a afirmam. A escrita indígena é a afirmação da oralidade. Por isso atrevo-me a dizer como a poeta indígena Potiguara Graça Graúna:

**Ao escrever,
dou conta da minha ancestralidade;
do caminho de volta,
do meu lugar no mundo.**

Autor: Daniel Munduruku. Revista Pessoa, novembro, 2014.

RELATÓRIO 3º CURSO DE PESQUISADORES GUARANI

Aldeia Morro AltoMarço de 2015

1) Apresentação

- Responsáveis: Ana Maria Ramo y Affonso (CTI), Vinicius Toro (CTI) José Benites (coordenador guarani)

- Local e período de realização: Aldeia Morro Alto (São Francisco do Sul/SC). De 26 a 31 de março de 2015.

- Nome e aldeia dos participantes:

1. Adriano de Oliveira (Morro da Palha).
2. Silmar Karai Antunes (M'biguaçu).
3. Aladio Bolantim Mariano (Morro dos Cavalos).
4. Lucas Oliveira da Silva (Maciambu).
5. Elsom da Silva (Pirai).
6. Gabriel Martins Pires (Pirai).
7. Edinho da Silva (Morro Alto).
8. Claudio Verissimo (Araçai).
9. Norberto Martines (Marangatu).
10. Laercio da Silva (Araçai)
11. Nilton da Silva

Acompanhou todas as atividades o *tamoï* Augusto da Silva da aldeia Marangatu (Imarui/SC) e o *tamoï* Timoteo de Oliveira, da aldeia Morro da Palha. Durante os dois primeiros dias, também nos acompanharam Ronaldo Costa e Elizete Antunes. Estiveram presentes, em alguns momentos, as pessoas da comunidade, principalmente Adriano Morinico, uma das lideranças da aldeia.

2) Objetivos do curso

1. Conversar sobre as estratégias a pôr em prática para a organização do trabalho. Discutir a respeito do programa para os próximos dois ou três meses. Avaliar o trabalho feito até o presente momento. Organizar as distintas atividades a realizar por cada uma das quatro regiões em que dividimos o grupo.

2. Promover a troca de conhecimentos entre os diversos membros do grupo, e criar um ambiente de trabalho em que se valorizem as decisões conjuntas e a participação de todos.

3. Proporcionar um espaço para conversa com o pessoal do IPHAN.

3. Discutir sobre o trabalho de tradução, sua importância e desafios.

4. Discutir e praticar as técnicas audiovisuais como forma de reflexão e expressão do trabalho de pesquisa

5. Promover a presença dos mais velhos, *tamoï* e *jaryi*, durante a formação, assim como de outros membros e lideranças das comunidades. Promover a presença dos pesquisadores na *opy*.

3) Procedimentos e metodologia

Aulas expositivas. Mostra de filmes que exploram a temática da pesquisa, por uma parte, e da mobilidade guarani, por outra. Exercícios de gravação como forma dos pesquisadores se apropriarem da linguagem audiovisual. Debates com a participação da equipe de formadores e a equipe de pesquisadores, sobre o trabalho de tradução e sobre os objetivos do projeto. Explicações do *tamoï* Augusto da Silva e do *tamoï* Timoteo Oliveira em guarani, sobre os vários assuntos discutidos. Debates e conversar entre todos os membros da equipe. Reflexões sobre as possibilidades e objetivos políticos de nosso trabalho.

4) Resumo das atividades desenvolvidas

Dia	Tema desenvolvido
26/03	Chegada. Apresentação para a comunidade, na

	<i>opy</i> , e explicação do projeto.
27/03	<p>Conversa sobre o trabalho realizado pelos pesquisadores, em suas respectivas aldeias. Organização do trabalho por regiões e sob a supervisão dos orientadores. Organização e distribuição do material de áudio para as traduções.</p> <p>Conversa com representantes do IPHAN.</p>
28/03	<p>Exercícios práticos de tradução em grupo. Reflexões em torno da escolha de conceitos em português para a tradução de conceitos Guarani. Leitura de algumas traduções que aparecem em textos de cunho antropológico.</p>
29/03	<p>Definição da estrutura do livro.</p> <p>Reunião entre os Guarani.</p>
30/03	<p>Exibição e discussão sobre filmes relacionados a pesquisa. Exercício prático de filmagem em grupos. Exibição do exercício e discussão posterior.</p> <p>Despedida na <i>opy</i>. Agradecimentos à comunidade.</p>

5) Descrição das atividades desenvolvidas

26/03/2015

Tarde

Chegamos na aldeia em torno das 18 horas. Comemos alguma coisa, nos acomodamos e entramos na opy. Ali somos recebidos pela comunidade, e pelo coral das crianças. Nos apresentamos e contamos um pouco sobre o trabalho que estamos realizando.

Desde o começo de nosso trabalho, procuramos sempre fazer a abertura do curso na opy de cada aldeia por onde passamos. Estes são sempre momentos muito importantes, em que explicamos à comunidade que nos recebe sobre a nossa caminhada. Cada vez mais, os pesquisadores se sentem preparados para contar o que estão fazendo. E sempre temos a oportunidade de ouvir vários conselhos das pessoas que nos recebem.

Participamos também das rezas, fumamos petyngua e cantamos junto com os tamoi e as jaryi. Assim, sabemos que estamos nos fortalecendo ao mesmo tempo em que fortalecemos as comunidades por onde passamos.

27/03/2015

Manhã

Esperamos na parte da manhã a que cheguem as pessoas de outras aldeias. Enquanto isso a gente se reúne para falar do trabalho que foi feito até agora, e do que ainda falta por fazer. Timoteo fala sobre os temas da pesquisa. Ele diz que está disposto a falar com cada pesquisador sobre esses assuntos, pra já deixar organizado. Os pesquisadores presentes vão falando sobre o trabalho que tinham se comprometido a fazer no último curso de formação, na aldeia Araçai. Infelizmente, só um ou dois deles fizeram. A questão do compromisso dos pesquisadores é ainda um problema. Decidimos nos concentrar nesta questão para os próximos dois meses de acompanhamento.

No meio da manhã chega o pessoal da aldeia Araçai (Paraná) – os pesquisadores Claudio e Laercio - e da aldeia Piráí – o pesquisador Elson e Ronaldo, que faz os acompanhamentos na região. Propomos continuar a falar sobre o trabalho de cada uma das quatro regiões em que dividimos a equipe. Como combinamos em nossa viagem ao Rio de Janeiro, José Benites ficaria responsável pelo acompanhamento na aldeia do Paraná, que é Araçai, Ronaldo Costa pelo acompanhamento nas aldeias da região do litoral norte de Santa Catarina, que são Piráí e Morro Alto, Ana Ramo nas aldeias Mbiguaçu, Morro da Palha e Amaral, e Elizete Antunes nas aldeias Maciambu, Morro

dos Cavalos e Imarui. Para o caso da aldeia Araçai, dado que houve bastante mudança de pesquisador e que o último a entrar, Laercio, não participou dos anteriores cursos de formação, resolvemos chamar Jan Eckart, antropólogo que já trabalhou no mesmo projeto no estado de São Paulo; desta forma, esperamos poder reforçar a parte referida à formação em métodos de pesquisa antropológica.

José fala sobre o estado do trabalho. Diz que temos ainda muita coisa para fazer, e que devemos mergulhar no trabalho, pois a importância do projeto e a responsabilidade assumida com ele são muito grandes. Diz também que o tema é muito amplo, que é tema para um trabalho de doutorado. Ele fala também das dificuldades dos meninos, das várias coisas envolvidas na vida de cada um. Mas, o trabalho é para eles mesmos, para os Guarani; isso que os Jurua sempre falam. Lembra que eles já conseguiram algumas coisas, que hoje os pesquisadores estão ganhando pelo menos um pouquinho enquanto que em outras épocas faziam o trabalho sem ganhar nada. Diz que é importante pensar um pouco isso também, a questão do dinheiro pois não ficou claro. Propõe que cada coordenador regional pode sentar com o grupo e fazer esse planejamento. Podem fazer um encontro nas aldeias e um orçamento.

Outro assunto que também dificulta o nosso trabalho, segundo José, é que a palavra Guarani não tem tradução. Traduzir é muito difícil. De um texto em guarani de 15 páginas, no português vai ter só cinco. Do jeito Guarani, o velinho fala, fala, mas ele volta várias vezes ao mesmo assunto. Ao mesmo tempo, cada um pode estar falando da mesma coisa, mas cada um pode estar usando uma palavra diferente, e isso também é importante. Elizete acrescenta outro aspecto problemático da tradução, que é o dos jurua usarem algumas falas como argumento contra os Guarani, interpretando de maneira errada as palavras. Ela diz que fica em dúvida quanto a isso. Ronaldo fala em Guarani.

Combinamos que cada acompanhante sente com o seu grupo para pensar uma estratégia de trabalho.

Nós separamos, então, os quatro grupos para conversar sobre uma proposta que organize o trabalho nos próximos dois meses. A equipe de Ana está formada por Nilton, da aldeia Amaral e Adriano, da aldeia Morro da Palha (Gennis, da aldeia Mbiguaçu, não compareceu ao curso), e conta com a presença do *xamoi* Timóteo Oliveira. Conversam sobre o prosseguimento do nosso trabalho, voltando a uma conversa anterior em que já tínhamos combinado a estratégia para a realização das

traduções. Nilton diz que quer fazer uma mostra do material gravado durante a viagem ao Rio de Janeiro com as crianças da escola. Adriano também acha a ideia muito interessante. Ana propõe também que se tente conversar com seu Alcindo, de Mbiguaçu. Ele já se mostrou disposto a ajudar um pouco, então Ana propõe que organizemos algo em Mbiguaçu, junto às lideranças da aldeia, para reunir os jovens e as crianças e que possam também aproveitar a fala do *tamoi*. Tanto para este como para os outros encontros (as mostras das filmagens) se propõe organizar um lanche para a comunidade.

Depois de nos reunirmos por grupos/regiões, cada acompanhante/orientador deve apresentar a sua proposta ao resto da equipe. Ana é primeira a fazer isto. Depois é a vez de Elizete. Ela, junto aos pesquisadores de seu grupo, pensou organizar as traduções convidando a comunidade a participar. Eles vão se responsabilizar pela tradução das entrevistas realizadas na aldeia Boa Vista (Ubatuba) durante a nossa viagem. O tradutor seria o pai dela, que é um bom conhecedor de ambas línguas (guarani e português). Ela pensou em organizar oito dias do trabalho de tradução ao longo de quatro semanas. No entanto, o orçamento planejado pelo grupo de Elizete extravasa as possibilidades do projeto, pelo que decidimos que Ana a ajudaria a pensar os custos e as atividades a realizar. Ana conversa com ela, depois, sobre a tradução como um trabalho a ser feito por um grupo pequeno de pessoas, em um ambiente que permita a escuta atenta e a concentração. Elizete concorda neste aspecto.

O grupo do Paraná, da aldeia Araçai, ainda estava tomando o café da manhã quando propomos esta conversa, pelo que combinam que se reunirão mais tarde. A partir da questão levantada pelo orçamento realizado por Elizete junto com os pesquisadores, tivemos que calcular o orçamento com que cada grupo vai contar para os próximos dois meses de trabalho. José propõe que cada grupo pegue o dinheiro e faça o que der pra fazer. Eu digo que é importante fazer um planejamento anterior, pra tentar ajustar o trabalho a ser realizado com as possibilidades orçamentárias.

Já Ronaldo, que ficou um pouco confuso com toda esta discussão, prefere não se pronunciar. Mais tarde, ele, Elizete e eu nos sentamos para conversar sobre o modo em que eles dois podem usar o orçamento. Combinamos que cada um deles receberá, nos próximos dois meses, 300 reais por mês para se responsabilizarem pelo

acompanhamento em suas respectivas regiões. Além disto, ainda contarão com uns 1000 reais para poder fazer o trabalho de tradução junto com os pesquisadores.

Tarde

Na parte da tarde realizamos uma reunião com alguns representantes do IPHAN: Pedro Clerot - técnico da coordenação de identificação - COIDE/CGIR/DPI; Ellen Krohn - Coordenadora de Registro - substituta COREG/CGIR/DPI; Juliano Doberstein - técnico do Iphan-PR; Geslline Braga - consultora de patrimônio imaterial do Iphan-PR; Cândice Ballester - chefe do Escritório Técnico do Iphan em São Francisco do Sul – substituta.

Depois de fazer uma breve introdução do contexto da reunião, Ana passa a palavra aos representantes do IPHAN. Pedro agradece a oportunidade de estar presente em nosso curso. Ele explica que vem de Brasília, onde trabalha. Conta do trabalho do IPHAN e apresenta a Cândice, que hoje em dia trabalha na sede do IPHAN em São Francisco do Sul (Município dentro do qual se situa a aldeia onde estamos fazendo o trabalho), mas que trabalhou já junto aos Guarani em São Miguel das Missões na época em que o IPHAN começou a sua parceria com o CTI para o processo de patrimonialização das Tava. Pedro explica que os Guarani já estão na agenda do IPHAN há um tempo. Em 2004 começou uma pesquisa em São Miguel, um inventário como esse que a gente está fazendo, e culminou no registro da Tava no ano passado. Foi ali que o IPHAN começou a trabalhar com a cultura Guarani, e foi ali que os Guarani chegaram ao IPHAN. O pessoal do IPHAN percebeu que tinha que tratar o mundo Guarani como os Guarani enxergam ele. O trabalho tem dado uns bons resultados. O objetivo continua sendo ver como podemos trabalhar juntos para valorizar a cultura guarani.

Cândice toma a palavra e conta sobre o histórico do projeto em São Miguel (RS). Diz que a Tekoa Koenju foi o lugar onde começou o trabalho. Explicou que com esse exemplo, do trabalho realizado lá, os Guarani presentes podem ter uma noção de como podem se inserir nessa pesquisa, que é uma pesquisa para eles mesmos. Para poder pensar em como fazer o trabalho, naquela época partiram da seguinte questão: “De que modo os Guarani demandam esse trabalho com a cultura?”. Isso serviria de guia para poder entender o que é uma Referência Cultural para os Guarani. Promoveram, então,

um encontro entre todos e se discutiu o que era para os Guarani esse conceito de Cultura e de patrimônio. Depois houve outro encontro com os Karai. Dessas atividades, eles fizeram uma oficina de vídeo com o programa *Video nas Aldeias*. O objetivo destes encontros era promover que os Guarani tenham noção das formas em que podem estar interagindo com o IPHAN. Nas palavras de Cândice: “Queremos dar um apoio e um suporte”.

Depois foi a apresentação de Hellen. Ela explicou que trabalha na “coordenação de registros”, que é a área que recebe os pedidos para o reconhecimento de patrimônio imaterial do Brasil. Disse que trabalha no meio do caminho, fazendo as pontes. Explica que o processo de patrimonialização das Tava supôs a junção de várias políticas de patrimônio. O lugar já era um sítio histórico, e a isto se acrescentou a referência dos Guarani para aquele lugar; isto veio a partir do projeto com as Tava. Também se produziu uma ressignificação das visões do Estado, e isso foi uma experiência nova. Disse que a ideia era pensar o registro daquela Tava, não como registro só daquela comunidade, mas como o reconhecimento de um bem cultural que pertence aos Guarani como povo. E havia também uma questão que diz respeito à gestão do patrimônio, pois uma vez que algo é considerado Patrimônio do Brasil, há de haver um reconhecimento e compromisso do Estado com a continuidade daquele bem como referência, através de ações de salvaguarda. Estas ações consistem em apoio à transmissão de saberes ou apoio com espaços físicos que podem ser construídos. Mas essa gestão do Patrimônio só acontece se a comunidade se envolver e tiver interesse de que aquilo tenha continuidade. Hellen explica que o IPHAN pode atuar junto a outras instituições, e que ele faz um trabalho de mediação e de articulação, um trabalho de sensibilização dessas instituições.

Também se apresenta Juliano. Ele fala brevemente sobre a política de pesquisa do patrimônio imaterial e sobre a questão do INRC (Inventário de Referências Culturais) que implica uma nova perspectiva de trabalho, a qual é bem recente. Essa política de patrimônio imaterial significou, quando foi implantada, uma espécie de reviravolta na instituição. O IPHAN era acostumado a dizer às comunidades o que elas deviam fazer. Nessa nova ação do patrimônio imaterial ela virou ao contrário, e está disponível para escutar como trabalhar com a cultura. A questão é que as caixinhas não funcionam. O IPHAN tem que se adaptar a isso.

Geslline se apresenta brevemente, dizendo que trabalha no Observatório da Unesco e também junto ao IPHAN de Curitiba. Bruno também se apresenta como aluno de mestrado do IPHAN. Depois os pesquisadores vão se apresentando. Jose aproveita para fazer uma pergunta sobre as condições das populações guarani nas Tava de São Miguel das Missões (RS). Diz que pra ele não ficou muito claro como é o espaço que os Guarani ocupam lá nas ruínas, pois eles não tem um espaço específico para vender o seu artesanato. E também não são vistos entre aqueles que trabalham como guias no local. Jose conta que discutiram isso no grupo da faculdade (Licenciatura Intercultural Indígena) quando fizeram uma viagem à região.

Cândice responde que esse questionamento é bem importante, pois fala da demanda (que será atendida agora em um projeto) de ter um espaço não só para venda, mas também para a produção do artesanato no local. Também havia um projeto que era o de fazer as visitas do parque com um Guarani como guia, mas como faz tempo que ela não está lá, não sabe dizer como está sendo encaminhada esta questão. Pedro explica que tem um projeto que vai começar agora. Diz que na proposta do parque eles vão tentar colocar todas as demandas dos Guarani, não só do Brasil.

Adriano Morinico, liderança da comunidade na qual nos encontramos, pede para deixarmos essa conversa para depois, por uma questão de ordem, uma vez que várias pessoas ainda não se apresentaram. Damos, então, continuidade às apresentações.

Adriano é o último a se apresentar. Ele traz a conversa para a região de São Francisco do Sul e de Santa Catarina, chamando a atenção para a problemática do território. É o território que tinha que ser patrimônio. Ele diz que tem que ser trabalhado um pouco para esse povo que está no local. Fala do seu trabalho em três estados, na área da saúde. Diz que conhece bem esses três estados. Explica que não é somente a questão da saúde e da educação, é a questão de que parece que não tem apoio do governo, municipal, estadual. Fala também da situação das pessoas que vendem artesanato. O território é patrimônio indígena. Diz que não pode demonstrar que a ruína (em São Francisco do Sul também tem) era o seu território, porque não tem mais acesso. “Tudo o que eu falo um pouquinho, até isso os brancos levaram. Eu sou um pouco chato, mas esse é o jeito de liderança”.

Depois é a vez de Timoteo, que faz uma fala em guarani, e depois continua em português. Transcrevo, a seguir, parte de sua fala:

Nós adultos temos essa coisa... lembrar do passado é muito triste. Muitos anos depois de 1500. Antes éramos nós, nós guarani éramos ricos, tínhamos tudo, nossa terra. Deus que faz pra nós a nossa terra. Tinha tudo pra gente comer. Nunca venderíamos balaios, flechas, essas coisas. Tínhamos tudo, material para fazer casa, tínhamos remédio, no mato tínhamos farmácia. E agora como ficamos, todas as aldeias não só no Brasil. Argentina e Paraguai é a mesma coisa. Os brancos estão estudando há bastantes anos, mas pra conhecer não vão conhecer como éramos nós. Porque nós vivíamos só entre os parentes antigos. Depois que chegaram os portugueses. Como vão conhecer, esses portugueses que chegaram depois. Não vão conhecer. Como é que nós sofremos, há 500 anos que nós sofremos. Nem pra vender balaios podemos; nós temos que pedir ainda. Tudo é o nosso lugar, do litoral até Porto Seguro, e agora nós temos que pedir tudo licença. E nós mais velhos que não temos estudos, pra ganhar dinheirinho temos que vender balaios. Mas o pessoal não quer comprar. Dizem: “Ah esses vagabundos, vieram pra vender trabalho, por que não trabalham”.

Por que vieram de fora esses estrangeiros, chegaram fazendo capital e agora não querem nem ver os Guarani. Aqui é o prefeito que manda, cada município, fiscal, não deixa vender, as vezes leva todas as nossas coisas. Isso que pra nós causa muita tristeza. Por que o governo do estado faz tanto tempo que está estudando? Governo tem que ser como Deus, tem que amar a todos. Pra isso que é governo. Por que eles nos deixam de lado, não querem ver nada? Igual presidente, tem que ser bonzinho. Tanto tempo estudando e não pensam. Pensam que nós não temos valor. Nós que temos valor para Deus. Nós que estamos vivendo reto, por isso que a nossa terra está sobrevivendo. Se tivesse só os brancos, não estaria mais a Terra.

Os brancos têm que conhecer bem, para saber mesmo como é o nosso sofrimento. Há quantos anos sofrendo... mesmo assim vamos continuar, porque Deus que nos protege. Ele não vai dizer que os Guarani vão acabar. Mesmo no meio da cidade, nós vamos ficar.

A população branca cada vez cresce mais, saem mais cidades, estradas, redes, Eletrosul. Vai acontecer mais, vai sair mais, para os brancos vai ficar melhor, e

pra nós cada vez pior. Mas eu não sei falar mesmo, então vou parar por aqui mesmo.

Adriano prossegue falando sobre o conceito de patrimônio. Diz que ele sempre fala do que é patrimônio para os Guarani. O patrimônio que eles tinham. Diz que nós brancos temos patrimônio de imóveis. Enquanto os Guarani, como o Timoteo falou, eram ricos (antes da chegada dos brancos). Tinham caça, rios, peixes, frutas, medicina, tinham esse patrimônio indígena. Mas hoje não tem mais. O Patrimônio não é somente a estrutura, esclarece. O patrimônio [dos Guarani] é tudo. A questão do território. Dizem os brancos, as leis, que o território indígena é imprescritível e inalienável. Mas essa ilha de São Francisco era tudo patrimônio indígena, e hoje os indígenas não tem mais. O único que restou agora de sua riqueza é a casa de reza, o espaço que eles vivem aqui na aldeia; eles não têm mais o seu território, não têm mais liberdade pra caminhar. Por que antigamente o povo guarani caminhava? Era uma questão de organização. Tinham que se dividir, porque o espaço não oferecia mais como sobreviver. Se eles vivessem só em um lugar, iam acabar com a natureza, explica. Então, a cada certo tempo tem que deixar o lugar, pra mudar, procurar outro lugar pra viver.

Adriano continua dizendo que Cultura é uma coisa só, e que a mãe de tudo é o território. Por isso temos que fazer a revitalização desde o princípio. Depois de terminar essa pesquisa, cada estado, cada município tem que tentar ajudar os Guarani, conscientizar o povo dele (os brancos). Para os Guarani, no mundo é Deus que faz a justiça. Mas na cidade, é o juiz que tem que punir. Existem leis, mas não para aqueles que tem bastante dinheiro. O patrimônio, é essa mobilização do povo guarani. Os deputados, que fazem as leis, tem que estar sabendo disso. A própria secretaria de cultura tinha que ajudar, resolver a falta de espaço daqueles que estão vendendo o artesanato. “Estamos vendendo o nosso patrimônio”.

Pedro, em resposta a estas falas, diz que o trabalho que fazem com as pesquisas, serve pra conhecer melhor. Diz que eles entendem que se vão trabalhar com a cultura das pessoas, tinham que trabalhar com as pessoas (no caso, os Guarani). Só quem pode dizer o que é importante para os Guarani, são os Guarani. Não são os funcionários do IPHAN que vão dizer o que é importante. Explica que eles fazem esse trabalho com a ajuda do CTI, pedindo pra juntar os Guarani e dizerem pra eles (do IPHAN) o que é

importante. Essas reuniões servem para a equipe de pesquisadores conversarem, para os Guarani, junto com o pessoal do CTI, dizerem para o pessoal que trabalha no IPHAN, nas fichas, nas filmagens, o que é importante. “Vocês têm que dizer pra nós o que é importante dizer por IPHAN. Tem coisa que é importante dizer pra FUNAI, pra SESAI, pra Secretaria de Educação”, conclui. Por fim, explica sobre o projeto de mapeamento da Yvy Rupa.

Hellencomenta que esse tipo de mapeamento é muito importante, pois é uma forma dos Guarani apresentarem aos poderes públicos locais o seu território. Esse tipo de mapa, então, pode ser um instrumento dos Guarani para fortalecer a sua luta em outras instâncias. É por isto que é importante pensar como esses trabalhos vão favorecer as comunidades.

Pedro completa esta fala dizendo que quando o IPHAN reconhece que um bem é patrimônio do Brasil, quando alguém como uma empresa de eletricidade quer passar por cima, então o IPHAN vai dizer que não pode. O IPHAN não demarca terra, nem constrói hospital, mas se for para construir a *opy*, ou fazer um encontro, eles podem ajudar a fazer.

Cândice diz que queria contribuir um pouco com estas falas, dizendo que este trabalho com a comunidade mbya começou primeiro com uma demanda local na região de São Miguel. Hoje eles (do IPHAN) estão aqui, porque entenderam que tinham que estar em todos os lugares que sempre foram ocupados pelos Guarani. “O mais importante culturalmente é esse território”. Em São Miguel, conta, os Guarani escolheram as TAVA. Aquele lugar era simbólico, mas não só aquele lugar. “Nós aqui entendemos isso, tudo o que vocês estão colocando”, acrescenta.

Pedro diz que agora como o Brasil reconheceu que as Missões são importantes para os Guarani, então podemos tentar que isso também seja lá no Paraguai e na Argentina. Isso aqui é importante não só porque os jesuítas estiveram lá há 300 anos, comenta, mas porque hoje os Guarani ainda estão aqui. Esse é o tipo de argumento que é importante poder usar!

Jose toma a palavra, e conta sobre uma reivindicação que os alunos da Licenciatura fizeram lá em Missões, junto ao professor Bessa. Eles fizeram uma sugestão sobre como

é que seria a gestão das ruínas, notando que sempre falamos sobre serem os próprios Guarani que falam, que pensam, e propõe.

Adriano faz uma sugestão. Diz que já que o Brasil reconheceu a língua Guarani, ele quer fazer uma pergunta: mesmo se a pesquisa está pronta ou não, o próprio município pode conhecer melhor essa questão na comunidade? Será que os representantes do IPHAN do Município poderiam estar se envolvendo mais na região, tentando ajudar a comunidade de alguma forma? Sem esperar que as pesquisas fiquem prontas, esclarece. Como o nosso colega daqui está fazendo um mestrado, ele, diz Adriano, poderia se aproximar mais um pouco, porque aqui mesmo os Guarani precisam desse apoio.

Ana aproveita para pedir ao pessoal do IPHAN que falem um pouco mais sobre as fichas e as categorias em que temos que inserir o nosso tema, que é a Mobilidade Guarani.

Pedro fala um pouco sobre as fichas. Diz que eles sabem que nem sempre tudo cabe. Explica que o Patrimônio cultural é uma seleção, uma escolha. Não porque é tudo, que tudo é importante. “Dentro da minha cultura, o que eu acho que é mais importante”, essa seria a questão. Ou então: “O que nós não queremos perder?”. Pedro explica que quando o IPHAN resolveu diferenciar o patrimônio em material e imaterial, é porque antes ele só trabalhava com as coisas que são mais concretas. Em suas próprias palavras:

O tombamento não protege as coisas que estão dentro da gente. Quando se criou o conceito de patrimônio imaterial, era para proteger as coisas que não são palpáveis. Não é a terra, mas o jeito que você vive nela, não é o cocar, mas o saber fazer. Isso você não tomba, isso está dentro das pessoas. Isso só vai continuar existindo se um ensinar para o outro. São as coisas que dependem das pessoas, e não as coisas em si. A riqueza principal do Brasil é o jeito que a gente vive.

Ana toma a palavra e fala sobre a questão do acesso ao material, ao lugar, à terra. Ou seja, como essa cultura tão atrelada ao uso do solo, à territorialidade, pode se fortalecer sem o acesso ao território, aos lugares, às passagens, aos ambientes? Pedro responde

dizendo que se o imaterial é material como eu tinha sugerido, o material também é imaterial. A tautologia do tema faz com que não levemos muito adiante essa discussão, que poderia ser por demais extensa.

Adriano coloca a questão da continuidade do projeto. No final, sugere que temos que fazer um encontro mais amplo, para a realização e apresentação de um relatório. Diz que está pensando no futuro desse projeto e que acredita que vai sair um documento muito bem feito. Ele explica que a fala não escrita é a mesma coisa que a Bíblia, mas que hoje tudo aquilo que a gente fala tem que estar registrado. “Antigamente a nossa escola era na casa de reza. A casa de reza é de onde vem o saber e o conhecimento do povo Guarani. O registro vai ficar pelo resto da vida”, explica.

Hellem retoma a questão das categorias. Diz que Ana falou de várias coisas que vão surgindo na pesquisa e explica que muitas vezes o IPHAN é questionado. Os pesquisadores que pertencem à cultura em questão perguntam por que tem que usar essas categorias que o IPHAN está colocando. Ela propõe que pensemos nisso como uma espécie de ponte. Em suas próprias palavras:

A gente pensa essas categorias como essas lentes. Essa é a forma como os brancos enxergam o mundo, essas categorias servem para vocês pensarem como querem que os brancos vejam a cultura. Elas são portas. Como eu quero ser enxergado. Pensar que tudo o que for feito durante o inventário, pode ser justificado. Vocês vão nos ajudar a ler o mundo de vocês. O inventário tem que ser uma ponte. Esse inventário vai servir para o Governo e os brancos chegarem em vocês. Esse inventário vai ser um caminho. Vocês mesmos podem pensar essas categorias.

Cândice conta que durante o trabalho em Missões, foram os Guarani que disseram o que é Patrimônio: “Isso é Patrimônio pra gente”. E isso foi muito importante. Pedro, por sua vez, propõe que pensemos quais são os ofícios, celebrações, lugares, que vão dar ao IPHAN a dimensão do que é o grande tema, a Mobilidade Guarani. Cândice retoma e explica que no parque, onde se encontram as Tava, os Guarani têm livre acesso. Desde que começaram a ter contato com os Guarani lá, isso foi conquistado.

Seguindo a proposta do pessoal do IPHAN, assistimos ao vídeo, em sua versão curta, chamado Tava, e realizado por Ariel Ortega e Patrícia Ferreira em colaboração com Vincent Carelli do programa *Video nas Aldeias*.

Adriano faz uma fala em Guarani depois do filme. Timoteo, depois, faz também uma longa fala em guarani, a respeito do filme e do que nele foi falado.

Depois, cada pesquisador fala um pouco sobre o trabalho com o pessoal do IPHAN. Sobre o trabalho, as expectativas, as dificuldades. Falam sobre a importância de se esforçar, sobre a dificuldade de escrever, sobre a falta de tempo e sobre o dinheiro, que eles consideram ser pouco. Gabriel fala sobre as dificuldades, diz que muitas vezes ele e a família dele passam fome. Diz que a mulher se queixa por ele estar viajando e deixar ela passando fome. Ele responde que o trabalho que está fazendo é muito importante, e explica sobre a importância do trabalho.

Adriano (pesquisador) diz que vai tentar falar um pouco, mesmo que não é muito bom de falar. Diz que a experiência está sendo muito importante, por estar fazendo um novo trabalho e estar tendo a oportunidade de mostrar a cultura. Isso é bom para nós, para aprender um pouco mais sobre como pesquisar, e diferenciar as pesquisas. O pesquisador Guarani tem que pensar como Guarani. Essa experiência está sendo muito importante. Como Gabriel está falando, a gente faz com muita dificuldade mesmo. Ele concorda com Gabriel de que o que eles ganham é muito pouco, mas que mesmo assim estão no projeto porque pensam em seu povo e querem mostrar isso. Mesmo passando por essas dificuldades, estão se esforçando. Eles estão querendo mostrar que não pensam somente neles mesmos. Com esta pesquisa, vão fortalecer um pouco mais a sua cultura e a sua luta, os seus territórios, etc.

Lucas se apresenta: ele diz que tem o mesmo a dizer que os seus colegas pesquisadores. Conta que fez audiovisual no Espírito Santo, mas que lá não tinha recurso, e mesmo assim fazia, para ajudar o povo. A questão do recurso, é difícil principalmente para os que têm filhos e mesmo assim deixam os filhos para pesquisar e fazer as coisas. Mesmo assim, estão contentes aqui, e não tem o que reclamar.

Claudio também diz que vai falar um pouco. O que os outros falaram, é tudo verdade, porque eles passam dificuldade com as suas famílias. Diz que está fazendo um trabalho

de tradução do vídeo, que gravaram em Curitiba. Estão tentando traduzir. Espera que quando o pessoal do IPHAN vejam, que aceitem. A primeira coisa que queria pedir para o pessoal do IPHAN é que aumentem a bolsa que os pesquisadores ganham. Lá onde ele mora, tem muita dificuldade para ir na cidade. Eles têm que chamar taxi para ir fazer a compra na cidade. Em suas palavras:

Vocês dizem que nós somos intrusos, mas nós vamos mostrar que a gente já estava aqui antes de você, no Brasil como vocês dizem: Brasil. Foram os portugueses que colocaram essas divisões. Como o meu parceiro, que está ali fora, ele sabe mais do que eu, ele já fez tudo, o magistério e essas coisas. Ele já completou o estudo dele, e fez estudo sobre isso, sobre a questão do território. Estávamos conversando há pouco que nós vamos fazer este trabalho para mostrar que nós índios já existimos aqui antes de vocês chegarem. Vocês falam que a Terra é só de vocês, mas na verdade é de todo mundo, porque foi Deus que deixou. É difícil eu falar que esta Terra é minha, porque não é minha. Quando eu vou na cidade para vender o artesanato e o pessoal fica olhando, eu não sei o que eles estão pensando. Às vezes eu fico bravo, mas eu fico na minha. Esse trabalho que vocês pedem, para nós é difícil traduzir a fala dos xeramoí, porque muitas partes não têm tradução. Mas a gente vai fazer, estamos fazendo um esforço para fazer, para mostrar para vocês. Vou falar mais uma vez da bolsa, porque a bolsa é muito pouco pra mim. Estamos fazendo este trabalho porque olhamos primeiro os nossos parentes e aqueles que não são nossos parentes. Eu vi no jornal que outras etnias passam a mesma dificuldade que nós passamos.

Ana explica aos pesquisadores que não é o pessoal que está ali com a gente no momento que resolve sobre a questão do orçamento e, por tanto, das bolsas. Digo que é um projeto com vistas à formação, e por tanto que a bolsa foi pensada como um auxílio, e não como um pagamento. Falo também sobre a importância de serem os próprios Guarani a assumir as decisões sobre o orçamento nos projetos em que participam, pois eles sabem melhor que ninguém quais são as prioridades.

Depois, Nilton conta do trabalho que estão fazendo e fala sobre a falta de material, principalmente do audiovisual. Adriano lembra da primeira reunião em que o pessoal do CTI apresentou o projeto, e diz que o Cris ofereceu câmeras, de outro projeto em ação na maioria das aldeias que participam deste, para fazer o trabalho.

Edinho pergunta sobre a continuidade do trabalho e sobre o que aconteceria caso não desse tempo para acabar. Pedro fala sobre a continuidade do projeto de outras formas, no fato deles estarem sendo formados como pesquisadores. Eles vão ser chamados pelo IPHAN, na hora de fazer outras ações. José complementa dizendo que temos que nos ajudar uns aos outros. Vamos continuar as parcerias com o CTI e o IPHAN. Diz que estamos aqui para nos ajudar, e não para brigar.

Elizete fala sobre a experiência dela como pesquisadora. Diz que os brancos contam a história da maneira que eles viram e da maneira que eles viveram e que está na hora dos Guarani contar a sua própria história, a sua verdadeira história. Poderem assim conhecer mais de perto o coração da cultura guarani.

Terminamos as atividades do curso e, depois de jantar, convidamos o pessoal do IPHAN para entrar na opy. Eles são recebidos pela comunidade, e as crianças cantam para eles. Depois o Adriano (liderança) fala sobre a importância deles ali e agradece a sua presença. Outras lideranças da aldeia também se levantam para falar. O pessoal do IPHAN também se apresenta, e agradecem pela oportunidade de estar ali nesse momento.

28/03/2015

Manhã

Antes de começar, Ana pede a Jan, que chegou no dia anterior no meio da reunião com o pessoal do IPHAN, que aproveite este momento para se apresentar. Ele fala do trabalho de acompanhamento que realizou no projeto do IPHAN/CTI em São Paulo, a respeito do Xondaro. Com isto, ele pretende exemplificar o que pode ser realizado no Paraná.

Ana começa retomando alguns pontos da conversa com o pessoal do IPHAN no dia anterior. Ela retoma o tema do contraste entre a “Cultura Guarani”, tal como a entendem os jurua e o Mbyareko vivido, experimentado e refletido pelos Guarani. Aborda também, com este exemplo, a questão da tradução e de seus equívocos inerentes, perguntando como é que a mesma palavra – Cultura – pode ter sentidos tão diferentes dependendo do contexto e da pessoa que fala.

Depois de discutirmos um pouco sobre as implicações políticas da tradução, que dizem respeito ao entendimento que as instâncias do poder público têm da cultura guarani e, por tanto, ao modo como pensam as suas ações nas comunidades, no âmbito da saúde e da escola, principalmente, mas também na questão territorial, passamos a realizar, em grupo, um exercício de tradução. Ana propõe fazer a tradução de um áudio gravado na aldeia Sapukai (Angra dos Reis) do cumprimento do *tamoi* e cacique da aldeia, João Silva (**em anexo**).

Esse cumprimento estará na abertura do livro. Ele começa com a palavra “Aguyjevete”. Ana pergunta sobre a possível tradução dessa palavra. Timoteo fala em guarani, e os pesquisadores também. Laercio explica que essa palavra não tem tradução, mas que pode ter explicação. Ele diz que é um cumprimento que pode ser utilizado em várias circunstâncias, entre humanos e também para falar com Nhanderu.

As frases seguintes vão sendo traduzidas coletivamente, uma a uma. Laercio se mostra muito motivado, e um bom conhecedor da língua portuguesa. Ana também colabora, tentando sempre achar as melhores palavras em português. Em certo momento, ela explica que essa fala de João Silva faz parte de uma linguagem erudita, conhecida principalmente por especialistas, e que por este motivo, deve também ser traduzida tentando usar uma linguagem erudita em português, de modo a manter o máximo possível a sua força e beleza, além do seu sentido.

José expõe certa preocupação em relação à escrita, pois professores de várias aldeias podem vir a questionar a grafia utilizada em Guarani. Este seria um risco que aparece atrelado a todo o material produto de transcrições em guarani. Ana diz que o grupo é que deve chegar a um consenso a este respeito, e que a decisão do grupo será apresentada como tal: uma das versões possíveis entre as várias existentes. Prossegue a tradução.

Paramos na questão da tradução do termo *nhe'e*. Ana aponta que não seria prudente traduzir estes termos por “alma” sem uma reflexão profunda antes disto, pois tal termo pode obliterar os sentidos que o *nhe'e* tem na língua guarani. Ela explica que existem diferenças cruciais entre a ideia que os jurua tem da “alma” e a ideia que os Guarani têm do *nhe'e*. A proposta é que alguns termos/conceitos permaneçam sem tradução e que, em seu lugar, se faça uma explicação dos mesmos.

A tradução prossegue até a hora do almoço. Mesmo sendo um texto pequeno, fazemos um grande esforço para encontrar as melhores palavras e manter a força poética da fala. Paramos para almoçar.

Tarde

Prosseguimos com a tradução. Jose observa como as falas guarani são sempre afirmativas, pois no início da tradução Laercio falava vindo de uma pergunta afirmativa com a qual o tamoi começa o cumprimento. Ou seja, é ao mesmo tempo uma pergunta e uma afirmação. Laercio tentava explicar isto. Adriano (Liderança) também destaca o fato das falas se reiterarem com palavras diferentes, o que dá a impressão de serem repetitivas. Em certo sentido, a repetição é uma das estratégias do caráter afirmativo destas falas.

Discutimos também a respeito dos termos Ara Yma e Ara Pyau, que indicam as duas épocas em que se divide o ano para os Guarani. Os pesquisadores discutem sobre a impossibilidade, na verdade, de fazê-los coincidir com as nossas estações, a pesar de haver certa sobreposição. Decidimos, como para os conceitos *aguyjevete* e *nhe'e*, dedicar uma parte para falar sobre estes tempos.

No final do texto, encontramos dificuldade em encontrar ou definir o sujeito da ação, principalmente do predicado “djoguerojapyxaka”. Não só definir o sujeito, mas também traduzir o termo foi complicado e gerou bastante tradução. Ao final, traduzimos por “concentração com o propósito de adquirir coragem e fortalecimento” e definimos os sujeitos como *nhaneramoï kuery* e *nhandejaryi kuery*.

Terminamos a tradução. Ana então propõe a leitura de alguns textos, que são traduções de falas Guarani, para que o grupo possa ter uma ideia do tipo de palavras usadas em português na tradução de conceitos guarani. Ela lê uma das falas de um tamoi que aparece ao final do livro de Hélène Clastres, *Terra sem Mal*. Depois passa à leitura de alguns trechos do livro *Ayvu Rapyta*, de Leon Cadogan. Após a leitura, em português e em guarani de trechos dos dois primeiros capítulos do livro, Timoteo faz uma longa fala em guarani, comentando.

Continua a leitura. Ana fala da tradução de Cadogan, sobre como ele preserva o aspecto repetitivo e poético das falas dos karai. Fala também sobre ele ter decidido traduzir *nhe'e* como “alma-palavra” e conta que esta tradução perdura até hoje nos trabalhos dos antropólogos. A proposta para o livro que será escrito pelos pesquisadores, no caso do *nhe'e*, não é encontrar uma palavra em português que sirva para traduzi-lo, mas escrever um texto explicando como os Guarani entendem os *nhe'e*, sobre o que os tamoi e as jaryi têm falado sobre eles nas entrevistas.

Timoteo fala em português sobre como Nhanderu deu a capacidade de cura aos Guarani. Depois, Ana continua com a leitura de um fragmento de um artigo de Keller, que é uma fala de um Guarani sobre o *nhe'e*. Neste caso, também, o texto aparece em português e em guarani, dando exemplos de como escolher as palavras em português para traduzir os conceitos guarani.

Ana fala sobre os três tipos de tradução com que temos trabalhado até agora, principalmente durante os acompanhamentos: a transcrição em guarani com tradução em português, a tradução literal diretamente ao português, e a tradução que é um resumo e/ou interpretação da fala original. Ela diz que nos próximos dois meses, vamos nos concentrar principalmente no segundo tipo de tradução, mas que os pesquisadores devem fazer uma entrevista com alguém, perguntando sobre a sua história de vida, e depois traduzir esta fala na forma de um resumo.

José fala sobre o trabalho que vai ficar para os Guarani, e sobre o trabalho que será entregue ao IPHAN e que tem um papel político. Ele opina que é fundamental orientar o livro por uma história dividida em três tempos: pré-contato, pós-contato e atualidade. Essa proposta se deve ao fato de que a mobilidade guarani se alterou no decorrer dessas três fases. Ana propõe que os pesquisadores comecem a pensar nas perguntas que foram formuladas por eles no primeiro curso de formação, para servir de guia para a pesquisa, e que tentem elaborar respostas próprias a partir do que têm ouvido no decurso do trabalho.

Para finalizar, Ronaldo faz uma longa fala em guarani.

Vamos jantar e, depois, nos dirigimos à opy.

29/03/2015

Manhã

Na parte da manhã conversamos sobre a necessidade de amarrar e organizar o trabalho realizado até o momento. Temos várias entrevistas que vamos traduzir durante os próximos dois meses. Depois, deveremos fazer uma seleção das partes destas falas que vão aparecer no livro. De modo a poder facilitar desde já esta seleção e, assim, dar uma orientação também ao trabalho de tradução, Ana propõe o desenho do que seria o “mapa” do livro (**em anexo**), a sua estrutura. Para fazer isto, Ana pede aos pesquisadores que voltem às questões levantadas por eles no encontro de Morro dos Cavalos (primeiro curso de formação) e que proponham respostas de acordo com o que puderam ouvir até o momento. Enquanto isso, ela, Vinicius, José (coordenador) e os *tamoi* Timoteo e Augusto, vão conversar sobre uma sequencialidade possível que relacione os diversos temas entre si e os torne compreensíveis aos jurua.

Os pesquisadores ficam na escola enquanto a outra equipe procura outro lugar para conversar. Ana pede a Jose que explique aos *tamoi* a sua ideia de dividir a pesquisa em três tempos: pré-contato, pós-contato e atualidade. José fala sobre isto. O *tamoi* Augusto faz uma breve explicação sobre os motivos da mobilidade, de acordo com como ele a entende. O *tamoi* Timoteo também fala, começando a contar a história desde a criação da Terra por Nhanderu até a chegada dos brancos (texto **em anexo**). A partir destas duas falas, Ana levanta uma proposta sobre uma possível organização dos temas em três capítulos, cada um deles referindo-se a um dos três tempos propostos por Jose. Os presentes concordam. Vamos, então, até a escola para a apresentação dos pequenos textos escritos pelos pesquisadores.

Chegando lá, ainda devemos esperar ao redor de meia hora para dar tempo a alguns deles de terminarem. É perceptível a dificuldade em relação à expressão escrita da maioria deles. As respostas são breves, tentando resumir as ideias principais das questões colocadas. A este respeito, é interessante a escolha de Laercio de falar sobre as suas respostas, que consistem em citar alguns pontos importantes sobre os quais discorre depois. Compreendemos que este seria o modelo ideal para o trabalho, priorizando sempre a expressão oral tentando vinculá-la a um resumo escrito para poder ir, aos poucos, ajudando os pesquisadores a desenvolver a destreza na escrita e uma familiaridade maior com este modo de expressão.

O *tamoi* Augusto escuta com muita atenção a fala dos pesquisadores. No final, faz um breve comentário, seguido também por Timoteo. Devido ao horário, paramos para o almoço.

Tarde

Ana mostra, com ajuda do projetor, o pdf do livro sobre o xondaro, resultado do projeto realizado em São Paulo. Chama a atenção para o modo em que os temas foram divididos e organizados dentro do livro - estrutura formal do livro. Também conversamos brevemente sobre as fichas do INCR, de acordo com como são apresentadas no livro, tentando analisar as escolhas em relação à classificação nas distintas categorias.

Ana diz aos pesquisadores que o livro é deles, e que eles podem aproveitar o livro para expor seu pensamento, suas ideias, sua arte (tem alguns meninos que desenham muito bem, outros que fazem foto, outros que escrevem letras de músicas). Começamos então uma conversa mais concreta sobre a organização do trabalho para os próximos meses. Vinicius fala brevemente sobre a organização do trabalho de edição na versão passada do projeto.

Ana explica que a partir da ideia do José e a partir das conversas com *tamoi*, o grupo que se reuniu de manhã sugeriu uma organização dos temas para o livro (em anexo). Fala que a ideia do José é dividir os temas pensando os diferentes tempos da história guarani: antes dos brancos, depois dos brancos e atualidade. Propõe também que entendamos, de acordo com as falas dos *tamoi* e *jaryi*, o tema da chamada *yvy marã e'y*, comumente traduzida como “Terra sem Mal”, mas que poderia ser também traduzida, como indica Daniel Pierri, como “Terra imperecível”, desde duas perspectivas ou condições: de busca espiritual dessa Terra imperecível para além da Terra em que vivemos, e de busca (também espiritual) e atualização de boas formas para se viver. A proposta é que a relação entre ambos aspectos do mesmo conceito permeie o livro e alinhe os três capítulos e/ou tempos no contexto do tema da Mobilidade. Ana, então, cita os temas presentes no primeiro tempo e depois no segundo tempo.

Laércio faz algumas intervenções, comentando. Diz que sempre houve mobilidade dos guaranis, mas que mudaram os motivos pelos quais se faziam as caminhadas. Pensamos,

então, na importância de se conversar também com lideranças atuais e com mais velhos para se entender essa história recente, que abraça os últimos sessenta ou setenta anos.

Timóteo diz que antes de 1500 os Guaranis viajavam por vontade própria, já depois disso não. Outras etnias brigavam com brancos pela terra. Já os Guaranis não, se o branco chega e eles se sentem incomodados eles saem, porque tinha bastante mata. Mas agora já não dá mais, porque está tudo ocupado. Por isso Guaraní não tem terra, porque não briga, qualquer coisa vai pra de baixo da ponte. Agora que o Guaraní está brigando pela demarcação, por isso eles estão atrasados em relação às outras etnias. Conta também que o governador de Santa Catarina diz que tem que se encontrar cemitérios Guaraní pra se provar que viviam nos espaços e territórios que hoje estão reivindicando no Estado. Mas, ele se pergunta como vão achar cemitérios se as cidades foram construídas em cima deles, se eles não podem entrar nas propriedades privadas que os ocultam. Então, o governador tem sempre uma desculpa.

Ana retoma a fala do Timóteo dizendo que a nova geração não tem mais a opção de se deslocar para buscar novos territórios porque não há mais espaço. Diz também que o fato dos postos de saúde e das escolas terem se instalado nas aldeias, promove também o sedentarismo. Por último, pede aos pesquisadores que pensem quais seria os motivos pelos quais os jovens viajam entre as aldeias hoje em dia. Começamos, então, a falar das festas e Ana as compara com os Nhemongarai, que eram antigamente os momentos em que as pessoas de diversas aldeias se visitavam entre si, que eram as festas de antigamente.

Os pesquisadores a corrigem, dizendo que não seria bem uma festa. O *tamoi* Augusto explica que, antigamente, as festas se faziam nas épocas específicas de caça e de pesca, em que se faziam incursões e acampamentos na mata e depois se voltava à aldeia e se dividia os produtos da caça e da pesca com a comunidade, celebrando essa abundância com as festas.

Timoteo fala sobre a entrada de bebidas, comida ruim e tecnologia nas aldeias guarani. Diz que hoje os Guaraní precisam aprender computador, etc., porque não tem como voltar atrás. Explica que ele queria uma terra enorme na mata, mas que é impossível conseguir de novo. Agora, só a língua eles não vão perder nunca, pois foi Nhanderu que deixou pra eles; a língua, a reza.

Adriano (liderança) fala em guarani sobre a questão do SPI, da retirada dos Guarani de suas aldeias e de quando os levaram para uma reserva, criada como se fosse uma fazenda, com outras etnias. Augusto faz fala em guarani. Adriano faz fala em guarani

Ana retoma fala sobre terceiro tempo. Depois propõe aos pesquisadores trazer os temas, o conjunto de conceitos importantes, para pensar a vida do jovem hoje em dia, para os que vivem nesse terceiro tempo, que são os próprios pesquisadores presentes.

Edinho pede para se esclarecer melhor a questão dos três tempos. José explica brevemente, dizendo que é necessário ter começo, meio e fim. Ele sabe que não é assim para os Guarani, mas que desse modo fica mais claro para os jurua. Ana diz que é o momento de se fazer as propostas para decidir o livro, os conteúdos e formas, e que por isso estão falando e pensando esses assuntos. A questão é fazer com que os jurua entendam um pouco mais, isso, claro, se o público ao que for dirigido o livro forem mesmo os jurua. Ana diz que essa é uma questão que o próprio grupo tem que decidir. Conversamos um pouco sobre este assunto. José diz que ele pensa que o objetivo do livro tem que ser os políticos. Já Larcio pensa também que podem ser os jovens das escolas jurua, o pessoal da região. Todos estão de acordo em que também pode servir para os jovens Guarani, nas aldeias.

Vinicius, então, explica sobre diferença de foco do vídeo e do livro no projeto do xondaro, o primeiro estando dirigido principalmente aos Guarani e os segundo aos jurua. Ele fala sobre as distintas linguagens privilegiadas em cada um deles, de acordo com este objetivo.

Os pesquisadores aproveitam, então, para perguntar sobre a questão do vídeo em nosso projeto. Vinicius explica sobre o que já foi feito de gravação e o que se pretende gravar, nas viagens que temos que planejar neste mesmo curso.

Laércio diz para decidirem agora sobre foco do livro. Ana conversa sobre processo a partir de agora, sobre como organizar as transcrições e traduções de acordo com o público alvo. Larcio diz que é importante colocar várias imagens, porque os Guarani gostam disto. Ana diz que, para o tema em questão é difícil achar imagens, mas que com certeza vamos ter que cuidar com carinho esta parte. Aí chama a atenção sobre a destreza de Aladio com o desenho, e lhe pede que comece a fazer desenhos sobre os temas que aparecem na pesquisa.

Começa uma conversa sobre o público alvo do livro. Nilton também diz que ele opina que devem ser os políticos. Ana fala sobre diferença entre as fichas do Iphan, que é o instrumento principal do inventário de referências culturais, e o livro, que pode ser mais para tocar as pessoas, para trabalhar com a opinião e incidir sobre a ignorância dessas pessoas com quem os Guarani têm que conviver no dia a dia, como, por exemplo, os colonos. José fala que o livro vai ser publicado pelo IPHAN, então vai ter uma entrada. Fala que o livro tem uma função política e que não podemos perder isto de vista.

Ana diz que, segundo ela ouviu dizer, faz parte do conhecimento político dos Guarani convencer o outro pelo afeto. Diz que primeiro a liderança entende no coração, pega daí a palavra que depois vai passar para poder atingir o coração do outro. Ana diz sobre necessidade de maior esforço para as traduções, no sentido de tentar mesmo manter a força das palavras dos mais velhos. José diz que há mesmo essa dificuldade, mesmo pra ele na faculdade, mas que já há uma evolução desde o começo do projeto. Diz que o Juruá, e a Ana, que é muito ansioso, que pra ele tudo é pra ontem.

Vinicius fala sobre a lei de ensino de história indígena, que focar num público jovem de escola pode ser uma porta grande de divulgação, e que isto também é uma ação importante em termos políticos. José lembra da possibilidade de dar continuidade ao projeto, pois isto que estamos fazendo, como falou dois dias atrás Pedro, representante do Iphan de Brasília, é só uma base para trabalhos futuros, que depois poderemos pensar nos desdobramentos nestes sentidos do nosso trabalho. Adriano (liderança) fala sobre a divulgação em termos estaduais e locais, enfatizando a importância de dar continuidade ao projeto.

Ana propõe, então, que os pesquisadores retomem a lista de termos/temas importantes que eles mesmos elaboraram no encontro(segundo curso de formação) na aldeia Araçai (Paraná) e que os distribuam dentro do mapa proposto para o livro. Começamos a fazer isto.

Finalizamos o trabalho, jantamos e, logo depois, entramos na *opy*.

30/03/2015

Manhã

Vinicius começa falando da necessidade de aprender técnicas de filmagem, não basta apenas ter uma câmera. De início, passa filmes primitivos que não consistiam em tramas. Apresenta um filme documentário antigo *Nanook o Eskimó*, o filme tem uma abordagem exotizante dos povos ameríndios. Ana e Vinícius destacando quanto tempo o documentário levou para ser feito, falam de como documentários podem ser construídos a partir de diversas coletas de material. Mostrando os relatos de como o documentário foi feito, Vinícius explica que um documentarista não só observa o que acontece, mas também propõe atividades. Vinicius aponta a romantização de Nanook e de como o documentarista-observador é parcial.

Ana e Vinícius falam de como o documentário acaba se constituindo num tipo de aula de como se faz as coisas que são retratadas pelas imagens. Vinícius explica a estratégia de fazer com que o público se identifique ou sinta empatia pelo(s) personagem(ns) no início do filme. Com uma cena engraçada pode-se fazer com que o público seja simpático ao personagem. Após esse período inicial de apresentação dos personagens, começa o drama.

Em uma cena de pesca, Vinicius mostra como apesar de real, é possível que a pesca possa ter sido combinada no intuito de se fazer as filmagens. Além disso, aponta como apenas algumas imagens são suficientes para os expectadores sentirem que a pesca durou o dia todo. O documentário mostra o que o documentarista quer mostrar, sempre só se mostra uma parte da realidade retratada. Na edição pode-se excluir imagens que possam gerar aversão ao personagem. Comenta, então, como as cenas são montadas por vários planos e ângulos que na edição são montados. Em um filme as imagens devem ser suficientes para explicar o que se quer, se necessário adicionam-se explicações. Assim, a sucessão de cenas de tensão que retratam problemas e desafios deve ser intercalada por cenas amenas. Eventualmente, explicações são necessárias para que as cenas fiquem compreensíveis. Alguns pesquisadores reparam como a música acompanha e compõem o clima da cena. Aproveitando-se de uma cena de caça de foca e briga de cães, Vinícius fala da progressão de problema.

Vinícius pergunta: *Por que vocês acham que eu trouxe esse filme?* Laércio diz que o filme mostra um tipo de vida mais próximo com a dos seus antepassados. Vinicius pergunta se tem a ver com a mobilidade e com as perguntas que os pesquisadores fizeram. Ele aponta como o filme mostra um modo de vida mais tradicional e também

mostra a visão que os brancos têm dos índios. Os pesquisadores na construção do documentário terão que lidar com essa visão congelada.

Filme a Arca dos Zo'ê

Vinicius mostra as semelhanças entre este filme e o antecessor: ambos retratam um modo de vida. Uma das diferenças, porém, é o fato de que no primeiro caso não aparecem câmeras, é como se o espectador estivesse ele próprio vendo a cena. No segundo caso, as câmeras não são ocultadas, ao contrário, faz parte da proposta do documentário mostrar que ele está sendo feito pelos Waiãpi.

Vinicius propõem discussão sobre semelhanças e diferenças entre os dois documentários. Ele nota que o filme pode ser construído mostrando e/ou contando e discutindo como era. O Nanook é um filme de observação, a Arca é um filme onde mostra e discute. O filme produzido no projeto será feito mostrando e discutindo. Vinicius sugere que o filme do projeto, assim como o Nanook, comece cativando o público e passando aos conflitos. Isso seguiria a divisão do livro em três fases históricas.

José fala de como para os *jurua* não há meio termo: ou é índio e vive na mata sem roupas, ou se usa roupas já não é mais índio.

Vinicius levanta a necessidade de decisão sobre as viagens que serão feitas para as filmagens. Que a partir de agora, o projeto entra em um momento de fazer as atividades em pequenos grupos dispersos em diferentes aldeias. José expressa intenção de viajar a aldeia de Itapiranga (tekoa Pipiri Guassu) no extremo oeste de Santa Catarina, aldeia que fica isolada no meio da mata e onde o xeramõi Augusto tem parentes.

Os grupos se formam os tekoa de destino são escolhidos.

José, xeramoi Augusto, Silmar: Pipiri Guassu

Gabriel, Norberto: Catupyry/ Guapo'y

Elson, Cláudio, Laércio: Pinhal/Paraguai

Lucas, Edinho, Adriano, Aladio: Bracui/Três Palmeiras

Antes da pausa para o almoço, Vinicius propõem uma atividade: formar duplas para filmar com a câmera do celular um dos dois andando até algum lugar em cinco planos diferentes.

Tarde

Vinicius usa os exercícios para mostrar como diferentes planos compõem uma cena. Fala do plano aberto que mostra o ambiente e a pessoa. O plano médio, mais convencional na realização de entrevistas. Plano mais focado no rosto da pessoa para mostrar expressões, plano fechado, primeiro plano. Posteriormente, mostra o plano “close” que mostra mais as expressões do que a fala. Mostra o “detalhe”, um foco bem próximo de uma parte da pessoa ou objeto. Mostra então o plano “plonge” o contra “plonge”. Plano e contra plano, uma imagem com pessoas conversando pegando uma parte de uma pessoa e focando a outra. Em um diálogo é importante manter as duas pessoas na cena mas mantendo ambos na mesma posição. Panorâmica; um plano onde se realiza um movimento sem se mover, movendo apenas a câmera é muito utilizado para mostrar paisagens e ambientes. Tilt, consiste numa panorâmica na vertical.

Vinicius fala de como é relevante captar a imagem de diversos planos diferentes.

Mostra o traveling, o chicote.

Vinicius prossegue a exposição falando da fotografia, ajuste de luz da câmera. Fala da importância da luz ambiente e o cuidado de não deixar a pessoa entrevistada na sombra.

Outro ponto abordado por Vinicius, é o som. É importante tomar cuidado com o vento e outros ruídos, com o tom de voz da pessoa e com a posição do microfone. Ele expõe tipos de gravação sem som e tipos de gravação com som.

Depois, das dicas básicas antes de se começar a filmagem, testar a câmera antes, pensar e observar antes de gravar e controlar a gravação, intervindo se necessário na ação da pessoa. Vinicius mostra uma gravação feita durante o encontro para exemplificar a filmagem de uma fala de um xeramõi. Nesse caso é importante tomar cuidado e prever que a pessoa em foco se locomove enquanto fala. Fazer também imagens de cobertura.

Vinicius mostra como se faz a gravação de uma música de diversas tomadas, grava-se primeiro com o plano parado para captar a música inteira até começar a repetir. A partir daí, deve-se tomar outras tomadas de diversos planos para não deixar monótona a cena.

Os pesquisadores fizeram exercício de gravar uma pessoa caminhando em distintos planos. As imagens são exibidas e discutidas, mostrando-se que tipo de plano que elas contém, acertos e erros. A partir de imprevistos comuns em filmagens Vinicius descreve técnicas para evitá-las. Principalmente em tomadas feitas em movimentos, que provavelmente serão comuns no filme que será feito, é necessário um trabalho em equipe, com alguém segurando a câmera e alguém guiando os passos da pessoa que anda de costas.

Os pesquisadores realizaram filmagens com grande variedade de planos o que permitiu que Vinicius falasse sobre os distintos tipos de plano por ele apresentados com exemplos práticos.

Vinicius propõem como exercício fazer uma entrevista com o Adriano, liderança na comunidade, sobre os tempos do SPI e deixa que os pesquisadores decidam sobre os outros aspectos da mesma. Os pesquisadores propõem que ela seja realizada próximo ao *opy*. Nilton propõe que os pesquisadores se dividam em grupos para elaborar as perguntas. Os pesquisadores se revezaram entre segurar a câmera, entrevistar e coordenar câmera e áudio. Foram feitas perguntas elaboradas pelos pesquisadores em encontro anterior.

Durante o dia, Ana esteve tentando organizar todo o material de áudio, vídeo e foto que repletamos até o momento. Como o arquivo fica muito pesado, só alguns dos pesquisadores conseguem copiá-lo no computador (o processo é demorado e já é tarde). Vamos jantar.

De noite nos dirigimos à *opy*. Como é a última noite que vamos passar na comunidade, o cacique, Ronaldo, pede que todos entremos, e chama também as pessoas da comunidade. Quando chegamos, o karai está fazendo alguns trabalhos de cura em algumas pessoas. Várias pessoas da comunidade se levantam para falar: Adriano, o cacique Ronaldo e outros. Também Timoteo se levanta, e faz uma longa fala. Alguns pesquisadores se levantam também para agradecer, e Ana, Vinicius e Jan também agradecem.

Como comentado no início deste relatório, estes momentos em que a equipe entra na *opy* são fundamentais para poder levar algo do trabalho para as comunidades que nos acolhem, mostrando o nosso respeito pelas lideranças de cada uma delas, e nos disponibilizando de bom grado para receber as palavras e os conselhos das pessoas. Esta é uma das partes mais importantes do nosso trabalho, pois determina e afirma uma diferença entre o modo em que um pesquisador jurua vai se relacionar com a cultura Guarani e o modo como os pesquisadores, por serem Guarani, devem fazê-lo. Pelo menos se nos concentrarmos nos conselhos dos *tamoi* e das *jaryi* quando comentam a importância do trabalho que os jovens vêm realizando.

31/03/2015

No último dia, e seguindo uma sugestão de Edinho, o pesquisador que mora em Morro Alto, decidimos passear um pouco, na parte da manhã, na cidade histórica de São Francisco do Sul. Alugamos um barco que nos permite conhecer a região, e perceber a ação da economia dos jurua sobre a paisagem, pois aqui está um dos maiores portos para o transporte de grãos, do país.

Refletimos, olhamos, fotografamos, nos relaxamos e nos divertimos. Pois tudo isto faz, também parte do trabalho.

Textos e entrevistas 3º Curso

CONVERSA COM AUGUSTO E TIOMTEO SOBRE TEMAS DO LIVRO

ALDEIA MORRO ALTO – 30/03/2015

AUGUSTO:

Vou falar um pouquinho. Um pedacinho só.

DE ONDE É QUE NÓS VIEMOS?

Na verdade, hoje em dia estão falando que nós viemos do Paraguai, e é verdade sim. Mas não agora há pouco tempo. Antes que Pedro Álvares Cabral descobrisse essa terra, nós já estávamos por aqui.

Lá no Paraguay tem os jurua também, que falam quase a mesma palavra nossa, quase a mesma língua nossa. [Ontem até estiveram lá os crentes, e falaram em guarani pra mim e eu entendi todinho]. Deus deixou lá os jurua, e é o Paraguay hoje. E nós do lado deles, mas no mato. Então, o que Deus deixou pra nós? Porque pro jurua ele deixou no campo, limpo e pra nós ele deixou o mato. Então, o que deixou pra nós também: tudo o que é criação que tem no mato, até hoje, deixaram pra nós, pra pescar, pra caçar e tudo... Até as madeiras temos que derrubar por causa do mel que tem, e a gente tira o mel da mata. E hoje o jurua [jurua, vou dizer, porque lá no Paraguay é quase Guarani também, né, mas só que já não é a nossa língua, tem outro sangue, vamos dizer assim...] Mas assim mesmo, tem muito lá no Paraguay ainda, porque nos tempos antigos, quando ainda não chegaram ou estavam por aqui os jurua, há muitos anos atrás já tinha Guarani por aqui.

Agora, estou lembrando de uma coisa: o governador do Estado de Santa Catarina diz que os Guarani têm que descobrir onde é o cemitério antigo, porque se eles mostrarem onde tem e sabendo onde é, aí eles podem ganhar a terra, porque eles vieram lá do Paraguay. Agora, se é verdade que tem, já há muito tempo, então tem que mostrar o cemitério. Mas, bem antes disso aí, os Guarani já vinham do Paraguay, porque a terra é uma só; pra nós é uma só. Porque não tinha ninguém, né? Então, foram vindo, por aqui, e foram morrendo alguns e outros passaram mais até lá em Porto Seguro. Então, por aqui, na beira do mar, está cheio de cemitérios guarani. Isso que eles não sabem. Mas eu ouvi falar porque os nossos avos, bisavós, tataravos contavam. Então foi passando para nós nos lembramos e acreditamos, porque tem que ser verdade, porque antigamente não tinha os europeus ainda.

GUATA PORÃ

Emenda com o que falei antes. Esse que é o Guata Porã, por aqui na beira do mar. É muito importante que o jurua saiba, por mais que ele não acredite... Mas é verdade, não é mentira nenhuma.

TIMOTEO

Anhetengua ae ma! Essa palavra dos antigos, que através dos nossos avôs, dos nossos tataravôs, nós aprendemos, sabemos e também acreditamos; sabemos que é certo. Nós, Guarani, não estamos anotando letras, só que a palavra é a palavra – nunca mentimos.

Então, primeiramente, essa terra nós sabemos que Nhanderu que fez pra nós, em primeiro lugar. Antes de descer Nhanderu Tenonde, aqui era tudo mar. Eles desceu no meio do mar, naquela época em que ainda não tinha sol ainda. Tudo era escuro e, no meio do escuro, desce e paira por cima do mar. Ele pensa o que é que vai fazer, por que é que ele veio. E então ele sabe através do coração: “Vou fazer a terra?”.

Primeiro ele fez só um punhadinho, bem pequeno, e pensou. Então, ele colocou Pindó . Ali que começa a Terra. E até agora [aquele Pindó] tem lá no Paraguay; só que ninguém vai ver, porque foi Nhanderu quem plantou. Essa planta dele, que ninguém tira, vai durar muito tempo e vai durar a terra. Mas se tirarem aquela plantinha que ele plantou, aí a Terra vai cair, porque é ela que segura. É assim que nós sabemos. A partir unicamente desse pedacinho de Terra, é que fizeram tudo o que existe no mundo.

Aí ele pensou. Já tinha tudo: os bichos, os peixes, fruta nativa, mel. Pensou, de novo: “O que é que eu vou fazer?”. Para caçar, para comer as frutas do mato, para pescar. Foi então que pensou em nos fazer, e fizeram os homens e as mulheres, os Guarani. Tudo aquilo, foi pra eles que fizeram, no nome dos Guarani é que ficou tudo aquilo. Não é que nós somos os donos da Terra, ou desta terra, mas ela é pra ser ocupada por nós, pra ser usada por nós; foi pra nós que a fizeram. Por isso nós sabemos que essa é a nossa terra, que é pra ser usada por nós. O dono mesmo é Nhanderu. Este mundo não tem donos. Em qualquer país, a população está só usando a terra. A hora que ele quiser terminar, o dono é que vai resolver. Por isso que nós Guarani temos vergonha de dizer que nós somos os donos da terra. Essa terra, nós só usamos.

No começo, então, nós vivíamos tranquilos. Lá em *yy tavai*, *yy mbyte* (centro da Terra), o lugar de onde vieram os Guarani. Mas até hoje, nós ainda sabemos que esta é uma terra só: Nhanderu *yy rupa*! Não tem outros nomes. Depois de muito tempo, vieram Pedro Álvares Cabral e os seus homens – os conhecemos em Proto Seguro e depois vieram. Naquela época, já tinha *tape* (caminho). A estrada guaviru, como a chamam os brancos, mas que para nós *tape*. Os Guarani fizeram esse *tape* desde *yy mbyte*, passando por aqui e também por Porto Seguro, até Peru. Mas onde está agora esse caminho? Não aparece mais. Por quê? Quem destruiu aquela estrada? Pode ver onde

tem ainda algum pedacinho, pode chegar aqui em Monte Cristo, Garopaba, Mbituba – pedacinhos têm ainda. Mas eles estão no meio das fazendas, das cidades e não aparecem mais.

Durante mais de 1500 anos vivemos aqui só os Guarani. Desde as Missões até aqui em Santa Catarina havia sete povos diferentes entre nós; assim vivemos primeiramente. Então, pra nós, é uma terra só. Só que agora, depois da chegada dos brancos e depois de terem matado muitos índios, começaram a brigar entre eles. Eles brigaram, pois cada nação queria tomar tudo pra si. Os portugueses queriam todo o território pra eles, os espanhóis e os holandeses também. Então eles brigaram entre si. Depois negociaram e se entenderam sobre como fazer as divisões. E forma dividindo. Foi ali que começou: Uruguay, onde ficaram os espanhóis, e tinha também os portugueses, que ficaram aqui no Brasil. Eles também não eram brasileiros, eram estrangeiros. Nós pe que somos brasileiros. Só que até agora os brancos ainda não conhecem a gente. Eles dizem: “Ah, vocês vieram [11:37] vocês vieram lá de Asia... Assim! E eles não vão saber nunca, porque há muito pouco tempo que os brancos nos conheceram. Mais de 1500 anos nós Guarani, nossos avôs antigos, já estávamos aqui, nessa terra, quando eles chegaram. Como é que os brancos vão saber como começou esta terra, como surgiram os Guarani, de onde vieram. Eles não vão saber nunca. Por isso que é muito difícil. Eles não vão acreditar, porque até agora não foi colocado na escrita.

Então, até agora, esta aqui, pra nós é uma terra só. Até agora. Como Nhanderu. Ele não vai dizer que aqui é México, aqui é Peru, aqui é Uruguay. Pra ele é só uma terra e foram eles que fizeram. Então, hoje em dia, os brancos querem nos considerar como população branca. Se eu vou na Argentina, eles vão me perguntar: “por que vocês vieram do Brasil?”. Se vierem da Argentina, vão dizer que vieram de outro estado, outro país, outra nação. Mas pra nós não é isso. Eles queriam nos considerar igual a eles, como população branca. Mas Nhanderu não faz isso pra nós, ele não fala essas coisas pra nós. Então pra nós é uma terra só. Se os brancos nos conhecessem como somos, se valorizassem a nossa cultura, o nosso sistema, não poderiam acontecer essas coisas. Se conhecesse de verdade, não poderia proibir àqueles que vem da Argentina que passassem para Brasil.

E também agora dizem que os índios nunca param, que caminham muito. Nós vamos ser assim mesmo, mas agora não é como antigamente. Nós vamos em outras aldeias e

voltamos depois. Antigamente, nós caminhávamos muito, para conhecer outras aldeias, visitar os nossos parentes, fazer Nhemongarai. Cada anos a gente ia pra uma aldeia. Ara yma, em uma, Ara pyau em outra... Assim! Isso é o nosso costume. Mas agora, hoje em dia, por que é que paramos? Não conseguimos mais fazer isso. Hoje em dia tudo é fechado, tudo é impedido de passar. Para o branco é melhor, tem estrada por toda parte, vai de ponta a ponta. Mas pra nós esses caminhos são fechados. Não é como antigamente; como é que nós vamos caminhar a vontade. Não dá mais. Desde aqui (aldeia Morro Alto, São Francisco do Sul), nem vou chegar na minha aldeia (Morro da Palha, Tijucas) tranquilo. Vou a pé, vou dormir em qualquer lugar na estrada, vai chegar a policia pra me tirar, qualquer fazendeiro vai chegar pra me tirar, é um perigo.

Antigamente não era assim. A gente caminhava, porque tudo era nosso. Ninguém nos protege, só Nhanderu que nos protege, aí nós andávamos à vontade, pescando, caçando, tirando mel, cortando palmito. Tudo era nosso. Mas agora, tudo tem dono. Não é só a terra. A terra em cada Estado, para o Governo do Estado é dele. Todas as nascentes, todas as árvores, todos os passarinhos, todos os bichinhos, tudo tem dono agora. Não é mais nosso. Até pra nós nos proibiram, caçar ou pescar em alguns rios. Nós queremos caçar pescar, mas sempre a gente encontra alguém que nos expulsa: “Aqui é minha terra, aqui é o meu terreno. Aqui não pode caçar, não pode pescar”, dizem. Tem todo tipo de pragas, também. Assim, nós não temos mais caminhos, nem pra caçar nem pra visitar os nossos parentes. Estamos cercados, tudo ao nosso redor está cercado. Por onde vamos passar? Onde vamos pescar? Onde vamos tirar mel? Temos sentido e sofrido muito; só que nós temos fé em Nhanderu, acreditamos e também sempre pedimos para nos acalmar, sempre para pensar bem, por nossas criancinhas. É por isso que nós nos mantemos assim. Mas nos sofremos, porque nós perdemos toda a nossa riqueza. Não tínhamos mais a nossa riqueza. Havia todo tipo de passarinhos, agora parece que só tem 140 ou 160 tipos de passarinhos aqui em Santa Catarina. Antes havia mais de 1600 tipos de pássaros. É assim! Então, aquilo que era nosso, nós perdemos tudo.

Os bichinhos são nossos, porque nós somos pobres. Nhanderu nos deixou aqui na Terra pra sermos pobres mesmo. Por isso ele já deixou tudo pra nós; não deixou dinheiro pra nós, mas deixou tudo pronto pra nós vivermos. Por isso, agora nós sofremos. De onde vamos tirar o nosso alimento? Se queremos carne, temos que ir na cidade. Se queremos comer peixinho, então temos que ir na peixaria. Mas não é todos os dias, também. Se conseguirmos algum dia, nós vamos comprar um pedacinho de carne pra comer.

Alguma vez nós passamos fome, e então temos que procurar algum serviço pra fazer, pra manter os filhos, as mulheres. Mesmo assim, mesmo sofrendo, levamos a vida e nós temos vida através de Nhanderu. E nós vamos conseguir mais ainda. Porque nós acreditamos em Nhanderu.

Eu não queria falar mal das populações brancas, mas eu tenho que contar a verdade. Mas eu também agradeço. Todas as coisas aconteceram, mas pelo menos agora, um pouco, o branco também ajuda um pouquinho. Não são todas, não é toda a população, mas alguns sim. Nós estamos conseguindo alguma coisinha. Mas a gente merece mais. Eu estou olhando, onde é que tem um parque estadual, nacional, aquela mata que Nhanderu deixou. Será que não é pra nós? Do meu ponto de vista, é pra mim: aquela é a minha terra. Isso os brancos têm que entender daqui pra frente, porque essa terra, aquele pedacinho, Guarani estava morando e vai morar mais. E vai continuar do jeito que está, não vai acabar, não vai levar tudo, não vai matar a nascente de água, não vai tirar terra pra vender, não vai tirar pedra pra vender, não vai tirar madeirinha (coitadinho) pra vender, não vai tirar bichinhos pra vender, não vai tirar a água pra vender. O Guarani não pensa nessas coisas; nós queremos preservar o lugar em que estamos. Nós amamos o que é nativo, não é só as pessoas que nós amamos. Nós cuidamos a nossa Mãe Terra. Porque através da Mãe Terra que as populações se levantam [21:15]

Tudo isso [esse pensamento] nós temos, nós os mais antigos. É muito difícil, mas eu queria só que eles conhecessem melhor esse lado, esse pensamento. Porque eles dividiram tudo [dividiram o território em Nações] e está assim até agora, e isso pra nós não está certo. Se vieram de Chile, vão dizer que vieram de outro país. E eles entendessem a nossa história, aceitariam que pra nós não existem essas divisões. Mas não, eles querem nos considerar igual que eles [com nacionalidades]. Por isso que agora os brancos falam pra mim: “Agora é melhor pra vocês, está tudo tranquilo com a ajuda do governo, fizeram a escola, o posto de saúde”. Mas pra mim é pior ainda; nós estamos sofrendo mais ainda. Por que? Se estivessem ajudando os Guarani, eles perguntariam o que é que nós precisamos pra cuidar da nossa saúde. Mas é difícil. Nunca vai acontecer a nossa aldeia do jeito que precisamos para a nossa saúde. Por que precisamos de posto de saúde para a nossa saúde? Será que se podem esclarecer todas as falas? Pra conseguir uma coisinha temos que trabalhar tantos e tantos anos. Por que hoje em dia precisamos de postos de saúde em nossas aldeias? Porque já não temos mais os remédios antigos e porque as doenças já não são como antigamente. As doenças dos brancos são diferentes,

elas chegam por outros meios, como através da comida. A doença também alcança muitos, porque não é como antigamente. [23:40] Antigamente as aldeias eram diferentes em termos de energia: a energia da mata nativa, dos espíritos, dos seres do mato, todos ficavam bem. Agora a energia também é diferente. A doença chega de todos os lados. Se tem uma fábrica ali, com a fumaça saindo todos os dias, sem parar, ano após ano. Do outro lado tem outro tipo, do outro, outro. Quantos são os navios por dia que saem? Quantos os carros que usam gasolina, álcool? Então, tudo isso já está fechando [a atmosfera], não é como antigamente. Por isso que as pessoas ficam doentes, as crianças. Então temos que dar os remédios dos brancos. [24:40]. Eles têm que nos ajudar, porque foram eles [os brancos], foi a população deles, que acabaram com as nossas riquezas. Um pouco, pelo menos deveriam ajudar.

Sobre a escola também. Por que precisamos? Porque os que somos adultos agora não sabemos falar [em português]. Porque eu não estudei. E hoje em dia, se eu não souber falar bem, ninguém vai me defender. Se eu vou no Deputado Estadual Federal, na Secretaria de Estado, não vou conseguir fala [que me atendam]. Nós queremos escola para entender mais e melhor, para que nossas crianças possam entender mais daqui pra frente. Isso que os meus avôs queriam. Vamos traduzir para que a população branca entenda pelo menos um pouquinho. Não estamos interessados em ganhar dinheiro; não é por isso que queremos que nossos filhos estudem. É para defender as nossas populações daqui pra frente. Por que precisamos disso agora? Porque se eu não assino, não vale nada. Onde eu quero viajar, se eu não colocar os meus documentos, não posso. Tenho que pedir pra alguém preencher na rodoviária. Tudo isso sem documentos não tem valor, porque eles não conhecem a nossa cultura antiga. Se quisessem fortalecer a nossa religião, não poderia acontecer isso (coitado, ele não vai aprender a escrever mesmo). Se não tem registro, ninguém recebe no hospital. Ninguém vai querer receber. Aí os brancos dizem que nós estamos melhor... Pior! Estamos pior! Eu quero ir visitar os meus parentes no Rio de Janeiro: se eu não tenho todos os documentos, se não tenho o documento do meu filho pequeno, nós não viajamos. Eles não se preocupam nem um pouquinho pelos pobres. Eles não valorizam nada nosso, mas Nhanderu sempre nos valoriza. Isso que nós achamos importante; Nhanderu nunca nos deixou, sempre nos protege e dá uma força pra nós. Mesmo se o branco não valoriza, Nhanderu dá uma força pra nós. [28:15]

E também agora eu fico tranquilo! De onde o Governo consegue fazer dinheiro, de onde sai o dinheiro? Sai da terra. Se não tivesse terra, onde é que iam conseguir. Nós Guarani também, se não temos aldeia, onde vamos conseguir teko? Onde vamos conseguir aquilo que precisamos?

Porque os brancos têm tudo dentro da terra, pra tirar, pra levantar dinheiro. Antigamente levaram a madeira nativa que tinha, muito bonita, pra fazer dinheiro. Plantação pra tirar dinheiro, tem que plantar na terra. Então a terra que dá dinheiro para as populações. A gente olha assim, por cima, e pensa que não tem. Mas ali é que tem dinheiro; essa terra que deu dinheiro para as populações.

A água, é a terra que tem. Quantos litros vão sair por ano quantos litros vão gastar por ano pra fazer energia para a cidade toda. De onde sai essa energia que é tão importante para os brancos? Através da terra, através da água. Se não tem água, como é que vão conseguir? E, quem dá água pra nós, pra todas as populações? É Nhanderu que dá a água. Se ele acha que o trabalho dos brancos é importantíssimo, ainda vai carregar mais água, por toda parte. Mas se [o branco] faz mais coisas das que precisa, ou se não faz aquilo que todos precisamos, ele vai diminuir mais ainda a água. Isso que a população não está sabendo. Por que caem tantos raios aqui no Brasil? Ninguém sabe... É porque não respeitam Nhanderu; a população não respeita Nhanderu. Por isso que caem muitos raios. Vão cair mais ainda, vão queimar mais ainda. Nhanderu que faz isso.

O Governo do Estado diz que é dele [a terra]. Só que não é dele, por isso que os donos sempre estão cuidando. Vem ventanias, chuvas fortes; são eles que estão cuidando. Se os brancos não entenderem, eles [os donos] ainda vão fazer mais. Vai alcançar as populações que nem estará sabendo/entendendo porque está acontecendo isso. Não é só no Brasil, é no mundo todo. Vai acontecer mais ainda.

E nós Guarani, sofremos e sofremos durante tantos anos, mas sempre o nosso coração esteve sendo visto pelo nosso criador, por Nhanderu. E também o sol, Nhanderu Kuaray, nós pedimos ano a ano que ele não pare. Se ele parar de aparecer para nos iluminar, ninguém, seja pobre ou seja rico, vai conseguir. Nunca. Porque Kuaray que nos dá força, pra levantar, pra trabalhar, pra construir todas as cidades, as fábricas de todo tipo. Se ele não iluminar mais, como é que vai conseguir? Ninguém vai. Dinheiro não vai resolver nunca, energia não vai funcionar mais, os carros não vão funcionar mais, o avião não vai voar mais. Nunca! Nada! Kuaray que tem amor por nós todos,

para nos iluminar sempre. E nós queremos que continue assim ainda, o amor por nós. Então, isso nós temos no coração cada vez, cada ano, todos os anos, todos os dias nós não nos esquecemos de Nhanderu Kuaray, pra iluminar sempre.

Nós queremos visitar as aldeias sim, outras aldeias. Por isso que este trabalho é muito importante pra nós. Se o rio é grande, nós vamos conseguir pelo menos a ponte para atravessar até as outras aldeias. Se não pra nós, não vai dar certo. Eu agradeço esse trabalho, porque pelo menos começaram a fazer pontes. Na minha sabedoria, é isso que eu estou colocando. É muito importante fazer pontes pra nós; pra ficar mais fácil conhecer os nossos parentes, para conversar cada ano com outros nhaneramoí, outros yvyraija, outros karai. Isso é importante. Pra mim é importante e também para os nossos criadores é importante, porque eles querem que nós visitemos os nossos parentes.

COMPRIMENTO FORMAL DO TAMÕI VERA MIRIM DE SAPUKAI (ANGRA DOS REIS/RJ)

Aguyjevete!

Reguata'i ndaje ra'e, rire'indaje reupity'i

kova'e reko ra'ĩ rupi ae ma nderatay py'i rupa i rupi,

mbovy nhamandu nhemopu'ã, mbovy nhamandu kuray'ã rupa re ,mbovy nhamandu

raky kue rei e'ỹ gui rerojapyxaka rire vy mã.

Nhe'ẽ kue'iry mbopy'aguaxua kue'iry

tove katu tape rupa'i tomõ pã'um porã'in katu

reague'i mbodjerovia porã a'igui ndadje minrami

nderete'i reupity porã'in kova'e djevyma

va'eranko aguydjevete

kova'erema nderete'i reno'ã porã'in va'eranko ra'e

opamba'e reko anhentem, ko yvy rupa gui katuvema,

yvy rupa gui anhove'ymã

nhandere'te'i djareko porã verity va'erã rami ve'yma,

nhanderu yvy rupa va'e mbyte mbyte rupi djepe

a'eramigua etegui djepeama anhentem

mbovy araymã guive'yma, mbovy arapyau guive'yma anhentem,

mby'aguaxuve rekorã'inre djokuerodjapyxaka anhentem

onhembodjerovia porã in oikovy ae guivyma anhentem.

nderete'i reno'ã porã 'in va'eranko anhetem

kova'e rupi djevy djevy'i nhanderete'i nhano'ã in aema
aguydjevete anhentem

TRADUÇÃO

Você fez uma caminhada pra chegar até aqui, e alcançou.

Pra isso acontecer, lá no seu lar

durante varios amanheceres, varios ocasos, vários anoiteceres, você esperou, se
concentrou e pediu

que aqueles nhe'ẽ que nos guiam, protegem e fortalecem

pudesem belamente iluminar o seu caminho.

Você pediu com verdadeira confiança e assim se realizou:

seu corpo de boa maneira alcança de novo aquilo que agora acontece

Por tudo isto, Aguyjevete!

Assim sendo [Nesta forma], haverás de sentir o bem-estar do teu corpo

A pesar dos males que certamente circulam/existem nesta terra

e que não são somente deste mundo

persistimos no nosso belo viver;

persistimos no meio deste mundo.

Verdadeiramente apesar de tudo isto, assim é.

Vários araymã, muitos ara pyau, certamente.

Com o propósito de adquirir a coragem, o fortalecimento nhaneramoi kuery, nhandejaryi kuery se concentram verdadeiramente.

Certamente, respeitam em boa forma o seu viver

assim, haverás de sentir o bem-estar do teu corpo

desta forma, novamente, nosso corpo persevera!

Verdadeiramente, aguyjevete!

MAPA TEMÁTICO DO FUTURO LIVRO.

PRIMEIRO TEMPO

Nhanderu Tenonde ombojera YVY – Nhande Yvy Rupa – Ka’aguy – yyakã porã
Yvy mbyte/ Yvu guaxu
Nhanderu ombojera Mbya Kuery – Irundy régua mbyá (xerombato’i)
Yvy marã e’y – Tape porã
Nhanderu yvate py – Guata porã (Nhanderu Mirim Kuery) - TAVA
Ko yvy py: TEKOA PORÃ: alimentação, mbaraete rã, saúde, os donos da mata, dos bichos Mymba’i, nhemba’e apo, tembe kuá, maety’i
Ara Yma/ Ara Pyau: Nhemongarai Avaxi Etei
Nhe’e Kuery ovya – Irundy amba – Kiringue rery – Tery regua
OPY – Mby’a guaxu - Mba’e pu rekoaxy – Mby’a arandu

SEGUNDO TEMPO

Mboapy tekoa
Chegada dos Jurua – Jurua ombojao yvy
Mostrar o acontecimento 1500 a 1900
Questão territoriais – Territórios de ocupação antiga
Reconhecimento de Terras indígenas – FUNAI e COMissão Yvy Rupa
História de vida dos mais velhos
Entrevistas com pessoas dos movimentos indígenas, lideranças.
(Falar da Ação Saberes Indígenas na Escola – TEMA: Territórios de Ocupação antiga)
Parques Nacionais – Projeto do mapeamento da Yvy Rupa (IPHAN e CTI)
De que jeitos as lideranças conseguiram as Terras?
Só se tiver cemitérios vão reconhecer a presença dos Guarani no litoral, só onde tiver cemitério.

TERCEIRO TEMPO

Contaminação, Escola (jurua arandu), Sesai, Estradas, Tecnologia (FACEBOOK)
Materiais para a sobrevivência
Tembiupi rekoaxy
Mobilidade: Visitar os parentes, Caça, Procurar bons lugares pra viver, reuniões, projetos.

A nossa cidade, a nossa capital, é o mato.

Yvy marã e'y agy: viver bem com a família, com a comunidade, consigo mesmo.

Tape porã

Tenonde Porã

Perseveramos, no meio de todas as coisas.

RELATÓRIO 4º CURSO DE PESQUISADORES GUARANI

Aldeia Mymba Roka (Amaral)

De 31 de agosto a 06 de setembro de 2015

1) Apresentação

- Responsáveis: Ana Maria Ramo y Affonso (CTI), Vinicius Del Toro (CTI) José Benites (coordenador guarani)

- Local e período de realização: Aldeia Mymba Roka (Biguaçu/SC). De 31 de agosto a 06 de setembro de 2015.

- Nome e aldeia dos participantes:

1. Adriano de Oliveira (Morro da Palha).
2. Silmar Karai Antunes (M'biguaçu).
3. Ison Euzebio (Morro Alto)
4. Lucas Oliveira da Silva (Maciambu).
5. Gabriel Martins Pires (Pirai).
6. Edinho da Silva (Morro Alto).
7. Claudio Verissimo (Araçai).
8. Norberto Martines (Marangatu).
9. Laercio da Silva (Araçai)
10. Nilton da Silva (Amaral)

Acompanhou as nossas discussões e atividades o *tamoï* Augusto da Silva da aldeia Marangatu (Imarui/SC) e o *tamoï* Timoteo de Oliveira, da aldeia Morro da Palha. Durante os dois primeiros dias, também esteve presente Ronaldo Costa, que tem acompanhado a nossa pesquisa desde o início. Do dia 02 ao 04 de setembro contamos com a presença de Maria Inês Ladeira (CTI) e de Daniel Calazans Pierri (CTI), acompanhados por Renata Alves de Souza que será a pessoa responsável pelo processo de editoração do nosso livro. Alexandre Werá, jovem cineasta guarani, veio acompanhando Vinicius Toro para auxiliar no processo de editoração do documental.

2) Objetivos do curso

1. Conversar e fazer uma breve avaliação do percurso realizado até o momento. Pedir aos pesquisadores que se manifestem a respeito do próprio processo da pesquisa. Refletir sobre os desdobramentos possíveis do nosso trabalho.

2. Discutir a organização do material escrito para o livro. Apresentar a proposta da divisão em três tempos, e da subdivisão por temas dentro de cada tempo. Reorganizar o material a partir das decisões dos próprios pesquisadores, divididos em grupos.

3. Conversar sobre o público alvo do livro. Discutir os diversos formatos possíveis de acordo com tal público.

4. Refletir sobre os possíveis desdobramentos políticos da definição do nosso tema como “bem cultural”. Conversar a respeito da elaboração das fichas do INRC. Proporcionar um espaço para conversa com o pessoal do IPHAN.

5. Definir a estrutura para a edição do documentário e traduzir as entrevistas mais importantes gravadas em vídeo durante a pesquisa

6. Promover a presença dos mais velhos, *tamoï* e *jaryi*, durante a formação, assim como de outros membros e lideranças das comunidades.

3) Procedimentos e metodologia

Debates com a participação da equipe de formadores e a equipe de pesquisadores sobre o percurso realizado durante a pesquisa e avaliação do processo em relação aos objetivos do projeto. Reflexões sobre as possibilidades e objetivos políticos de nosso trabalho. Encontros e conversas com os representantes do IPHAN para esclarecimento da natureza das parcerias realizadas e por realizar.

Divisão dos pesquisadores em grupos menores para a discussão do material de acordo com os diversos aspectos e/ou contextos em que se dividiu o tema da pesquisa: Guata Porã ou o “Belo caminhar”. Promover a participação dos pesquisadores na tomada de decisões referentes à distribuição das falas dos entrevistados e aos modos e estilos de expressão possibilitados no processo de editoração do livro.

Entrega de trechos dos vídeos para cada pesquisador para fazerem a tradução das entrevistas de forma individual ou em duplas para utilizar esse material como base para a edição do documentário.

Explicações do *tamoï* Augusto da Silva e do *tamoï* Timoteo Oliveira em guarani, sobre os vários assuntos discutidos.

4) Resumo das atividades desenvolvidas

Dia	Tema desenvolvido
31/08	Chegada. Apresentação para a comunidade, na <i>opy</i> , e explicação do projeto. Conversa sobre as expectativas para o encontro.
01/09	Conversa sobre o percurso da pesquisa, até o momento. Apresentação da proposta referente à distribuição das entrevistas de acordo com os temas escolhidos para o livro no último encontro. Distribuição da equipe para trabalho em pequenos grupos, cada um deles responsável por um dos temas e/ou contextos incluídos no assunto mais geral de nossa pesquisa: o Guata Porã ou “Belo Caminhar”.
02/09	Chegada do pessoal do CTI de São Paulo: Maria Inês Ladeira e Daniel. Conversa sobre as expectativas da equipe Guarani a respeito do livro. Conversa com Renata Alves sobre as possibilidades no que diz respeito à editoração e sobre as decisões a ser tomadas. Discussão com a equipe do CTI de São Paulo da distribuição dos temas no livro. Divisão da equipe em pequenos grupos para trabalho de organização do material das entrevistas.

03/09	<p>Conversa com o pessoal do CTI de São Paulo a respeito das Fichas do INCR e do processo de patrimonialização. Discussão referente ao que considerar como “bem cultural”. Conversa sobre a pluridimensionalidade do Guata Porã no que se refere às categorias do IPHAN e sobre as distintas possibilidades de argumentação oferecidas nas Fichas e no Relatório. Mostra de fotografias em que se pode ver o tema da Mobilidade Guarani, da troca entre as aldeias, desde final dos anos 70.</p> <p>Conversa em grupo sobre a possível estrutura para o documentário</p>
04/09	<p>Reunião e conversa com representantes do IPHAN.</p> <p>Atividade de tradução do guarani para o português das entrevistas gravadas em vídeo, feita pelos pesquisadores de forma individual ou em duplas.</p>
05/09	<p>Atividade de tradução do guarani para o português das entrevistas gravadas em vídeo, feita pelos pesquisadores de forma individual ou em duplas.</p>
06/09	<p>Reunião final. Conversa sobre o processo da pesquisa. Agradescimentos!</p>

5) Descrição das atividades desenvolvidas

31/08/2015



Tarde:

Chegada. Vamos nos encontrando à medida que vamos chegando, na casa do cacique, que é também o coordenador Guarani deste projeto, José Benites. Cada um vai se acomodando em um lugar para dormir. Depois comemos e nos reunimos na *opy*. Algumas pessoas da comunidade também se encontram lá. José agradece a nossa presença, e diz que está muito feliz por estar nos recebendo em sua aldeia. Explica que estiveram ensaiando com o coral das crianças para poderem nos receber, mas devido à chuva, as crianças ficaram em casa naquele dia. Amanhã, caso melhore um pouco o tempo, poderemos ouvi-las cantar, aproveitando também a chegada do pessoal de São Paulo – Maria Inês, Daniel, Renata e Vinicius.

Cada um de nós nos levantamos e nos apresentamos, dizendo de onde viemos. Timoteo também se levanta, e fala um pouco, para a comunidade, sobre o nosso projeto. Conta das viagens que fizemos e da importância do trabalho dos pesquisadores. É muito interessante, agora que chegamos aos momentos finais do projeto, ter a clara percepção da importância da mobilidade no que se refere à relação entre as diversas comunidades, pois o nosso trabalho, a cada vez que entramos na *opy* (casa de reza) em cada uma das comunidades por onde passamos, também consistiu em contar o que tínhamos aprendido, ouvido e visto nas comunidades pelas que tínhamos passado anteriormente. As visitas dos pesquisadores a cada aldeia acabou configurando uma rede em que o

tema das antigas caminhadas dos Nhanderu Mirim, do Guata Porã, ou “Belo Caminhar”, como decidimos traduzi-lo, foi lembrado. Esse *lembrar*, possibilitado pela pesquisa no momento em que coloca as possibilidades materiais para as viagens e que promove a conversa entre os jovens e os velhos, se transformou, por sua vez, em uma conversa sobre as atuais condições de vida do povo Guarani e sobre a sua relação histórica com os *jurua* (não-indígenas, brancos).

Timóteo lembra a todos nós, mais uma vez, a importância da *opy*, a importância de fazermos esse tipo de trabalhos, que dizem da sabedoria Guarani, ancorados nos cantos, nas danças, na concentração, enviando ao povo que habita o alto as nossas palavras, os nossos pensamentos, e os nossos pedidos para que esse trabalho possa chegar a fazer alguma diferença no pensamento e no coração dos *jurua*, dos políticos e das instituições, esclarecendo o seu entendimento sobre os direitos inalienáveis dos Guarani à ocupação dos territórios e ao uso do que neles se encontra.

Assim, mais uma vez, alguns de nós nos levantamos para cantar, tocar o *mbaraka*, o *takuapu*, acompanhando os mais velhos nos seus pedidos, nos seus apelos, e nos preparando para esta última semana de trabalho.

Dia 01/09/2015:

Manhã:

Nos encontramos na escola para dar início ao nosso trabalho. Infelizmente, esquecemos de fazer uma primeira roda de apresentações, a pesar de não estarem presentes muitas pessoas de fora da equipe. Contamos com a presença de alguns jovens da aldeia, e também de Wanderlei Moreira, que nos acompanhará durante os três primeiros dias do nosso encontro. Ana propõe começarmos cantando uma música, que fala dos Nhanderu Mirim.

Ana começa mostrando o material que já está transcrito. Explica que ainda faltam algumas coisas, e que nem todas as entrevistas puderam ser traduzidas, mas que, mesmo assim, temos muitas coisas (153 páginas, no total). A equipe fica satisfeita. Então, Ana volta ao tema do conhecimento guarani, do conhecimento dos mais velhos (que é o material de nossa pesquisa), como formando um quebra-cabeças. Lembrando ter ouvido

essa expressão ser utilizada em muitas ocasiões, por parte de pessoas diferentes, Ana diz que agora, com esse material, com esta pesquisa, ela entende o que isso quer dizer. Cada uma dos *xeramoĩ* e *xejaryi* entrevistados contaram uma parte da história, um pedacinho de algo que é muito amplo e complexo, que se refere a várias eras, no sentido histórico, que inclui vários povos, os quais habitam em várias dimensões, que inclui domínios políticos, econômicos, filosóficos, religiosos, pedagógicos, biológicos, etc, todos eles imbricados. O trabalho de edição que temos que fazer agora, neste encontro, explica Ana, é justamente montar esse quebra-cabeça, pequeno, limitado, singelo, que vai aparecer na forma de um livro.

Ana explica que há duas formas de fazer isto. Uma seria organizar as falas de acordo com as pessoas entrevistadas. Quando são as mesmas pessoas que falam em momentos diferentes, as diversas falas aparecem todas juntas em um apartado dedicado a essa pessoa – este seria o caso, especificamente, dos *tamoĩ* que nos acompanham durante todo o projeto. Por sua vez, os vários temas aparecem interligados, dando passagem uns aos outros, com uma temporalidade não-linear e uma certa circularidade, no interior de cada fala. A outra forma de organizar o material seria selecionando, para cada fala, os vários temas que, por sua vez, aparecem em todas (ou boa parte de) as falas. Esta seleção dos temas seguiria a proposta de tentar configurar certa linearidade dividindo o livro em três tempos – antes da chegada dos brancos, depois da chegada dos brancos e os tempos atuais. Essa tinha sido a proposta elaborada pela equipe no último curso, na aldeia Morro Alto (Laranjeiras/ São Francisco do Sul), aceitando uma sugestão dada por José Benites. Por sua vez, tínhamos desenhado um mapa com os vários assuntos presentes nas falas dos mais velhos, distribuídos ao longo destes tempos.

Ana pede a Ronaldo que comente a primeira proposta – a de manter na íntegra a fala de cada um dos entrevistados -, por ser uma sugestão dada por ele em um dos encontros para tradução que os dois fizeram. Ronaldo fala em Guarani e, depois, passa a palavra para o José. A equipe conversa em guarani durante um tempo. Pedem, também, para o Laercio se colocar a respeito. Por fim, decidimos trabalhar seguindo a proposta elaborada no último encontro da divisão do livro em três tempos e da distribuição dos vários temas de acordo com estas três partes.

Para que a equipe possa entender um pouco melhor a proposta e o trabalho de seleção e edição que temos que fazer agora, Ana lê algumas partes do material que trouxe, sobre

o qual ela já fez uma pré-seleção e distribuição das falas nos três tempos. Ela explica quais são os vários temas que surgem na maioria das falas, sobre os quais existe um material suficiente para criar um apartado dentro de um dos três tempos. Desta forma, vai ilustrando o processo de edição de um livro, que é uma das finalidades possíveis de uma pesquisa. Assim, enquanto os grupos vão se organizando, Ana reflete sobre todo o percurso da pesquisa e tenta trazer uma imagem do processo, desde o início hasta o momento presente, de modo que os pesquisadores sintam certo controle sobre o trabalho que estão trazendo, se sabendo prontos para, em momentos futuros, organizar uma pesquisa como essa e poder elaborar um livro como resultado da mesma. Essa formação foi um dos principais objetivos do projeto.

A proposta de Ana para fazermos esse trabalho é a de dividir a equipe em grupos, e que cada um deles discuta a possível relação e distribuição das falas para cada tema. De acordo com a pre-distribuição feita por Ana, são 19 temas; cada equipe, então, pega o material relativo a cada um destes temas, e vai selecionando qual é a sequência entre os diversos textos e colando essas partes em umas cartolinas. Os pesquisadores vão se concentrando aos poucos, e se cria um ambiente de trabalho bastante produtivo, onde é possível perceber as reflexões deles sobre a melhor maneira de concatenar as diferentes falas, tentando imaginar o leitor, majoritariamente não-indígena, a que irão dirigidas. Ronaldo e Wanderlei acompanham estas discussões, e Ana, que participa em um dos grupos, vai dando esclarecimentos quando solicitados.

Laercio comenta alguns problemas que aparecem nas falas principalmente por haver depoimentos contraditórios entre si. Conversamos, então, sobre a diferença entre o pensamento dos brancos, que seria mais linear, e dos Guarani, que aparece como circular. As contradições, por sua vez, são admitidas no discurso, pois o regime de verdade está antes ligado à experiência e história de vida de cada um – lugares por onde passou, grupo de parentesco, especificidades – do que à suposição da existência de uma objetividade de fundo de todas as coisas, acessível ao pensamento a partir da depuração, justamente, das idiossincrasias que constituem qualquer subjetividade. Deste modo, agora no final, nota Ana, voltamos ao tema que discutíamos no primeiro encontro sobre as diferenças entre os conhecimentos guarani e os conhecimentos científicos. A verdade, no caso dos Guarani, depende do efeito de cada acontecimento na vida das pessoas, daquele que fala e dos que o acompanharam, ou daqueles a quem ele ouviu falar.

No final da manhã, recebemos a visita do *xeramõi* Alcindo Verá Tupã, que atualmente mora na aldeia Amaral. Como está todo mundo muito concentrado, e o espaço todo ocupado pelas cartolinas e os recortes dos textos, não se dá o contexto para uma conversa com esse *xeramõi*, que é uma figura muito importante na região. Seu Alcindo aproveita para sentar e conversar com Timoteo e com Augusto, os dois *xeramõi* que fazem parte da equipe, e também com Ana (um de cada vez). Fala da importância de fortalecermos esse trabalho com os cantos na *opy*, pois esta é a única forma de assegurar que sejamos levados a sério pelas instituições do Estado. Fala também sobre a visão dos brancos da cultura Guarani como algo que está sendo perdido e que, por tanto, temos que mostrar, por meio de gravações de áudio e de vídeo, as danças e os cantos. Ele mostra também uma forte preocupação no que se refere aos jovens e ao seu desinteresse por muitos dos assuntos que os mais velhos têm para contar, assim como por saberes que eles pensam que já não são mais necessários hoje em dia, devido à presença dos brancos - da saúde, das escolas, do dinheiro, das tecnologias - nas aldeias, assim como à dificuldade de manter certas práticas pela falta de territórios mais extensos e de certos materiais. Antes de sair, seu Alcindo ainda dá alguns conselhos ao grupo de pesquisadores, fazendo referência, principalmente, ao modo em que se deve fazer o trabalho, a pesquisa.

Tarde

Na parte da tarde, continuamos com o mesmo trabalho de seleção, por grupos. A equipe se mostra bastante concentrada, até o final do dia. Vamos, então, descansar. Alguns, entramos ainda na *opy*, onde temos a chance de continuar mais um pouco.

Dia 02/09/2015

Manhã

A equipe que vem de São Paulo – Maria Inês Ladeira, Daniel Pierri, Renata Alves, Verá e Vinicius - chega de manhã. Depois de tomar café, nos reunimos mais uma vez na escola. Explica ao grupo de pesquisadores que a Renata veio para nos ajudar na edição do livro. Renata toma a palavra, e diz que a função dela é pensar a favor de quem vai ler

o livro. Ela traz outro olhar, diferente ao da equipe de pesquisadores. Ela explica que quer entender o que é que eles, os pesquisadores, querem dizer com esse livro, e também para quem eles o estão fazendo, pois ela vai nos ajudar a pensar como realizar isso. Por isso, é importante tentar imaginarmos como o livro vai ser lido. Existe uma distância entre as pessoas que falaram, que deram as entrevistas, e aqueles que vão ler o livro. É no percorrer esta distância que nosso trabalho vai se concentrar a partir deste momento.

Temos então que pensar qual era o nosso objetivo e avaliar se aquilo que foi planejado coincide ou não com o resultado. A orientação que ela dá a equipe de pesquisadores é que se concentrem agora no seu próprio desejo quanto à pesquisa e na orientação daqueles que coordenaram este trabalho.

Jose se apresenta e agradece a visita. Pede para todos nos apresentarmos primeiro, antes de dar continuidade à conversa. Apresentamo-nos, dizendo de onde cada um veio e qual é a função no trabalho. Timoteo diz que ele está acompanhando o grupo de jovens, pois os jovens não entendem bem a palavra dos antigos, então ele traduz essa palavra aos mais novos. Mais uma vez, ele lembra a importância do trabalho que estamos fazendo.

Maria Inês fala da importância do percurso que fizemos, da caminhada, pois isso entra dentro do tema da pesquisa, que é a *mobilidade guarani*. Ela diz que gostaria de entender, e de que contássemos à Renata, como foi feito esse percurso, quais passos foram dados para chegar até este momento.

José fala de nosso percurso. Contando a partir da primeira reunião que fizemos em Imaruim, na Tekoa Marangatu, explica que o tema mobilidade foi escolhido, a partir de uma proposta que ele mesmo fez, mas que ele inclui vários outros temas que também tinham sido propostos pelas pessoas presentes. José explica que a não divisão dos temas é o próprio jeito guarani de contar a história. Mobilidade contempla vários assuntos, e isso fica muito claro quando se tomam as palavras dos vários mais velhos entrevistados.

Depois ele reflete sobre a dificuldade da tradução, sobre o desafio que representa. Ele coloca um exemplo, que explica bem que a tradução não consiste unicamente na escolha das melhores palavras, mas que há muitas inversões do pensamento que se fazem necessárias ao traduzir os conceitos Guarani ao português. Assim, ele coloca o exemplo das palavras *kuaa-mboe*, que seriam traduzidas como conhecer-ensinar, expressando a

maneira em que os Guarani compreendem o processo, o qual é uma inversão da forma como os não-indígenas o encaram, pois para eles primeiro vem o ensinar e depois o conhecer.

Diz que o objetivo da proposta que iniciou o nosso trabalho, que definiu um tema, é o de explicar aos não-indígenas o que é a *mobilidade guarani*, mostrando ao governo, à sociedade, porque se faz essa caminhada. Ele conta que antigamente, na época em que se estava discutindo a criação de escolas nas aldeias, processo no qual ele teve uma importante participação, os mais velhos não queriam. Eles argumentavam que quando se colocasse esse conhecimento guarani no papel, ele morreria. No entanto, os jovens foram explicando aos mais velhos a importância de fazer isso para poder enfrentar a proximidade inevitável e crescente dos não-indígenas com mais força.

Voltamos ao tema do livro, para falar da importância de pensarmos o formato baseados no objetivo de nossa pesquisa. José coloca que a mesma tem dois objetivos principais: um que seria mais político, pensando no governo, e outro que seria mais didático, com vistas na sociedade em geral, na formação de opinião.

Daniel explica, brevemente, qual é a proposta do IPHAN com este projeto, e fala brevemente sobre as FICHAS do INRC. No entanto, esclarece, com vistas a um objetivo de caráter mais político, o importante seria pensar a proposta de patrimonializar o *Guata Porã*, o belo caminhar, e acionar a UNESCO. Nesse caso, teria de ser realizado um dossiê, onde se argumentaria o porquê dessa solicitação de patrimonialização. Por outro lado, se o livro deve ser dirigido a um público mais geral, e as FICHAS são elaboradas para serem inscritas nos registros do IPHAN, o Relatório final, que seria o terceiro objeto a apresentar, fornece um contexto para a elaboração desses argumentos políticos a partir de uma reflexão que aborda todo o processo da pesquisa, e que explora, no âmbito de uma reflexão sobre as políticas culturais dirigidas às populações indígenas, os conteúdos das falas dos mais velhos enquanto argumentos políticos para uma discussão com as instituições pertinentes. Por fim, voltando ao tema do livro, Daniel chama a atenção sobre a necessidade de definir o tamanho do mesmo.

Discutimos um pouco este assunto, entendendo que o tamanho do livro, ao igual que o formato, depende do público ao que for dirigido. Edinho, em guarani, mostra certo desconforto com a proposta de reduzirmos o material, dizendo não entender por que temos que tirar partes do que os mais velhos decidiram falar. O grupo conversa um

pouco em Guarani. Falam da dificuldade de fazer os cortes, pois os vários temas que aparecem no livro estão intrinsecamente relacionados entre si, e todos juntos permitem compreender a complexidade do que estamos chamando “O belo caminhar” e a sua relação com a mobilidade na atualidade. Mesmo assim, temos que contar com o fato de que as pessoas em geral não são acostumadas a ler em grandes quantidades, por isso a necessidade de pensarmos um público alvo ao qual queremos nos dedicar.

Ana explica à equipe de São Paulo o formato do livro e a distribuição dos temas. O mapa elaborado no encontro anterior respondia a uma estratégia para montar esse “quebra-cabeça” que é o conhecimento dos mais velhos, cada um aportando um pedacinho e todos formando parte da mesma história relatada. Essa ideia do quebra-cabeça, como mencionado acima, permitiu que nossas caminhadas em busca de conversas com vários desses mais velhos, em várias regiões, pudessem ser entendidas como a metodologia apropriada para o assunto de nossa pesquisa que, em princípio, era a “mobilidade guarani”. Só em movimento é que nos seria possível ter acesso a essas palavras que se dispersam por um vasto território em, pelo menos, quatro países. Ao mesmo tempo, com as nossas viagens, a pesquisa também participa nessa dispersão e movimento das palavras, sendo sempre notado, e lembrado, ao longo de todo o nosso trabalho, que os jovens pesquisadores ouviam as histórias para depois, por sua vez, contá-las em suas comunidades aos ainda mais jovens que eles. É necessário, ainda pensar em alguma apresentação, em cada comunidade, de nossa pesquisa, para poder ver isto acontecer.

Assim, dentro deste modo específico – o quebra-cabeça - de se ter e se passar esse conhecimento que abrange a história do povo Guarani e de seus percursos pelo litoral, no último encontro pensamos que para poder dar uma impressão de certa linearidade e continuidade aos leitores não indígenas, de acordo com suas especificidades de entendimento, deveríamos elaborar um mapa. José explica por que pensou em dividir esse mapa em três tempos, de forma a diferenciá-los, nessa tentativa de acrescentar linearidade aos relatos. Assim, todos estes processos fazem parte do esforço e da reflexão sobre a tradução entre dois modos de conhecimento que são, muitas vezes, incomensuráveis. O mapa, do modo como foi desenhado, é um recurso, então, de tradução.

Maria Inês chama a atenção para o significado da palavra “mobilidade” para os não-indígenas, explicando que nos estudos dedicados ao povo Guarani a mobilidade sempre se entendeu como troca entre as famílias e movimento de pessoas. No entanto, a nossa pesquisa mostrava ter tido como tema principal as antigas caminhadas daqueles que seriam Nhanderu Mirim, aqueles que conseguiram chegar em *yvy marã e'ỹ*, e da filosofia de vida por trás das mesmas, filosofia esta que os velhos se esforçaram por passar aos jovens pesquisadores em cada uma das aldeias por eles visitadas. Eis nisto que pareceria residir o sentido da expressão *Guata Porã*, o belo caminhar. Assim, neste contexto, Maria Inês propõe que mudemos o nome do nosso tema. No entanto, ainda é importante, no relatório, mostrar a interligação entre aquelas caminhadas sagradas, com um propósito espiritual, e a mobilidade hoje em dia, com os seus suportes e propulsores. Um aspecto fundamental desta interligação para o objetivo deste trabalho de pesquisa é o fato de ambos os movimentos ocorrerem pelos mesmos territórios, sendo a memória do primeiro o que sustenta a continuidade do segundo, segundo os nossos entrevistados.

Voltamos então, brevemente, ao assunto dos possíveis leitores do livro. Daniel e Maria Inês explicam que um livro com tanto texto seria principalmente lido por um público universitário. Ana pergunta ao grupo de pesquisadores qual o grupo alvo em que eles estão pensando. Nilton diz que ele pensa que seria interessante elaborarmos um material didático para as escolas não-indígenas, dirigido às crianças e aos adolescentes. Falamos da possibilidade de fazermos alguns cortes, pensando em um livro dirigido a um público mais geral – professores de escolas, público universitário, servidores públicos que trabalham com os Guarani, estudantes do ensino médio, etc – e fazer um d.v.d dirigido aos Guarani onde se encontrem os áudios das entrevistas, as transcrições e traduções, e as entrevistas em vídeo, na íntegra, para poder ser socializado nas aldeias e utilizado pelos professores. José e Wanderley, recém-formados na Licenciatura Intercultural Indígena da UFSC chamam a atenção para a importância deste tipo de materiais para as pesquisas dos estudantes indígenas.

Tarde

Na parte da tarde voltamos a nos separar por grupos para poder continuar com a seleção do material. Antes de começarmos, no entanto, Renata sugere que pensemos qual seria o título do livro. Laercio pede a Maria Inês que fale um pouco mais a respeito da

problemática em torno ao tema “Mobilidade”. Maria Inês contextualiza brevemente a discussão teórica que envolve esse assunto na produção antropológica, por exemplo, sendo a mobilidade entendida e abordada nesse âmbito dos movimentos de pessoas entre as aldeias, das trocas de sementes e outros materiais, das participações em Nhemongarai e até das festas nas aldeias.

José, que propôs esse nome no primeiro encontro, em Imaruim, explica que lá se propuseram vários assuntos, mas que ele pensou que com esse tema, a “Mobilidade Guarani”, ficariam contemplados todos esses outros temas – saúde, opy, rituais, sementes, plantas, etc. No entanto, como ao elaborar as questões no primeiro curso de formação as primeiras perguntas foram formuladas, resumidamente, sobre a questão: por que caminhamos? Por que caminhavam os nossos avôs antigos? E, inclusive, de modo mais direto, sobre o Guata Porã mesmo, este tema, que é, como mencionado acima, sustentáculo conceitual dos outros no que à mobilidade se refere, acabou configurando o caráter da nossa pesquisa. E, no entanto, tudo aquilo que rodeia e contextualiza a mobilidade guarani, nesse sentido de movimentos de pessoas entre as aldeias, está presente nas falas dos mais velhos e distribuído ao longo de todo o material. Se a pesquisa tivesse sido um pouco mais longa, acabaríamos chegando, indiscutivelmente, desembocando no tema da mobilidade na atualidade. Esse era, inclusive, o nosso objetivo. No entanto, a quantidade do material e as dificuldades de tradução acabaram não nos permitindo fazer isto.

José nota que é difícil, na língua Guarani, esclarecer o significado de uma palavra. A gente pode usar o termo *porã* e traduzi-lo como “bonito” e, no entanto, quando os *xeramoĩ* o estão utilizando, ele tem um sentido sagrado, fazendo referência às dimensões divinas da existência e da experiência.

Vinicius propõe que o título do livro mostre o caráter histórico do tema de nossa pesquisa, exprimido nos três tempos em que dividimos o material. Ana propõe que o sub-título seja em Guarani, e a proposta de José é que o livro se chame *Guata marã e 'ỹ* e o subtítulo *Guata Porã*. José explica que *Marã e 'ỹ* tem um sentido forte “sagrado”. Ambas expressões falam dos Nhanderu Mirim (aqueles que alcançaram *Yvy marã e 'ỹ*, ou a Terra sem Mal), que eram guiados pelas divindades e, por tanto, nada de ruim acontecia com eles nas caminhadas.

Maria Inês lembra que sempre que falamos da história das caminhadas, isso se remete à busca de *yvy marã e 'ỹ*. Wanderley lembra de uma pesquisa onde se explora esse tema. No entanto, esclarece, as histórias que os mais velhos contam são baseadas na vida real. É algo que se vem caminhando. Por isso se diz: *tape marã e 'ỹ*, há um caminho que leva a alcançar esse lugar. Desde o Paraguai os Guarani caminhavam, mas não era só por caminhar; havia um propósito. O próprio propósito pode também ser chamado *tape marã e 'ỹ*.

Ana propõe escolher um título mais breve. Pode ser só Guata Porã e sua tradução. O sentido destas palavras é, justamente, o que tentamos abordar, mesmo que só o possamos fazer de forma bem limitada, com a nossa pesquisa.

Maria Inês nota que na nossa pesquisa aparece uma ligação forte entre essa caminhada sagrada e o que os brancos chamam de “territorialidade”. Essa caminhada, esse *Guata Porã* também explica as formas de ocupação, na atualidade, desses espaços pelos que os Nhanderu Mirim transitaram. Ela aponta a importância de explicar esse ponto, para escolher o título. Poucas palavras, muitas vezes, dão um sentido amplo.

José diz que podemos deixar o subtítulo para depois. Laercio opina que o título já está mesmo explicado no livro; ele cria uma curiosidade no leitor. Todo livro bom tem um título simples. Então, Maria Inês sugere que, na introdução expliquemos o porquê desse livro. No entanto, a introdução é a tradução de uma parte do que seria o “comprimento formal”, entre os Guarani, ou seja, um modo apropriado e ritualizado de cumprimentar aqueles que, provindo de outra aldeia, chegam e são recebidos no interior da *opy*. Essa introdução tem como título: *Agyjyevete*. Assim, depois de conversar brevemente sobre o começo do livro, propomos deixar as palavras não indígenas – do IPHAN, do CTI, etc, – para o final do livro. Renata propõe que a introdução seja sobre o nome do livro. Ana explica brevemente a importância de abriremos o livro com o comprimento formal, pois nele estão contidos a maior parte dos assuntos, em seus sentidos mais poéticos e filosóficos, explorados no livro. Assim, o final, que são as palavras do Timoteo sobre os conceitos de Tape Porã e Tenonde Porã, expressam o modo em que os projetos, as pesquisas e as vidas devem ser levados, encaminhados, continuados.

Maria Inês fala da importância de não considerar tudo isso, essas histórias sobre o Guata Porã como algo que já acabou. É uma experiência viva do Guarani, lançada ao futuro. As provas vão ficando cada vez mais difíceis, porém. E isso aparece claramente nas

falas dos mais velhos. Os não indígenas estão estragando a Terra e é isso que vai dificultando tudo. Uma coisa muito importante, promovida por este trabalho, são os aconselhamentos dos mais velhos, na forma de uma auto-crítica. No entanto, às vezes este livro não é o lugar apropriado para colocar essas questões, pela imagem que os não indígenas já têm dos Guarani. O problema é: o que os não-indígenas vão dizer? Que os Guarani perderam a cultura. Assim, essa reflexão tão importante que os mais velhos estão fazendo, pode ser deixada para outro momento. O branco não vai entender essa autocrítica como um modo que o Guarani tem de ser sincero. Vão achar que vocês não querem mais.

Começamos, então, a falar das imagens para o livro. Vinicius puxa a conversa sobre o público, e pergunta se os pesquisadores chegaram a alguma conclusão. Maria Inês diz que as vezes não é tão importante determinar um público específico, pois ele pode ser mais amplo. Assim, sabemos que as escolas são, muitas vezes, entradas nas famílias. Segundo ela, não é necessário fechar um público específico. Laercio concorda com ela, e diz que os professores do ensino médio também podem usar como uma base para o seu trabalho. Maria Inês completa dizendo que tudo depende de como seja divulgado o livro.

Encerramos, então, a conversa, e voltamos ao trabalho em grupos para a seleção e distribuição do material.

DIA 03/09/2015

Manhã

Começamos o nosso trabalho na parte da manhã apresentando, com a utilização do projetor, uma Ficha do Inventário Nacional de Referências Culturais, para contextualizar melhor o assunto de nossa conversa, que é a definição de Bem Cultural, dentro de todos os assuntos interligados e interdependentes, que vamos trabalhar na FICHA. Daniel faz uma breve explicação dos diversos apartados que compõe as Fichas. Depois fala sobre a importância do Relatório para a discussão que nos interessa, que é a questão da demarcação das terras Guarani. Daniel explica que o Governo, pela própria divisão dos Ministérios, separa a Cultura do Território, enquanto que os Guarani vivem uma imbricação de ambos aspectos. Quando se coloca a questão da demanda pela terra,

o IPHAN diz que a questão da demarcação das terras ao é assunto de sua competência, não é função deles. Uma discussão sobre esse tema entre o IPHAN e o CTI, como explica Daniel, já começou há algum tempo. E o tema proposto pela pesquisa feita em Santa Catarina e Paraná é muito importante para essa discussão. Assim, argumenta Daniel, o Estado tem que reconhecer que o Guata Porã, o belo caminhar dos antigos, e a sua continuação hoje em dia, é um direito dos Guarani. Ao mesmo tempo, e em continuidade com isto, o território pode ser considerado como um bem cultural. É importante que no Relatório final apareça, bem fundamentada, a reflexão que nos levou a propor o Guata Porã e a Territorialidade como Bens Culturais dos Guarani.

A territorialidade do jurua, do não-indígena, tem tudo a ver com uma maneira de usar a terra para ganhar dinheiro. Já a territorialidade guarani tem a ver com a orientação dos mais velhos sobre como usar o território. Daniel propõe a continuidade deste trabalho na tentativa de tornar o Guata Porã como Patrimônio Cultural, como estratégia para conseguir maior respeito ao sistema Guarani de vida. Antes do mundo existir já existia o Guata Porã. O fortalecimento necessário para andar por esse caminho de antigamente, assim como para o bem-estar das comunidades hoje em dia, depende da concentração dos pajé nas opy (casa de rezas ou casa de rituais).

O IPHAN tentou que as Fichas do INRC servissem para qualquer cultura; no entanto, há uma impossibilidade de enquadrar os temas pesquisados neste projeto nos formatos das Fichas. É por isto que o Daniel vem questionando a adequação das Fichas quando se trata do Nhandereko, do sistema Guarani. Uma alternativa às Fichas é o Relatório como contexto e possibilidade para elaborar e desenvolver os argumentos de caráter mais político com relação tanto ao Guata Porã como à Territorialidade. É importante saber explicar que tipo de apoios os guarani estão esperando do IPHAN.

José pede a palavra e diz que, na sua opinião, não seria ruim tentar fazer as Fichas; no entanto, seriam necessários mais recursos e mais tempo, pois os temas pesquisados são muito complexos. Ele diz que sabe como é o pensamento dos não indígenas, pela sua experiência no âmbito da Educação. Assim, se fala no direito à Educação Diferenciada, mas na hora da verdade é preciso muito esforço para que o sistema aceite a proposta das comunidades. Os professores indígenas e as lideranças tentam fazer um trabalho e uma proposta diferenciados, mas no final isso não é aceitado, porque não é reconhecido pelo sistema.

Maria Inês fala sobre o processo legal de criação das Fichas do Inventário Nacional de Referências Culturais. Ela explica que as Fichas seguem um modelo que embasa o trabalho com os chamados Patrimônios Culturais. Em outros países também se trabalha com as mesmas Fichas. O CTI tem trabalhado já há bastante tempo junto ao IPHAN em suas parcerias com os Guarani, e desde o começo do trabalho tem havido várias conversas, questionamentos e problemas relativos a distintos posicionamentos dos atores envolvidos. Neste contexto em que o modelo que orienta a pesquisa não permite que os temas apareçam com, pelo menos, parte de suas conexões e complexidades, cabe aos interessados, no caso os Guarani e seus parceiros, fazer a crítica pertinente e oferecer possíveis abordagens e metodologias alternativas.

Renata colabora com a discussão dizendo que é necessário encontrar um ponto de diálogo, para não correr o risco de ficar isolados.

José volta a dizer que, na sua opinião, as Fichas nem são tão problemáticas. No entanto, o problema é que a linguagem é difícil para eles, Guarani. Daniel lembra que o que é mais importante para o IPHAN é o Relatório Final. Maria Inês, por sua vez, enfatiza que o inventário é importante em um contexto de âmbito internacional que é aquele representado pela UNESCO. Assim, para poder ter acesso a prêmios e reconhecimentos de outro tipo, ou para poder dar continuidade à pesquisa em outros projetos é importante estar inventariado.

José conta que no dia anterior, em uma conversa que teve com Vanderley Moreira, que foi o seu colega na Licenciatura Indígena, estiveram comentado a importância dessa pesquisa para os estudantes universitários, principalmente os indígenas. Por tratar-se de uma pesquisa que tem certa categoria científica, dados os métodos aplicados nela, ela tem maior legitimidade. Ou seja, José chama a atenção para o fato, inclusive, da legitimidade outorgada pela escrita às falas dos mais velhos.

Uma vez feita esta discussão mais geral sobre a natureza das Fichas, dedicamos o momento a discutir a questão da Categoria na qual os dois assuntos que escolhemos para tratar enquanto Bens Culturais Guarani, a saber, o Guata Porã e a Territorialidade, poderiam ser inseridos. José fala sobre uma conversa que tiveram a respeito da questão da territorialidade. Diz que a expressão *tata ypy rupa* é o modo como antigamente se falava em uma aldeia. O território é o lugar onde tem uma aldeia, sendo nesse território que se vive o *mbya reko*. *Yvy rupa* é a Terra.

Lucas, pensando nas categorias, diz que para ele o Guata Porã entraria como *Celebração*, pois para se por à caminho e para seguir nesse caminho, os antigos pajé, os que haveriam de vir a ser Nhanderu Mirim, dançavam (*ojeroky*), cantavam (*oporai*) e se concentravam (*ojapixaka*). Por outro lado, também poderia entrar na categoria de Formas de Expressão, uma vez que o entendimento dos sentidos vários que envolvem o Guata Porã e a Territorialidade depende do saber ouvir as histórias nas quais estão inscritos e que garantem a continuidade de sua memória. Conversamos brevemente sobre estas duas categorias.

Daniel, por sua vez, pergunta aos pesquisadores se eles consideram que se poderia também colocar o Guata Porã e a Territorialidade nas categorias *Lugares* e *Modos de Fazer*. Verá Alexandre fala em Guarani. Depois, em português, diz que *yy rembé*, a beira do mar ou praia é um lugar onde existem muitas matérias primas que são essenciais para o modo de vida Guarani e que definem o modo em que se faz uma aldeia, em que se constroem as casas, em que se definem os locais para essas casas, etc. Nesse sentido, sendo também o Guata Porã, principalmente depois da chegada dos brancos, uma busca por lugares bons para se viver, lugares onde seja possível “fazer” – as casas, as roças, o artesanato - do “modo” correto, então ele poderia também entrar em ambas categorias. Ao mesmo tempo, o próprio conceito de Territorialidade está indicando justamente essa relação entre os Lugares e as possibilidades que eles oferecem para *Fazer* as coisas de *Modos* determinados.

José, por sua vez, pensando nas caminhadas dos Guarani em tempos mais recentes, explica que quando as pessoas vão visitar outras aldeias, ao chegar devem, em primeiro lugar, entrar na *opy*. É lá que o cumprimento formal é feito. Este cumprimento é uma *Forma de Expressão* que, por sua vez, envolve a *Celebração*, uma vez que é seguido pelos cantos e danças no interior da *opy*.

Maria Inês diz que, a pesar do Guata Porã e da Territorialidade poderem ser incluídos em cada uma das diferentes Categorias propostas pelo IPHAN, também podemos escolher uma delas e definir as suas várias dimensões. Lembrando da fala do José sobre os múltiplos sentidos de cada palavra é possível perceber que cada uma dessas categorias está incluindo as outras. Já o Daniel diz que, se pensarmos no Relatório, antes que nas Fichas, é possível falar da inserção do Guata Porã em cada uma das categorias. Maria Inês pergunta ao grupo qual é a prioridade do trabalho, o objetivo, o

que eles consideram mais importante, o que precisa acontecer. Estas questões é que devem nortear a escolha em relação às categorias quando se pensam as Fichas. Ana fala sobre os *Lugares*, sobre a importância de considerarmos as dificuldades que os Guarani vêm passando na região devido à ignorância sobre a história deles nestes lugares, que se remonta a muito antes da chegada dos brancos. Assim, ela lembra que uma das perguntas presentes na pesquisa desde o começo, e escolhida pela equipe de pesquisadores, foi: “Por que os Guarani estão aqui, em Santa Catarina e Paraná?”.

Laercio faz uma fala em Guarani. Daniel diz que vai falar com a pessoa responsável no IPHAN na tentativa de substituir o preenchimento da Ficha por uma reflexão mais aprofundada no Relatório sobre as várias dimensões tanto do Guata Porã como da Territorialidade, em suas relações com as categorias com as quais o IPHAN trabalha.

Por fim, Maria Inês propõe a apresentação de algumas fotos relativamente antigas, onde são vistas muitas das aldeias nas quais trabalhamos. Maria Inês conta a história dessas comunidades e das pessoas que aparecem nas fotos, e é clara a relação entre a história de vida dos Guarani e a historiografia dos territórios que ocupam. Maria Inês explica que, nas suas caminhadas junto aos Guarani, ela sempre fazia retratos que levava a outras aldeias, onde viviam parentes que ficavam muito contentes por poderem ver esses retratos. Acabava acontecendo uma troca de retratos, parecida ao que Vinicius fez em suas caminhadas pelas aldeias, mostrando os vídeos e entrevistas que tinha feito em outros lugares.

Falamos brevemente, então, sobre as fotos para o livro. Renata pede que façamos uma seleção pensando como queremos ilustrar cada um dos três tempos propostos. Fechamos a manhã vendo algumas das fotografias que fomos fazendo ao longo do projeto, e começando a fazer uma primeira seleção para o livro.

Tarde

Na parte da tarde, Vinicius conversa com o grupo sobre o documentário, propõe algumas ideias e o grupo define em linhas gerais o a estrutura para trabalhar a edição do vídeo. Durante as viagens para a gravação do documentário os pesquisadores se dividiram em quatro grupos: o primeiro que foi para o Paraná e Paraguay, o segundo para a divisa entre Santa Catarina e Argentina, o terceiro para Argentina e Rio Grande

so Sul e o quarto para o Espírito Santo. A ideia principal é de tentar usar a trajetória das antigas caminhadas dos Guarani, do Paraguay até o litoral do Brasil, como estrutura para o documentário. Mais tarde o grupo se organiza para trabalharem na seleção e tradução do material audiovisual. Os pesquisadores de cada grupo selecionaram as entrevistas de suas próprias viagens para fazer a tradução do idioma guarani para o português.

Ana aproveita para se reunir com Renata e conversarem sobre alguns assuntos específicos da editoração. Depois, ela senta com Laercio, um dos pesquisadores, para organizarem os primeiros textos, que contam da criação da Terra, pela complexidade do assunto e para harmonizar as várias versões recolhidas. Em momentos em que Laercio ficava com dúvidas sobre essa história, solicitavam a ajuda do *tamoi* Augusto. Laercio ficou muito satisfeito com a oportunidade de ter maiores esclarecimentos sobre esses assuntos. No entanto, esta foi uma conversa muito interessante do ponto de vista da forma em que esse conhecimento histórico (que nós chamamos mítico) não segue a linha do esclarecimento. Cada questão que o Laercio colocava, na tentativa de esclarecer um pouco mais aos futuros leitores a história da criação da Terra, em lugar de ser respondida de um modo direto, com uma resposta simples e resumida, era respondida com outra história. Então, apesar de ir se esclarecendo cada detalhe, a sensação era a de que a história para a qual queríamos determinar certa ordem, fugia cada vez mais ao nosso objetivo. Enfim, a questão que se coloca é a da complexidade e profundidade dessas histórias, e da própria cosmogonia Guarani, e a natureza bem incipiente de nossa pesquisa sobre esses assuntos.

Dia 04/09/2015

Manhã

Reunião com alguns representantes do IPHAN em Santa Catarina: Regina Santiago e Júlia Callado.

Nos encontramos de manhã com as representantes do IPHAN de Florianópolis, Regina Santiago e Júlia Callado. Como chove muito, decidimos conversar no lugar onde nos reunimos de manhã, ao redor do fogo, para tomar café. José abre a reunião agradecendo a presença das profissionais do IPHAN em sua aldeia e pedindo para cada um se

apresentar. Depois das apresentações, José fala brevemente sobre a região, que é um ponto turístico devido às Cachoeiras do Amâncio. Fala também da existência de várias nascentes dentro de sua área. Ele conta que chegaram lá em setembro de 2007 e que se trata de uma terra comprada com o dinheiro proveniente de uma indenização do DNIT. Na área tem mata, rio, peixe, caça e terra para plantar. A comunidade pensa em fazer um projeto para cuidar da mata, tendo Guarani formados em Gestão Ambiental. Tudo isso, a terra, as pessoas e os projetos nas aldeias requerem a atenção das instituições pertinentes. Regina agradece a presença de todos e a oportunidade de estar na aldeia, principalmente por poder aprender algo sobre o modo de vida dos Guarani. Este aprendizado, explica Regina, esse entendimento, será muito importante para poder, depois, contribuir na promoção do respeito a esse modo de viver. Foi isso o que elas tinham em mente quando vieram na aldeia. Para a Regina é uma honra poder estar participando desse momento junto aos pesquisadores guarani. Ela espera compreender um pouco melhor como a equipe está pensando e fazendo o trabalho.

Júlia se apresenta. Agradece e diz que é muito bom poder estar presente. Ana aproveita a fala de José, sobre a aldeia e o território onde se encontra, para falar da relação entre a cultura e a terra, assunto que foi bastante trabalhado durante todo o projeto. O que se traduz como "cultura guarani", o mbyareko, que é, por assim dizer, o objeto ou contexto onde se insere a ação do IPHAN, está intensamente atrelado ao território, chegando a ser, justamente, um modo específico de habitar esse território, uma ciência política que inclui diversos tipos de seres e existências, todos no que parece ser uma interdependência econômica, ou seja, em um movimento de troca constante. A especificidade do conceito do Mbya reko, e suas diferenças em relação à nossa ideia de cultura, nota Ana, torna o trabalho com os Guarani uma oportunidade para que o IPHAN possa continuar com a sua reflexão sobre os modos de trabalhar com a diversidade cultural que existe no Brasil. Tal diversidade, por assim dizer, exige métodos específicos para cada caso. Esta situação é diferente da que se vive na Europa e, assim, o IPHAN do Brasil tem a oportunidade, a partir do seu trabalho com os Guarani, por exemplo, de inovar e acrescentar ao debate sobre as políticas de Patrimônio Cultural da UNESCO.

José conta que na Licenciatura Indígena fez um trabalho sobre o Aquífero Guarani e sobre as matas em sua relação com as cachoeiras. Essa pesquisa, por sua vez, se encontra ligada ao seu trabalho como liderança em sua própria comunidade. Depois,

Vinicius esclarece algumas questões relacionadas ao tema mais específico de nossa pesquisa e, principalmente, ao livro que estamos preparando. Chama a atenção para a importância do intercâmbio e da troca entre as aldeias e explica que a viagem que fez com os pesquisadores, na qual estiveram em aldeias do Paraguai e da Argentina, além de outras no Rio Grande do Sul, no Paraná e em Espírito Santo, puderam colaborar com estas trocas, pois quando chegavam em alguma aldeia sempre mostravam algumas das entrevistas que fizeram nas outras. Este exemplo de um modo adequado de se fazer uma pesquisa entre os Guarani, é em si uma especificidade nas abordagens da cultura que pode incidir no discurso que existe fora sobre, como notava Ana, a questão do Patrimônio Cultural. Assim, Vinicius pede para que as representantes do IPHAN falem sobre as possibilidades de dar continuidade ao trabalho que estamos fazendo.

Ana aproveita para falar da importância de realizarmos ainda um grande encontro envolvendo todos os diferentes estados que também fizeram parte deste projeto do IPHAN junto aos Guarani. A ideia é aproveitar o encontro para fazer um Nhemongarai, que é um ritual importantíssimo para eles. José diz que seria interessante juntar esse encontro com a Licenciatura Indígena, aproveitando para que os formandos possam apresentar os seus trabalhos de pesquisa às outras comunidades.

Laercio, pesquisador e cacique da aldeia Araçai, em Piraquara (Paraná), se apresenta como representante de sua aldeia. Explica que é muito jovem e que ainda se encontra em um processo de aprendizagem sobre como liderar uma comunidade. Ele afirma que este trabalho que estamos fazendo vai ter ser continuidade, pois na filosofia dos mais velhos está caminhada da que fazemos parte não tem fim. Conta que quando fizeram à viagem ao Paraguai levaram muito “puxão de orelha” de uma das lideranças, e ele entendeu que fazia muito sentido mesmo. Disse que perguntaram para ele o que estavam fazendo. Ele falou da pesquisa sobre a origem do Guarani, da intenção de compreender a linha de pensamento dos mais velhos pois estão se deixando de praticar algumas coisas devido ao contato com o mundo dos brancos. A liderança falou que a pesquisa é importante, mas que se os pesquisadores queriam saber, eles não precisavam escrever, que eles tinham que fazer. Se eles deixarem somente na escrita, não vai valer nada. Lá, conta Laercio, conversaram bastante com os mais velhos, e mostraram as falas dos mais velhos daqui do Brasil. Ele diz que voltou muito pensativo, depois daquela conversa, entendendo a profundidade da questão colocada por aquela liderança.

José conta que ouviu muito dos mais velhos quando começo a trabalhar como educador. Ele diz que discutiu muito com os mais velhos por estar querendo ensinar as crianças a ler e escrever. José argumentava que era necessário explicar aos *jurua*, aos não indígenas, como são os Guarani, mas assegurava, ao mesmo tempo, que não ia deixar morrer a cultura. Lembra, mais uma vez, que tem que ter cuidado para saber o que se pode e o que não se pode colocar no papel. Nos dias de hoje, não se trata de resgatar a cultura, mas de “pró-vitalizar”.

Regina volta à fala de Laercio, lembrando que ele disse que voltou diferente daquela viagem ao Paraguay, notando que essa caminhada também promoveu essas mudanças no olhar, e que são essas mudanças que aqueles que trabalham com os povos indígenas precisam experimentar constantemente. Chama a atenção para o interesse que instituições como o IPHAN têm nos chamados “produtos”, sejam os livros e documentais, sejam as próprias Fichas e Relatórios. Infelizmente, esses produtos nem sempre são bem utilizados. No entanto, o livro e o vídeo são instrumentos que os brancos usam para aprender, e às vezes esses produtos podem ajudar a transformar o olhar dos brancos. Para ela, esse tem que ser um dos objetivos desse trabalho.

Anteriormente, Ana tinha falado sobre a importância de organizarmos um encontro final que incluía a todas as comunidades Guarani que participaram no Inventário Nacional de Referências Culturais Guarani Mbya. Ana tem a proposta de fazer um Nhemongarai que conte com a participação dessas várias comunidades e com apresentações do que foi aprendido em termos práticos sobre o Mbya reko. Regina explica que os produtos que cada uma das equipes produziu, poderão ser usados para convencer ao Governo da importância desse encontro final.

Regina, a partir da fala de Ana, entende que esse encontro final precisará de uma preparação, em cada comunidade, de pelo menos um ano. A ideia é tentar fazer compreender que tanto a preparação como o encontro são também produtos, do ponto de vista Guarani; ou, em outras palavras, guardam certa analogia com os “produtos” que interessam ao IPHAN, salvando as várias e importantíssimas diferenças. Ou seja, reflete Ana, apesar das analogias, é justamente por serem “produtos” diferentes, que é tão importante prestar atenção a ambos, uma vez que um não substitui o outro. Regina conta, então, um pouco da história do IPHAN e de que as raízes dessa instituição se fundam a partir de uma vontade de proteger monumentos, o que se conhece como

tombamentos. Uma vez que um monumento é tombado, ele é protegido. A casa que é tombada não pode ser transformada. Isso, antes, só se fazia com coisas físicas. Depois começou a se entender que os objetos valiosos no seio das várias culturas que compõem o Brasil, são de muitas naturezas. Trabalhar com povos de tradição oral foi, então, mudando o olhar do IPHAN ao longo das duas ou três últimas décadas. No entanto, a questão do Dossiê começou há apenas uns 15 anos. Regina diz que na opinião dela devemos sim tentar organizar esse encontro. Ana acrescenta que no próprio projeto para a organização desse encontro devem estar presentes as reflexões e as argumentações que sejam convenientes para orientar ao IPHAN em um modo específico de trabalhar com, apoiar e fortalecer o Mbya reko – conceito que, a pesar de ser traduzido como “Cultura Guarani”, guarda ainda importantes e cruciais diferenças que devem ser tidas em conta na hora de pensar os projetos e seus possíveis produtos.

José fala da importância que tem a escrita e o registro de todo o processo de nossas pesquisas, pois nas discussões sobre direitos esses registros, e os documentos produzidos a partir deles, podem ser importantes.

Vinicius reflete, então, sobre a mudança das formas de se fazer, sobre as possibilidades de transformação. Ele questiona que nos projetos, inclusive no nosso, os pesquisadores Guarani acabam, a pesar dos esforços realizados em outra direção, por serem formados como pesquisadores jurua (brancos). Este continua sendo um movimento de fora para dentro; no entanto, no meio do caminho de nossa pesquisa aconteceram outras coisas, que enriqueceram e mudaram o olhar de cada um, pelo menos um pouco. A questão é que quem faz o projeto também tem que reivindicar outras formas, na tentativa de achar os caminhos para que o projeto passe mais pelo conhecimento de dentro. Uma das primeiras questões importante, em um primeiro momento, seria a de achar o nome certo. Pode haver um projeto em que o produto final seja diferente; pode ser, por exemplo, uma plantação.

José volta a falar sobre a questão da educação. Ele conta que no primeiro encontro da Ação Saberes Indígenas na Escola uma representante da Gerência de Educação da região da Grande Florianópolis falou da importância de se fazer um planejamento antes de se fazer as atividades com as crianças. E, no entanto, o que os professores guarani querem é justamente o contrário. Quem é que vai poder ensinar os “saberes indígenas”? Ou, quem é que vai formar os pesquisadores indígenas? Não vão ser os antropólogos.

Em todos os projetos, na educação e também na saúde, os Guarani têm os mais velhos. Só que são os médicos, os antropólogos e os professores formados nas instituições de ensino os que são contratados.

Timoteo então se apresenta. Ele conta que está acompanhando o projeto para contar aos jovens. Ele explica que trabalha do jeito antigo e que o mais importante para ele, o que ele, ano após ano, coloca no coração, e a preocupação com a Terra. Tudo o que diz respeito a isso, ele acompanha com o seu olhar, com a sua atenção. Diz que é muito importante saber como (a Terra) funciona. Então, quando ele vê que os jovens não estão compreendendo bem, que não estão sabendo como tem que fazer o trabalho, então ele entra no meio para orientar. O trabalho dele, mesmo, é na *opy* (casa de reza), com as crianças e com os remédios; e assim, ele sempre ajuda a comunidade. Ele agradece muito ao pessoal do IPHAN por terem vindo, a pesar da chuva, para ver como estão os Guarani em suas comunidades. Isso é importante.

Fechamos a nossa conversa com as palavras de Timoteo, e convidamos Regina e Julia para verem, na escola, algumas das imagens captadas durante as nossa caminhadas nesse projeto.

Tarde:

De tarde o grupo deu prosseguimento ao trabalho de seleção e tradução das entrevistas em vídeo. Alguns pesquisadores que tinham mais facilidade para esse tipo de trabalho e acabavam mais rapidamente a tradução, pegavam outros trechos para traduzir.

Vinicius ficou trabalhando junto com o Timóteo na tradução das falas do próprio xeramõi. Após acabarem esses trechos também começaram a fazer a tradução de outras passagens do vídeo.

O interessante nesse momento foi a troca de experiências, pois para a tradução de falas mais complexas, de falas dos mais antigos, das falas “mais sagradas”, o grupo se juntava e fazia uma rica troca para conseguir passar para o português o sentido daquelas palavras.

Dia 05/09

Desde de manhã até o fim do dia o grupo continuou com o trabalho de seleção e tradução das entrevistas para o documentário. Apesar de em outros momentos do projeto tópico da tradução ter sido um tanto difícil, nesse encontro a necessidade de intensificar esse tipo de trabalho rendeu bons frutos. Apesar de ter sido bastante proveitoso, mesmo assim, pelo contingente de material, ainda restaram diversas partes do vídeo sem tradução, as quais os pesquisadores fariam em suas casas para depois integrarem a edição

Dia 06/09

Este é o dia em que nos preparamos para voltar às nossas casas. No entanto, combinamos de nos encontrar, na parte da manhã, para conversarmos sobre o nosso projeto, o processo, a caminhada, as dificuldades; para fazer uma avaliação. Sentados todos ao redor do fogo, protegidos da chuva e tomando mate, decidimos que cada um vai falar brevemente sobre o processo, sobre os seus objetivos, as suas impressões, sobre o que gostou, o que não gostou, e essas coisas. De um modo geral, a avaliação é positiva. Estamos todos e cada um cientes dos problemas, dos desafios, das falhas, mas, ao mesmo tempo, contentes por termos podido trabalhar juntos, contentes por termos chegado ao final e ter algo para mostrar e, principalmente, esperançosos com a possibilidade de que o trabalho que fizemos tenha continuidade em outros projetos e permita às lideranças um maior fortalecimento nas questões políticas que enfrentam. Os *xeramoí* Augusto e Timoteo falam, aconselham, mais uma vez, os jovens. Timoteo lembra, com bastante ênfase, a importância de colocarem os propósitos no fundo do coração, como modo de adquirir a força e a coragem necessárias para enfrentar todas as dificuldades que, enquanto futuras lideranças, enquanto pesquisadores e enquanto Guarani vão encontrar em seus caminhos.



RELATÓRIO DO ÚLTIMO ENCONTRO DO PROJETO DE FORMAÇÃO DE JOVENS PESQUISADORES GUARANI

LOCAL: Aldeia Marangatu (Imaruin/SC)

Data: de 21 a 23 de novembro de 2015

A programação do último encontro do projeto coincidiu com a inauguração da nova *opy* (casa de reza ou casa de rituais) da aldeia Marangatu, local que tinha sido escolhido para o nosso último encontro durante o curso de formação que teve lugar na aldeia Amaral. Fizemos uma parceria com o projeto Ação Saberes Indígenas na Escola, que acontece em Santa Catarina e que é coordenada por Dorothea Pos Darella. Esta parceria permitiu a participação no encontro de pessoas de pelo menos 11 aldeias da região. Foi um momento muito importante, de grande intensidade para todos.

Recebemos a visita do *tamoi* e da *jaryi* da aldeia Araponga (Paraty/RJ), Karay Tataendy (Augustinho da Silva) e Para Mirim (Marciana Benites), acompanhados pelo coral da aldeia. Convidamos também o *tamoi* João Silva, da aldeia Brakui (Angra dos Reis/RJ), mas, por motivos de saúde, não pode comparecer. Também esteve presente Marcos Tupã, representando a Comissão Yvy Rupa, e Maria Inês Ladeira, em representação do CTI. No último dia, pudemos contar com a presença dos representantes do IPHAN, Pedro Clerot (Brasília) e Regina Santiago (Florianópolis).

A proposta deste encontro foi deixar a programação nas mãos da comunidade, de modo a respeitar os momentos e os tempos necessários para a preparação de um Nhemongarai, por meio do qual seria inaugurada a *opy*. Fazendo isto, tivemos o privilégio de estar presentes em um momento de grande intensidade ritual. Faremos um breve relato do que pudemos experimentar.

Sexta-feira, dia 20/11:

Chegaram na sexta-feira de tarde, vindos de Florianópolis, Ana Ramo, Silmar Karai e Claudio Verissimo. Os outros pesquisadores foram chegando, vindos de vários locais, durante a manhã do sábado. Se acomodaram e entraram na nova *opy*, onde puderam fumar, cantar e dançar.

Sábado, dia 21/11

No sábado, de manhã bem cedo, chegou na aldeia a van que trouxe o coral da aldeia Araponga, junto com o *tamoi* e a *jaryi*. Na hora em que chegaram, entraram na *opy*, onde a *jaryi* pode fazer um canto-reza, após o qual o coral da aldeia cantou algumas músicas. O pessoal foi recebido com muita alegria pelos seus parentes e passaram a manhã se acomodando e conversando.

Tinha sido organizada a chegada das vans que vinham trazendo os participantes das aldeias da região, para chegarem no sábado logo após o almoço. Os primeiros a chegar foram aqueles que estavam vindo das aldeias mais próximas, Morro dos Cavalos e Massiambu. Foram recebidos na *oka* (pátio que rodeia a *opy*) e orientados sobre o modo correto de se comportar, para cumprimentar, pelo grupo de *xondaro* da aldeia. Todos os grupos que foram chegando, foram recebidos desta mesma forma. A cada grupo que chegava, havia apresentação dos corais: um que recebia, e o coral da aldeia que chegava. Assim, o dia inteiro foi passando nestas apresentações e recepções.

Os pesquisadores foram chegando nas vans vindas destas várias regiões: Lucas, Aládio, Adriano, Ilson e Laercio. Já Elson, Nilton, Gabriel e Edinho, não puderam estar presentes.

Durante a tarde do sábado chegaram também Vinicius Toro, Maria Inês Ladeira, Marcos Tupã, Verá Alexandre, acompanhados pelos representantes da Ação Saberes Indígenas Na Escola, Dorothea Pos Darella e Carlos Guerola.

Por volta das cinco da tarde, os *xondaro* puderam dançar em volta da *opy*. Um às 18:30 todo mundo entrou de novo na *opy*, onde pudemos escutar as vozes se elevando e sentir a emoção de

todos. O pessoal que tinha vindo do Rio de Janeiro se retirou mais cedo, por causa do cansaço da viagem.

Domingo, dia 22/11

A parte da manhã, no domingo, foi dedicada a uma conversa com os mais velhos. Além do *Tamoi* e da *jaryi* de Araponga estavam também presentes outros *tamoi* e *jaryi* de Santa Catarina e do Paraná: Mario e Ana, da aldeia Marangatu, dona Marta e dona

Arminda, do Litoral Norte, Timoteo, do Morro da Palha, Marcolino, da aldeia Araçai, no Paraná, e outros.

A conversa durou umas cinco horas, e foi de grande proveito para todos. Nela estiveram presentes a maioria dos orientadores e professores da ASIE.

A equipe do projeto do IPHAN, Ana, Vinicuis, Laercio, Lucas, Aladio, Silmar, Norberto, Claudio, com a ajuda de Werá Alexandre e de Bia, nos reunimos na escola para terminar de preparar os livros para a entrega no dia seguinte, pois tínhamos que encaixar os DVDs, um por um. Foi um momento importante, no qual conversamos sobre a continuidade do projeto e sobre as formas possíveis para a distribuição do livro.

Na parte da tarde, organizamos uma amostra do filme em um local próximo da escola, pois do outro lado da aldeia, que é o lugar onde se encontra a nova *opy*, não tínhamos luz elétrica. Muitas pessoas desceram para assistir a o filme. No entanto, não tivemos tempo de comentá-lo depois, pois as atividades da *opy* – a *dança do xondaro* e a preparação/concentração para anoite – acabaram se sobrepondo à programação do evento.

De noite, todos entramos de novo na *opy*. É difícil explicar o que se passou, mas vale a pena notar a importância que teve, principalmente para o grande número de jovens que se encontravam ali, ter participado de um momento de tanta intensidade ritual como esse.

Segunda-feira, dia 23/11

Na segunda feira recebemos os representantes do IPHAN, Pedro Clerot e Regina Santiago. Os *tamoi* e as lideranças da aldeia organizaram um ritual para a consagração do livro. Quatro pessoas se levantaram e foram rodeando e espalhando a fumaça de seus cachimbos por sobre os livros, que tinham sido cuidadosamente arrumados no centro da *opy*. Houve algumas apresentações dos corais e, depois disso, Timoteo falou brevemente sobre o projeto e o percurso que tinha dado lugar ao livro, e os pesquisadores tiveram a oportunidade de se apresentar.

Depois, cada um dos pesquisadores foi entregando três exemplares do livro a um representante de cada comunidade.

Uma vez finalizada a entrega dos livros, aproveitamos a presença de Pedro e Regina para conversar um pouco sobre a continuidade dos projetos e sobre a organização de um encontro no qual pudessem participar os jovens pesquisadores de cada um dos Estados que participou neste projeto do IPHAN. Pedro e Regina explicaram que vão ter que organizar um encontro para a apresentação do projeto que envolve a criação de um mapa interativo do território Guarani, e que estão pensando na possibilidade de aproveitarmos esse momento para a realização do encontro dos pesquisadores.

Conversamos um pouco sobre a possibilidade de continuação do projeto, para entrega do livro e do DVD nas aldeias que tinham participado durante a pesquisa, onde moravam os entrevistados. Falamos também da vontade dos pesquisadores de fazer uma viagem ao Paraguai. Laercio expôs os motivos dessa viagem e a importância da experiência que todo o grupo de pesquisadores poderia ter lá. Pedro e Regina explicaram os procedimentos necessários para conseguir os nossos objetivos, e combinamos de escrever um pequeno projeto que os explicasse.

PRIMEIRA ETAPA DE ACOMPANHAMENTO: ENTREVISTAS

RELATÓRIO DE ATIVIDADES

ALDEIAS: PIRAÍ E MORRO ALTO.

PRIMEIRO DIA: 18/11/2014

No primeiro dia nos encontramos na Opy para conversar sobre o que os jovens pesquisadores tinham feito até o momento e para que eu pudesse lhes explicar qual era o planejamento. Ronaldo nos acompanhou e fez vários esclarecimentos sobre as minhas questões. Dentre eles, somente Gabriel tinha procurado a *jaryi* (mulher mais velha, avó) da aldeia para lhe perguntar sobre o assunto.

Elson foi o primeiro a falar. A questão principal que ele colocou, e que voltou a estar presente em outras conversas, é a do seu papel como pesquisador. Disse que está muito contente, e é perceptível que se sente bastante responsável pelo trabalho, querendo encontrar a forma certa para fazê-lo. Para ele, se trata de uma experiência nova e está esperando pra ver até onde vai conseguir chegar. Ele sabe que é uma oportunidade e isso o deixa contente. O seu principal desejo neste momento é conseguir “pegar o jeito certo”, para poder “ficar bom” para eles (incluindo aqui a comunidade) e para os *jurua* (brancos). Segundo ele, é importante que os jovens ouçam falar sobre o tema da pesquisa, a mobilidade guarani – *guata porã* –, pois muitos deles não entendem porque antes os Mbya mudavam tanto de aldeia. Eles precisam entender melhor, para assim poder explicar aos não indígenas. Deste modo ele espera poder ajudar as lideranças.

A fala de Elson nos situa em um dos desafios centrais deste projeto, que é o de configurar uma ideia do que supõe, em vários sentidos, ser um “pesquisador” da própria cultura, do próprio conhecimento, da própria comunidade. Mapeando as várias demandas que confluem na figura do “pesquisador guarani” esperamos poder contribuir para uma discussão sobre as diferentes expectativas que envolvem o nosso trabalho, uma vez que a visão de mundo dos diversos atores envolvidos – o IPHAN, as comunidades, os mais velhos, os antropólogos, os jovens pesquisadores - não coincide em sua totalidade. Este é um problema que nos situa no âmbito da tradução para além do que um sentido estreito e literal deste termo pode nos fazer pensar. Traduzir, aqui, pode então ser uma estratégia para encarar o desafio de compor um trabalho que leve a

sério as diferenças entre regimes de conhecimento e que respeite, de fato, os modos em que os conhecimentos dos Guarani se transmitem, se movem, se constituem e se diferenciam.

A presença de Ronaldo, cacique da aldeia Pirai, foi muito importante na medida em que, pela sua idade, se encontra a meio caminho entre as falas dos mais velhos e o entendimento dos mais jovens. Se o meu trabalho, enquanto antropóloga é ir mostrando as possibilidades e as nuances de uma pesquisa, o dele é o de conhecer e compreender as lacunas que experiências tão diversas como a que os mais velhos tiveram e as que os mais jovens enfrentam na atualidade, instauram. Estas lacunas, por sua vez, sendo percorridas e, até certo ponto, superadas, constituem o contexto para que os jovens pesquisadores consigam elaborar traduções das falas dos mais velhos, dirigidas a explicar aos não indígenas os seus modos de vida, as suas perspectivas, os seus saberes. Neste sentido, estamos trabalhando, o tempo todo, com traduções de traduções: das falas dos mais velhos às falas dos jovens, das palavras e conceitos guarani às palavras e conceitos dos brancos, dos modos de conhecimento e aprendizagem nas aldeias aos métodos e formas da pesquisa antropológica, etc. A questão é, então, tentar entender em que medida e de que forma cada uma destas “traduções” está implicada nas outras no contexto deste projeto.

Como dizia acima, na fala de Elson aparece o que podemos considerar como a pergunta norteadora do nosso trabalho. Ele disse que, como a maioria dos pesquisadores, tem um pouco de medo, e que se pergunta: “será que vou conseguir?”. A pergunta dele me faz pensar no que é mesmo que queremos conseguir. É provável que a resposta dele sirva para ambos: “É só ter interesse que vai conseguir aprender e trazer pra comunidade alguma coisa nova. O interesse é com a comunidade mesmo”. Ronaldo comenta a fala de Elson dizendo que vamos aprender junto, e que cada um vai completar o entendimento do outro. A mesma coisa acontece com as falas dos *tamoi* e das *jaryi*. Cada um deles tem o seu conhecimento, a sua sabedoria, e um vai assim complementando a fala do outro, esclarecendo mais um detalhe, iluminando as reflexões mutuas. A pesquisa começa então a se constituir também como uma caminhada onde as respostas a cada pergunta vão gerando outras questões, indicando novas direções. Assim, neste primeiro momento do trabalho esperamos poder esboçar um mapa que nos situe e nos guie daqui pra frente. Pesquisar é perguntar, não

unicamente para obter resposta, mas para reconhecer o constante desdobramento das perguntas.

Ronaldo nos faz notar que se para os guarani é fácil compreender as respostas dos *tamoi* e das *jaryi*, entender os sentidos de suas palavras, nem sempre evidentes, o mesmo não ocorre com os não indígenas. É por isto que uma das principais tarefas dos pesquisadores será a de pensar os modos em que pelo menos uma parte da sabedoria dos *tamoi* e *jaryi*, inscrita nos modos de vida Guarani, no cotidiano de cada aldeia, apareça, da maneira mais clara possível, aos não indígenas. É para incidir no ponto de vista destes últimos sobre os Guarani, para desfazer preconceitos e facilitar a compreensão que estamos fazendo este trabalho. Assim sendo, a primeira questão a respeito das caminhadas é a da relação com a terra. Os Guarani, segundo Ronaldo, sabem que a terra também precisa descansar e, por isto, após alguns anos de uso, é necessário mudar os lugares das roças para permitir que outra mata diferente possa brotar de novo. A preocupação e o respeito com a mata aparecem como os primeiros impulsos que antigamente levavam às caminhadas. Iremos vendo que há outros que também decidem e motivam os movimentos.

Na fala de Ronaldo, e nas que se seguirão, podemos perceber que a explicação que os Mbya fazem de si aos brancos se esboça a partir das nossas respectivas diferenças. Enquanto que os brancos usamos a terra tudo o que podemos, sem muita preocupação com a sua continuidade, motivo pelo qual fabricamos e utilizamos veneno que nos permita a produção de grandes safras, os Mbya não utilizam venenos nas suas plantas, pois eles entendem que a força necessária para a maturação das sementes, é dada por Nhanderu (divindade Guarani). É a ele que se deve pedir esta força, pois é dele que depende a colheita. Ronaldo conta que no dia anterior, conversando com um *jurua* (nome com que os Mbya designam os brancos), este lhe perguntou por que a terra é importante para os Mbya. Ronaldo lhe disse que ela é muito importante sim, mas não só para os Mbya; a terra é importante para todos, *jurua* incluídos, pois é a terra que permite a nossa existência.

Quando a gente estava comentando estes assunto, chega a *jaryi* Marta para conversar com a gente. À pedido de Ronaldo, falo com ela sobre o nosso trabalho. É difícil explicar aos mais velhos o que é o IPHAN, pois sinto que seria necessária, só para começar, toda uma discussão sobre a ideia de “patrimônio”. Resolvo iniciar falando

brevemente do trabalho do IPHAN e do CTI com a Tava (ruínas das antigas Missões) de São Miguel. Explico que, a partir deste trabalho, decidiram que para o caso do patrimônio cultural Guarani-Mbya seria importante que as pesquisas fossem realizadas pelos próprios Mbya. Foi neste intuito que o CTI, em parceria com a Comissão Yvy Rupa, começou a fazer um trabalho de formação de jovens pesquisadores de cinco aldeias do estado de São Paulo. O tema da pesquisa, escolhido pelas lideranças das cinco comunidades, foi o *xondaro*. Conto, então, que depois o IPHAN abriu um edital para os estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo e, recentemente, para Santa Catarina e Paraná. Foi a partir deste último edital que o CTI ficou responsável pelo trabalho nesses estados. Para finalizar, falo da reunião na aldeia Imarui e da decisão que se tomou lá de falar sobre a Mobilidade Guarani. Peço então aos pesquisadores em formação que explicam para a *jaryi* Marta aquilo que foi conversado em dita reunião.

Elson toma a palavra para poder situar melhor todo este contexto para a *jaryi*. Retomamos as questões que o grupo de pesquisadores elaborou no último encontro, no qual eles decidiram que uma questão central para entender a Mobilidade Guarani seria *Mbya Kuery nhomboguata marae'ÿ*. Os pesquisadores de Pirai colocam esta questão para a *jaryi* Marta, mas ela disse que seria melhor falar em *Guata Porã*, pois *marã e'ÿ* se refere a algo que nunca morre. A *jaryi* Marta também falou, lembrando das Tava, que *Nhanderu mirim kuery oguata exauka ijaguyje reve*. Esta é uma frase que requer um bom trabalho de tradução.

Quando a *jaryi* Marta terminou de falar, os jovens disseram a ela que agora iríamos escutar as suas palavras, conversar sobre elas e pensar para depois voltar e conversar de novo com ela. Todos saíram e eu fiquei mais um pouco com ela. Ela falou durante muito tempo. É impossível pra mim contar aqui o que falou, pois a minha compreensão da língua guarani não é suficiente. O que posso dizer é que ela tem muito para contar e que é justamente contando histórias que ela nos ajuda a entender as suas palavras.

Encontrei os jovens pesquisadores de novo na escola. Nos sentamos então, frente ao computador para ouvir a fala da *jaryi* Marta. Em um primeiro momento, decidimos que transcreveríamos a fala em Guarani mesmo. Porém, a qualidade da gravação não estava muito boa, devido ao vento, e não tínhamos umas caixas de som que melhorassem essa condição. Resolvemos alternar a transcrição com a tradução. Apesar de estar sendo bastante cansativo para os meninos esse trabalho, pelo esforço que tinham que fazer

para, por um lado, entender os sentidos da fala da *jaryi* e, por outro, traduzir as suas palavras, procurando na língua portuguesa conceitos que dessem conta de suas ideias, eles se mostraram bastante disponíveis e, principalmente, interessados. A dificuldade de traduzir para o português as diversas nuances das falas dos mais velhos, das mais velhas, continuará a estar presente durante todo o processo; não duvido disto. É por isto que estou propondo aqui uma constante reflexão deste assunto. Os pesquisadores discutiram entre si cada parte da fala que ouviam. Disseram não entender algumas palavras como, por exemplo, “xapa”. De noite, na *opy*, Elson comentou comigo que tinha conversado com uma das filhas da *jaryi* Marta sobre este termo, e que a mesma tinha esclarecido o assunto. Ele gravou essa conversa.

Na *opy* Ronaldo falou durante muito tempo sobre o trabalho que estávamos realizando, explicando à comunidade cada detalhe, falando dos desejos, das dificuldades, dos objetivos, e assim por diante. Ele falou também sobre como era a vida dos Mbya antigamente, contando aquilo que aprendeu com os *tamoi kuery*. Referiu-se à vida das crianças na aldeia e às várias atividades que tinham e que hoje já não estão mais sendo vistas. Disse então aos jovens que eles podem ajudar muito as lideranças a trazer pelo menos alguma parte dos costumes de antigamente para as aldeias de hoje. Questionando sobre os motivos para fazer um trabalho de pesquisa como os que estão acontecendo atualmente na aldeia - o nosso projeto e o do pessoal da Inclusão Digital – explicou que hoje em dia, para que os não indígenas respeitem o modo de vida dos Mbya, para que eles entendam e assim possam respeitar, os Mbya tem que por pelo menos uma parte disso no papel. “Se só falarmos um pouquinho do Tape Mirim (o caminho sagrado), os jurua não vão acreditar. A gente tem que por no papel a nossa imaginação”. Assim, é muito importante que os pesquisadores façam o trabalho aparecer e, ao mesmo tempo, que tragam efeitos desse trabalho para a aldeia. Este é um ponto crucial do modo em que se constitui o pesquisador mbya, pois eles têm a responsabilidade de ir além do trabalho de pesquisa nos moldes do que nosso entendimento requer, escutando as palavras dos mais velhos para garantir a sua continuidade quando eles já não estiverem mais sobre a terra. O pesquisador mbya tem também uma função de liderança, e isto aparece de modo constante nas falas dos jovens do nosso grupo quando questionados a respeito de suas expectativas.

Depois, cada um de nós (só o Gabriel não estava), um a um, nos levantamos pra falar. Alguns jovens da aldeia falaram também sobre a sua experiência de pesquisa no projeto

“Inclusão Digital” de que fazem parte. Elson conversou com eles, tentando incentivá-los a seguir em frente, a fazer um bom trabalho. Ele disse que, em algum momento, poderíamos nos juntar todos e trocar as informações e o material produzido. Edinho também falou um pouco sobre o nosso projeto e sobre as suas expectativas, assim como dos desafios que sabe que vai ter que enfrentar. No final, depois que outras pessoas da comunidade se levantaram para falar, me pediram que dissesse alguma coisa. Tentei complementar o que tinha entendido das suas falas, e expor o meu ponto de vista pessoal sobre o modo em que gostaria de levar este trabalho. Falei que pesquisar é perguntar, e que quem pergunta não acha só respostas, mas outras perguntas, em um processo contínuo de desdobramento de umas em outras. Disse que para poder aprender, é importante dar valor às próprias perguntas, pois só assim temos o interesse real para ouvir e, assim, continuar perguntando.

Fiquei realmente satisfeita naquele momento, pois considero especialmente importante a participação da comunidade na reflexão sobre o trabalho de pesquisa e sobre a problemática da tradução, assim como sobre a importância de projetos deste tipo para a sua relação com o mundo não indígena. Desta forma, eles não são só os objetos da pesquisa, aqueles que vão contar a sua experiência no momento em que forem entrevistados, mas participantes numa reflexão que nos permita, como disse Elson acima, encontrar o melhor jeito de levar este trabalho.

SEGUNDO DIA: 19/11/2014.

Encontrei os jovens pesquisadores de manhã na escola. No dia anterior, como me contou Elson, uma vez que paramos o trabalho de transcrição e tradução, Elson e Edinho tiveram a oportunidade de conversar com Marciana, filha da *jaryi* Marta, e perguntar a respeito da palavra “xapa”, que tinha aparecido na entrevista. Eles gravaram a fala de Marciana, e decidimos que seria bom, já que não era muito longa, que todos nós pudéssemos escutar o que ela contou. Os pesquisadores começaram a traduzir a fala, para que eu pudesse entendê-la, e eu aproveitei para registrá-la por escrito. Justo quando estávamos conversando, a própria Marciana chegou na escola o que nos deu a oportunidade de entender melhor a história que tinha contado no dia anterior. Ela foi falando em guarani, e os pesquisadores iam traduzindo pra mim, enquanto eu escrevia. Conseguimos registrar a história, mas não pudemos continuar a conversa com Marciana, pois o taxi que tinha vindo nos buscar tinha chegado.

A conversa com Marciana foi um acontecimento que vai se repetir outras vezes, e que é peculiar ao tipo de pesquisa que estamos realizando; longe de tratar-se de uma abordagem cujos passos devam ser localizados e restringidos, tanto em termos de tempos e momentos, como de espaços e pessoas, a priori, a nossa é uma pesquisa aberta ao evento, por assim dizer, pois estamos lidando com um tipo de saberes que têm modos próprios de manifestação. Se a nossa pesquisa pode ser entendida como uma caminhada, então temos que ficar bem atentos àquilo que vai se mostrando pelos caminhos, e compor o livro com estas outras histórias que os pesquisadores irão ouvindo ao colocar suas perguntas.

O taxi nos levou até outra aldeia chamada Tarumã Mirim. Trata-se de uma aldeia onde mora um *tamoi* com o qual Ronaldo tinha falado dias atrás, lhe expressando o nosso interesse em conversar com ele e fazer uma entrevista. É uma aldeia diferente das outras que vi até agora, pois não tem nem energia elétrica, escola e nem banheiro. Esta é uma condição pela qual, segundo entendi, os seus moradores optam. Chegamos à aldeia em torno das 11:30, e ficamos esperando uns dez minutos a chegada do *tamoi*. A esposa dele trouxe uma cuia de erva-mate e alguns cachimbos com fumo (*petyngua*), elementos de grande valor para se conseguir uma boa conversa, para facilitar a fluidez das palavras e abrir, assim, os seus caminhos.

Quando o *tamoi* chegou, Ronaldo falou sobre o motivo de nossa visita. Ele já tinha conversado com o *tamoi* antes, mas mesmo assim era necessário explicar, devagar, os motivos e objetivos de nossa presença ali. Ronaldo, então, me pediu que explicasse ao *tamoi* e a *jaryi* em que consiste o nosso trabalho e o nosso projeto. Falei aproximadamente o que, no dia anterior, tinha falado com a *jaryi* Marta. Por fim, voltei a pedir aos jovens pesquisadores que explicassem ao *tamoi* como é que se tinha chegado, na reunião de Imarui, a escolher como tema a Mobilidade Guarani. Depois disto, o *tamoi* começou a falar. Todo mundo escutou atentamente. Gravamos a sua fala, que durou um pouco mais do que duas horas. Quando terminou de falar, almoçamos e voltamos à Pirai. Fizemos uma parte do trecho a pé, momento que Ronaldo aproveitou para comentar a fala do *tamoi*, chamando a atenção para o modo correto em que se deve abordar os mais velhos.

No final da tarde, nos reunimos na escola para ouvir a gravação da fala do *tamoi*. Conversei com eles sobre as várias possibilidades e etapas de uma tradução. A mais

formal seria assim: primeiro, haveria que fazer a transcrição em Guarani, e depois ir pensando a tradução frase por frase. Os comentários explicando a fala do entrevistado seriam colocados no texto de maneira que fique claro que são comentários, explicações, ao modo das notas. Deixo a eles a escolha do jeito em que a gente vai trabalhar neste primeiro momento do acompanhamento, pois quero ver qual é o melhor jeito pra eles.

Resolvemos que é bom começar pela tradução. No início, os pesquisadores, aparentemente, estão um pouco inquietos; eles parecem ter dificuldade para escolher as palavras certas, mostrando uma preocupação por expor a fala do *tamoi* com cuidado. Eles discutem bastante entre si, para poder chegar a um melhor entendimento. Edinho pergunta se é possível parar para explicar melhor cada parte. Elson prefere fazer um comentário mais geral da fala. Peço a Edinho que fale e explique tudo o que quiser, mas nesse momento, justamente, chega Ronaldo, e Edinho acaba preferindo não falar.

Continuamos a ouvir a gravação. De novo, pedem para parar e Ronaldo começa a explicar, em Guarani, o que é que o *tamoi* esta falando. Os pesquisadores lhe fazem perguntas e vão se tranquilizando visivelmente à medida que escutam a explicação de Ronaldo. No final desta conversa, me dizem que, por enquanto, não vão traduzir algumas passagens, que vão explicar algumas, com suas próprias palavras, mas que não vão traduzir tudo. Voltamos, então, a ouvir a gravação. Em um determinado momento, o *tamoi* explica que, antigamente, ele poderia chamar a sua esposa (*xeirũ*), termo que seria traduzido como “minha amiga”. Começamos a conversar sobre esta questão; ela surpreendeu também Ronaldo, quem se interessa bastante pelo assunto. Segundo ele, a forma correta de chamar a esposa é “xerayxy”, que literalmente seria traduzido como “a mãe do meu filho”. Este é o modo em que se fala hoje em dia; *xeirũ*, por sua vez, é usado para qualquer pessoa com quem se tem uma amizade, ou com quem se fazem coisas junto. Neste momento, no meio desta fala, vem à tona a questão da existência de varias “nações” dentro do que se considera como Guarani-Mbya, o que explicaria a não coincidência, muitas vezes, entre as explicações dos *tamoi*. Antes que uma diferença em termos de entendimento, o que há é uma variação no uso da língua, ao modo em que o castelhano varia entre os diversos países da América Latina. Este assunto das “nações”, me explicam, vai aparecer também na fala do *tamoi*. Chamo a atenção para a minha fala do dia anterior, e para a pesquisa como o desdobramento das perguntas. Pouco a pouco vamos desenhando, assim, o esboço do que será o mapa de nossa caminhada.

De noite, na *opy*, Ronaldo volta a colocar a comunidade à par do nosso trabalho. Ele conta que fomos conversar com o *tamoi* Aristides, da aldeia Tarumã Mirim, e resume alguns dos pontos de sua fala. Então, ele lança a pergunta sobre o uso da expressão “*xeirũ*” para se referir à própria esposa. Logo após a fala de Ronaldo, a *jaryi* Marta se levanta e explica a questão. Ainda não consegui entender qual foi o resultado, pois perguntei a duas pessoas sobre a fala da *jaryi*, e as respostas foram contraditórias. Quando a *jaryi* termina de falar, Ronaldo aproveita para convidar quem quiser, a fazer perguntas para a *jaryi*. Alguns dentre nós nos sentamos em torno dela e ficamos conversando por mais de uma hora. Tal conversa também foi gravada.

TERCEIRO DIA: 20/11/2014

Nos encontramos na escola de manhã, para recomeçar o trabalho de tradução. Elson toma a frente da tradução, o que faz com que Gabriel e Edinho fiquem mais distraídos. Edinho não se sente bem, parece muito desanimado e noto que não quer participar. É importante respeitar este momento e, apesar de dispor de poucos dias para trabalhar com a tradução, sei que é inútil forçar as pessoas (os Mbya especificamente) a fazer algo quando não têm, por qualquer motivo, disponibilidade. É importante levar bem a sério isto, pois é um fato. O que quero dizer é que para se pensar a pesquisa, ao modo Guarani, é fundamental respeitar tanto o tempo quanto as disposições variáveis das pessoas. No caso do Edinho, por exemplo, vim a saber, de noite, que tinha tido um forte pesadelo e que tinha ficado, por isto, perturbado.

Como disse, Elson tomou a frente da tradução durante a maior parte da manhã. Fiquei um pouco preocupada com os outros dois pesquisadores e, de tarde, propus a eles que dividíssemos as forças. A proposta era que um deles trabalhasse na tradução comigo, outro começasse a fazer a transcrição da fala da *jaryi* Marta e que o outro sentasse para escrever alguns comentários sobre o nosso trabalho nos últimos dias, sobre o que tinham ouvido, sobre o processo mesmo, sobre suas dificuldades, etc.. A ideia, em um primeiro momento, era que fôssemos nos revezando, de forma que cada um deles pudesse fazer um pouco de cada tipo de trabalho. No entanto, percebi que tanto Gabriel como Élson estavam bem concentrados na própria tarefa, e preferi continuar assim ao longo da tarde. Edinho, como comentei acima, não conseguiu se concentrar, mas ficou com a gente, na sala, tentando escrever alguma coisa, até o final.

Elson e eu começamos a trabalhar na tradução e, pouco tempo depois, chegou Ronaldo. Este último fazia comentários, na mesma linha de esclarecer aos jovens pesquisadores momentos um tanto obscuros pra eles da fala do *tamoi*. Chegou um momento em que Elson estava visivelmente cansado. O esforço que a tradução requer, além da atenção permanente e da paciência, radica na complexidade das falas dos xeramoí pelos próprios assuntos tratados nelas. O *tamoi* Aristides constantemente fazia alusão à dificuldade que ele mesmo experimentava ao tentar falar de assuntos que envolvem a espiritualidade e ao modo em que os conceitos derivados do entendimento da mesma regiam a vida dos Guarani antigamente. Falar da vida de antigamente requer dar explicações que se encontram em outras esferas, e que pertencem a esse domínio da vida espiritual cujos saberes precisam das condições adequadas para fluir e se esclarecer. É provável que uma conversa na *opy*, de noite, teria sido diferente para o *tamoi*; mas também o fato dos ali presentes estarmos mais ou menos concentrados em suas palavras, também era um fator importante. Mais uma vez, a pesquisa da “cultura” Guarani, pelos próprios Guarani, é um assunto que requer de muitas e variadas reflexões, dentre as quais, aquelas que dizem respeito não só aos modos de fala e comunicação entre seres humanos, mas aos modos em que os *nhe'e* (almas) e as divindades guarani se manifestam, se mostram e falam de si. Ao falar destes assuntos, ao ter que lembrar o modo em que se vivia antigamente, os saberes que possibilitavam um melhor fluxo de comunicação entre os mbya e suas divindades como, em parte, um modo de legitimar as informações que tem para passar, o *tamoi* não pode deixar de notar o hiato entre aqueles e estes tempos, nas próprias formas e contextos em que tais saberes vêm à tona: no mais, ali estamos nós, com o nosso gravador, com a minha presença, com o subsídio do IPHAN, com a intenção de registrar e, sobretudo, escrever as suas palavras. Questionar aos pesquisadores os motivos de sua pesquisa é, neste contexto, o mínimo a fazer. Veremos que este questionamento se repete em praticamente todos os casos. Suspeito, de minha parte, que ele se encontra no cerne dos desafios que as atuais e as futuras lideranças guarani não poderão deixar de encarar, e parece-me que os *tamoi*, em sua maioria, estão bem conscientes disto.



Como disse acima, notando que o Elson estava já muito cansado, continuei a tradução só com Ronaldo. O trabalho fluiu bem mais rápido, dada a segurança e o maior domínio que ele possui da linguagem usada pelo xeramoí, assim como dos assuntos sobre os quais ele fala. Ficamos um bom tempo conversando sobre o tema dos diversos Nhanderu. Na verdade, da existência, segundo Ronaldo, de só um Nhanderu (Nhanderu Tenonde), o qual tem vários auxiliares. Este é um assunto complexo e que não poderia ser abordado de modo exaustivo por nenhuma pesquisa. O que é importante notar, no entanto, é a ideia de que cada pessoa tem um pouco de conhecimento, e que é na composição entre estes vários saberes, que algo como o “conhecimento mbya” poderia, mesmo que de maneira artificial, aparecer ou ser ilustrado. Por sua vez, surgiu o tema da existência de várias nações (parece que quatro) que se incluem entre os Guaraní. Estas nações, segundo Ronaldo, se diferenciam exclusivamente pela língua, o que faz com que, às vezes, pareça que as falas de diversos *tamoí* e *jaryi* se contradicem entre si.

QUARTO DIA: 21/11/2014

Hoje dedicamos o dia inteiro ao trabalho de tradução e transcrição. Elson ficou trabalhando sozinho na transcrição da fala da *jaryi* Marta, enquanto Gabriel, Edinho e eu ficamos na tradução do texto. Foram vários os temas que surgiram a partir de nossa escuta da fala do *tamoí* Aristides. Continuamos com a conversa sobre as quatro nações,

e nos questionamos a respeito do que será que define o pertencimento a uma ou outra nação. Nenhum dos pesquisadores sabia responder esta questão, e nem sequer o Ronaldo. Mais tarde, de noite na *opy*, perguntamos à *jaryi* Marta, quem nos disse que uma criança pertence à nação de seu pai.

Conversamos também a respeito da língua da *opy*, à qual Edinho se referiu como “o idioma do *nhe’ë*”. A força e dificuldade do trabalho de tradução, como tentei explicar acima, reside fundamentalmente no fato de estarmos lidando com “palavras muito fortes”, ou “muito sagradas”. A tradução desta língua dos *nhe’ë*, desta linguagem da *opy*, é um desafio para os especialistas, para aqueles que escutam estas palavras e que devem conhecer os seus vários desdobramentos, replicações, relações, com outras palavras e, assim, compreender de que modo podem passar o conhecimento recebido para os seus parentes, leigos, para ajudá-los com algum problema pontual, ou com o encaminhamento da vida de um modo geral, com o bem-estar da comunidade, com o fortalecimento das lideranças e assim por diante. Neste sentido, o trabalho dos *karai*, dos sábios e especialistas da espiritualidade ou cosmopraxis guarani, é um trabalho de tradução. Sendo este, por assim dizer, o “núcleo duro” da “cultura Guarani”, do *Mbyareko*, então temos que considerar que quando pretendemos trabalhar nos termos da tradução e explicação de uma cultura em outra, estamos trabalhando com a tradução de uma tradução. Assim sendo, os métodos e cuidados da primeira tradução, os seus efeitos nas pessoas, devem ser considerados quando se aborda e se faz a segunda. O que quero dizer, de um modo mais simplificado, é que assim como é difícil ao *tamoi* Aristides falar com os jovens pesquisadores a respeito do seu conhecimento sobre o *Mbyareko* (o que nós imaginamos ser a sua cultura), também é difícil para estes jovens explicar pra mim, e para os brancos que atuam como leitores imaginários do futuro livro, as palavras do *tamoi*. Os mundos e contextos implicados na fala religiosa têm os seus efeitos nos mundos e conceitos, nas pessoas e nos corpos, daqueles que se situam como médios e veículos para as palavras. Sem considerar este fato, qualquer tentativa de fortalecimento da “cultura” guarani poderá ter, justamente, o efeito contrário.

“O caminho tem que estar aberto para a fala”, nos explica Ronaldo. É isto o que a palavra *nhamotenondema* presente na fala do *tamoi*, e que os pesquisadores não conseguiam compreender, quer dizer. Edinho não sabia explicar, mas aí ele contou que muitas vezes, quando está numa reunião na comunidade, ele sente vontade de falar sobre vários assuntos, de colocar a sua opinião, mas que quando levanta parece como se

de repente se esquecesse de tudo, como se as palavras tivessem fugido; “as palavras fogem, porque o caminho estava fechado”, explica Edinho. E não posso deixar de lembrar a fala do nosso coordenador, José Benites, durante o primeiro curso de formação, sobre o que ele chamou de “a estratégia de Nhanderu”, a qual consiste em que, para não deixar que os brancos usem as fortes palavras *mbya* em contextos inadequados, ou que possam prejudicar de alguma forma as comunidades, ele faz com que os antropólogos, na hora de escrever, esqueçam tudo aquilo que ouviram. Assim, a memória aqui é correlata do modo em que se escutam as palavras, e das intenções que há por trás da busca do conhecimento. As palavras fortes, as palavras sagradas dos Mbya, têm os seus próprios caminhos, os seus próprios lugares e modos de ação, e por muito que os pesquisadores se esforcem, cada um deles sabe, ou vai ouvir dizer, que as palavras só chegam verdadeiramente para aquele que, do mesmo jeito, se disponibiliza à escuta, para aquele que quer guardar as palavras para poder passar pra frente quando chegar a hora. Neste sentido, ser pesquisador e ser liderança é um só e mesmo caminho.

Neste dia, conversamos também um pouco sobre o melhor jeito de fazer a tradução. Estamos, aos poucos, nos adaptando ao trabalho e provando várias formas, para podermos achar a que mais nos convenha. Ronaldo explica que é importante que os meninos escutem o argumento do *tamoi* Aristides até o final, antes de traduzir, pois se não eles não conseguem saber sobre o que é que o *tamoi* está falando. Entendo que esta deve ser uma das estratégias de tradução fundamentais, uma vez que as falas dos mais velhos se caracterizam por ter uma circularidade própria e por não ser evidente ou direta logo no início. Ronaldo explica que este trabalho é uma novidade pra eles, pois “a memória do Guarani não está na escrita”. Ficamos conversando um pouco sobre este assunto da memória. Pelo que entendo da fala de Ronaldo, a memória Guarani está mais relacionada com as imagens e, sobre tudo, com a importância que os eventos (ou as palavras) têm para a pessoa. A intensidade de uma experiência é que define a duração da memória; a concentração de uma escuta, é o que possibilitará, em seu momento, a expressão de determinadas palavras, de certos conhecimentos. Também são os próprios eventos os que elicitam determinadas lembranças. É ao ouvir a fala do *tamoi* Aristides que Edinho vai se lembrar de uma outra fala que ouviu há muito tempo atrás e que, na época, não conseguiu entender. No entanto, naquele momento em que estávamos conversando, em um momento em que ele parecia ter muita dificuldade de explicar e traduzir uma passagem da fala do *tamoi* Aristides, foi que ele se lembrou e trouxe as

palavras do outro *tamoi* para poder traduzir as de este. A memória é povoada de imagens, antes que de conceitos, teorias e explicações (como o é na escrita). Mas estas imagens não estão passivamente guardadas em algum local específico do circuito neuronal; trata-se de imagens que provocam conexões e desdobramentos e que, principalmente, abrem os caminhos das palavras. Tudo isto, voltando à fala de Eunice no primeiro encontro, deve ser levado em consideração se queremos entender o que os Guarani estão dizendo quando nos explicam a importância que para eles tem a emoção e o sentimento quando lidam com o conhecimento. Assim, é fundamental respeitar as emoções e sentimentos dos pesquisadores durante o trabalho, ou podemos, ai querer forçar tempos e conteúdos, fechar todos os caminhos que nos são possíveis.

A história do pai de Marciana, sobre a qual falei um pouco acima, é uma ilustração deste modo de compreender o conhecimento, uma vez que o seu saber sobre os tempos em que o mundo foi criado, vem diretamente dos Nhanderu kuery, das divindades, as quais, em sonhos, lhe contaram estas histórias para que ele as pudesse passar pra frente. Também se referiu a isto, em sua fala, o *tamoi* Aristides, ao falar sobre o trabalho do *onhemboery va'e*, especialista que encontra os nomes guarani das crianças. Qualquer habilidade e saber especializado que inclui os domínios invisíveis do cotidiano mbya é ensinado ou passado pelas divindades aos mbya, e para falar a respeito destas habilidades em um trabalho de pesquisa como o que estamos realizando, é necessário considerar não só a elas mesmas, como também os modos em que se tornam possíveis.

QUINTO DIA: 22/11/2014

Neste dia, de manhã, varias coisas estiveram acontecendo na aldeia. Um grupo de pessoas de uma universidade da região vieram visitar a aldeia. Pouco depois chegaram os responsáveis pelo projeto Inclusão Digital, no qual participam vários jovens de Piraf. Eles iam trabalhar na escola, preparando umas fotografias para uma exposição. Resolvi me encontrar com os pesquisadores na *opy*, onde poderíamos ficar mais tranquilos. Lá conversamos sobre o nosso trabalho nesses dias, sobre as dificuldades e as expectativas que cada um de nós considerava que tinha que cumprir. Percebemos que todos nós compartilhamos a sensação de que temos que cumprir expectativas que provém de diversas direções: o IPHAN, o CTI, as comunidades e as nossas próprias.

Conversamos sobre as dificuldades que encontramos nestes dias para traduzir a fala do *tamoi* Aristides. Os pesquisadores dizem compreender tudo o que o *tamoi* fala, mas

encontram muita dificuldade para explicar essas questões em português. Disse a eles que, pouco a pouco, encontraríamos juntos o melhor modo de trabalhar e que, assim como eles, eu também não tinha claro em que consiste mesmo o trabalho do “pesquisador guarani”, pois ele nunca vai ser igual ao do pesquisador não indígena, uma vez que os pesquisadores guarani estão lidando não só com um conhecimento e uns dados mais ou menos objetivos, mas com as cobranças e expectativas dos *tamoi* e das *jaryi* que ao ser questionados sobre o *Mbyareko* aproveitam para criticar o modo de vida que os jovens levam hoje em dia e para falar da distância entre estes e os tempos que eles viveram em sua juventude. Por sua vez, estes jovens devem fazer frente a uma conjuntura sócio política que os força a adquirir certo domínio tanto da língua como da tecnologia, fluidez na tradução e capacidade de argumentação na sua formação como futuras lideranças. Eu disse que o fato de não sabermos ainda qual é o modo mais certo de fazer este trabalho não é um problema, mas um desafio que ao tema da pesquisa, que é a caminhada guarani, vem acrescentar o tema das diferenças entre regimes de conhecimento, dos saltos conceituais entre línguas pertencentes a universos culturais em muitos sentidos opostos. Por sua vez, a inexperiência dos jovens neste tipo de trabalho implica em certo grau de timidez e insegurança na hora de se colocar que, espero, seja superado aos poucos ao longo do trabalho.

Enquanto estávamos conversando, entrou na *opy* Giovani, professor da escola na aldeia e aluno da Licenciatura intercultural indígena da UFSC. Pedi a Giovani que conversasse um pouco com os meninos sobre o seu trabalho e as dificuldades que tinha encontrando na realização de sua pesquisa, assim como sobre as estratégias que tinha encontrando para lidar com estas dificuldades. Giovani preferiu falar com eles em Guarani, pelo que não posso aqui explicar como foi a sua fala. No final, Giovani disse que os *tamoi* e as *jaryi* não gostam de perguntas prontas, enquanto que os *jurua* (não indígenas, brancos) querem perguntas prontas pois estão procurando respostas certas. Esta oposição entre o que querem uns e outros, torna o trabalho do pesquisador muito difícil. Em qualquer caso, é impossível forçar os *tamoi* e as *jaryi* a se expressar em outros termos, pois o modo em que os conhecimentos devem ser passados são mais uma das dimensões desses mesmos conhecimentos. Por fim, Giovani disse que a gravação é muito importante, e eu acrescentei que a tradução é o contexto do qual nós temos que nos apropriar para vencer a distância não só entre duas línguas, mas entre duas formas de compreensão diferentes.

De tarde, nos encontramos, mais uma vez, na escola, para prosseguir com a tradução.

No começo, fiquei um bom tempo até os meninos chegarem e aproveitei para anotar algumas das impressões que tinha tido durante estes dias. O primeiro a chegar foi Edinho. Comecei a fazer a tradução com ele, mas logo no início chegamos em uma parte em que ele parecia ter muita dificuldade para traduzir. Nesse momento, chegou também Gabriel (Elson viria só mais tarde, pois teve que ir até a cidade). Edinho e Gabriel falaram bastante entre eles e, no final, me disseram que esperariam a chegada de Ronaldo para poder conversar sobre essa parte específica. Tentei dar algumas opiniões sobre o que o *tamoi* poderia estar querendo dizer, mas percebi que só estava tornando o assunto mais difícil. Creio que naquele dia os meninos estavam, de fato, pouco motivados para o trabalho. Eles já tinham me dito de manhã que queriam terminar mais cedo para poder jogar futebol. Quando chegou Ronaldo decidimos que nos dois ficaríamos trabalhando mais um pouco na tradução e que os meninos podiam ir embora. No entanto, antes expliquei a eles que a minha presença ali era importante para o andamento do trabalho e que ela tinha um custo econômico, motivo pelo qual eu considerava que seria melhor se continuássemos trabalhando. Eles se comprometeram a terminar a tradução sozinhos e a entregá-la no próximo curso. Definimos umas tarefas para cada um deles, e Ronaldo e eu ficamos trabalhando mais um pouco.

Ronaldo e eu continuamos a traduzir a fala durante um tempo, mas em um determinado momento começamos a conversar sobre a pesquisa, e sobre a preocupação que Ronaldo tinha quanto às expectativas dos *tamoi* a respeito do modo em que suas falas seriam apresentadas nos livros. Enquanto que uma tradução literal destas falas seria muito difícil e muito trabalhosa, também é necessária certa fidelidade àquilo que os mais velhos estão dizendo. Por sua vez, cada um desses *tamoi* e *jaryi* tem um jeito próprio de falar sobre esses assuntos, e é possível que algumas vezes se contradigam. A isto havia que acrescentar as diferenças entre as aldeias que participam do projeto, e as diversas expectativas das varias comunidades. De novo, a conversa com Ronaldo expunha tantos outros desafios para o nosso trabalho. Disse a ele que teríamos que conversar com o coordenador guarani, Jose Benites, assim como com os responsáveis pelo projeto no CTI, e também com Elizete que, como Ronaldo, vai se responsabilizar pelo

acompanhamento das aldeias de Imarui, Morro dos Cavalos e Maciambu. Combinamos que voltaríamos a tratar destes assuntos durante o curso e que é necessário que Ronaldo aproveite pra colocar estas questões. A partir desta conversa, motivada por esta primeira experiência do acompanhamento, espero que possamos elaborar uma estratégia para os próximos dois ou três meses de trabalho, adaptada aos interesses e possibilidades de cada uma das comunidades, representadas pelos jovens pesquisadores.

ALDEIAS: MORRO DA PALHA E MBIGUAÇU.

PRIMEIRO DIA: 27/11/2014

Planejei três dias de acompanhamento com as aldeias Mbiguaçu, Morro da Palha e Amaral. Infelizmente, devido a problemas de sinal na aldeia Amaral, não consegui entrar em contato a tempo com Nilton, pesquisador desta aldeia. Combinei que no dia 27 iria buscar Gennis em Mbiguaçu, aldeia onde reside, para irmos até Morro da Palha conversar um pouco com o *tamoi* Timoteo sobre nossa pesquisa. Cheguei de manhã na casa de Gennis, em torno de 09:30 e ficamos conversamos um pouco sobre o trabalho. Ela diz que, por enquanto só conversou com Celita, liderança da aldeia e coordenadora pedagógica da escola. Celita é irmã de Gennis e esposa de Hiral, cacique da aldeia. Gennis conta que conversaram sobre o tema que interessa à Gennis: as mulheres. Celita lhe aconselhou a se concentrar na parte da saúde.

Como disse acima, tinha combinado de encontrar Gennis naquele dia de manhã, para irmos juntas até a aldeia Morro da Palha onde conversaríamos com o *tamoi* Timoteo. No entanto, Gennis estava passando por um conflito com algumas pessoas dessa aldeia, e me disse que não poderia nos acompanhar e nem participar da conversa com o *tamoi*. Disse a ela que compreendia e que no dia seguinte voltaria para ouvirmos juntas a fala do *tamoi*. Esperei um pouco mais a chegada de Silmar, sobrinho de Gennis e filho do cacique de Morro da Palha, Antonio Carlos, pois ele ia me acompanhar até a outra aldeia. Chamamos um taxi e descemos até a *opy* para aguarda-lo.

Quando chegamos a Morro da Palha, o *tamoi* Timoteo estava conversando com o cacique e outras pessoas da aldeia, dentre eles Adriano, que é um dos pesquisadores de nossa equipe e que mora nessa aldeia. Eles estavam discutindo um assunto da comunidade que envolvia Gennis e, naquele momento, ficou claro que a decisão dela

não nos acompanhar naquele dia, tinha sido acertada. Eu e Silmar sentamos na roda e aguardamos a volta do *tamoi* que tinha saído justo no momento em que nós estávamos chegando. Enquanto esperava, conversei com o cacique e também com Adriano, o pesquisador de Morro da Palha, a quem perguntei sobre o andamento da pesquisa. Assim como os outros pesquisadores, Adriano ainda não tinha começado a fazer o trabalho. Fiquei pensando que o grupo de pesquisadores parece estar precisando de um incentivo ou de um pouco mais de orientação e que devo ter isto presente para o próximo curso. No entanto, é difícil saber bem como proceder neste caso, uma vez que é importante não tomar uma postura de cobrança que venha a dificultar a nossa comunicação e relação ao longo do trabalho. Como escutei em várias ocasiões, e sei que consituarei a escutar ao longo desta pesquisa, “Guarani tem o seu tempo”. Aprendi que não adianta forçar ninguém a fazer algo quando não está disposto; a pessoa pode até sentar ao meu lado, mas a conversa não vai fluir e a gente só vai conseguir perder tempo e esforço e, como disse acima, desgastar a relação. Este é um ponto importante a se levar em conta e também um assunto para conversar com os próprios pesquisadores no próximo curso.

Conversamos um pouco com Antonio Carlos, cacique da aldeia, sobre o tema de nossa pesquisa: a Mobilidade Guarani. Ele nos falou brevemente do modo de ocupação da região e de histórias que ouviu de seu bisavô a respeito do “Caminho de Peabiru”, que ia de Chapecó até Paraguay, e pelo qual andavam antigamente, nas visitas que umas aldeias faziam às outras. Segundo o bisavô dele, nesse caminho não crescia mais mata. Antonio Carlos fala sobre um livro que fez um professor da escola de Mbiguaçu, falando sobre este caminho.

Pouco depois chega o *tamoi* Timoteo, e senta para conversar com a gente. Entrego-lhe um fumo que trouxe de presente, e ele me diz que gosta muito desse fumo de rolo. Como Timoteo esteve presente na primeira reunião do projeto, na aldeia de Imarui, assim como no último dia do encontro em Morro dos Cavalos, não é necessário lhe explicar o contexto da pesquisa. Ele conversa bastante, já naquele momento, com a gente. Diz que antigamente não tinha divisões entre países e que os Guarani andavam livremente por onde queriam. Havia peixes nos rios, caça, paca, porco do mato. Hoje em dia, no entanto, eles estão precisando daquilo que os brancos fabricam para poder sobreviver, pois já não possuem mais os territórios necessários, onde haja pesca e caça suficiente, água boa, material para fazer as casas e outros utensílios, todos os remédios

de que precisam, etc. É por isto que hoje estão tendo que falar da própria cultura, de modo que os brancos lhes respeitem e entendam as mudanças pelas quais vêm passando. Assim, quando eles pedem ajuda da prefeitura para a construção da casa, para a compra de *brasilite* (um tipo de cobertura, feita de amianto), é porque já não se encontra mais o material necessário. Na fala de Timoteo vemos confluir vários assuntos ao mesmo tempo: as histórias dos antigos, o modo de vida, a sabedoria, as condições atuais, os problemas da comunidade e as relações políticas com os não indígenas. Então, nos chamam para almoçar e fazemos uma pausa.

Depois do almoço, eu e Adriano nos preparamos para conversar de novo com o *tamoi* e, desta vez, gravar a entrevista. Digo a Adriano que é ele quem tem que fazer as perguntas ao *tamoi*, de acordo com o que decidiram durante o primeiro curso de formação. No entanto, o próprio *tamoi* começa a conversa diretamente em português, e continua assim durante um bom tempo. Depois ele para e pede que lhe façamos nossas perguntas. Nesse momento, Adriano lhe faz uma pergunta em guarani, juntando varias das questões que formam o conjunto escolhido pelo grupo de pesquisadores no primeiro curso. O *tamoi* responde em guarani. Depois, Adriano diz não ter mais perguntas, e o *tamoi* volta a conversar comigo em português.

O *tamoi* Timoteo começou falando que antigamente os Guarani caminhavam bastante, na época em que não havia divisão de países. Era uma época em que havia, como disse acima, abundância de pesca, caça e na qual a terra era boa para plantar. O *tamoi* vai falando dos diversos seres que existem na natureza e que convivem nos territórios dos Mbya. Diz que todos eles têm linguagem, só que eles não se entendem entre si, assim como nós não os entendemos. Fala também que cada um tem o seu lugar e que a gente não pode tirar eles do lugar em que estão. Esta é uma questão de respeito implicada na “regra de Nhanderu”. “Nhanderu também tem lei”, diz o *tamoi*, “ninguém passa por cima da lei de Nhanderu”.

A fala do *tamoi* Timoteo parece um mapa no qual vão aparecendo os vários temas que cabem dentro da pergunta que Adriano lhe fez, da pergunta sobre as caminhadas dos Guarani. Por isso que Timoteo começa falando sobre o lugar que Nhanderu deixou para cada tipo de ser, para cada tipo de gente. Também para os portugueses, os alemães, e outros Nhanderu deixou um lugar para eles viverem. Então ele fala sobre Maciambu e sobre a ocupação antiga desta área. Fala também sobre as passagens subterrâneas, e

sobre os modos em que os Nhanderu Mirim (ancestrais divinizados) caminhavam. Ele diz que os Nhanderu Mirim conhecem todas as línguas. O *tamoi* fala muito da terra e do problema do uso da terra, assim como das relações com os brancos. Nhanderu deixou as matas para os Guarani, deixou essas terras para eles usarem. Ele diz que quando é Nhanderu que o está inspirando, ele fala sem parar, sem cansar, durante vários e vários dias. Quando é Nhanderu que está fazendo, ele não sente cansaço. O *tamoi* conta que sabe muitas coisas, porque é Nhanderu que está mostrando.

Na primeira conversa, antes do almoço, o *tamoi* tinha falado dos mitos, das histórias dos Nhanderu e dos Nhanderu Mirim e de que os brancos dizem que é mentira. São histórias guardadas no *py'a* (coração). Assim, o *tamoi* entra na questão dos diversos regimes de conhecimento e dos seus modos específicos de veiculação e registro. Voltamos à fala de Eunice, cacique de Morro dos Cavalos, no primeiro encontro de formação, quando disse que para os Guarani o conhecimento está totalmente ligado ao sentimento e o sentimento à palavra. Assim, essas palavras que os Guarani guardam no *py'a* (pode ser traduzido como fígado, coração e, às vezes, também como estômago) são palavras em movimento, palavras que hoje esses jovens pesquisadores estão ouvindo para poder passar pra frente, depois. Assim, enquanto que as nossas políticas públicas e a nossa preocupação com a salvaguarda da cultura oferece os seus recursos – pesquisas, livros, documentários, acervos, museus, etc. – os *tamoi* e as *jaryi* não cessam de falar aos jovens pesquisadores como é que eles vão tanto adquirir como manter os saberes que estão buscando, num regime de conhecimento no qual tanto a aquisição como a manutenção dependem de certa mobilidade. Eis por isto que os mais velhos questionam os jovens pesquisadores a respeito dos motivos pelos quais estão fazendo essas perguntas e os lembram, uns mais suavemente que outros, que as palavras que buscam ouvir são fortes e que requerem também que aqueles que as ouvem o sejam.

SEGUNDO DIA: 28/11/2014

Nos encontramos de manhã na casa de Gennis, em Mbiguaçu, para proceder com o trabalho encima da fala do *tamoi* Timoteo. Proponho que façamos a transcrição da parte da fala do *tamoi* Timoteo que está em guarani, pois depois eu posso transcrever sozinha a parte em português. Gennis prefere deixar a iniciativa da transcrição em mãos de Adriano, pois diz não possuir tanto domínio da língua guarani, uma vez que ela usa só o

português devido, parece, a que viveu durante muito tempo fora da aldeia e a que se escolarizou em uma escola kaingang.

Adriano e eu ficamos umas quatro horas seguidas transcrevendo, muito lentamente, a fala do *tamoi*. São só 13 minutos de fala, mas o processo de transcrição é mesmo muito árduo. Depois destas quatro horas, Adriano manifesta a vontade de ser ele mesmo quem digite. Deixo ele se apropriar do trabalho e vejo que tem tanta velocidade de digitação quanto eu. Vou, então conversar um pouco com Gennis.

Proponho a ela que fossemos até a casa do *tamoi* Alcindo, para contar a ele sobre a nossa pesquisa, e ela aceita. Temos sorte porque conseguimos encontrar o *tamoi* em casa, o que não costuma ser fácil. Entramos na casa e nos convidam a tomar assento. Então, Gennis explica, brevemente, o nosso trabalho ao *tamoi*, dizendo que gostaríamos de entrevistá-lo. Ele me olha meio desconfiado, e diz que vai cobrar caro por essa entrevista. Considero, então, que é necessário que eu contextualize melhor o trabalho e o projeto, pois ao que parece o *tamoi* está entendendo que a pesquisa é minha. Algumas de suas filhas, que estão presentes na conversa, vão explicando um pouco melhor as minhas palavras. O *tamoi*, então, nos diz que aquele não é um bom momento pra conversar, e combinamos que voltaremos na outra semana, na quinta feira, para gravar uma entrevista com ele. Gennis e eu ficamos contentes por ter conseguido marcar uma hora pra conversar com o *tamoi*, pois se trata de uma pessoa muito solicitada e nem sempre é fácil conseguir um tempo com ele.

Chegamos em casa, e sento um pouco com Adriano, quem continua fazendo a transcrição. No entanto, decido não intervir muito, pois ele parece se concentrar melhor sozinho. Ficamos assim até umas sete horas, e então decidimos parar pra descansar. Combinamos de nos encontrar na outra quinta feira, dia em que conversaremos com o *tamoi* Alcindo.

TERCEIRO DIA: 04/12/2014

Coincide com o primeiro dia do próximo relatório de acompanhamento.

ALDEIAS: MORRO DOS CAVALOS, MACIAMBUR E IMARUI

PRIMEIRO DIA: 04/12/2014

Hoje marcamos de conversar com o *tamoi* Alcindo, da aldeia Mbiguaçu. Cheguei na aldeia em torno do meio dia, pois tínhamos combinado de fazer uma entrevista as 15 horas. Fui até a casa do *tamoi*; ele estava recebendo umas visitas de uma aldeia próxima, Amaral. Entreguei a ele um *ka'a* (erva-mate) que tinha levado de presente e um pouco de fumo, e combinamos que mais tarde nos encontraríamos para a entrevista. Fui então conversar com o cacique e com a sua esposa, que é a coordenadora pedagógica da escola. Eu tinha dito para a Gennis que seria bom chamar os jovens que estudam na escola da aldeia, e que estão cursando o segundo grau, para incluí-los na conversa e que tivessem a oportunidade de ouvir a fala do *tamoi*. Também tinha chamado os pesquisadores de outras aldeias (Morro da Palha e Amaral, que fazem parte da mesma região que Mbiguaçu, assim como Morro dos Cavalos e Maciambu). Celita, a coordenadora pedagógica da escola, me disse que não sabia se seria possível liberar os alunos para participar na conversa, pois esse tipo de atividades deviam ser planejadas com maior antecedência.

No mesmo dia, de tarde, tinha sido planejada uma atividade na escola, pois ia ser apresentado um vídeo que uma pesquisadora (Clarisse Melo), tinha feito na aldeia. Gennis foi assistir ao vídeo e eu fiquei esperando o pessoal das outras aldeias na *opy*. Pouco depois de eles chegarem, o *tamoi* Alcindo voltou da escola. Eu e Gennis fomos à casa dele. Conversamos um pouco. Ele explicou à Gennis que no dia anterior tinha recebido a visita de uma pessoa que vinha da Espanha para conversar com ele, e que pensou em chamá-la. Gennis lhe disse que gostaria muito de ter ido, se ele a tivesse chamado. Ele, então, falou da importância de mostrar aos brancos parte da cultura dos Guarani, para que eles possam entender, respeitar e apoiar. Disse também que o trabalho que tínhamos nos proposto fazer era um trabalho muito difícil e que deveria ser muito bem feito, pois caso contrário os brancos não iriam entender. A questão, segundo entendi, é que ele acha mais difícil o trabalho pelo número elevado de aldeias envolvidas. Disse que não sabia se iríamos conseguir que tudo encaixasse, para assim poder mostrar aos brancos algo da cultura Guarani, pra eles reconhecerem a sua existência e importância. Na opinião dele, para que a pesquisa você bem feita mesmo, seriam necessários vários anos. Ao ver que ele estava falando com Gennis sobre o

trabalho dela como pesquisadora, chamei os outros pesquisadores que estavam esperando fora. O *tamoi* falou bastante com eles sobre a relação que os Guarani jovens estão tendo hoje em dia com a própria cultura, com o próprio conhecimento, com o modo de viver. Ele falou sobre plantação e sobre a *opy*. Então, ele parou pra gente continuar a conversa na *opy*.

Uma vez na *opy*, o *tamoi* Alcindo começou falando em português, e se dirigindo a mim. Ele falou sobre a escola, e sobre o modo em que os estudantes devem ser. Ele estava fazendo da escola uma metáfora para falar sobre ele mesmo como professor desses pesquisadores, assim como do trabalho dele, enquanto *karai*, com a comunidade. Disse que quando o professor corrige o aluno, na hora em que o aluno está escrevendo, as outras pessoas riem. O aluno, então, fica constrangido e, no dia seguinte, já não volta na escola. Explicou que quando a criança chega em casa, a mãe tem que perguntar sobre o para-casa, mas que normalmente a criança chega em casa e já solta a mochila em qualquer lugar. Então, vai ver televisão e perde tudo aquilo que aprendeu, esquece. Ele nos contou que a *opy* era a escola dos Guarani, que de lá que vinha todo o conhecimento e que antigamente se reuniam na *opy* para planejar os trabalhos da aldeia e que todo mundo fazia aquilo que o ruvixa (cacique) falava. Ele deu o exemplo da escola, falando da importância de respeitar o professor. Apontando para o jovem sentado do lado dele, falou que o pai desse jovem bebe muito, mas que ele estava ali, aprendendo com ele, com o *tamoi* e se fortalecendo assim para conseguir os seus objetivos, e para levar pra frente o seu trabalho como professor da escola.

A fala do seu Alcindo me parece ser um exemplo claro do modo indireto da fala dos mais velhos. Ele queria chamar a atenção dos pesquisadores sobre a importância de sua dedicação para poder fazer esse trabalho, pois se trata de um desafio muito difícil e complicado. Quando entramos na *opy*, ele pediu ao seu neto para jogar umas ervas no fogo e, me olhando, disse que o trabalho era difícil mesmo e que tinha que fazer assim. Entendi que, assim como o *tamoi* Aristides, seu Alcindo estava se referindo a esse conhecimento que é, por assim dizer, o cerne do que chamamos de “cultura Guarani”, e que é um saber que está para além do que consideramos como humano, que é espiritual, invisível e que tem os seus próprios modos de manifestação. Na fala metafórica de seu Alcindo, fica clara a importância da dedicação dos pesquisadores para poderem compreender esses assuntos.

No final de sua fala, volta de novo a usar o português, e mais uma vez nos lança a pergunta: “Será que vai encaixar?”. Ele explica aos pesquisadores que eu tenho um chefe atrás de mim, e que se o trabalho não ficar bem feito, o meu chefe não vai aceitar. Só ficando bem feito é que eles poderão conseguir o que querem em termos de recursos para, por exemplo, construir *opy* em todas as aldeias. O *tamoi* Alcindo diz que ele pode nos ajudar, mas que temos que escolher só três aldeias pra trabalhar com ele. Dado que Morro da Palha e Amaral estão na mesma região que Mbiguaçu, acho que o melhor é que sejam essas as aldeias envolvidas na pesquisa com ele.

Vou então para Maciambu com Elizete, Lucas e Aladio. No dia seguinte planejamos ir até Imarui, para conversar um pouco com o *tamoi* Alcindo e com sua esposa, e para nos encontrar com Norberto, o outro pesquisador da aldeia. Uma vez na casa de Elizete, na companhia de Lucas e Aladio, tento conversar um pouco com eles sobre a fala do *tamoi* Alcindo. Elizete explica que no começo o *tamoi* estava contando uma história de uma viagem que fez ao México, e do tanto que alguns brancos o respeitam. O tempo todo, durante a conversa dele com os pesquisadores, ele lhes dizia que eu o respeito, que respeito o conhecimento dele, enquanto que às vezes os próprios jovens Guarani parecem não fazê-lo. Boa parte do conteúdo da fala do *tamoi* neste primeiro encontro com os pesquisadores, foi sobre o modo em que eles devem se relacionar com a própria cultura para conseguir o respeito dos brancos e, mais importante, algum recurso que permita a construção de *opy* nas aldeias da região.

Comento com Aladio e Lucas a minha impressão de que o *tamoi* estava falando em metáfora quando falava da escola, e que na verdade ele estava falando com os pesquisadores, lhes aconselhando sobre o melhor jeito de fazer o seu trabalho, sobre o modo em que deviam abordar a tarefa que tinham. Aladio está concentrado em um desenho que esta fazendo, e não diz nada. Lucas assente. Começo então a conversar com ele e lhe pergunto se já iniciou a sua pesquisa, se já conversou com alguém. Ele me diz que conversou um pouco com a mãe dele. Lucas é o bisnetos de uma das últimas pessoas que se propôs a fazer a caminhada sagrada dos Guarani, o que eles chamaram *nhomboguata marã e’y* quando elaboraram as perguntas da pesquisa. Lhe digo que às vezes ele poderia ir até o Espírito Santo, onde mora a sua avó e outros filhos desta mulher. Ele me diz que a sua avó vai vir em abril, mas que gostaria sim de fazer essa viagem.

Continuamos falando sobre a pesquisa, e sobre a importância deles conversarem também com os pais, mães, tios e outras pessoas da aldeia, um pouco mais novos que os *tamoi* e as *jaryi*, pois eles vão poder lhes explicar coisas das falas destes últimos. Lucas me diz que cada um tem um pedaço da história e eu lembro do *tamoi* Alcindo se perguntando se será que “vai encaixar”, e de outras pessoas também que já se referiram a isso. Lembro um amigo guarani de Araponga (RJ), que trabalhou comigo durante a minha pesquisa de doutorado, e que me contou sobre um encontro em que tinha participado onde havia muitos *tamoi* e *jaryi*. As suas falas, me explicava, pareciam formar um quebra-cabeça. Quem sabe não será por isso que o *tamoi* Alcindo, no final de sua fala, olhando pra nós avisava: “Vai quebrar a cabeça!”.

Elizete, então, me diz que por que a gente não divide a pesquisa em vários temas, e que cada pesquisador aborde um deles. Lhe digo que também foi isso que eu entendi que discutiram no encontro de Imarui, e que a Mobilidade tinha aparecido como o tema condutor. Disse que, na minha opinião, devíamos partir das falas dos *tamoi* e das *jaryi* e tentar esboçar um mapa com os vários caminhos que eles vão indicando em suas falas. Estes caminhos são bastante evidentes no caso em que todos eles fazem referência aos mesmos assuntos - a alimentação, as relações com as divindades, a casa de reza, etc. -, mas eles também se abrem de modo diferente para cada pesquisador, a partir do momento em que cada um deles se interessa por um assunto particular. Lucas, por exemplo, ficou intrigado com uma parte da fala do *tamoi* Alcindo em que ele dizia que antigamente, antes da chegada dos brancos, os Guarani viviam em três grandes cidades, de cinco mil pessoas cada uma.

Elizete disse que está com vontade de fazer coisas, a partir destes temas da pesquisa, que envolvam a comunidade, pois lhe preocupa que tudo aquilo de que se fala fique só na fala, e que as queixas dos *tamoi* e das *jaryi* não obtenham nenhuma resposta, não provoquem nenhum movimento nas aldeias. Conversamos então sobre o modo em que o projeto foi pensado, sobre o orçamento, e sobre a importância de eles mesmos participarem nas decisões a respeito de como deve ser realizado o trabalho, de quais são as prioridades, de como vamos nos organizar e de como vamos utilizar os recursos.

SEGUNDO DIA: 05/12/2014

Acordamos de manhã e nos preparamos para ir até Imarui, para conversar um pouco com o *tamoi* Alcindo e a *jaryi* Rosa. Eu tinha dias atrás combinado com Norberto, o pesquisador da Tekoa Marangatu, a aldeia de Imarui, para que ele fosse conversar com o *tamoi* e a *jaryi* e lhes avisara de nossa chegada e de nossa intenção de conversar um pouco com eles. Chegamos na aldeia em torno das 10:30 da manhã e encontramos o cacique perto da escola. Descemos, então, para cumprimentá-lo e conversar um pouco com ele.

Acendemos um petyngua e Elizete conversa com ele a respeito de alguns assuntos concernentes à escola. Ele nos diz que o seu pai teve que ir até a cidade e que só chegará depois da uma da tarde, mas que o Norberto está em sua casa. Vamos então procurar o Norberto.

Enquanto o esperamos, perto do rio, decidimos tomar um banho para nos refrescar um pouco. Norberto chega e nos cumprimenta. Pergunto a ele se já conversou com o *tamoi* e a *jaryi*, e me diz que sim e que foi o *tamoi* quem se disponibilizou para conversar com a gente, mas que teve que sair um pouco. Descemos até a escola, de novo, pois foi pra lá que a *jaryi* estava indo quando, ao subir, nos cruzamos no meio do caminho. Ficamos lá embaixo, em uma casa na frente de onde a *jaryi* sentou com a sua família. Aproximo-me de Norberto para saber como está indo o trabalho dele, se já foi conversar com alguém. Ele me explica que a aldeia ainda está de luto, pelo recente falecimento do filho mais novo do *tamoi* e da *jaryi*. Diz que os dois estavam muito tristes, e que não quis incomodá-los, mas que agora já estão melhorando e que o *tamoi* iria conversar com a gente quando chegasse, mas que a *jaryi* ainda não se sentia disposta. Falamos então sobre o próximo encontro, sobre a data e sobre a necessidade de encontrar alguém que possa levar ele e o *tamoi* até a aldeia de Morro dos Cavalos, local de onde vai sair a van. Pouco tempo depois, Norberto vai sentar com a *jaryi* e sua família.

Enquanto esperamos a chegada do *tamoi* e o almoço ficar pronto, fico sentada um pouco ao sol tentando anotar algumas coisas para poder elaborar este relatório. Elizete e os meninos se divertem com os aplicativos do celular, dando risada. Fico pensando que já que estamos ali, seria bom que os meninos sentassem perto da *jaryi*, pois foi ela que viemos visitar; sentar ali com ela, em silêncio, para além da pesquisa, aproveitando a sua proximidade e a oportunidade de ouvi-la falar, caso sentisse vontade. Pergunto então pra Elizete o que acha, se acha que seria, por assim dizer, de “bom tom” sentar

perto dela, mostrando que estamos ali para visitá-la. Ela diz que sim, e conversa com Aladio e Lucas. Eu resolvo ficar sentada ali mesmo, evitando que a minha presença imponha o ambiente da pesquisa. Mas antes dos meninos e a Elizete chegarem ao outro lado da rua, onde esta a *jaryi*, Norberto se levanta e vem em nossa direção; conversa um pouco com eles e depois se aproxima de mim, dizendo que a *jaryi* tinha decidido falar com a gente, fazer a entrevista. Entrego, então, o gravador pra ele e lhe explico como deve usá-lo.

Chegamos perto da *jaryi* e eu fico sentada um pouco mais longe, preocupada em não tornar a minha presença ali mais determinante do que já é. Pouco antes, enquanto descíamos em direção à escola, Elizete e eu tínhamos dito aos pesquisadores que eram eles que deviam perguntar, que se me deixassem tomar a frente de tudo, as pessoas iam achar que estavam conversando comigo, e não com eles. As perguntas são deles e eles devem ter a iniciativa.

A *jaryi* começa a falar, depois de ter ouvido uma breve explicação de Norberto. Pelo que pude entender de sua fala em Guarani, ela diz que vai falar porque os *nhe'e* dos pesquisadores a estão fortalecendo para falar. Ela fala um pouco e depois pede aos meninos que façam as perguntas que querem. Lucas pergunta sobre as três cidades guarani de antigamente, explicando que ouviu o *tamoi* Alcindo se referir a este assunto. A *jaryi* confirma a fala do *tamoi* Alcindo e continua dando mais algumas explicações. Aladio, por sua vez, pergunta, segundo entendi, sobre as diferenças entre *xiripa* e *mbya*. Depois de uns 15 a 20 minutos de fala, a *jaryi* diz que quer parar, pois ainda se encontra um pouco fraca. Fico com a impressão de que não agradecemos a sua fala suficiente.

Ficamos ali mais um pouco, esperando o almoço. Chega então o *tamoi* Augusto e vem nos cumprimentar. Ele nos diz que ainda estão se recuperando, todos na aldeia. Conversamos sobre uma viagem ao Rio de Janeiro, para visitar o seu primo irmão que vive em uma aldeia perto de Paraty e também sobre o próximo encontro. Ele se disponibiliza a ir; diz que tem que fazê-lo para poder acompanhar e ajudar o grupo de jovens pesquisadores. Lhe digo que só se está bem e forte para isso. Combinamos que estará lá. Não digo a ele nada sobre a entrevista naquele momento, pois poderemos conversar bastante no encontro.

Na volta, proponho aos meninos que trabalheemos ainda um pouco. Chegamos na casa de Elizete umas 17:30 e o Aladio diz que ele quer ir pra casa dele. Eu fico um pouco

incomodada, pois quero aproveitar o tempo que estou ali para adiantar as traduções e transcrições. Mas eu entendo que não é o meu papel impor nada a ninguém, e quando Elizete me pergunta sobre se o Aladio pode ir embora, digo que ele tem que tomar essa decisão, que o trabalho vai sair de um jeito ou de outro de acordo com o compromisso de cada um e que isso é algo que eu nem posso e nem quero controlar. No fundo, não acredito que quantas mais horas trabalhemos melhor vai sair, pois sei que cada pessoa tem um jeito próprio de dar o melhor de si. No entanto, ainda me preocupa a questão de como achar o melhor jeito de trabalhar junto.

Por outro lado, fico pensando sobre a importância deles conversar com seus parentes e com outras pessoas de sua comunidade, para além da pesquisa, ou seja, para aprender algo que eles considerem que é importante saber. No final das contas, o mais importante é que estão tendo a oportunidade de dedicar um tempo a escutar as pessoas a respeito do que elas sabem sobre qualquer coisa que eles queiram aprender. Mesmo quando eles já vivem as condições de fazer isso, a pesquisa lhes proporciona transporte para visitar pessoas de outras aldeias e, também, um contexto em que a escuta se torna mais intensiva. A questão é porque o tema da Mobilidade, e todos os outros que o acompanham e o conformam, é importante para cada um deles e, principalmente, porque é importante, hoje em dia, falar destes assuntos dentro das comunidades, trazer estas conversas para o dia a dia, assim como explicar estas questões aos brancos. É importante percebermos que se eles deixam pra conversar e pra explicar o seu trabalho em suas comunidades quando eu estou junto, então os *tamoi*, as *jaryi* e as outras pessoas da comunidade vão relacionar a pesquisa comigo, vão ter a impressão de que os pesquisadores estão fazendo a pesquisa pra mim. Esta é uma de minhas preocupações. Outra delas é sobre a minha dificuldade, a pesar de querer fazê-lo, de encontrar o ritmo adequado do trabalho. Por uma parte, se eles só trabalham quando eu estou presente, então eu quero aproveitar o máximo possível o tempo, mas aí eu acabo forçando a barra e eles podem se desmotivar. Realmente, como disse o *tamoi*, é um trabalho bem difícil. No entanto, acredito que juntos podemos mesmo encarar o desafio. Estamos, todos, aprendendo junto. Cada um tem um pedacinho pra explicar.

No sábado, passamos o dia inteiro dedicados à tradução da fala da *jaryi* Maria. É um dia de muito calor, e percebo que o trabalho é bastante árduo para os pesquisadores. No começo, conversamos um pouco sobre a tradução. Elizete propõe que eles escutem a fala, e depois traduzam pra mim do jeito que eles compreenderam. Digo a eles que há vários jeitos diferentes de traduzir uma fala, e que eu gostaria que eles conhecessem todos eles, pelo que proponho que tentem ser o mais fieis possíveis às palavras da *jaryi*. Explico que muitas vezes ela vai usar palavras que são metáforas, e que a gente precisa contemplá-las deste jeito, pois é justamente por serem metáforas que tem força poética, e que esta força poética pode ser muito eficaz se o que queremos é mostrar aos não indígenas a profundidade e a beleza do conhecimento dos mais velhos, da sabedoria e do modo de entender o mundo dos Guarani.

No entanto, a pesar de considerar, como disse acima, que é importante que eles conheçam e experimentem os vários tipos de tradução possíveis, é verdade que o modo de falar dos mais velhos, a maneira como as frases se constituem, como as palavras se distribuem nas frases, não pode ser literalmente traduzido. Acho que poderíamos ter falado um pouco mais a respeito disto, e considero que é importante que trabalhemos sobre este assunto da tradução durante o próximo curso, pois como eu não só uma conhecedora da língua, há vários aspectos da mesma que me passam despercebidos. Assim, é possível que a proposta de Elizete, de expressar com as próprias palavras o sentido das falas dos mais velhos, seja também muito importante e um bom modo de trabalhar. No entanto, é necessário que reflitamos melhor sobre a questão das metáforas, para não deixá-las passar sem consideração.

Trabalhamos na tradução desde as 10 da manhã até as 18, parando umas duas horas para almoçar e descansar um pouco. O processo de tradução é bastante lento. Elizete toma a frente em muitos momentos, mas percebo que eles têm que fazer um esforço enorme para traduzir ao português. No final, paramos sem ter finalizado o trabalho, porque já não aguentam mais, por assim dizer. Se comprometem a terminar a tradução e a fazer a transcrição ao guarani de uma pequena parte, mesmo durante a minha ausência. Aproveito para expressar a eles a minha preocupação pois, se por um lado não quero impor um ritmo de trabalho que lhes resulte agressivo, por outro temos um cronograma a cumprir e pouco tempo. Questiono o motivo pelo qual esperaram a minha chegada para começar o trabalho, pois no primeiro curso tínhamos combinado que iriam conversando com as pessoas de sua família, com pessoas próximas, sobre o tema da

pesquisa. Eles parecem aceitar a minha crítica e Elizete diz que, a partir de agora, eles vão sim se comprometer mais. Enfim, acho que este tema do compromisso também deve ser tratado durante o próximo encontro, mas entendo que ele passa por desenvolver uma estratégia para que o trabalho se constitua como parte do dia a dia de cada um deles em suas comunidades, de modo a levar a sério a diferença que o “guarani” implica na palavra “pesquisador”.

RELATÓRIO DA VIAGEM A VARIAS ALDEIAS DOS ESTADOS DE SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO

DATA: De 24 a 31 de Janeiro de 2015



Objetivos da viagem:

Esta viagem que realizamos foi planejada no segundo encontro de formação que teve lugar na aldeia Araçai (Piraquara/Paraná). O principal objetivo da mesma era conhecer, pelo menos, os *tamoí* de duas aldeias do Estado do Rio de Janeiro, o *tamoí* Vera Mirim, João Silva, cacique da aldeia Sapukai (Angra dos Reis) e o *tamoí* Karai Tataendy Oka, Augustinho, da aldeia Araponga (Parati). Nesta última aldeia teríamos a oportunidade de participa do Nhemongarai do *mbojape*, que não é muito visto na atualidade. Consideramos também que seria interessante acompanhar o *tamoí* Augusto em uma visita ao seu irmão, o qual não via desde havia muito tempo, no intuito de ter um

exemplo de um dos aspectos da mobilidade guarani. A partir de uma proposta de Ronaldo, um dos acompanhantes da equipe, decidimos fazer uma parada na aldeia Jaragua (São Paulo) para participar do chamado *Ymongarai*, ou *Nhemongarai* da água. Deste modo, aproveitaríamos o trajeto e a viagem seria menos cansativa. Dado que conseguimos que os motoristas do micro ônibus alugado ficassem todo o trajeto com a gente, decidimos passar também uma noite na aldeia Parati Mirim. Ao mesmo tempo, a pedido da acompanhante Elizete, e de alguns dos pesquisadores, também resolvemos passar na aldeia Boa Vista (Ubatuba). Assim, acabamos visitando 05 aldeias em dois estados, o que enriqueceu bastante tanto a experiência como a pesquisa.

Se nos situarmos, mais uma vez, na reflexão sobre as especificidades de uma “pesquisa guarani”, feita por Guarani em um contexto com mínima interferência, como é o caso das falas que tem lugar na *opy*, podemos dizer que a nossa viagem foi absolutamente satisfatória nos termos da formação proposta. Como será mostrado ao longo deste relatório, os jovens pesquisadores tiveram a oportunidade de experimentar alguns aspectos centrais do *mbyareko* que dizem respeito às relações cosmológicas e, por tanto, também à saúde e às relações cotidianas entre as pessoas que coabitam nas comunidades. Tais aspectos dizem respeito às experiências relacionadas às danças e aos cantos/reza que tem lugar na *opy*. O tema da saúde e da alimentação aparecem em praticamente todas as falas dos *tamoi*, o que dá a entender a estreita relação entre aquilo que pode ser dito sobre o *mbyareko* no contexto de uma pesquisa que, para bem ou para mal, aparece nos moldes não-indígenas da relação com o conhecimento (entrevistar, gravar, filmar, traduzir), e certas questões presentes no cotidiano de cada aldeia guarani na atualidade. Tais questões aparecem como desafios, que dizem respeito às más condições em que se encontram os Guarani, devidas à falta de territórios adequados e suficientemente extensos, à falta de caça, pesca e outros materiais, assim como à presença de todo tipo de invasões culturais, por assim dizer, advindas da escola, da atenção à saúde, da televisão, da internet, etc. Deste modo, quando os mais velhos são interpelados a falar sobre o *mbyareko* pelos jovens guarani que são, por sua vez, colocados pelo projeto no lugar de pesquisadores, eles invariavelmente trazem à tona todo este leque de assuntos inter-relacionados e devolvem aos pesquisadores não respostas, mas conselhos sobre o modo em que devem elaborar questões pertinentes. Considero este processo altamente interessante e relevante para o trabalho que estamos realizando.

Trajetos da viagem:

Saída de Florianópolis no dia 24 de janeiro. Chegada na parte da tarde na aldeia Jaragua (São Paulo) para participação em Nhemongarai. Saída dia 25 da aldeia Jaragua (São Paulo) e chegada na aldeia Brakui (Angra dos Reis). Saída dia 27 da aldeia Brakui (Angra dos Reis) e chegada na aldeia Paraty Mirim (Paraty). A equipe se divide. Metade da equipe permanece na aldeia Paraty Mirim, e a outra metade se dirige no dia 28 à aldeia Araponga (Paraty), para participação em Nhemongarai. A equipe que ficou em Paraty Mirim se dirige dia 29 à aldeia Boa Vista (Ubatuba). Dia 31 viagem de volta a Santa Catarina.

DIA 25 DE JANEIRO – ALDEIA SAPUKAI (BRAKUI-ANGRA DOS REIS)

Chegamos na aldeia Brakui em torno das 22 horas. Lucas Benites, liderança da aldeia, estava nos aguardando na *opy* junto com várias outras pessoas da comunidade, principalmente jovens e crianças. Entramos e circulamos pela *opy* antes de cumprimentar cada um dos presentes, que aguardam em pé e formando um círculo, com um aperto de mãos. Logo depois, os jovens e crianças se levantam para cantar, como modo de homenagear aqueles que estamos chegando e assim nos receber bem. Lucas se levanta e faz uma fala em guarani, dirigindo uma reza/saudação especial para o *tamoi* Timoteo, que nos acompanha na viagem. A nossa chegada é também uma oportunidade para ensinar aos jovens e às crianças o modo correto de receber os visitantes.

O *tamoi* Timóteo também se levanta para cantar/rezar. Depois, nos dirigimos até o lugar onde ficaremos para descansar, guardamos nossas coisas e vamos jantar.



DIA 26 DE JANEIRO – ALDEIA SAPUKAI

Aproveito a parte da manhã pra conversar com Elizete e Ronaldo sobre o trabalho de acompanhamento. Depois, proponho que nos reunamos na *opy* para retomar o tema de nossa pesquisa e contar àqueles que não estiveram presentes (José, Elizete e Nilton) como foi o último encontro de formação e quais os aspectos do projeto que foram discutidos. Levanto e explico brevemente o motivo de ter proposto esta conversa, que é lembrar da caminhada já feita para saber de onde estamos vindo e assim dar prosseguimento ao trabalho já feito. Como tenho comentado em outras ocasiões, dado que o projeto se concentra na formação de jovens pesquisadores, é importante estarmos sempre refletindo sobre este processo de formação do qual também participo como aprendiz, uma vez que ainda há muito que se pensar sobre o que é e o que pode ser uma pesquisa feita por Guarani, prestando especial atenção àquilo em que a mesma difere de uma pesquisa feita por não indígenas. Aproveito este momento também para agradecer a presença do *tamoi* Timoteo, que está nos acompanhando nesta viagem. O *tamoi* Augusto preferiu, por motivos de saúde, ir direto para a aldeia Araponga, onde tem parentes.

Ronaldo se levanta para falar, em guarani, sobre a importância de fazer bem o trabalho, da concentração, do respeito com os velhos, do saber estar. Depois, Norberto se levanta para falar do segundo encontro de formação, que fizemos na aldeia Araçai, no Paraná.

Aproveita também para falar a respeito das diferenças entre as várias aldeias e do saber-estar em cada uma delas, assim como da importância de saber conversar. Elson também se prontifica a falar do último encontro de formação, contando sobre os temas de nossas conversas lá, principalmente sobre as reflexões em torno do tema do conceito de cultura, que ainda não conseguiu compreender muito bem. Um por um, cada um dos pesquisadores se levanta para falar um pouco. As falas da maioria deles aparece o tema da importância de prestar atenção naquilo que os mais velhos contam, para poder mostrar e, assim, garantir os direitos. Este parece ser o objetivo principal dos jovens neste processo de formação.

José, coordenador guarani da equipe, que não pode estar presente no último encontro, também se levanta. Ele explica o motivo de sua ausência e diz que a partir de agora se compromete a estar mais presente para poder participar do trabalho. Elizete faz a mesma coisa.

Enquanto estávamos conversando foram chegando várias pessoas da comunidade, lideranças em sua maioria. Alguns jovens e crianças também vão entrando na *opy*. Quando chega o *tamoi* Vera Mirim, João Silva, que é cacique da aldeia e liderança espiritual reconhecida em todo o território guarani, fechamos a nossa conversa. O *tamoi* Vera Mirim cumprimenta, de acordo com o modo antigo, o *tamoi* Timoteo e cada um de nós que nos levantamos para recebê-lo; mas ele se demora especialmente ao cumprimentar Timoteo, pois é o único que sabe como responder adequadamente. Depois, José, o coordenador guarani do projeto se levanta para explicar o motivo de nossa presença ali. Um por um, cada um de nós nos levantamos para nos apresentar, dizer de onde viemos e por que estamos ali. Então, o *tamoi* faz uma longa fala em guarani, seguido por algumas das principais lideranças ali presentes. O *tamoi* Timoteo também faz uma longa fala. Todas estas falas são gravadas e constituem o material de nossa pesquisa.

Uma vez que todo mundo já falou, o pessoal vai saindo para poder almoçar. Fico mais um pouco para poder conversar um pouco com o *tamoi*. Ele vai me contando sobre várias coisas sobre as quais gostaria de falar com os jovens pesquisadores na parte da tarde. Diz que eles tem que perguntar sobre a T.I (a “reserva”), perguntar “o que é que tem?”, “o que esta faltando?”, “quais animais tem?”, “quais materiais tem?”. Ele diz que

também vai querer falar sobre a comida e sobre as doenças, assim como sobre aquilo que é importante plantar.



Na parte da tarde, combinamos de fazer uma roda de perguntas com o *tamoi* Vera Mirim. Infelizmente, Jose, o coordenador, e Ronaldo, acompanhante, têm que ir até a cidade para resolver alguns problemas com o banco. No entanto, peço a eles que antes de sair conversem com os jovens sobre as perguntas que vão fazer ao *tamoi*. Como os pesquisadores já tinham levantado uma série de questões relevantes para a pesquisa no último encontro de formação, eles combinam de se ater às mesmas.

Nos encontramos com o *tamoi* na *opy*. Os pesquisadores se levantam, um por um, e o *tamoi* vai respondendo as perguntas. O *tamoi* se mostra muito disposto a conversar e explicar as questões aos jovens. Várias pessoas da comunidade se encontram também presentes. No final, Timoteo faz uma longa fala em guarani. Pouco antes de acabar, chegam Jose e Ronaldo.

Na parte da noite, nos encontramos de novo na *opy*, onde o *tamoi* continua falando aos jovens pesquisadores. Nos levantamos para cantar/rezar com ele. Alguns dos pesquisadores ficam na *opy* até de madrugada.

DIA 27 DE JANEIRO – ALDEIAS SAPUKAI E ITATY (PARATI MIRIM-PARATY).

Na parte da manhã, somos convidados a permanecer na aldeia para participar em uma festa de aniversário que vai congrega toda a comunidade. Durante o dia anterior, tinham surgido algumas questões por parte, fundamentalmente, de um dos pesquisadores, Claudio Verissimo, que se mostra indisposto para ir até a aldeia Araponga. Comentários de alguns jovens da aldeia Brakui sobre as condições em que, supostamente, os pesquisadores iriam ficar na aldeia Araponga, cria certa preocupação entre alguns deles. Peço que resolvam essa questão fazendo uma reunião e tomando uma decisão entre eles, da qual prefiro me manter à margem. Enquanto o pessoal está na festa de aniversário na casa de nosso anfitrião, Lucas Benites, eu vou fazer uma visita ao *tamoi* Vera Mirim do qual escuto várias histórias.

Em torno do meio dia saímos em direção a Paraty, onde paramos para fazer algumas compras. Chegamos na aldeia Parati Mirim aproximadamente umas 17 horas. Antes de entrar na aldeia a equipe se reúne para uma conversa, após a qual me chamam para me comunicar que decidiram que só irá até a aldeia Araponga quem assim quiser. Alguns pesquisadores se manifestam a favor de subir, mas o coordenador e os dois outros acompanhantes, Ronaldo e Elizete, dizem que vão ficar. Apesar de não gostar da situação e de ter várias críticas ao modo em que foi conduzida, prefiro me manter à margem da decisão, pois considero que o meu papel no grupo tem as suas limitações e devo respeitá-las. Combinamos que o pessoal que vai até Araponga descerá na sexta-feira de manhã para poder ir até a praia de Trindade e depois, na parte da tarde, continuar até a aldeia Boa Vista.

Como a mudança no roteiro da viagem foi acontecendo ao longo da mesma, cometemos alguns erros como, por exemplo, não ter feito um contato com o pessoal de Parati Mirim para avisar de nossa chegada a tempo, motivo pelo qual eles não estavam preparados para nos receber. O pesquisador Claudio Verissimo, que já morou nesta aldeia e tem parentes na mesma, se disponibilizou a fazer o contato, mas alguma coisa aconteceu que não deu certo. Mesmo assim, nos receberam tão bem como puderam e nos acomodaram na escola. Depois de deixar nossas coisas, fomos até a casa do *tamoi* Miguel Benites, quem, apesar de estar indisposto, nos recebe para uma conversa. Ele diz se alegrar muito com a nossa visita. Timoteo senta do lado dele e ambos conversam durante bastante tempo. Quando eu chego, começo a gravar a conversa, pois noto que Timoteo está contextualizando para o *tamoi* o contexto e a importância de nossa pesquisa.

Uma vez terminada esta conversa, voltamos à escola para arrumar as nossas coisas e comer algo. Ivanilde, liderança da aldeia, se disponibiliza a preparar a nossa janta, pelo que considero adequado lhe dar uma pequena remuneração. Aproveito para reunir os pesquisadores e relembrar alguns pontos importantes do trabalho que vão fazer, principalmente no que se refere à gravação e ao cuidado com o material coletado. Converso com eles também sobre os motivos pelos que decidimos vir até o Rio de Janeiro e visitar as aldeias Brakui e Araponga, que eram o nosso primeiro itinerário. Elizete se junta a nossa conversa e, posteriormente, fazemos uma breve reunião entre ela, Ronaldo, José e eu para conversarmos sobre o modo em que podemos trabalhar daqui pra frente, cada um de nós se responsabilizando pelo trabalho em uma das quatro regiões em que se podem agrupar as aldeias participantes. Combinamos que Elizete fará o acompanhamento dos pesquisadores das aldeias Maciambu, Morro dos Cavalos e Imarui, Ronaldo dos pesquisadores das aldeias Piraí e Morro Alto, Jose com as aldeias do Paraná e eu com as aldeias Mbiguaçu, Morro da Palha e Amaral.

Depois, nos dirigimos até a *opy*. Antes de ir, no entanto, passo pela casa de uma amiga que vai nos emprestar umas cobertas para poder dormir. Quando chego na *opy*, só se encontra lá a metade da equipe. O coordenador Jose e a acompanhante Elizete não se encontram lá. Ronaldo sai para chamá-los. Quando eles chegam, começamos a fazer as apresentações e a explicar o motivo de nossa visita. Algumas das pessoas da comunidade se levantam para falar sobre a importância da pesquisa que estamos fazendo. Gravamos todas estas falas. O *tamoi* Timoteo se levanta para fazer um canto/reza e alguns de nós nos levantamos também para acompanhá-lo. Foi muito bom ter sido recebidos pelas pessoas desta comunidade e ter podido escutar as suas palavras.

DIA 28 DE JANEIRO – ALDEIA ARAPONGA



Acordamos bem cedo, pois combinamos com Nirio, filho do cacique de Araponga, que um jipe nos levaria até a aldeia às 07 da manhã. O micro ônibus nos leva até o bairro Patrimônio, local do qual sai a estrada de terra que leva até a aldeia. Estamos indo até Araponga Edinho, Adriano, Lucas, Nilton, o *tamoi* Timoteo e sua esposa, e eu; o *tamoi* Augusto já se encontra na aldeia. O pesquisador Norberto também queria ir, mas não conseguimos encontrá-lo na aldeia de manhã. O jipe, por algum motivo, não aparece. Aproveitamos para tomar um café da manhã. Pouco depois, conseguimos uma carona com o carro da SESAI que está levando as enfermeiras para atendimento na aldeia. Quando chegamos ao local onde o carro nos deixa, alguns *xondaro* da aldeia Araponga estão nos aguardando para nos ajudar a levar as nossas bagagens. Ao chegar, ficamos aguardando numa cobertura que construíram bem na entrada da aldeia. Enquanto nos restabelecemos do calor, o *tamoi* Karai Oka (Augustinho da Silva) e a *jaryi* Para Mirim (Marciana Oliveira) aguardam na *opy*. Chegamos justo na hora em que o pessoal está tomando um café da manhã reforçado, e temos que aguardar a que acabem pois seremos recebidos pelo coral.

Chegada a hora, nos dirigimos à *opy* precedido por um *xondaro* que vai mostrar o modo correto em que devemos entrar e cumprimentar as pessoas ali presentes. Mais uma vez, os jovens pesquisadores ali presentes têm a oportunidade de ver o modo de cumprimento formal entre aqueles que recebem e aqueles que são recebidos. Marciana e Timoteo ficam um bom tempo se saudando nestes termos. Depois, o coral da aldeia nos prestigia com alguns cantos e, seguidamente, o *tamoi* e a *jaryi* fazem um canto/reza.

Uma vez finalizado, o *tamoi* se aproxima para falar um pouco com os pesquisadores. Seguidamente, os dois *tamoi* se sentam para conversar entre eles.



A equipe é alojada na casa do vice cacique da aldeia. Depois de comer alguma coisa, os jovens vão, junto com outros jovens presentes e com as crianças, até a cachoeira.

Na parte da tarde, chega Vinicius, que vem de São Paulo para acompanhar o trabalho dos pesquisadores. Um grupo de jovens da aldeia saiu para buscar mel; o pesquisador Adriano, junto com Silmar, um jovem da aldeia Mbiguaçu que nos acompanha na viagem, acompanharam este grupo. Nilton e Lucas filmaram a preparação do Mbojapé e entrevistaram a *jaryi* Para Mirim. Também fotografaram as meninas reparando o *kaguyjy*, bom, só as mãos pois as meninas não queriam aparecer nas fotos ou ser filmadas. Eles fizeram uma entrevista com Ilda, a filha mais velha da *jaryi*, a respeito do *kaguyjy*.

Na volta do pessoal que tinha ido procurar o mel, os pesquisadores filmaram a preparação do mesmo para o *nhemongarai*. Pouco depois, puderam também filmar a entrada tantos dos homens como das mulheres para a colocação do *ei* (mel) e do *mbojape* (bolo feito com o milho). Tanto um com os outros são colocados no *amba*, o mel dentro de takuaras fechadas e que ficam penduradas e os *mbojape* sobre um suporte de madeira. Cada um deles corresponde a uma pessoa.

De noite teve lugar a cerimônia do *nhemongarai* na *opy*. Pudemos gravar várias conversas dos *tamoi* e de lideranças tanto de Araponga como das outras aldeias ali presentes: Parati Mirim e Krukutu, fundamentalmente. Na parte da noite, depois que já estávamos dentro da *opy*, chegou também o coral e algumas lideranças da aldeia situada em Maricá, no Rio de Janeiro. Os pesquisadores se levantaram para se apresentar e explicar o motivo de sua presença ali. Os corais das várias aldeias cantaram, assim como o *tamoi* a *jaryi* e alguns de seus filhos. Havia muitos jovens e crianças presentes, o que alegrava a todos. A importância deles conhecerem e verem aquela cerimônia acontecendo, a importância do trabalho do *tamoi* e da *jaryi* passando pra frente esses conhecimentos, deixando esse legado, foi notada em várias das falas que ali aconteceram. Assim, é nestes momentos de reunião na *opy* que os pesquisadores encontram o contexto ideal para falar do *mbya reko*, de como era no passado, de como está hoje em dia, assim como dos desafios que experimenta. A exceção de Nilton, os pesquisadores e eu amanhecemos sem dormir, na *opy*, junto com outras pessoas da aldeia e com alguns jovens de outras aldeias. Também a *jaryi* Para Mirim, o *tamoi* Karai Oka e o *tamoi* Timóteo amanheceram com a gente. Segundo os *mbya*, é necessário amanhecer sem dormir no Nhemongarai, pois o povo do céu não dorme.

Cantar e dançar na *opy* é um modo de espantar a preguiça, adquirindo a força e disposição para ficar acordados até amanhecer. Alguns dos pesquisadores disseram ter sido a primeira vez que puderam participar de um encontro assim. Este era, sem dúvida, um dos principais objetivos de nossa viagem, poder nos levantar para cantar junto com os *tamoi* e as *jaryi* das aldeias por onde passamos.

DIA 29 DE JANEIRO – ALDEIA ARAPONGA

Dado que não dormimos durante toda a noite, na quinta-feira tudo parecia acontecer com maior lentidão. Na parte da manhã alguns dos meninos aproveitaram para descansar um pouco, mas principalmente ficaram conversando com as pessoas de outras aldeias que estavam ali presentes. Tinha muita gente na aldeia. Eles também conversaram bastante entre si sobre tudo o que estava acontecendo e sobre um certo incômodo que tinha ficado com respeito à separação do grupo. Na parte da manhã conversaram um pouco com Nirio, filho do cacique, quem lhes propôs que ficassem mais um dia na aldeia. Nirio é o coordenador guarani do mesmo projeto do IPHAN nos

estados de Rio de Janeiro e Espírito Santo, que é desenvolvido pelo Museu do Índio. Eles conversam durante longo tempo sobre o modo de trabalhar e sobre o papel do pesquisador. Depois, o grupo de pesquisadores se reuniu para conversar com os *tamoi* Timoteo e Augusto. Mas uma vez, tentei, na medida do possível, me manter à margem da decisão. Eles decidiram que Nilton iria até Parati Mirim para conversar com o pessoal que tinha ficado lá e convidá-los a ir pra Araponga e passar pelo menos uma noite lá. Caso não aceitassem, a equipe que estava em Araponga ficaria até sábado e iria diretamente à aldeia de Boa Vista para encontrar com o resto da equipe. Em qualquer caso, todos eles coincidem em que é absolutamente necessário fazer uma reunião de toda a equipe guarani para conversar sobre o acontecido.

Na parte da tarde, Nirio tinha organizado uma conversa entre os pesquisadores e o *tamoi* e a *jaryi* da aldeia, junto com os dois *tamoi* vindos de Santa Catarina pra acompanhar a equipe. O pesquisador Nilton, que não tinha amanhecido na *opy* foi quem dirigiu a conversa. Os outros pesquisadores tentavam lutar contra o sono e o cansaço. Vários jovens e crianças participaram como ouvintes, pois a roda de conversa é também pensada para possibilitar que os jovens presentes no Nhemongarai, vindos de outras aldeias, tenham também a oportunidade de ouvir a fala dos mais velhos sobre os temas de nossa pesquisa. A conversa foi filmada e gravada pelos pesquisadores.



Depois da conversa, Nilton e Nirio foram juntos até Parati Mirim. Lá encontraram unicamente Ronaldo, quem não podia tomar uma decisão sozinho. Foi combinado que a equipe se encontraria, no sábado, em Boa Vista para, no domingo de manhã, seguir viagem.

Na parte da noite voltamos a entrar na *opy*. Uma jovem tinha ficado doente, pelo que muitos dos esforços da reza se concentraram nela. Houve várias falas, todas elas gravadas. Fomos deitar em torno das 03 da manhã.

DIA 30 DE JANEIRO – ALDEIA ARAPONGA

Na sexta-feira de manhã, Vinicius e Lucas seguiram até a aldeia Boa Vista, onde deveriam encontrar o resto da equipe. Foi decidido que Lucas acompanhasse Vinicius por ter parentes em dita aldeia.

Na parte da manhã, chegaram algumas pessoas vindas da aldeia Rio Silveira (Bertioga – São Paulo). Adolfo Timoteo, cacique da aldeia e importante liderança guarani veio junto. Propus aos pesquisadores que, ao longo do dia, tentassem conversar um pouco com ele sobre o tema da nossa pesquisa; no entanto, nenhum deles tomou a iniciativa de gravar uma entrevista com ele. Também sugeri que tentassem conversar com Felix, *tamoi* vindo de outra aldeia perto do Rio de Janeiro.

Durante o período em que estivemos em Araponga as noites na *opy* foram muito intensas, e os pesquisadores se mostraram realmente dispostos a participar das rezas. Por este motivo eles preferiam ficar mais tranquilos durante o dia, descansando e conversando com uns e com outros. Assim, na noite da sexta-feira amanhecemos de novo na *opy*. Durante a noite, pudemos gravar várias falas dos *tamoi* presentes, que constituíram material para a nossa pesquisa. O fato de ter pessoas vindas de várias aldeias e regiões para participar, juntas, dessa extensa atividade ritual que tivemos o privilégio de compartilhar, tornou o ambiente especialmente propício para a discussão e reflexão em torno de assuntos diretamente relacionados à pesquisa. Por sua vez, todo mundo reconhecia a especificidade daquele grupo de jovens pesquisadores e dos motivos pelos quais tinham chegado até aí, e em vários momentos os temas das falas diziam respeito justamente ao trabalho que estavam realizando e aos modos corretos de realizá-lo.

De manhã, antes de que o resto do pessoal acordasse e iniciassem as atividades do dia, Edinho, Adriano e eu passamos um longo tempo conversando com Adolfo Timóteo, cacique da aldeia Rio Silveira, sobre vários assuntos que implicam de modo geral a todas as comunidades: a escola, a saúde, a relação com os brancos, a pesquisa, etc.

DIA 31 DE JANEIRO – ALDEIA ARAPONGA

Tínhamos definido que neste dia a equipe de pesquisadores junto com os *tamoi* Augusto e Timóteo iriam até a aldeia Boa Vista para se encontrar com o restante da equipe e poder conhecer também esta aldeia. No entanto, choveu bastante durante o dia, o que impedia a chegada até o carro que os levaria. Ao longo da manhã, tentamos entrar em contato com a pessoa que iria transportá-los, mas o sinal estava muito fraco. Enquanto tentávamos resolver este problema, pessoas vindas de Parati Mirim comentaram com os pesquisadores que nesse dia, de noite, iam fazer uma festa em dita aldeia e que a outra metade da equipe tinha confirmado que estariam lá. Isto foi bastante surpreendente, pois tínhamos definido que nos encontraríamos em Boa Vista para, no domingo de manhã cedo, seguir viagem. Tentei, então, entrar em contato com alguém da outra equipe, mas como estavam fora do estado e não tinham crédito no celular, não podiam receber chamadas. O motorista do ônibus, por algum motivo, também não podia receber chamadas. Ficamos bastante preocupados e um tanto confusos, e passamos a manhã toda tentando elucidar este assunto.

Na parte da tarde conseguimos entrar em contato, rapidamente, com o José, coordenador, quem confirmou que estavam já a caminho da aldeia Parati Mirim para participar na festa. Pude falar muito rapidamente com o motorista, pois a ligação caiu logo, e combinamos que ele nos encontraria no bairro Patrimônio no domingo e manhã. Cabe notar a falta da responsabilidade por parte da outra metade da equipe no que concerne à comunicação de sua decisão de voltar à aldeia Parati Mirim, pois só ficamos sabendo disto porque fomos avisados por algumas pessoas da mesma aldeia. Por sua vez, a chuva forte que se sucedeu ao longo de todo o dia, dificultou muito a organização da saída do pessoal que estava em Araponga. Decidimos que era melhor ficar até o dia seguinte.

Na parte da tarde, foi comemorado o aniversário do *tamoi* Karai Tataendy Oka e da *jaryi* Para Mirim. Seguidamente, foi feita uma reunião para conversar sobre alguns problemas acontecidos durante o Nhemongarai envolvendo jovens de outras aldeias. Os jovens pesquisadores também participaram da mesma.

Logo após a reunião, voltamos a entrar na *opy*. Foi uma noite importante para os pesquisadores, pois os *tamoi* Augustinho e Felix se levantaram para falar diretamente com eles e lhes aconselhar sobre o melhor modo de realizar o trabalho. Gravamos estas falas que, com certeza, serão de grande proveito. Os pesquisadores também se levantaram para falar de sua experiência na aldeia, para contar sobre a sua experiência na pesquisa e expressar os seus sentimentos relacionados aos vários temas que envolvem o *mbyareko*. Foi um momento importante, a qual se sucederam os cantos até as 03 da madrugada.

No dia seguinte, de manhã cedo, os pesquisadores seguiram até o bairro de Patrimônio. Chegaram aproximadamente 45 minutos atrasados, por causa da chuva e do mal estado em que se encontrava a estrada que vai da aldeia até esse ponto. O resto da equipe tinha seguido caminho e deixado eles pra trás. Isto os incomodou profundamente e veio acrescentar intensidade ao mal estar que já havia se gerado por conta da divisão do grupo. Todas estas questões, no entanto, serão tratadas na reunião que eles farão no próximo encontro.

No dia anterior, eu tinha conversado com o dono da empresa que prestou o serviço de transporte, e tinha comentado sobre a dificuldade de locomoção trazida pela chuva. No domingo de manhã, Nirio, ao ver que o micro ônibus tinha seguido viagem, entrou em contato com o dono da empresa, quem ligou para o motorista e lhe pediu que retornasse. Foi isto que aconteceu.

SEGUNDA ETAPA DE ACOMPANHAMENTOS: TRADUÇÕES

BREVE EXPLICAÇÃO:

Para o trabalho nesta segunda fase dos acompanhamentos, e segundo discutido no encontro que tivemos na aldeia Araçai, dividimos a equipe em quatro subgrupos, de acordo com a proximidade entre as aldeias. José Benites ficou responsável por acompanhar os pesquisadores das aldeias do Paraná; Ronaldo Costa faria o trabalho de tradução com os pesquisadores das aldeias do Litoral Norte de Santa Catarina; Ana M Ramo faria as traduções com os pesquisadores de Morro da Palha, Amaral e Mbiguaçu e Elizete Antunes se encarregaria de colaborar com os pesquisadores de Morro dos Cavalos, Massiambu e Imaruin.

Tratou-se de um trabalho, fundamentalmente, de tradução das entrevistas realizadas até o momento e o produto são as falas apresentadas no livro, pelo que optamos por não anexá-las aqui. Foi um momento importante para aprofundarmos algumas reflexões sobre a tradução, as quais já tinham surgido no último curso de formação em Imaruin.

A seguir, apresentamos um breve cronograma das atividades realizadas neste período:

EQUIPE DO PARANÁ

Responsável: José Benites

JANEIRO

Em fevereiro, José Benites organiza uma viagem, junto ao pesquisador Nilto Amaral para participação em Nhemongarai na aldeia Rio Silveira. Infelizmente, por causa da chuva o Nhemongarai teve de ser cancelado no último momento. Nilton e Jose, no entanto, já estavam a caminho e não puderam cancelar a viagem. Decidimos aproveitar para que Jose, o coordenador, pudesse fazer uma visita nas aldeias de Paraná, para resolver a questão da mudança de pesquisadores.

Na volta, Jose disse que só tinha conseguido chegar na aldeia Sambaqui, e que tinha conversado com a comunidade. O pesquisador Ronaldo seria substituído pela sua irmã

Lucia Timoteo. Combinamos realizar uma viagem ao Paraná para podermos organizar melhor o trabalho dos pesquisadores dessa região.

Nos meses de março e abril, José programou duas viagens à aldeia Araçai, no litoral do Paraná, onde residiam os dois pesquisadores Claudio e Laercio. Na primeira viagem, Laercio, cacique da aldeia, ficou mais ausente do trabalho, por ter que atender a demandas da comunidade, na qual é cacique. José não pode participar na segunda viagem e, em seu lugar, foi Jan Eckart, um antropólogo. Jan esteve três dias na aldeia trabalhando nas traduções com Laercio e Claudio.

EQUIPE DO LITORAL NORTE

Responsável: Ronaldo Costa

Em março, Ronaldo organizou um encontro dos pesquisadores do Litoral Norte na aldeia Piraí, durante três dias, para realizar os trabalhos de tradução. Estiveram presentes Elson, Ilsoon e Gabriel; Edinho, por motivos pessoais, não pode participar. Fizeram duas equipes, de duas pessoas cada, para a realização do trabalho. Aproveitaram o momento para conversar com a *jaryi* Marta.

Em maio, Ronaldo, Elson, Gabriel e Edinho passaram quatro dias em Florianópolis, em casa de Ana, onde puderam dar continuidade aos trabalhos de tradução.

EQUIPE DE MORRO DOS CAVALOS, MACIAMBU E IMARUIN

Responsável: Elizete Antunes

Elizete fez um trabalho de tradução junto com Lucas. Pediram a colaboração de Adão Antunes, que foi o tradutor. Entregaram um áudio.

Depois Elizete, por motivos pessoais, acabou deixando o trabalho. Ana assumiu algumas atividades com os pesquisadores. No dia 07 de maio, Ana, Lucas e Aladio participaram de uma reunião da comissão Nhemongueta, organização das principais lideranças da região. Nessa ocasião, puderam entrevistar Leonardo Werá Tupã, presidente da organização. Nesse mesmo mês, Lucas e Ana se encontraram em

Maciambu para gravar uma entrevista com a avó de Lucas, Teresa Djatxuka. Lucas traduziu e transcreveu a entrevista.

Em maio, Ana passou três dias na aldeia em Imaruin, fazendo algumas traduções com o *tamoi* Augusto e o pesquisador Norberto. No final do mesmo mês, Ana voltou para continuar o trabalho de tradução, desta vez acompanhada pelos pesquisadores Aladio (Morro dos Cavalos) e Lucas (Massiambu). No primeiro dia, tiveram a oportunidade de gravar uma conversa com o *tamoi* Mario que foi muito importante para a nossa pesquisa. Nos dois dias seguintes, estiveram trabalhando nas traduções com Norberto e com o *tamoi* Augusto. Foi muito importante poder fazer estas traduções com o *tamoi*, pois ele ia explicando aos pesquisadores partes das falas dos entrevistados que não tinham sido bem compreendidas por eles.

EQUIPE DE AMARAL, MORRO DA PALHA E MBIGUAÇU

Foram três as ocasiões em que nos encontramos na aldeia Morro da Palha para fazer as traduções com o *tamoi* Timoteo. Estiveram presentes Nilton, da aldeia Amaral, Silmar, da aldeia Mbiguaçu, e Adriano, de Morro da Palha. Foram dias de trabalho muito interessantes, pois o *tamoi* Timoteo, assim como o *tamoi* Augusto, não se limitava a traduzir mas dava muitas explicações sobre aquilo que os entrevistados estavam dizendo, ampliando bastante o conteúdo da pesquisa. A maior parte do material produzido nestes momentos de tradução e conversa se encontram representados no livro.

TODOS

Participação na Conferência Regional de Políticas Indigenistas na aldeia Morro dos Cavalos. Momento importante para os pesquisadores no seu processo de formação enquanto jovens lideranças. Os pesquisadores tiveram a oportunidade de participar ativamente na definição dos pontos que se propunham para a realização, também, uma entrevista com Timoteo Popygua, representante da Comissão Yvy Rupa.